

LAURELL K. HAMILTON

ANITA BLAKE
CAÇADORA DE
VAMPIROS

LIVRO 4

O CAFÉ LUNATICO
LAURELL
HAMILTON



PREFACIO

O negócio de levantar zombis descende em dezembro, nesse momento, Anita Blake começa a trabalhar em alguns casos de insetos estranhos.

Dispõe de uma lista pulcramente datilografada entregue por Marcus do desaparecimento de oito licântropos, quem é o líder do grupo de homens lobo local, que quer que os encontre. O problema é, o peludo noivo de vez em quando da Anita. Richard está centrado na luta pelo poder contra Marcus. Jean-Claude, o professor vampiro da cidade, tem interesse amoroso na Anita e também está ciumento. Para cúmulo, Anita tem que solucionar alguns assassinatos horrorosos e impedir que seu amigo de caça, Edward, mate ao Richard e ao Jean-Claude. Hamilton alterna entre o divertido e o temível nesta divertida serie sobre uma caçadora de monstros com escuros secretos.

CAPITULO 1

Ficavam duas semanas para Natal. Um mau momento do ano para levantar os mortos. Meu último cliente da noite estava sentado frente a mim. Não havia nenhuma nota com seu nome. Nenhuma nota que dissesse: levantamento de zombis ou matança de vampiros. Nada. O que provavelmente significava que queria que fizesse algo que não podia fazer.

A pre-natal é a época morta do ano, não é um jogo de palavras. Meu chefe, Bert, aceita qualquer trabalho que chega.

George Smitz era um homem alto, de aproximadamente 1,80 M. Era amplo de ombros e musculoso. Não a classe de músculos que se conseguem levantando pesos e correndo ao redor de uma pista interior. Eram músculos dos que se conseguem com força e trabalho físico. Haveria apostado meu dinheiro a que o Sr. Smitz era operário da construção, agricultor, ou algo similar. Estava amplo e firmemente constituído com imundície incrustada sob umas unhas que o sabão nunca tocava.

sentou-se diante de mim esmagando seu chapéu, amassando-o em seus mãos grandes. O café que tinha aceito estava esfriando-se no bordo de meu escritório. Não tinha tomado nem um sorvo.

Eu bebia meu café em uma grande taça de natal que meu chefe, Bert, havia insistido que trouxesse. A taça de natal personalizado era para acrescentar um toque pessoal ao escritório. Minha taça tinha uma rena em penhoar e sapatilhas com luzes de Natal na gargalhada, celebrando a alegre temporada com champanha e uma frase que dizia .Bingle Jells..

Ao Bert, realmente, não gostava de minha taça, mas o deixava passar, provavelmente, temendo o que pudesse trazer. mostrou-se muito contente com meu traje para a tarde. Uma blusa de pescoço alto, tão perfeitamente vermelha que tinha tido que usar maquiagem para não lombriga tão pálida. A saia e a caçadora faziam jogo, eram de um profundo verde escuro. Não me havia vestido para o Bert. Tinha-me vestido para minha entrevista.

O contorno de prata de um anjo brilhava em minha lapela. Parecia muito natalino. A 9 mm Browning Hi-power não parecia muito natalina em absoluto, mas já que estava escondida sob a caçadora não importava. Poderia ter incomodado ao Sr. Smitz, mas não parecia preocupado nisso para me preocupar. Enquanto não pegasse um tiro pessoalmente a ele.

.Então, Sr. Smitz, como posso lhe ajudar? .perguntei.

Contemplava suas mãos, e só seus olhos se elevaram para me olhar.

Era um gesto de moço, um gesto incerto. Resultava estranho em seu rosto de homem adulto.

.Necessito ajuda e não sei a quem mais acudir.

.Exatamente que tipo de ajuda necessita, Sr. Smitz?

.É minha esposa.

Esperei a que continuasse, mas só contemplou suas mãos. Seu chapéu com penugem era uma bola apertada.

.Quer que levante esposa de entre os mortos? .perguntei.

Elevou a vista com os amplos olhos alarmados.

.Não está morta. Sei.

.Então, o que posso fazer por você, Sr. Smitz? Levanto os mortos e sou executora judicial de vampiros. O que há nessa descrição que possa ajudar a sua esposa?

.O Sr. Vaughn disse que você sabia tudo sobre os licântropos. .O disse como se o explicasse tudo. Não o fazia.

.Meu chefe utiliza uma grande quantidade de reclamações, Sr. Smitz. Mas, o que têm que ver os licântropos com sua esposa? .esta era a segunda vez que perguntava sobre sua esposa. Acreditava que falava em inglês, mas possivelmente minhas perguntas eram realmente no Swahili e não me dava conta. Ou talvez o que tinha passado era muito horrível para dizê-lo com palavras.

Passava muito em minha profissão.

inclinou-se para diante, seus intensos olhos sobre minha cara. Também me inclinei fazia diante, não poderia lhe ajudar.

.Peggy é minha esposa, é um licântropo.

Pisquei.

.E?

.Se se soubesse perderia seu trabalho.

Não discuti com ele. Legalmente, não se podia discriminar aos licântropos, mas passava muito freqüentemente.

.Que classe de trabalho tem Peggy?

.É açougueira.

Um licântropo açougueiro. Era muito perfeito. Mas via por que perderia seu trabalho. Preparava comida tendo uma enfermidade potencialmente fatal. Eu não acreditava. Eu sabia, e o ministério de saúde sabia, que a licantropia só podia ser transmitida por um ataque em sua forma animal. A maioria das pessoas não acreditavam isso. Não posso dizer que as culpe. Tampouco quero ser peluda.

.Dirige uma loja de carne especial. É um bom negócio. Herdou-o de seu pai.

.Também era um licântropo? .perguntei.

Negou com a cabeça.

.Não, Peggy foi atacada uns anos atrás. Sobreviveu... .encolheu-se de ombros., mas você já sabe.

Realmente sabia.

.Então, sua esposa é um licântropo e perderá seu negócio se isto sai à luz. Entendo-o. Mas, como posso lhe ajudar?

Lutei contra o impulso de jogar uma olhada a meu relógio. Tinha as

entradas. Richard não podia ir sem mim.

.Peggy desapareceu.

Ah.

.Não sou detetive privado, Sr. Smitz. Não procuro desaparecidos.

.Mas não posso ir à polícia. Poderiam averiguá-lo.

.Quanto tempo tem desaparecida?

.Dois dias.

.Meu conselho é que vá à polícia.

Sacudiu tercamente a cabeça.

.Não.

Suspirei.

.Não sei nada sobre a busca de desaparecidos. Levanto os mortos, Mato vampiros, isso é o que faço.

.O Sr. Vaughn disse que você poderia me ajudar.

.Contou-lhe você seu problema?

Assentiu com a cabeça.

Mierda. Bert e eu íamos ter uma larga conversaão.

.A polícia é hábil em seu trabalho, Sr. Smitz. Só lhes conte que seu esposa desapareceu. Não mencione a licantropia. Verá como a encontram. .Eu não gosto de lhe dizer a um cliente que oculte informação à polícia, mas é melhor que não ir absolutamente.

.Sra. Blake, por favor, estou preocupado. Temos dois meninos.

Comecei a lhe dizer todos os motivos pelos que não podia lhe ajudar, depois me detive. Tinha uma idéia.

.Reanimators, Inc. tem um detetive privado em lista de nomes. Verônica Sims interveio em muitos casos preternaturales. Poderia ser capaz de lhe ajudar.

.Posso confiar nela?

.Faça-o.

Contemplou-me durante um comprido momento, depois assentiu.

.Bem, como me ponho em contato com ela?

.me deixe fazer uma chamada, a ver se pode lhe ver.

.Seria genial, obrigado.

.Quero lhe ajudar, Sr. Smitz. Caçar a cônjuges desaparecidos não é minha especialidade.

Marquei no telefone. Sabia o número do Ronnie de cor.

Treinávamos ao menos duas vezes por semana juntas, sem contar alguma filme ocasional, jantar.. As melhores amigas, um conceito que a maioria das mulheres não superam com a idade. lhe pergunte a um homem quem é seu melhor amigo e terá que pensá-lo. Não saberá. Uma mulher o saberia. Um homem não seria capaz de pensar em um nome, não para seu melhor amigo. As mulheres conservam a pista dessas coisas. Os homens não o fazem. Não me pergunte por que.

A secretária eletrônica do Ronnie fez clique.

.Ronnie, se estiver aí, sou Anita, agarra-o.

O telefone fez clique, e um segundo mais tarde falava sobre a genuína causa.

.Olá, Anita. Pensava que tinha uma entrevista com o Richard esta noite.

Algo vai mau?

Vê, as melhores amigas.

.Não com a entrevista. Tenho aqui a um cliente que acredito que é mais de você estilo que do meu.

.me diga .disse ela.

Fiz-o.

.Recomendaste-lhe que vá à polícia?

.Sim.

.Não irá?

.Não!

Suspirou.

.Bem, procurei antes a desaparecidos, mas pelo general, depois de que a polícia tivesse feito tudo o que podia. Têm recursos que não posso tocar.

.Sou consciente disso .disse.

.Não trocará de idéia?

.Não acredito.

.Então, sou eu O...

.Bert aceitou o trabalho sabendo que era um desaparecido. Poderia tratar de dar-lhe ao Jamison.

.Jamison não sabe fazer um buraco na terra, salvo levantar os mortos.

.Sim, mas sempre está impaciente por ampliar seu repertório.

.lhe pergunte se pode estar em meu escritório... .fez uma pausa, enquanto folheava sua agenda. O negócio deve ir bem.. Amanhã às nove da manhã.

.Jesus, sempre foi uma madrugadora

.Uma de minhas poucas faltas .disse ela.

Perguntei ao George Smitz se às nove da manhã estava bem.

.Poderia lombriga esta noite?

.Quer verte esta noite.

Pensou nisso durante um minuto.

.por que não? Não é como se tivesse uma ardente entrevista, a diferença de algumas pessoas que poderia mencionar. Sim, envia-o. Esperarei. A noite da sexta-feira com um cliente é melhor que a noite da sexta-feira sozinha, suponho.

.Realmente, deste com uma temporada de seca .disse.

.E você acertaste com uma temporada úmida.

.Muito graciosa.

riu.

.Pensarei com muita ilusão na chegada do Sr. Smitz. Desfruta com Guys e Dolls¹.

.Farei-o. Verei-te amanhã pela manhã para nossa carreira.

.Seguro que me quer aí tão cedo se por acaso o navio de sonho decide ficar?

.Conhece-me melhor que isso .disse.

.Sim, faço-o. Só era uma brincadeira. Verei-te amanhã.

Penduramos. Entreguei um cartão de visita do Ronnie ao Sr. Smitz, a direção de seu escritório, e o pus em caminho. Ronnie era o melhor que podia fazer por ele. Embora ainda me incomodava que não fora à polícia, mas ouça, não era minha esposa.

«Tenho dois meninos», havia dito ele. Não era meu problema. De verdade.

Craig, nosso secretário noturno estava no escritório, o que significava que era mais tarde que as seis. Chegava tarde. Realmente, não era o momento de discutir com o Bert do Sr. Smitz, mas...

Joguei uma olhada ao escritório do Bert. Estava escuro.

.O chefe se foi a casa?

Craig levantou a vista do teclado do ordenador. Tem o cabelo castanho curto, fino como o de um bebê. Óculos redondos que combinam com uma cara redonda. É magro e mais alto que eu, mas quem não o é?

Levava vinte anos com esposa e dois pirralhos.

.O Sr. Vaughn partiu faz aproximadamente trinta minutos.

.Figurava-me isso .disse.

.Passa algo?

Neguei com a cabeça.

.me programe um pouco de tempo para falar amanhã.

.Não sei, Anita. Já tem reservado o bastante.

.me encontre um pouco de tempo, Craig. Ou interromperei em uma das outras entrevistas.

.Está louca .disse ele.

.Apuéstalo. Encontra tempo. Se grita, lhe diga que te aponte com um arma.

.Anita .o disse com um sorriso, como se brincasse.

Deixei-lhe folheando a agenda tratando de me fazer algum oco. Quis lhe dizer. Bert falaria comigo amanhã. Dezembro era nossa temporada mais baixa para levantar zombis. A gente parecia pensar que não podíamos fazê-lo tão perto de Natal, como se isto fosse magia negra ou algo. Então Bert programou outras coisas para passar o período de pouca atividade. Tinha-me cansado de clientes com problemas sobre os que nada podia fazer. Smitz não era o primeiro este mês, mas ia ser o último.

1 Musical dos anos 50

Com aquele alegre pensamento me apertei meu casaco e me parti.
Richard esperava. Se o tráfico cooperava, podia chegar justo antes de que o número começasse. Tráfico de uma sexta-feira de noite, certamente não.

CAPITULO 2

O Nova 1978 que conduzia tinha morrido triste e tragicamente.

Conduzia agora um Jipe Country Cherokee. Era de um verde tão escuro que parecia negro de noite. Mas tinha tração nas quatro rodas, úteis para o inverno, e com suficiente espaço no porta-malas como para transportar cabras. Habitualmente, uso frangos para levantar os zombis, mas de vez em quando se necessita algo maior. Transportar cabras em o Nova era uma putada.

Deixe o Cherokee na última praça de estacionamentos em todo Grant.

O casaco de inverno, comprido e negro, ondeava para mim ao redor já que só tinha grampeado dois botões. Se os grampeava todos não poderia alcançar o arma.

Coloquei as mãos nos bolsos do casaco, com os braços acurrucando o tecido a mim ao redor. Não levava postos as luvas. Nunca resultou-me cômodo disparar com luvas. A arma é uma parte por mim mão. O tecido não deve interferir.

Corri pela rua com meus sapatos de salto alto tomando cuidado com o pavimento gelado. A calçada estava gretada, com enormes seções rachadas, como se alguém lhe tivesse dado com um pesado martelo. Os edifícios estavam tão piorados como a calçada. Sentia falta da multidão, mas como era tão tarde, tinha toda a rua para mim. Era um passeio curto, mas solitário, durante uma noite de dezembro. Cristais quebrados sujavam o chão pelo que tinha que ter muito cuidado por onde pisava. Um beco cortou os edifícios. Parecia o hábitat natural do *Muggerus Americanus*². Observei cuidadosamente a escuridão. Nada se movia. Com a Browning não estava muito preocupada, mas mesmo assim... Não tem que ser um gênio para disparar a alguém pelas costas.

O vento era bastante frio, para te deixar sem fôlego, quando me aproximei da esquina e à relativa segurança. Usava muitos suéteres em inverno, mas esta noite tinha querido algo mais elegante, congelava-me o traseiro, embora esperava que ao Richard gostasse da blusa vermelha. Na esquina havia luzes, carros e um policial dirigindo o tráfico em meio da rua. Nunca há muitos policiais nesta parte de São Luis, a menos que o Fox tenha uma função. Uma grande quantidade de pessoas enriquecidas vêm a esta zona baixa usando suas peles, diamantes e relógios Rolex. Não faz um amigo na prefeitura para assaltá-lo. Quando Topol veio para realizar seu papel no violinista no telhado. o auditório era a crême da crême e o lugar esteve infestado de policiais. Esta noite 2 Mugger, assaltante em espanhol, por isso se supõe que se refere ao hábitat natural do assaltante americano utilizando um término em latim.

só o habitual. Principalmente, diante do teatro e controlando o tráfico, mas também dando olhadas às sórdidas zonas traseiras dos edifícios se por acaso alguém endinheirado perguntava muito longe da luz. Atravessei as portas de cristal que davam a um corredor comprido e estreito. De algum jeito estava alegremente iluminado; brilhante. Há uma pequena habitação à direita onde se podem adquirir as entradas. A gente saía em turba de ali apressando-se para as portas interiores de cristal. Não seria tão tarde como pensava se ainda havia muitas pessoas comprando suas entradas. Ou talvez, todos outros foram tão atrasados como eu.

Vislumbrei ao Richard de pé na esquina direita mais longínqua. Com seu metro oitenta e cinco é mais fácil de ver através de uma habitação lotada de gente que eu com meu metro sessenta. Permanecia tranqüilo, seus olhos seguiam o movimento da multidão. Não parecia estar aborrecido ou impaciente. Parecia passá-lo bem olhando às pessoas. Seus olhos observaram a um casal entrada em anos quando passaram pelas portas de cristal. A mulher usava fortificação. Avançavam penosamente lento. A cabeça do Richard girava devagar com eles. Examinei à multidão. Todos outros eram mais jovens, moviam-se a grandes passos, ou apressados. Procurava vítimas Richard? Presas? depois de tudo era um homem lobo. Tinha conseguido uma partida má da vacina para a licantropia. Um dos motivos por o que nunca ponho a tiro. Se minha vacina contra a gripe acidentalmente traz conseqüências, é uma coisa, mas ser peluda uma vez ao mês... Não, obrigado.

dava-se conta de que estava ali observando a multidão como um leão que contempla uma manada de gazelas? Ou talvez o casal maior o tinha recordado a seus avós. Demônios, talvez atribuía motivos que só estavam em meu pequeno e desconfiado cérebro. Esperava que fora assim. Seu cabelo era castanho. À luz do sol brilhava com fios de ouro e rastros de cobre. Sabia que o cabelo lhe chegava até o ombro, quase como o meu, mas lhe tinha feito algo, tinha-o retirado para trás de alguma forma criando a ilusão de ser muito curto perto da parte superior. Não devia ser fácil com um cabelo tão ondulado como o dele.

Seu traje tinha certo matiz enriquecedor em verde. A maioria de homens teriam parecido Peter Pão em um traje verde, mas ele se via perfeito. Quando estive mais perto, pude ver que a camisa era de um pálida cor nata quase dourado, com uma gravata de um verde mais escuro que o traje, com diminutas árvores de Natal em vermelho. Faria algum comentário mordaz sobre a gravata, mas com meu vestido vermelho e verde com um anjo de Natal na lapela, a quem devia me queixar?

Viu-me e sorriu. Um sorriso muito radiante que contrastava com seu pele permanentemente bronzeada. Seu sobrenome, Zeeman, é holandês, mas em algum ponto atrás em sua linhagem havia alguém que não era europeu. Nada

loiro, nada atrativo, nada insensível. Os olhos eram de um perfeito marrom chocolate.

Estendeu a mão e tomou as minhas brandamente me atraindo para ele.

Seus lábios eram suaves sobre minha boca, um beijo fugaz, quase casto.

Retrocedi tomando ar. Não soltou minha mão e lhe deixei. Sua pele se sentia muito cálida contra a minha fria mão. Considerei lhe perguntar se tinha pensado em comer-se a esse casal maior, mas não o fiz.

Acusar o de intento de assassinato podia chatear a tarde. Além disso, a maioria dos licântropos não eram conscientes de que faziam coisas pouco humanas. Quando alguém o indicava, parecia ferir seus sentimentos.

Não queria machucar os sentimentos do Richard.

.Onde está seu casaco? .perguntei enquanto transpassávamos as portas interiores do atestado vestíbulo.

.No carro. Não quis trazê-lo, assim é que, escapei dele.

Assenti. Era típico do Richard. Ou talvez que os licântropos não sentem frio. Desde atrás podia ver que tinha o cabelo trancado, tirante e apertado ao couro cabeludo. A ponta da trança lhe roçava o pescoço. Ainda não podia entender como o tinha feito. Minha idéia de arrumar o cabelo é lavar-se, colocar-se um pouco de gomina e depois, deixá-lo secar. Não estava especializava em alta tecnologia de desenho de penteados. Embora poderia ser entretido desentranhar pausadamente esses nós depois da função.

Sempre estava disposta a aprender uma nova habilidade.

O vestíbulo principal do Fox é uma mescla entre um restaurante chinês realmente agradável e um templo hindu, com um pequeno Art Digo para dar bom gosto. As cores são muito deslumbrantes, como se o pintor tivesse colocado vidros coloridos com pedacinhos de luz apanhados neles. Os leões do restaurante chinês, do tamanho do Pit-bulls com os olhos vermelhos acesos, protegem o começo das escadas que conduzem até o balcão do Clube Fox onde por quinze mil dólares ao ano pode comer maravilhosas comidas e ter um camarote privado. O resto de nós, os peões, misturamo-nos quase cotovelo a cotovelo no atapetado vestíbulo, com ofertas de pipocas de milho, bolachas salgadas, Pepsis, e algumas noites, perritos quentes, muito distante do frango de primeira qualidade ou o que fora que oferecem ali acima.

Os corredores do Fox riscam uma linha maravilhosamente fina entre a ostentação e o fantástico. amei esse edifício desde a primeira vez que o vi. Cada vez que venho, há uma nova maravilha que admirar. Um pouco de cor, uma escultura ou uma estátua que não notei antes.

Quando um se dá conta de que foi construído originalmente para ser um cinema, adverte-se quanto trocaram as coisas. Os cinemas agora têm alma de meias três-quartos sem lavar. O Fox está vivo como só o estão os melhores edifícios.

Tive que soltar a mão do Richard para desabotoar o casaco o

resto do caminho, mas ouça, não estávamos pegos pelo quadril. Estava de pé tão perto dele entre multidão e sem nos tocar, mas podia lhe sentir como uma cálida linha contra meu corpo.

.vamos parecer os Gêmeos Bobsey³ quando me tirar o casaco
.disse.

Levantou as sobrancelhas.

Desdobrei o casaco como um exibicionista e riu. Era uma risada agradável, cálida e consistente, como um pudim de Natal.

.É a temporada .me disse. Deu-me um abraço com um só braço, como o daria a um amigo, mas o braço permaneceu sobre meus ombros. Logo começava nossa entrevista, mas este toque era novo; inesperado, estimulante. Seguimos procurando desculpas para nos tocar, tentando parecer indiferentes. Não nos enganávamos. Não estava segura de que nos preocupasse. Deslizei o braço ao redor de sua cintura e me inclinei só um pouco. Era meu braço direito. Se fôssemos atacados agora, nunca tiraria a arma a tempo. Analisei por um minuto se valia a pena. Girei ao redor dele lhe oferecendo a mão esquerda.

Não sei se reconheceu a arma ou só o entendeu, mas seus olhos se alargaram. inclinou-se para mim, sussurrando contra meu cabelo.

.Uma arma aqui, no Fox? Pensa que os lanterninhas lhe deixarão entrar?

.Fizeram-no a última vez.

Olhou-me sentido saudades.

.Sempre vai armada?

Encolhi-me de ombros.

.Depois do anoitecer, sim.

Seus olhos se mostraram perplexos, mas o deixou passar. antes deste ano estava acostumado a sair desarmada depois do anoitecer, mas este tinha sido um ano agitado. Muitos tinham tratado de me matar. Era pequena, até para ser mulher. Roda de pessoas, levanto pesos, tenho um cinturão negro em judô, mas ainda sou inferior à maioria dos tipos maus profissionais. Tendem também a levantar pesos, praticar artes marciais e me superar em peso por 45 kg ou mais. Não podia lutar corpo a corpo com eles, mas podia lhes pegar um tiro.

Além disso, a maior parte deste ano me tinha enfrentado a vampiros e outros insetos preternaturales. Podiam levantar grandes caminhões com uma só mão, ou algo pior. As balas de prata não matam aos vampiros, mas certamente, volta-os mais lentos. O suficiente para correr como o demônio. Para escapar. Para sobreviver.

3 Os gêmeos Bobsey são os personagens principais de uns contos infantis que durante anos escreveu a Stratemeyer Syndicate (produtora numero um de séries para meninos) sob o pseudônimo da Laura Lê Hope, o primeiro em 1904 e o ultimo em 1979.

Richard sabia o que fazia para ganhar a vida. Inclusive tinha visto algumas das sórdidas situações. Mas ainda esperava que protestasse. Que começasse a jogar macho protetor e a fêmea necessitada pelo arma ou algo assim. É quase uma dor permanente na tripa, em espera a que este homem diga algo horrível. Algo que o arruíne tudo, que o destrua tudo, dói.

até agora, tudo bem.

A multidão começou a caminhar para a escada, separando-se a ambos os lados do corredor que conduziam ao teatro principal. Caminhamos ao ritmo deles, tirados da mão para evitar ser separados.

Uma vez que o vestíbulo ficou atrás, a multidão fluiu para diferentes corredores como água que busca a rota mais rápida rio abaixo. A rota mais rápida era ainda bastante lenta. Tirei as entradas do bolso da caçadora. Não tinha bolsa. Uma pequena escova, uma barra de lábios, um perfilador de lábios, a sombra de olhos, minha identificação e as chaves do carro enchiam meus bolsos. Coloquei o procura discretamente para o flanco entre as dobras dianteiras da saia. Quando não visto elegantemente uso uma riñonera.

A lanterninha, uma mulher maior com óculos, iluminou com uma diminuta lanterna nossas entradas. Levou-nos a nossos assentos, assinalou os lugares e voltou para assistir ao seguinte grupo de pessoas que necessitavam de sua ajuda. Os assentos estavam bem, perto da metade, bastante próximos ao cenário. O suficientemente perto.

Richard se apressou a sentar-se a minha esquerda sem ter perguntado. É rápido. É um dos motivos pelos que ainda saímos. Isso, e o feito de que sinto uma terrível luxúria por seu corpo.

Coloquei o casaco sobre o assento, estendendo-o, assim não seria muito volumoso. O braço do Richard se deslizo pela poltrona, seus dedos tocaram meu ombro. Lutei contra o impulso de pôr a cabeça no dele. Muito mau, depois pensei, «que demônios». Me acurruqué na curva de seu pescoço justo para aspirar o aroma de sua pele. A loção para depois do barbeado cheirava a limpo e doce, mas por debaixo estava o aroma de sua pele, sua carne. Essa loção nunca cheiraria igual em ninguém mais. Francamente, sem uma gota de loção também amaria o aroma do pescoço do Richard.

Endireitei-me, me separando dele só um pouco. Olhou-me de maneira inquisitiva.

.Algo está mau?

.A loção para depois de barbear é agradável .disse. Não havia nenhuma necessidade de admitir que tinha tido um impulso quase irresistível de lhe morder o pescoço. Era muito embaraçoso.

As luzes se atenuaram e a música começou. Nunca vi realmente Guys and Dolls exceto no cinema. A versão do Marlon Brando e Jean Simmons.

A idéia do Richard de uma entrevista era a espeleologia, excursionismo a pé, coisa que tivesse requerido roupa mais velha e um par de bons sapatos para andar. Não havia nada de mau nisso. Eu gosto do ar livre, mas quis provar com uma entrevista de ornamento. Queria ver o Richard com traje e lhe deixar

lombriga em algo que não fossem jeans. Sou, depois de tudo, uma garota, eu goste ou não admiti-lo.

Mas tendo proposto a entrevista, não queria organizar o típico dueto; jantar e filme. Então chamei o Fox para saber que representação havia e perguntei ao Richard se gostava das comédias musicais. O gostavam. Outro ponto a seu favor. E já que era minha idéia, comprei as entradas.

Richard não tinha discutido, nem sequer para pagar a metade. Depois de tudo, eu não tinha devotado pagar nosso último jantar. Não me ocorreu. Apostaria a que tinha pensado em pagar as entradas, mas o tinha deixado passar. Um bom homem.

O pano de fundo se levantou e uma inicial cena guia de ruas apareceu ante nós, cores brilhantes, estilizados, perfeitos e alegres, era o que necessitava.

"The Fuja for Tinhorns" invadiu o luminoso cenário e fluíu para a feliz escuridão. Boa música, humor, os bailarinos breve instantes, o corpo do Richard junto ao meu, uma arma sob o braço. Que mais podia pedir uma garota?

CAPITULO 3

Alguns tinham escapado antes do final do musical para sair antes que a multidão. Sempre ficava até o final. Parecia injusto escapular-se antes de que se pudesse aplaudir. Além disso, ódio me perder o final de algo. Sempre estive convencida de que a parte que me perdesse seria a melhor parte.

Participamos com entusiasmo na ovação. Nunca vivi em nenhuma cidade que conceda tantos aplausos. É verdade que às vezes, como esta noite, o espetáculo é maravilhoso, mas vi o entusiasmo da gente em outras produções que não o mereciam. Não estou de pé a menos que o queira estar.

Richard se recostou depois de que se acendessem as luzes.

.Prefiro esperar até que a multidão diminua. Se não te importar.

.Havia um olhar em seus olhos marrons que dizia que não o pensava.

Não o fazia. Tínhamos chegado de carros separados. Quando abandonássemos o Fox a tarde estaria terminada. Pelo visto, nenhum queria partir. Eu sabia que não queria.

Inclinei-me nos assentos de diante olhando-o fixamente. Sorriu-me, seus olhos brilhavam com luxúria, se não com amor. Eu também sorria. Não me ajudava.

.Sabe que este é um musical muito sexista? .disse ele.

Pensei nisso um momento, logo afirmei com a cabeça.

.Sim.

.Mas você gosta?

Afirmar com a cabeça.

Seus olhos se estreitaram um pouco

.Pensei que podia estar ofendida.

.Tenho melhores costure das que me preocupar que se Guys and Dolls refletem uma cosmovisión equilibrada.

riu com um breve som feliz.

.Bom. Durante um minuto pensei que teria que me desfazer de minha coleção do Rodgers e do Hammerstein.

Estudei sua cara tratando de me decidir se brincava. Não acreditava.

.Realmente coleciona bandas sonoras do Rodgers e Hammerstein?

Afirmou, seus olhos brilhantes e risonhos.

.Só Rodgers e Hammerstein ou todas as comédias musicais?

.Não tenho todos eles, mas sim todas.

Neguei com a cabeça.

.O que acontece?

.É um romântico.

.Faz que soe como se fora mau.

.Essa mierda de felizes para sempre está bem para o cenário, mas não tem muito que ver com a vida real.

Voltou a estudar minha cara. Claramente, não gostou do que viu porque franziu o cenho.

.Esta entrevista foi tua idéia. Se não aprovar todas estas coisas felizes, por que me traz?

Encolhi os ombros.

.depois de te perguntar por uma entrevista formal não sabia aonde te levar. Não queria fazer o habitual. Além disso, eu gosto dos musicais.

Só que não penso que reflitam a realidade.

.Não é tão dura como pretende ser.

.Sim .disse., sou-o.

.Não acredito. Penso que você gosta dessa mierda de felizes para sempre tanto como a mim. Só tem medo de acreditá-lo.

.Não é medo, só cautela.

.Decepcionada muitas vezes? .perguntou.

.Talvez

Cruzei os braços sobre o estômago. Um psicólogo haveria dito que era fechada, pouco comunicativa. Que se jodan.

.O que pensa?

Encolhi-me de ombros.

.diga-me isso por favor.

Olhei fixamente seus sinceros olhos marrons e quis ir a casa sozinha.

Em troca.

.Felizes para sempre é só uma mentira, Richard, e foi assim desde que tinha oito anos.

.A morte de sua mãe .disse ele.

Somente lhe olhei. Tinha vinte e quatro anos e a dor daquela primeira perda ainda era muito cru. Podia tratá-lo, suportá-lo, mas nunca evitá-lo. Nunca acreditei realmente em um lugar melhor. Nunca acreditaria que o mau realmente não ocorreria e o levaria tudo. Prefiro lutar contra uma dúzia de vampiros que contra um acidente sem sentido.

Apertou com força sua mão em meu braço.

.Não morrerei por sua culpa, Anita. Prometo-o.

Alguém riu, uma suave sorrisita que me acariciou a pele como as gemas dos dedos. Só uma pessoa tinha esta risada quase tangível, Jean-Claude. Girei e ali estava, de pé no meio do corredor. Não lhe tinha ouvido chegar. Não havia sentido nenhum movimento. Apareceu como por arte de magia.

.Não faça promessas que não possa cumprir, Richard.

CAPITULO 4

Separei-me dos assentos dando um passo para diante e deixando espaço ao Richard para levantar-se. Senti-lhe detrás, uma presença reconfortante se não tivesse estado mais preocupada com sua segurança que pela minha própria.

Jean-Claude estava vestido com um reluzente smoking negro completo, com aba. Um colete branco com diminutos pontos negros ressaltava a brancura reluzente de sua camisa. O pescoço era alto e rígido, com uma gravata de suave tecido negro atado ao redor dele e metida no colete, como se nunca tivessem sido inventadas. O alfinete da gravata era feito de ônix negro e prata. Seus sapatos tinham perneiras sobre eles, como usava Fred Astaire, embora suspeitava que o conjunto inteiro era de um estilo muito mais antigo.

Seu cabelo estava na moda, os cachos quase negros debruavam o pescoço branco. Sabia de que cor eram seus olhos, mas não os olhei. Eram de um azul meia-noite, a cor de uma safira realmente boa. Nunca olhe a um vampiro aos olhos. É uma regra.

Com o professor vampiro da cidade, esperando ali de pé, compreendi o vazio que estava o teatro. Tínhamos esperado a que a multidão saísse, bem. Estávamos sozinhos no silêncio ressonante. O murmúrio distante da saída da multidão parecia como o ruído blanco⁴. Isso não significava nada. Contemplei os brilhantes botões de madrepérola do colete do Jean-Claude. É difícil resistir quando não pode te encontrar com os olhos de alguém. Mas eu podia.

.Deus, Jean-Claude, não usa alguma vez algo que não seja branco e negro?

.Você não gosta, MA petite?

Deu uma pequena volta para que pudesse ver o efeito completo. O conjunto lhe sentava maravilhosamente. É obvio, tudo o que levava posto parecia feito a medida, aperfeiçoado, encantador, justo como ele.

.Em certa forma, pensava que Guys and Dolls seria de seu agrado, Jean-Claude.

.Ou do teu, MA petite.

A voz era enriquecedora como a nata, com uma ardor que só dois coisas podiam produzi-la, a cólera ou a luxúria. Apostava que não era luxúria.

Tinha a arma e as balas de prata o ralentizariam, mas não o matariam. É obvio, Jean-Claude não saltaria sobre nós em público.

Era muito civilizado para isso. Era um vampiro de negócios, um empresário. Os empresários, mortos ou vivos, não vão por aí

⁴ Som que se escuta ao acender o televisor e sintonizá-lo em um canal que não capta sinal alguma.

rasgando as gargantas das pessoas. Normalmente.

.Richard, está inusualmente silencioso.

Cravou o olhar além de mim. Não olhei atrás para ver o que estava fazendo Richard. Nunca tire seus olhos do vampiro que tem diante para jogar uma olhada ao homem lobo que tem à costas. Um problema cada a vez.

.Anita pode falar por si mesmo .disse Richard.

A atenção do Jean-Claude retornou para mim.

.Seguro. Mas me aproximei para ver se lhes gostou da obra.

.E os porcos voam .disse.

.Não me crie?

.Não .disse.

.Venha, Richard, desfrutaste que a tarde?

Havia um bordo de diversão em sua voz, mas baixo esta ainda havia cólera. É melhor não estar perto dos professores vampiros quando estão zangados.

.Era maravilhosa até que chegaste.

Havia uma nota de ardor na voz do Richard, um princípio de cólera.

Nunca lhe tinha visto zangado.

.Como poderia minha mera presença danificar você... entrevista? .O último foi cuspidor, abrasando ardentemente.

.por que está tão zangado esta noite, Jean-Claude? .perguntei.

.por que? MA petite, nunca estou... zangado.

.Puro conto.

.Está ciumento de ti e de mim .disse Richard.

.Não estou ciumento.

.Sempre diz a Anita como pode cheirar seu desejo por ti. Bem, posso cheirar o teu. A desejos de uma forma tão doentia .Richard fez um som quase amargo., que pode saboreá-la.

.E você, Monsieur Zeeman, não a cobiças?

.Deixem de falar como se não estivesse aqui .disse.

.Anita me convidou a sair em uma entrevista. Disse que sim.

.É verdade, MA petite? .sua voz soou muito tranqüila. Aquela tranqüilidade era mais horripilante que a cólera. Quis dizer que não, mas ele teria cheirado a mentira.

.É verdade. E o que?

Silêncio. Estava de pé ali, completamente em silêncio. Se não houvesse estado olhando-o, não teria sabido que estava ali. Os mortos não fazem ruído algum.

Minha busca soou. Richard e eu saltamos como se nos tivessem pego um tiro. Jean-Claude estava imóvel como se não o tivesse ouvido.

Oprimi o botão e o número que cintilou me fez gemer.

.Quem é? .perguntou Richard. Colocou a mão em meu ombro.

.A polícia. Tenho que encontrar um telefone.

Apoiei-me contra o peito do Richard. Sua mão me apertou o ombro. Contemplei ao vampiro ante mim. Faria-lhe mal Jean-Claude depois de que me tivesse ido? Não estava segura.

.Puseste-te uma cruz?

Não me incomodei em sussurrar. Jean-Claude me teria ouvido de todos modos.

.Não.

Dava meia volta.

.Não! Sai depois do anoitecer sem uma cruz?

encolheu-se de ombros.

.Sou um homem lobo. Posso me cuidar.

Sacudi a cabeça.

.Não foi suficiente que lhe arrancassem a garganta uma vez?

.Ainda estou vivo .disse ele.

.Sei que te cura de quase tudo, mas Por Deus Richard, não de tudo.

Comecei a tirar a cadeia de meu crucifixo de prata de minha blusa.

.Pode tomar emprestada a minha.

.É verdadeira prata? .perguntou Richard.

.Sim.

.Não posso. Sou alérgico à prata, recorda.

Ah. Estúpida. Uma perita preternatural oferecendo prata a um licântropo. Coloquei a cadeia dentro de minha blusa.

.Não é mais humano que eu, MA petite.

.Ao menos não estou morto.

.Isso se pode remediar.

.Vós dois, parem.

.Viu seu dormitório, Richard? Sua coleção de pingüins de brinquedo?

Respirei profundamente e soltei o fôlego. Não me ia agüentar aqui e explicar como tinha obtido Jean-Claude ver meu dormitório. Realmente deveria dizer, em voz alta, que não tinha dormido com o morto andante.

.Trata de me pôr ciumento e não funcionará .disse Richard.

.Mas sempre fica o fio de bordar da dúvida, Richard. Conheço-te.

É minha criatura para convocar, meu lobo, e sei que dúvidas dela.

.Não duvido da Anita. .Mas havia um tom defensivo em sua voz que eu não gostei absolutamente.

.Não te pertenco, Jean-Claude .disse Richard.. Sou segundo na linha para liderar a manada. Vou uma e outra vez aonde me agrada. O alfa rescindiu suas ordens de te obedecer depois de que quase me matasse.

.Sua líder da manada se mostrou mais incomodou porque sobreviveu .disse Jean-Claude docemente.

.por que quereria o líder da manada morto ao Richard? .

perguntei.

Jean-Claude olhou além de mim, ao Richard.

.Não lhe há dito que está em uma batalha pela sucessão?

.Não lutarei contra Marcus.

.Então morrerá. Jean-Claude o fazia parecer muito simples.

Minha busca soou outra vez. Mesmo número.

.Já vou, Dolph .resmunguei.

Joguei uma olhada ao Richard. A cólera brilhava intensamente em seus olhos. Suas mãos fechadas formavam punhos. Encontrava-me de pé o bastante perto para sentir a ondeante tensão que emanava dele.

.O que acontece, Richard?

Realizou uma rápida sacudida com a cabeça.

.É meu assunto, não o teu.

.Se alguém te ameaçar, é meu assunto.

Cravou o olhar em mim.

.Não, não é um dos nossos. Não te implicarei.

.Posso me cuidar sozinha, Richard.

Só sacudi a cabeça.

.Marcus quer te implicar, MA petite. Richard se nega. É a...
maçã da discórdia entre eles. Uma de muitas.

.Como sabe tanto sobre isso? .perguntei.

.Os líderes da comunidade preternatural devemos tratar o um
com o outro. Para a segurança de todo o mundo.

Richard simplesmente lhe manteve o olhar. Pela primeira vez se me ocorreu que ele parecia poder olhar ao Jean-Claude aos olhos, sem efeitos adversos.

.Richard, pode lhe olhar aos olhos?

Os olhos do Richard voltaram para mim, depois retornaram ao Jean-Claude.

.Sim. Sou um monstro também. Posso lhe olhar aos olhos.

Neguei com a cabeça.

.Irving não pode lhe olhar aos olhos. Não é só por ser um homem lobo.

.Sou um professor vampiro, então, nosso formoso amigo aqui presente é um homem lobo professor. Embora eles não o chamam dessa forma. Machos alfa. É assim, não? Líderes da manada.

.Prefiro líder da manada.

.Apostaria a que sim .disse.

Richard pareceu ferido, sua cara derrubando-se como a de um menino.

.Está zangada comigo, por que?

.Tem toda essa mierda com sua líder de manada e não me diz isso.

Jean-Claude insinuava que sua líder te quer morto. É verdade?

.Marcus não me matará .disse Richard.

Jean-Claude riu. O som pareceu amargo, como se não fora uma risada absolutamente.

.É tolo, Richard.

Minha busca começou outra vez. Comprovei o número e o apaguei. Não me parecia que Dolph me estivesse dando muito tempo para chamar. Algo grave passava. Tinha que ir. Mas...

.Não tenho tempo para escutar a história inteira neste momento.

Empurrei um dedo no centro do peito do Richard, lhe dando a costas ao Jean-Claude. Fazia o dano que queria.

.Me vais contar até o final do que prossegue.

.Não faço...

.economize-lhe isso Ou compartilha comigo este problema, ou não saímos mais.

Parecia impressionado.

.por que?

.Ou o deixou passar para me proteger, o que odiaria, ou tem alguma outra razão. Espero que seja uma maldita boa razão e não simplesmente alguma mierda dessas do ego masculino.

Jean-Claude riu outra vez. Esta vez o som me envolveu como a flanela, cálida e reconfortante, densa e suave sobre minha pele nua.

Sacudi a cabeça. A risada do Jean-Claude era uma invasão à intimidade.

Dava-me a volta para enfrentá-lo, e deveu ver algo em minha cara porque a risada morreu como se nunca tivesse estado ali.

.Quanto a ti, pode tirar o inferno daqui. tiveste você diversão por esta noite.

.O que quer dizer, MA petite? .Seu formoso rosto era tão puro e branco como uma máscara.

Sacudi a cabeça e avancei. Partia-me. Tinha trabalho que fazer. A mão do Richard agarrou meu ombro.

.Deixe ir, Richard. Agora mesmo estou zangada contigo. .Não o olhei. Não queria ver sua cara. Tinha medo de lhe haver feito mal porque o perdoaria algo.

.Já a ouviste, Richard. Não quer que a toque .Jean-Claude tinha dado um passo mais perto.

.nos deixe em paz, Jean-Claude.

A mão do Richard me apertou brandamente.

.Ela não te quer, Jean-Claude .havia cólera em sua voz, mais cólera da que deveria haver. Como se tratasse de convencer-se mais a si mesmo que ao Jean-Claude.

Segui avançando, me tirando sua mão de cima. Quis tratar de alcançá-lo, mas não o fiz. Tinha estado me escondendo seu mierda. Uma mierda perigosa. Não podia permiti-lo. Pior ainda, tinha acreditado em algum escuro rincão de sua alma que eu podia ter cedido ante o Jean-Claude.

Que confusão.

.Jodeos os dos.dije.

.Então, não desfrutaste? .disse Jean-Claude.

.Essa é uma pergunta que deve responder Anita, não eu .disse Richard.

.Saberia se o tivesse feito.

.Mentiroso .disse.

.Não, MA petite. Cheiraria-lhe em sua pele.

Quis lhe esmurrar. O desejo de romper aquela formosa cara era físico.

Esticava meus ombros, fazia doer meus braços. Mas o conhecia melhor. Não lhe oferece voluntário para brigar a murros com vampiros. Corta você esperança de vida.

Aproximei-me muito ao Jean-Claude, nossos corpos quase tocando-se.

Olhei-lhe fixamente o nariz, o que arruinou um pouco o efeito, mas seus olhos afogavam-me e eu sabia melhor que ninguém.

.Odeio-te. .Minha voz soou seca pelo esforço de não gritar. Nesse momento queria dizer-lhe E sabia que Jean-Claude o sentiria. Queria que soubesse.

.MA petite...

.Não, já falaste o bastante. É meu turno. Se machucar ao Richard Zeeman, matarei-te.

.Tanto significa para ti? .havia surpresa em sua voz. Genial.

.Não, você significa muito pouco. .Afastei-me dele lhe rodeando. Dava-lhe a costas e se afastou andando.

lhe deixe afundar suas presas naquela parte de verdade. Esta noite queria dizer cada palavra.

CAPITULO 5

O número de minha busca era do telefone móvel do Sargento da Polícia Rudolf Storr. Um presente de Natal de sua esposa o ano passado. O tinha enviado uma nota de agradecimento. A rádio de polícia o fazia soar tudo em uma estranha linguagem. Dolph respondeu à quinta chamada. Sabia que atenderia finalmente.

.Anita.

.E se tivesse sido sua esposa? .perguntei.

.Sabe que estou trabalhando.

Deixei-o passar. Não todas as algebras apreciariam que seu marido respondesse o telefone a outra mulher por seu nome. Talvez Lucille era diferente.

.O que ocorre, Dolph? supõe-se que esta é minha noite livre.

.Infelizmente, o assassino não sabia isso. Se estiver muito ocupada, iremos atirando sem ti.

.O que, tem os calções retorcidos?

Fui recompensada com um pequeno som que poderia ter sido uma risada.

.Não é tua culpa. Dirigimo-nos para o Six Flags pela 44.

.Onde exatamente na 44?

.Perto do Centro de Natureza Audubon. Quando pode chegar?

.O problema é, que não sei onde diabos está. Como chego ao centro de natureza?

.É através do caminho do St. Ambrose Monastery.

.Não o conheço .disse.

Ele suspirou.

.Demônios, estamos no meio da jodida nenhuma parte. Essas são os únicos sinais.

.Só me dê as direções. Encontrarei-o.

Deu-me isso. Eram muitas e não tinha pluma e papel.

.Espera, tenho que conseguir algo para escrever. .Posei o telefone e aproveitei um guardanapo da área de descanso. Pedi uma pluma a uma casal maior. O homem tinha posto um casaco de cachemira. A mulher levava diamantes verdadeiros. A pluma estava gravada e poderia haver sido ouro autêntico. Não me fez prometer que a devolvesse. Crédulo, ou por cima de tais pequenas preocupações. ia ter que me abastecer de meus próprios utensílios de escritura. Se fazia embaraçoso.

.Estou de volta, Dolph, segue.

Não me perguntou o que me tinha levado tanto tempo. Dolph não é dado a perguntas estranhas. Deu-me as direções outra vez. Eu as reli para estar segura que as tinha bem. Tinha-as.

.Dolph, este passeio é do menos quarenta e cinco minutos.

Pelo general sou a última perita em ser chamada. Depois que a vítima foi fotografada, gravada em vídeo, manuseada, cravada, etc.

Assim que chego, todo mundo retorna a casa, ou ao menos, abandonam a cena do crime. Às pessoas não gosta de esperar impaciente me de pé durante duas horas.

.Chamei-te assim que entendi que nada humano o tinha feito. Nos levasse a menos quarenta e cinco minutos para concluir e estará preparado para ti.

Deveria ter sabido que Dolph o teria planejado de antemão.

.Bem, estarei ali logo que possa.

Pendurou. Pendurei. Dolph nunca dizia adeus.

Devolvi-lhe ao homem sua pluma. Aceitou-a amavelmente como se nunca tivesse duvidado de sua devolução. A boa educação.

Encaminhei-me fazia as portas. Nem Jean-Claude nem Richard a haviam armado no vestíbulo. Estavam em público, assim, realmente não pensava que tivessem uma briga a murros, insultos mas não violência. Assim que o vampiro e o homem lobo podiam cuidar-se sozinhos. Além disso, se Richard podia preocupar-se com meu quando não estava, ao menos podia lhe devolver o favor. Não pensava que Jean-Claude, em realidade, queria me empurrar tão longe. Não realmente. Um de nós morreria, e começava a pensar, que talvez, não seria eu.

CAPITULO 6

O frio me rodeou ao atravessar as portas. Encurvei meus ombros pegando o queixo ao pescoço.

Um quarteto muito alegre caminhava vários metros por diante de mim.

esperavam-se os uns aos outros, se amontoando para proteger do frio.

Os saltos altos produziam um dramático e intenso repico. Ouvi uma risada muito alta, muito gritã. Uma primeira saída de dois casais que tinha saído bem, por agora. Ou talvez, estavam todos profundamente apaixonados e eu estava invejosa. Talvez.

O grupo se bifurcou como a água ao redor de uma pedra deixando ver uma mulher. Os casais se voltaram a juntar detrás dela, renda-se, como se não a tivessem visto. O que era provável.

de repente o senti, uma alteração apenas perceptível no ar frio.

Uma sensação que não tinha nada que ver com o vento. A mulher fingia ser invisível. Até que os casais a tinham intuído, que não advertido, eu tampouco me tinha precavido. O que significava que ela era boa. Muito, muito boa.

Estava de pé sob a última luz. Seu cabelo era como a manteiga, amarelo e espesso, ondulado. Mais comprido que o meu, chegava-lhe quase até a cintura. O casaco que tinha grampeado até acima era negro. A cor era muito escuro para ela. Empalidecia o tom de sua pele, inclusive maquiada.

mantinha-se de pé no centro da calçada, de forma arrogante. Era de minha estatura, não impunha fisicamente. por que estava ali de pé como se nada neste mundo pudesse lhe fazer danifico? Unicamente três coisas dão essa classe de segurança: uma metralhadora, a estupidez, ou ser um vampiro. Não vi nenhuma metralhadora, e não parecia estúpida. Agora que compreendi o que olhava, parecia realmente um vampiro. A maquiagem era boa. Fazia parecer seu olhar quase viva. Quase.

Surpreendeu-me contemplando-a. Olhou fixamente para trás tratando de apanhar meu olhar com a sua, mas eu era uma perita nesse pequeno jogo. Contemplar a cara de alguém sem centrar-se em seus olhos é um truque que se volta mais fácil com a prática. Olhou-me com o cenho franzido. Não gostou que não funcionasse o dos olhos.

Pu-me aproximadamente a metro e meio dela. Os pés separados, tão estabilizada como podia ao levar saltos altos. Minhas mãos estavam livres, listas para tirar minha arma se fosse necessário.

Seu poder se deslizou sobre minha pele como se fossem dedos, apalpando em busca de alguma debilidade. Era muito boa, mas tinha pouco mais de cem anos. E cem anos não são suficientes para conseguir nublar minha mente. Todos os reanimadores têm uma inata imunidade parcial aos

vampiros. Em meu caso parecia ser mais forte.
Sua bonita cara estava pálida pela concentração, como a de uma boneca de porcelana. Sacudiu uma mão como se lançasse algo contra mim. Estremeci-me e seu poder me sacudiu como uma onda invisível abatendo-se de repente sobre meu corpo. Surpreendeu-me.
Agarrei a arma. Não tratou de equilibrar-se sobre mim, mas sim tratou de desconcentrarme. Ao menos tinha duzentos anos. Tinha subestimado seu idade por mais de um século. Um engano que não estava acostumado a cometer freqüentemente. Seu poder palpitou ao longo de minha pele como faz de luz de diminutos clubes, mas nunca chegou a tocar minha mente. Fiquei tão assombrada como ela quando viu que a apontamento com a arma. Tinha sido muito fácil.
.Né! .ouviu-se uma voz detrás de nós..Deixe a arma, agora!
Um policial, justo quando o necessitava. Apontei ao chão.
.Ponha a arma sobre a calçada, agora .grunhiu.
Sem necessidade de lhe olhar soube que tinha tirado a sua.
Os policiais se tomam muito a sério isso de tirar a arma. Levantei a Browning pela direita, deixei a mão à vista e me agachei para pôr a arma no chão com suavidade.
.Não necessito esta interrupção .disse a vampira.
Joguei-a uma olhada quando me incorporei, devagar, pondo as mãos sobre a cabeça, com os dedos entrelaçados. Talvez ganharia pontos por conhecer as normas.
Ela fixou seu olhar além de mim, no policial que se aproximava. Seu olhar não era amistoso.
.Não lhe faça mal .assinalei.
Seus olhos voltaram para mim.
.Não nos permitem atacar à polícia .sua voz soou dura, depreciativa.. Conheço as regras.
«Que regras?», quis perguntar, mas não o fiz. Era uma boa regra, com ela o policial conseguiria viver. É obvio, eu não era um poli e apostaria a que a regra não me aplicava.
O policial apareceu pela extremidade do olho. Sua arma me apontava. Empurrou a meu fora de alcance. Vi como ricocheteava contra a parede do edifício. Uma mão pressionou minhas costas chamando minha atenção.
.Não precisa saber onde foi.
Tinha razão, por agora.
Registrou-me utilizando uma mão, não era muito minucioso. Me perguntei onde estaria seu companheiro.
.Suficiente .acrescentou a vampira.
Senti que o policial retrocedia.
.O que acontece aqui?
Seu poder se deslizou além de mim, passou-me roçando na escuridão como uma grande besta. Ouvi o grito afogado do policial.

.Não acontece nada .assinalou a vampira. Havia um espionista de acento em sua voz, alemão ou austriaco, possivelmente.

.Não passa nada .a ouvi dizer.. Agora, volte-se em direção ao tráfico .acrescentou.

Girei-me devagar, com as mãos ainda sobre a cabeça. O policial estava ali de pé, com sua cara inexpressiva, seus olhos dilatados. Sua arma apontava a terra, como se se tivesse esquecido que a sustentava.

.Parta .disse ela.

Ele se manteve de pé, paralisado. Levava seu alfinete de gravata com a cruz, e justo como supunha, com uma cruz bendita, que estava funcionando muito bem.

Retrocedi. Queria estar armada se ela deixava de lhe emprestar atenção.

Fui baixando os braços devagar, vigiando à polícia. Se ela tirasse seu controle de forma repentina e eu não estivesse onde deveria, ele poderia me pegar um tiro. Provavelmente não, mas poderia. Se me voltava a ver com o arma na mão pela segunda vez, quase seguro.

.Suponho que, não se tirará a cruz para que possa lhe dar ordens?

Meus olhos esquadriharam a vampira. Observava-me. O poli se moveu, lutando como o faria um sonhador contra o agarre por um pesadelo. Ela voltou a lhe olhar e a luta cessou.

.Não acredito .assinalei.

Ajoelhei-me tratando de manter minha atenção sobre ambos. Medi a Browning e a rodeei com meus dedos gelados. Minhas mãos estavam rígidas de ter estado expostas ao frio durante tanto tempo. Não estava segura da velocidade com a que poderia disparar naquele momento. Talvez deveria me fazer com umas luvas. Possivelmente dos que deixam ao descoberto as gemas dos dedos.

Deslizei-a pelo bolso do casaco, sujeitando-a. Minha mão entraria em calor e poderia disparar através de meu casaco em caso de necessitá-lo.

.Sem a cruz poderia fazer que partisse. por que não posso lhe controlar com ela?

.É afortunado, adivinho.

Seus olhos me fulminaram. Ele se moveu de novo. A vampira precisou lhe observar enquanto se dirigia para mim. Era interessante ver quanta concentração necessitava. Era poderosa, mas tinha seus limites.

.É a Executora .afirmou.

.Passa algo?

.Não acreditava as histórias. Agora acredito em algumas.

.Para ti o prêmio gordo. Agora, o que quer?

Um leve sorriso curvou sua boca maquiada.

.Quero que se esqueça do Jean-Claude

Pisquei, não estava segura de ter escutado bem.

.O que quer dizer esquecendo?

.Não fique com ele. Não paquere com ele. Não dirija a ele. Lhe deixe em paz.

.De acordo .respondi.

Olhou-me assustada. Não se consegue surpreender a uma vampiresa de duzentos anos muito freqüentemente. Sua cara, com seus olhos bem abertos em um pequeno .O. de surpresa, pareceu muito humana.

O policial soprou e olhou a seu redor como um louco.

.Que demônios?

Olhou-nos. Parecíamos duas mulheres que tinham ficado para passar a tarde. Jogou-lhe uma olhada a sua arma e pareceu envergonhado. Não recordava o porquê. Guardou a arma em seu sítio, murmurando impropérios e retrocedeu. A vampira lhe deixou ir.

.De verdade lhe deixaria? Assim, sem mais? .perguntou.

.Pode apostar.

.Não te acredito .acrescentou sacudindo a cabeça.

.Olhe, não me preocupa no que cria. Se Jean-Claude puser, lhe desejo sorte. tratei que me deixe em paz durante anos.

Sacudiu a cabeça de novo, deslizando mechas amarelas sobre seu cara. Era um gesto muito infantil. Teria resultado encantado se não fora um cadáver.

.Memore. Deseja-lhe. Qualquer o faria.

Não podia discuti-lo.

.Tem nome?

.Gretchen.

.Bom, Gretchen, desejo-te sorte com o professor. Se necessitar ajuda para lhe afundar as presas no pescoço, me avise. eu adoraria que encontrasse a uma pequena vampira adorável e que se instalasse com ela.

.Burla-te de mim.

.um pouco .me encolhi de ombros., mas é um hábito, nada pessoal. Quero me reafirmar. Não desejo ao Jean-Claude.

.Não pensa que é formoso? .sua voz denotava uma leve surpresa.

.Bom, sim, também penso que os tigres o são e ainda assim, não quero dormir com um.

.Nenhum mortal lhe pode resistir.

.Esta daqui, sim.

.te afaste dele ou te matarei.

Gretchen realmente não me escutava. Percebia as palavras mas não captava seu sentido. Recordava ao Jean-Claude.

.Olhe, persegue-me. Afastaria-me dele se me deixasse. Não me ameace.

.É minha Anita Blake. Sou perigosa.

Agora era meu turno de renegar com a cabeça. Talvez não sabia que a estava apontando com uma arma. Ou que tinha balas de prata. Possivelmente haver

vivido um par de séculos haviam a tornado arrogante. Genial, provavelmente era isso.

.Olhe, agora não tenho tempo para isto. Jean-Claude é teu, vale?
Estou comovida. Mantem longe de mim e serei a mulher mais feliz do mundo, viva ou morta.

Não quis lhe dar as costas, mas tinha que partir. Se ela não ia a saltar sobre mim, Dolph me estava esperando nestes momentos na cena de um crime. Devia ir.

.Gretchen, do que estão falando Anita e você?

Jean-Claude se aproximava para nós com passo majestoso.

Levava, e não é brincadeira, uma capa negra de estilo vitoriano com pescoço. Um cartola com uma cinta de seda branca completava o conjunto.

Gretchen o contemplou. Era a única palavra para descrever isso. A nua adoração que mostrava seu rosto me adoecia, era muito humana.

.Queria conhecer meu rival.

Eu não era seu rival, mas me precavi de que ela assim acreditava.

.Disse-te que esperasse fora para que não a encontrasse. Sabia.

Suas últimas palavras foram cuspidas e lançadas contra ela como pedradas.

.Não tinha intenção de lhe fazer dano esta noite .se estremeceu.

Roçava a mentira mas não comentei nada. Podia lhe haver dito que tinha-me ameaçado, mas de algum jeito me pareceu vão. havia-se procurado muitos problemas para ver-me a sós. Para me advertir. Seu amor por ele era tão óbvio. Não podia pedir ajuda a ele. Estúpido, mas certo.

Além disso, eu não gostava de dever favores ao Jean-Claude.

.Deixarei-lhes a sós, tortolitos.

.Que mentiras lhe contaste sobre nós? .suas palavras fizeram ferver o ar. Podia sentir sua raiva me afogando. Jesus.

Ela caiu sobre seus joelhos com as mãos elevadas, não para evitar um golpe, a não ser lhe implorando, tratando de lhe alcançar.

.Por favor, só queria conhecê-la. Ver a mortal que te rouba por mim lado.

Não queria olhar, mas era como um acidente de trânsito. Em realidade, não podia partir.

.Ela não rouba nada. Nunca lhe amei.

A dor se mostrava amargo em seu rosto, e até com a maquiagem parecia menos humana. Sua cara era uma revelação, os ossos foram fazendo mais visíveis, como se sua pele se encolhesse.

Agarrou-a e a atirou a seus pés com brutalidade. Seus dedos, embainhados em luvas brancas, cravaram-se em seu braço. Se fosse humano teria contusões.

.te domine. Perde o controle.

Seus lábios mostraram as presas. Lhe vaiou, sacudindo-se de seu agarre. cobriu-se a cara com umas mãos que pareciam garras. Tinha visto a vampiros mostrar sua verdadeira forma, mas nunca de forma descuidada, nem ao descoberto, onde alguém podia lhes ver.

.Amo-te .as palavras saíram afogadas e distorcidas, mas o sentimento que mostravam era muito verdadeiro. Muito. humano.
.Sal de minha vista antes de que nos desonre .lhe repreendeu Jean-Claude.

Elevou sua cara, já não era humano. Sua pálida pele brilhou com uma luz interior. A maquiagem se igualou a aquela face acesa. O ruço, a sombra de olhos e o carmim pareceram flutuar sobre a luminosidade, como se sua pele não os absorvesse. Quando girou a cabeça, pude ver suas mandíbulas como sombras por dentro de sua pele.

.Isto ainda não terminou, Anita Blake .as palavras se filtraram entre as presas e os dentes.

.Parte ! .as palavras do Jean-Claude foram como um ressonante vaio.

lançou-se para o céu, não de um salto ou levitando, só para cima.

Desapareceu na escuridão com um redemoinho.

.Doce Jesus .sussurrei.

.Sinto muito, MA petite. Enviei-a fora para evitar que isto ocorresse. encaminhou-se para mim com sua elegante capa. Uma rajada de gélido vento soprou muito perto e teve que sujeitar sua cartola. Era agradável saber que ao menos sua roupa não cumpria seus caprichos.

.Tenho que ir Jean-Claude. A polícia me espera.

.Não acreditei que isto fora a ocorrer.

.Nunca se pensa que vá ocorrer nada, Jean-Claude. Mas ainda assim, ocorre.

Levantei a mão para deter seu diálogo. Não queria ouvir mais.

.Tenho que ir .me girei e andei para meu carro através da cale geada. Coloquei a arma em sua capa assim que estive fora de perigo.

.Sinto-o MA petite.

Girei-me para lhe mandar ao inferno. Já não estava ali. A luz iluminava a calçada vazia. Suponho que ele e Gretchen não necessitam carro.

CAPITULO 7

Vislumbrei umas majestosas casas antigas à direita, justo antes de dar a volta na Estrada 44. As casas estavam depois de uma cerca de ferro forjado e um portão de segurança. Quando foram construídas, estavam à altura da elegância da vizinhança. Agora eram casas urbanas, uma ilha em uma crescente inundação de projetos de alojamentos, e de meninos com olhos vazios que se pegavam tiros uns aos outros por umas sapatilhas de esporte furadas. Mas a alta sociedade permaneceu, decidida a ser elegante ainda se isso os matava.

No Fenton, fabrica-a Chrysler é ainda o patrão maior. Uma rua lateral acolhe restaurantes de comida rápida e negócios locais. Mas a estrada passa por cima de todos eles. Uma linha reta que vai para adiante e não olhe atrás. O edifício Maritz se estende ao longo da estrada com um cruzamento peatonal coberto que parece o bastante grande para sustentar escritórios. Consegue atenção como uma data muito agressiva, mas conheço o nome do negócio, e não o posso dizer sobre outros muitos edifícios ao longo da 44. Às vezes funciona ser agressivos. As Montanhas Ozark se elevam a ambos os lados do caminho. São suaves e arredondadas. Montanhas aprazíveis. Em um ensolarado dia de outono, com os árvores ardendo de cor, as montanhas são impressionantes em sua beleza. Em uma fria noite de dezembro com apenas meus próprios faróis por companhia, as montanhas parecem um assentamento de apertados gigantes adormecidos perto do caminho. Havia bastante neve para que resplandecesse branca em as árvores nuas. As formas negras das novelos de folha perene formavam sombras permanentes à luz da lua. Um escarpado de pedra calcária brilhava onde as montanhas estavam gretadas, criando um fossa de cascalho.

As casas se acurrucaban na base das montanhas. Fantásticas fazendas com alpendres dianteiros feitos só para essa visão. Não fazendas construídas em madeira sem pintar com oxidados telhados de lata. Os currais se assentavam em campos vazios sem granjas perto. Um solitário cavalo se mantinha em pé na geada, sua cabeça para baixo procurando os restos de erva que não tivessem morrido pelo inverno. Muita gente não mantinha fora os cavalos além de Eureka, a gente que não podia permitir-se viver no Ladue ou Chesterfield, onde as casas custam mais do dobro um pequeno pedaço, mas conseguia celeiros, galinheiros e um curral no pátio de atrás. Aqui tudo o que conseguia era um abrigo, um curral e quilômetros que conduzir para visitar seu cavalo, mas ao menos o tinha. Muitos problemas por um cavalo. A cabeceira branca de um sinal de tráfico cintilou nos faróis.

Reduzi a velocidade. Um carro tinha se chocado contra o poste e o havia partido como se fora o caule de uma flor rota. O sinal era difícil de ler em um ângulo de sessenta graus. Que era provavelmente pelo que Dolph me havia dito que procurasse o sinal rota mais que o nome da rua. Agarrei o estreito caminho. No St. Luis tínhamos uma nevada de 8 cm. Aqui se via como algo mais de 16cm. O caminho não tinha sido arado e trocava bruscamente para cima, subindo as colinas. Os aros das rodas deixaram duas linhas na neve. Os carros patrulha estavam estacionados em cima da colina. Assim também poderia meu Jipe. Em meu velho Nova poderia ter acontecido trabalhosamente através da neve fresca ainda com saltos altos. Embora tinha um par do Nikes no porta-malas. Apesar disso, as sapatilhas de footing não são uma grande melhoria. Talvez deveria comprar um par de botas.

Não estava acostumado a nevar tanto no St. Luis. Era uma das nevadas mais intensas que tinha visto em quatro anos. As botas pareciam algo desnecessário.

As árvores se frisavam sobre o caminho, nus ramos que arranhavam os faróis. Os troncos molhados, gelados, dobravam-se para a estrada. No verão, o caminho seria um frondoso túnel, agora só eram ossos negros que faziam erupção na branca neve.

Na crista da colina havia uma pesada parede de pedra. Devia medir 3 m de alto, e com eficácia escondia algo à esquerda do caminho. Tinha que ser o monastério.

Aproximadamente a cem metros mais à frente havia uma placa na parede, ao lado de um portão com puas. Monastério St. Ambrose, estava realizado em letras hasteadas, metal sobre metal. Um meio-fio encurvado e fora da vista ao redor da curva da colina. E justamente frente a a entrada havia um caminho de cascalho mais pequeno. Os rastros dos carros apareceram na escuridão ante mim e desapareceram sobre a seguinte colina. Se o portão não tivesse estado ali como um sinal, poderia me haver perdido. Só quando girei o Jipe em um ângulo de forma que meus luzes encontraram os rastros dos pneumáticos que seguiam à direita. Perguntei-me por todo o denso tráfico que havia diante. Não era meu problema. Situei-me no caminho mais pequeno. Os ramos raspavam o Jipe, arranhando a reluzente pintura como unhas em um pizarrón. Genial, simplesmente genial.

Nunca antes tinha tido um carro novo. Essa primeira amolgadura, onde tinha atropelado uma lápide coberta de neve, tinha sido o mais duro. Depois do primeiro destroço, o resto foi fácil de levar. De acuerrrrdo.

A terra se abriu para ambos os lados do estreito caminho. Um grande prado, com alta maleza morta pelo inverno, oprimida sob a neve. Brilhos relampagueantes de vermelho e azul sobre a neve, rechaçando a escuridão. O prado terminou repentinamente em uma perfeita linha reta,

onde a colhedora o tinha talhado. Uma granja branca completamente protegida pelo alpendre se assentava ao final do caminho. Os carros estavam por toda parte, como os brinquedos derramados de um menino. Esperava que o caminho formasse mais ou menos uma curva sob a neve. Se não, os carros estariam estacionados por toda parte sobre a erva. Minha avó Blake havia odiado quando a gente estacionava sobre a erva.

Muitos carros tinham os motores acesos, inclusive a ambulância. Havia gente sentada nos carros, esperando. Mas, para o que? Quando chegava a uma cena do crime todo o trabalho, pelo general, parecia. Alguém esperava a levar o corpo depois de que tivesse terminado de estudá-lo, mas o resto da gente da cena do delito deveria ter terminado e haver-se ido. Algo passava. Estacionei junto a um carro do Xerife do Condado do St. Gerard. Um polícia se encontrava de pé na porta lateral do condutor, apoiado em o teto. Tinha estado contemplando o matagal de homens perto da granja mas se girou para me contemplar. Não pareceu feliz com o que viu. O chapéu do Smokey Bear⁵ protegia sua cara, mas deixava seus ouvidos e a parte traseira de sua cabeça exposta ao frio. Era pálido e sardento, e media ao menos 1,80 M. Seus ombros eram muito amplos sob a escura caçadora de inverno. Parecia um homem grande que sempre foi grande, e essa idéia o fazia parecer rude. Seu cabelo era mais ou menos uma pálida sombra que absorvia as cores das luzes, assim que seu cabelo parecia alternativamente azul e vermelho. Assim como convertia sua cara, a neve e todo o demais.

Saí do carro com cuidado. A neve se derramou ao redor de meus pés, empapando minhas meias, enchendo meus sapatos de verniz. Estava fria e molhada, e agarrei fortemente a porta do carro. Os saltos altos e a neve não combinam. A última coisa que queria fazer era cair de culo diante do Departamento do Xerife do Condado do St. Gerard. Deveria ter agarrado meus Nikes do porta-malas do Jipe e havê-los deixado no carro. Agora era muito tarde. O ajudante do xerife andava muito decididamente para mim. Levava botas e não tinha problemas com a neve. deteve-se meu alcance. Normalmente não deixo aos desconhecidos aproximar-se muito a mim, mas para retroceder teria que soltar a porta do carro. Além disso, era polícia se supõe que não tenho medo à polícia. Vale?

.Isto é assunto da polícia, senhora, terei que lhe pedir que se vá.

.Sou Anita Blake. Trabalho com o Sargento Rudolf Storr.

.Você não é polícia. .Parecia muito seguro disso. Senti-me ressentida por seu tom.

5 Smokey Bear é a imagem de uma das campanhas americanas de serviço público mais bem-sucedidas de todos os tempos.

.Não, não o sou.

.Então vai ter que partir.

.Pode lhe dizer ao Sargento Storr que estou aqui... por favor. .

Nunca faz mal ser cortês.

.O pedi amavelmente duas vezes, agora parta. Não me faça dizê-lo uma terceira vez.

Tudo o que tinha que fazer era estender a mão e me agarrar o braço para me empurrar do Jipe, e iríamos. É obvio não ia usar minha arma ao poli quando havia outros polis a tão pouca distância. Não queria que me pegassem um tiro esta noite.

O que podia fazer? Fechei a porta do carro com cuidado e me apoiei contra ele. Se tomava cuidado e não me movia muito de um lado para outro, não me cairia. Se o fizesse, talvez poderia reclamar brutalidade policial.

.Agora, por que tem feito isso?

.Conduzi quarenta e cinco minutos e abandonei uma entrevista para chegar até aqui. .Tratei de apelar a seu melhor caráter.. me deixe me dirigir ao Sargento Storr e se disser que tenho que partir, partirei-me.

.Não me preocupa se chegou em avião de fora do estado. Digo que parte. Agora mesmo.

Não tinha um melhor caráter.

Avançou fazia mim. Retrocedi fora de seu alcance. Meu pé esquerdo encontrou um pedaço de gelo e terminei com o culo na neve.

O ajudante parecia assustado. Ofereceu-me uma mão sem pensar em isso. Levantei-me usando o pára-choque do Jipe e me movendo mais longe do mal-humorado ajudante ao mesmo tempo. Ele entendeu isso. O cenho franzido fizeram mais profundas as rugas de sua frente.

A neve se aderiu em cachos a meu casaco e se deslizava em regatos derretendo-se por minhas pernas. Estava-me zangando.

Percorreu o Jipe a grandes pernadas.

Retrocedi usando minhas mãos no carro como tração.

.Podemos jogar ao Ring around the Rosie⁶ se quiser, ajudante, mas não me parto até que tenha falado com o Dolph.

.Seu sargento não é o responsável aqui. .aproximou-se um pouco mais. Retrocedi.

.Então, encontre a alguém que o seja.

.Você não tem que falar com ninguém que não eu seja .disse ele. Deu três rápidos passos para mim. Retrocedi mais rápida. Se seguíamos assim, correndo ao redor do carro, seria como um filme dos irmãos Marx, ou seriam os Keystone Kops⁷?

⁶ Rima infantil que acompanha um jogo no que os participantes se agarram pelas mãos e giram em uma direção entoando a melodia.

⁷ Grupo de policiais que se passavam o filme muda correndo com o porrete na mão detrás de atores como Buster Keaton, Chaplin ou Oliver e Hardy, e companhia...

.está-se afastando de mim.

.Nestes sapatos? conseguiu brincar.

Estava quase à altura do porta-malas do Jipe, logo estaríamos de volta onde começamos. por cima do crepitar das rádios de polícia podia ouvir vozes zangadas. Uma delas soou a do Dolph. Não era a única que tinha problemas com os policiais locais. Embora parecia que era a única em ser perseguida ao redor de um carro.

.Alto, aquieta onde está .disse ele.

. E se não o faço?

Fez clique na lapela de seu pistolera. Sua mão descansou no extremo de sua arma. Nenhuma palavra mais era necessária.

Este tipo estava louco.

Podia ser capaz de tirar minha arma antes que ele, mas era poli. Se supunha que era um dos tipos bons. Intento não lhe pegar um tiro aos tipos bons. Além disso, trata de lhe explicar a um poli por que lhe pegaste um tiro a outro poli. ficam irritáveis como o inferno com algo assim. Não podia tirar minha arma. Não podia lhe superar. Lutar era inútil. Fiz o único que pude pensar. Gritei.

.Dolph, Zerbrowski! Tragam seus traseiros aqui!

As vozes se detiveram como se alguém tivesse feito clique em um interruptor. O silêncio e o crepitar das rádios eram os únicos sons. Joguei uma olhada aos homens. Dolph olhava em minha direção. Com seus dois metros, Dolph sobressaía por cima de todos outros. Agitei uma mão. Não freneticamente, mas queria estar segura de que me via. O ajudante tirou sua arma. Custou-me muitíssimo não tirar a minha. Mas este insensato procurava uma desculpa. Não ia dar se a Se me disparava de todas formas, me ia zangar.

Sua arma era uma mágnum 357, genial para caçar baleias. Isso destruíra por completo algo sobre duas pernas. Isso era humano. Senti-me muito humana ao fixar a vista no canhão da arma. Meus olhos retornaram a sua cara. Já não franzia o cenho. Parecia muito decidido e muito seguro de si mesmo, como se pudesse apertar o gatilho e não ser encarcerado.

Quis lhe gritar ao Dolph outra vez, mas não o fiz. O parvo podia apertar o gatilho. A essa distância e com esse calibre de arma, eu estaria em uma situação se desesperada. Tudo o que podia fazer era permanecer aí, na neve, meus pés intumescendo-se lentamente, minhas mãos aferrando o carro. Ao menos não me tinha pedido que levantasse as mãos. Suponho que não queria que me caísse outra vez até que salpicasse com meus miolos todo o novo trabalho de pintura.

Foi o detetive Clive Perry quem caminhou para nós. Sua cara escura refletia as luzes como o ébano. Era alto, embora não tão alto como o ajudante do demônio. Sua magra cara estava emoldurada por um pálido

corto tipo camelo. Um chapéu, que emparelhava perfeitamente, se assentava sobre sua cabeça. Era um bonito chapéu, mas não podia baixar-se o suficiente para cobrir suas orelhas. A maioria dos chapéus bonitos não podiam fazê-lo. Tinha que conseguir um gorro de lã, algo que arruinaria seu cabelo mas resguardaria suas orelhas. Nada elegante. Por suposto, eu não tinha posto um chapéu absolutamente. Não queria desordenar meu cabelo.

Dolph voltou a lhe gritar a alguém. Não poderia dizer com exatidão o cor do uniforme ao que lhe gritava, havia ao menos dois sabores para escolher. Vislumbrei um poquito de um que gesticulava com seu braço como um louco, o resto do homem se perdia depois da pequena multidão. Nunca tinha visto ninguém agitar seus punhos na cara do Dolph. Quando mede dois metros e estas constituído como um lutador, a maioria das pessoas lhe têm um pouco de medo. Provavelmente era sensato.

.Sra. Blake, não estamos completamente preparados para você .disse Perry.

Sempre chamava a cada um por título e sobrenome. Era uma das pessoas mais educadas que tinha encontrado alguma vez. De voz doce, trabalhador, cortês, o que tinha feito para terminar na Santa Compaña? O nome completo do grupo era Brigada Regional de Investigação Preternatural. encarregavam-se de todos os delitos relacionados com o sobrenatural na região. uma espécie de permanente grupo de trabalho especial. Não acredito que alguém realmente planejasse a brigada para que resolvesse casos. Sua taxa de êxitos era bastante alta, inclusive Dolph havia sido convidado a dar uma conferência no Quántico. Dar uma conferência para o ramo de investigação preternatural do FBI não era nada desonroso.

Segui contemplando ao ajudante e sua arma. Não ia apartar a olhar uma segunda vez. Realmente não acreditava que me pegasse um tiro, mas não estava segura. Havia algo em sua cara que me dizia que o faria, talvez queria fazê-lo. A algumas pessoas lhes dá uma arma e se convertem em valentões. Valentões legalmente armados.

.Olá, detetive Perry. Aqui o ajudante e eu, parece que temos um problema.

.Ajudante Aikensen, tirou sua arma? .A voz do Perry era suave, tranqüila, uma voz para dissuadir a suicidas, ou a loucos com reféns. Aikensen girou a cabeça, percorrendo com o olhar ao Perry.

.A nenhum civil está autorizado o acesso à cena do crime, ordens do xerife.

.Não acredito que o Xerife Titus lhe haja dito que lhe pegue um tiro aos civis, ajudante.

Jogou uma olhada ao Perry.

.está-se rendo de mim?

Passou bastante tempo. Poderia ter tirado minha arma. Quis empurrá-lo

nas costelas. Queria-lhe desarmado, mas me comportei. Custou-me mais força de vontade da que teria querido, mas não tirei minha arma. Não estava lista para matar ao filho de puta. Se jogar com armas, sempre existe a possibilidade de que alguém termine morto. A menos que queira a alguém morto, não se joga, tão simples como isso. Mas me doeu profundamente quando o ajudante se voltou para mim ainda com seu arma. até agora meu ego estava machucado, mas podia viver com isso, e o ajudante Aikensen também.

.O xerife disse que não devia deixar passar a ninguém que não fora polícia no perímetro.

O perímetro era uma palavra bastante seleta para alguém tão estúpido. É obvio, era um término militar. Provavelmente, durante anos se teria estado morrendo por usá-lo em uma conversação.

.Ajudante Aikensen, é nossa perita preternatural, Anita Blake.

Negou com a cabeça.

.Nenhum traje de patrício, a menos que o xerife o passe.

Perry jogou uma olhada atrás para o Dolph e o que assumi era o xerife.

.Ele nem sequer nos permite nos aproximar do corpo, ajudante. O que o faz pensar que há possibilidades de que o Xerife Titus aceite que um civil possa ver o corpo?

Aikensen então sorriu abertamente, mais desagradável.

.Poucas e nenhuma. .Ainda sustentava a arma muito firme apontando ao centro de meu corpo. divertia-se.

.Guarde em seu sítio a arma e a Sra. Blake partirá .disse Perry.

Abri a boca para dizer «O inferno se for», mas Perry deu uma pequena sacudida de cabeça. Calei-me. Ele tinha um plano melhor que o que tinha eu.

.Não recebo ordens de nenhum detetive negro.

.Invejoso .disse.

.O que?

.De que seja um detetive da grande cidade e você não.

. Tampouco tenho por que agüentar tolices de você, cadela.

.Sra. Blake, por favor, me deixe dirigir isto.

.Você não pode dirigir uma mierda .disse Aikensen.

.foi pouco cooperativo e grosseiro, você e seu xerife. Pode me chamar de todas as formas que lhe ocorram, se isso lhe faz sentir-se melhor, mas não posso lhe deixar apontar com uma arma a um dos nossos.

Algo passou pela cara do Aikensen. Podia lhe ver pensar sobre a vida.

Perry também era polícia. Provavelmente tinha uma arma, e Aikensen o tinha a suas costas. O ajudante girou rapidamente, subindo a arma à vez que se movia. Sua mão flexionada.

Tirei minha arma.

As mãos vazias do Perry se levantaram por cima de seu corpo,

mostrando que estava desarmado.

Aikensen respirava com força. Levantou a arma para manter o nível, a duas mãos, firme, sem pressa.

Alguém se precaveu e gritou, «Que diabos?». Em efeito.

Apontei a Browning à costas do Aikensen.

.Não se mova, Aikensen, ou lhe pego um tiro.

.Não está armada.

Retirei o seguro soando com um clique. Em um enfrentamento não tem que fazê-lo antes de disparar, mas esse dramático som era agradável.

.Não me registrou, burro.

A gente corria para nós gritando. Mas não chegariam a tempo.

Isto era só entre nós três na psicodélica neve, aguardando.

.Solte a arma, Aikensen, agora.

.Não.

.Solte-a ou lhe matarei.

.Anita, não tem que disparar. Não vai fazer me danifico .disse Perry.

Era a primeira vez que usava meu nome.

.Não necessito a nenhum negro que me proteja. .Seus ombros tensos.

Não podia ver o suficientemente bem suas mãos para estar segura, mas acreditei que apertava o gatilho. Comecei a apertar o meu.

.Aikensen, deixe essa maldita arma! .bramou uma voz.

Aikensen apontou a arma ao céu, como se nada. Não tinha estado apertando o gatilho de tudo. Só estava nervoso. Senti que uma risada tola subia-me pela garganta. Quase lhe tinha pego um tiro por estar nervoso. Tragui-me a risada e soltei o gatilho. Sabia o louco ajudante o perto que tinha estado? O único que lhe tinha salvado era o gatilho da Browning. Era rígido. Havia muitas armas por aí que tudo o que precisavam era um muito pequeno apertão.

deu-se a volta para mim, ainda com sua arma, mas não me apontou.

A minha ainda lhe apontava. Começou a baixar sua arma para me apontar outra vez.

.Se esse canhão baixa outra polegada, vou pegar lhe um tiro.

.Aikensen, deixe a maldita arma. antes de que mate a alguém. .O homem que falou meia aproximadamente 1.75 m e devia pesar 90 kg. Parecia perfeitamente redondo como uma salsicha com braços e pernas. Sua caçadora de inverno se ajustava sobre sua pequena barriga redonda. Uma evidente e incipiente barba cinza decorava suas papadas. Seus olhos eram pequenos, quase perdidos na massa que era sua cara. Sua insígnia brilhou na dianteira de sua caçadora. Não a tinha deixado por dentro em seu camisa. Tinha-a fixado fora, onde os detetives da grande cidade pudessem vê-la. Algo assim como baixar a cremalheira de sua braguilha de forma que outros possam ver o bem dotado que está.

.Este negro...

.Não estamos para falar disso, ajudante, sabe.

Se tivesse visto o olhar na cara do Aikensen teria pensado que o xerife lhe havia dito que não existia Papai Noel. Apostava que o xerife era o menino bom no pior sentido da palavra. Mas havia inteligência naqueles olhos pequenos como miçangas, mais do que podia dizer do Aikensen.

.Guarde isso em seu sítio, moço, é uma ordem. .Seu acento do sul se fazia mais forte, já fora para impressionar, ou porque com ele conseguia controlar ao Aikensen. O acento de muita gente se faz mais forte sob pressão. Não era um acento do Missouri. Algo mais ao sul. Aikensen finalmente, a contra gosto, guardou a arma. Entretanto, não rompeu a pistolera. Tinha todas as papeletas para um murro. Estava contente porque não era eu quem devia dar-lhe Claro que, se houvesse disparado antes de que Aikensen tivesse levantado sua arma ao céu, nunca teria sabido que não apertava o gatilho. Se não tivéssemos sido todos policiais e tivéssemos tratado ao Aikensen como a um criminoso, isto teria se resolvido com um tiro limpo. Jesus.

O xerife Titus colocou as mãos nos bolsos de sua caçadora e me olhou.

.Agora, senhorita, pode deixar sua arma também. Aikensen não vai a pegar um tiro a ninguém.

Só lhe contemplei, a arma apontando ao céu, sustentada frouxamente. Estava preparada para guardar a arma em seu sítio até que me disse que o fizesse. Eu não gosto de cumprir ordens. Só fique lhe olhando fixamente.

Sua cara ainda parecia amistosa, mas seus olhos perderam brilho. Zangado. Não gostava de ser desafiado. Genial. Era minha noite. Outras três ajudantes se aproximaram do Titus por detrás. Todos pareciam mal-humorados e preparados para fazer algo que seu xerife lhes pedisse. Aikensen lhes adiantou, sua mão aproximando-se de novo à arma. Algumas pessoas nunca aprendem.

.Anita, guarda a arma em seu sítio. .O tom agradável e habitual do Dolph era duro pela cólera. Como se o que quisesse fora lhe pegar um atiro ao filho de cadela, mas seria difícil de explicar a seus superiores. Embora não era oficialmente meu chefe, eu escutava ao Dolph. Se o tinha ganho.

Guardei a arma em seu sítio. Dolph estava constituído de ângulos duros. Seu cabelo negro estava talhado muito curto, deixando suas orelhas nuas ao frio.

Suas mãos se afundaram nos bolsos de seu comprido impermeável negro. O casaco parecia muito fino para este tempo, mas talvez estava forrado. Embora era muito corpulento para deixar espaço para ele e o forro no mesmo casaco.

Chamou-nos por gestos ao Perry e a mim a um lado.

.me digam o que passou .disse brandamente.

Fizemo-lo.

.Realmente pensa que te ia pegar um tiro?

Perry apartou a vista da neve pisoteada durante um momento, logo respondeu.

.Não estou seguro, sargento.

.Anita?

.Pensei que o faria, Dolph.

.Não parece segura agora.

.A única coisa da que estou segura é de que eu sim lhe ia pegar um tiro. Cabia baixo ele, Dolph. Que demônios passa? Se acabo matando a um poli esta noite, eu gostaria de saber por que.

.Não acreditei que alguém fora tão estúpido para tirar uma arma.

disse Dolph. Seus ombros se encurvaram, o tecido de seu casaco se esticou com o movimento.

.Bem, não olhe agora .disse., mas o ajudante Aikensen ainda tem a mão sobre sua arma. Está desejando tirá-la outra vez.

Dolph fez uma grande inspiração pelo nariz e a expulsou em um branco e rápido fôlego pela boca.

.vamos falar com o Xerife Titus.

.estivemos falando com o xerife durante mais de uma hora .

disse Perry.. Não escuta.

.Sei, detetive, sei.

Dolph seguiu andando para o xerife e seus ajudantes, que nos esperavam. Perry e eu lhe seguimos. Que mais podíamos fazer? Além disso, queria saber por que uma unidade inteira se encontrava na cena de um crime fazendo girar seus polegares.

Perry e eu nos colocamos um a cada lado do Dolph, como sentinelas.

Sem pensar nisso, situamo-nos um passo por detrás dele. Era, depois de tudo, nossa líder. Mas a organização automática me incomodava. Queria avançar e me colocar a sua altura, ser um igual, mas era um civil. Não era um igual. Não importa quanto tempo passasse ou o que fizesse, não era um poli. Havia uma diferença.

A mão do Aikensen agarrava fortemente a culatra de sua arma.

Realmente desejava tirá-la ante todos nós? Certamente, mas nem sequer ele seria tão estúpido. Fulminava-me com o olhar, só mostrava o aborrecimento em seus olhos. Talvez sim era tão estúpido.

.Titus, diga a seu homem que afaste a mão da arma .disse Dolph.

Titus jogou uma olhada ao Aikensen. Suspirou.

.Aikensen, afaste a maldita mão de sua maldita arma.

.Ela é civil. resistiu a um policial

.Tem sorte de que não lhe pegasse um tiro no culo .disse Titus..

Agora, meta a na pistolera e deixe-a aí, ou vou mandar lhe a casa. A cara do Aikensen pareceu ainda mais mal-humorada. Mas sujeitou seu pistolera e colocou as mãos nos bolsos de seu casaco. A menos que tivesse uma Derringer no bolso, estávamos seguros. É obvio, era a classe de provinciano que levaria uma arma de reserva. Sinceramente, a vezes eu também, mas só quando o fator jacaré era alto. Quando estava de mierda até o pescoço.

Um ruído de passos rangeu na neve detrás de nós. Girei a medeia para poder vigiar ao Aikensen e ver os recém chegados. Três pessoas com uniformes azul marinho chegaram para situar-se frente a nós. O homem alto que tínhamos diante tinha a insígnia em seu chapéu, o que indicava que era o chefe de polícia. Um de seus ajudantes era alto, tão magro que parecia um esqueleto, e também muito jovem para barbear-se. O segundo ajudante era uma mulher. Surpresa, surpresa. Pelo general, sou a única mulher na cena de um crime. Era pequena, só um pouco mais alta que eu, magra, com o cabelo rapado escondido sob um chapéu Smokey Bear. Quão único podia dizer à luz das luzes intermitentes era que tudo nela era pálido, desde seus olhos até seu cabelo. Era bonita, de um modo parecido a um duendecillo, Mona. Aguardava com os pés separados, as mãos em seu cinturão Sam Brown. Levava uma arma muito grande para suas mãos. Apostava que não gostava de ser chamada Mona.

ia ser outra dor no culo, como Aikensen, ou um espírito afim. O chefe de polícia era ao menos vinte anos mais velho que qualquer de seus ajudantes. Era alto, não tão alto como Dolph, mas, quem o era? Tinha um bigode negro com cãs, olhos pálidos, e era abruptamente bem parecido. Um desses homens que não deviam ter sido muito atrativos de jovens, mas a idade tinha dado caráter a seu rosto, profundidade. Como São Connery, que se vê melhor com sessenta que com vinte. .Titus, por que não deixa a esta gente seguir com seu trabalho? Temos frio, estamos cansados e queremos ir a casa.

Os pequenos olhos do Titus flamejaram voltando para a vida. Havia muita cólera neles.

.Isto é assunto do condado, Garroway, não dos da cidade.

Você e sua gente estão fora de sua jurisdição.

.Holmes e Lind foram caminho do trabalho quando o aviso de que alguém tinha encontrado um corpo chegou por rádio. Seu homem, Aikensen, disse que estava ocupado e que não podia chegar até o corpo em ao menos uma hora. Holmes ofereceu ocupar do corpo e assegurar-se de que a cena do crime não se poluísse. Meus ajudantes não tocaram nem deixaram que se tocassem nada. Só faziam de niñeros para sua gente. O que acontece então? .Disse Garroway.

.Garroway, o cadáver foi achado em nosso terreno. É nosso

corpo. Não necessitamos nenhuma ajuda. E você não tinha nenhum direito de chamar à a Santa Compañã sem falá-lo comigo primeiro .disse Titus. O Chefe de Polícia Garroway estendeu as mãos em um gesto de impotência.

.Holmes viu o corpo. Ela fez a chamada. Pensou que o homem não tinha sido assassinado por nada humano. O protocolo exige que chamemos à Brigada Regional de Investigação Preternatural em qualquer momento em que suspeitemos de atividade sobrenatural.

.Bem, Aikensen e Troy não acreditam que seja algo sobrenatural. Um caçador é devorado por completo por um urso e sua pequena senhora se precipita sobre a arma.

Holmes abriu a boca, mas o chefe elevou uma mão.

.Está bem, Holmes. .Ela se manteve detrás, mas não gostou.

.por que não lhe perguntamos ao Sargento Storr o que pensa que matou ao homem? .Disse Garroway.

Estava o bastante perto para ouvir o suspiro do Dolph.

.Ela não deveria ter deixado aproximar-se às pessoas ao corpo sem nós ali para fiscalizá-lo .disse Titus.

.Senhores, temos um cadáver no bosque. A cena do crime não volta-se mais fresca. estão-se perdendo valiosas provas enquanto estamos aqui, de pé, discutindo .disse Dolph.

.Um ataque de urso não é a cena de um crime, sargento .disse Titus.

. A Sra. Blake é nossa perita preternatural. Se disser que isto é um ataque de urso, iremos todos a casa. Se disser que é preternatural, você nos deixa fazer nosso trabalho, e tratá-lo como a cena do crime. De acordo?

.Sra. Blake? Sra. Anita Blake?

Dolph assentiu com a cabeça.

Titus entrecerró os olhos ao me olhar, como se tratasse de me enfocar.

.Você é a Executora?

.Algumas pessoas me chamam assim, sim.

.Esta pequena garota é a que tem mais de uma dúzia de assassinatos de vampiros em seu haver? .Havia diversão em sua voz, incredulidade.

Encolhi-me de ombros. Eram muitos mais que essas, mas muitas de elas não se contavam como execuções. Não queria que a polícia soubesse.

Os vampiros têm direitos, e matá-los sem autorização é assassinato.

.Sou a executora judicial de vampiros para esta área. Tem algum problema com isso?

.Anita .disse Dolph.

Olhei-lhe, depois ao xerife. Não ia dizer nada mais, palavra de honra, mas ele o fez.

.Só que não acredito que uma cosita tão pequena como você possa fazer todas as coisas que ouvi.

.Olhe, faz frio, é tarde, me deixe ver o corpo e todos poderemos ir a casa.

.Não necessito que uma civil me diga como fazer meu trabalho.

.Isso é .disse.

.Anita? .disse Dolph. Essa única palavra me dizia que não dissesse nada, que não o fizesse independentemente do que fora.

.adulamos o suficiente nesta conversação jurisdicional por esta noite, Dolph.

Um homem apareceu nos oferecendo grandes taças quentes em uma bandeja. O aroma do café se mesclou com o da neve. O homem era alto. Havia muitos destes perambulando esta noite. Uma mecha de cabelo loiro claro lhe obscureceu um olho. Levava postas uns óculos redondos de metal que faziam parecer sua cara ainda mais jovem do que era. Um gorro escuro de lã estava encasquetado sobre seus ouvidos. Luvas grossas, um agasalho impermeável multicolorido, jeans e botas de excursionista completavam seu equipe. Não parecia estar na moda mas estava vestido para o mau tempo. Meus pés estavam intumescidos pela neve.

Tomei agradecida uma grande taça de café. Se íamos estar de pé aqui fora e discutindo, tomar algo quente era uma grande ideia.

.Obrigado.

.Você é agradecida .disse o homem sorrindo.

Todos tinham tomado uma taça mas não todos tinham dado as obrigado. Onde estavam suas maneiras?

.fui o xerife deste condado desde antes de que de você nascesse, Sra. Blake. Este é meu condado. Não necessito nenhuma ajuda de gente como você.

Bebeu a sorvos seu café. Tinha dado as obrigado.

.Gente como eu? O que se supõe que significa isso?

.Deixa-o, Anita.

Contemplei ao Dolph. Não queria deixá-lo. Bebi a sorvos o café. O aroma só me fez sentir menos zangada, mais relaxada. Olhei fixamente aos pequenos ojitos redondos e brilhantes do Titus e sorri.

.O que é tão gracioso? .Perguntou.

Abri a boca para dizer, você, mas o homem do café me interrompeu.

.Sou Samuel Williams. Sou o vigilante. Vivo na pequena casa atrás do centro da natureza. Encontrei o corpo.

Sustentou a bandeja agora vazia abaixo a um lado.

.Sou o Sargento Storr, Sr. Williams. Estes são meus companheiros, o detetive Perry e a Sra. Blake.

Williams assentiu com a cabeça em um gesto de reconhecimento.

.Você nos conhece todos, Samuel .disse Titus.

.Sim, faço-o .disse Williams. Não parecia muito emocionado por conhecê-los todos eles.

Saudou com a cabeça ao Chefe Garroway e seus ajudantes.

.Disse a ajudante Holmes que não acreditava que fora de um animal.

Ainda acredito, mas se for um urso, matou a esse homem. Qualquer animal que faça isso uma vez o voltará a fazer. .Fixou a vista na neve, depois a elevou, como um homem que se eleva de águas profundas.

.comeu-se partes do homem. Espreitou-lhe e lhe tratou como um animal de presa. Se realmente for um urso, tem que ser apanhado antes de que mate a alguém mais.

.Samuel tem um grau em biologia .disse Titus.

.Eu também .disse. É obvio, meu grau era em biologia preternatural, mas ouça, a biologia é biologia, verdade?

.Estou trabalhando em meu doutorado .disse Williams.

.Sim, estudando a mierda de mocho .disse Aikensen.

Era difícil de saber, mas acredito que Williams se ruborizou.

.Estudo os hábitos alimentícios do mocho enjaulado.

Eu tinha um grau em biologia. Sabia o que significava. Colecionava mierda de mocho e punha bolinhas a secar. Então Aikensen tinha razão. Em certo modo.

.Será seu doutorado em ornitologia ou estrigiología⁸? .Perguntei.

Estava orgulhosa de mim mesma por recordar a denominação latina dos mochos.

Williams me olhou com uma sensação de familiaridade em seus olhos.

.Ornitologia.

Titus parecia haver-se tragado um verme.

.Não necessito nenhum grau de universidade para conhecer o ataque de um urso quando o vejo.

.A última vez que se viu um urso no St. Gerard County foi em 1941 .disse Williams.. Não acredito que tenha visto nunca o ataque de um urso fora de um relatório.

A implicação estava aí. Como reconhecia Titus o ataque de um urso se alguma vez o tinha visto antes?

Titus atirou seu café na neve.

.Escuta, menino de universidade...

.Talvez é um urso .disse Dolph.

Olhamo-lhe. Titus assentiu com a cabeça.

.Isso é o que estive dizendo.

.Então será melhor que peça um helicóptero e consiga alguns cães aqui.

8 Ramo da biologia que estuda aos mochos.

.De que fala?

.Um animal que despedaça a um homem e o come, poderia meter-se nas casas. Nem o conto a quantidade de gente que o urso poderia matar.

A cara do Dolph era ilegível, séria, como se acreditasse o que dizia.

.Agora bem, não quero cães aqui. Provocaria o pânico se a gente acreditasse que há solto um urso furioso. Lembrança como enlouqueceram quando aquele puma doméstico andou solto faz aproximadamente cinco anos. A gente disparava às sombras.

Dolph só lhe olhou. Todos lhe olhamos. Se fosse um urso, tinha que tratá-lo como um urso. Se não o era...

Titus trocou de pé incômodamente na neve.

.Talvez a Sra. Blake deveria jogar uma olhada. .Esfregava a fria ponta de seu nariz.. Não queria provocar o pânico por motivos errôneos. Não queria que a gente pensasse que havia um urso solto feito uma fúria. Mas pensava que ali havia um monstro solto. Ou talvez o Xerife Titus não acreditava em monstros. Talvez.

Independentemente do que, estávamos de caminho à cena do crime. Cena do possível assassinato. Fiz-lhes esperar enquanto me colocava as Nikes e o macaco de trabalho que guardava para estas ocasiões e os estacamientos de vampiros. Odiava ter sangue na roupa. Além disso, esta noite o macaco estava mais quente que os meias três-quartos.

Titus fez que Aikensen permanecesse com os carros. Tinha a esperança de que não lhe pegasse um tiro a ninguém enquanto íamos.

CAPITULO 8

Ao princípio não vi o corpo. Tudo o que via era neve. Esta se havia amontoado em uma dessas depressões que se encontram nos bosques. Na primavera se enchem de chuva e barro. Em outono se enchem de folhas. Em inverno mantêm a neve mais funda. A luz da lua esculpia cada rastro, cada pegada de pés em alto relevo. Cada impressão transbordante como uma taça de sombras azuis.

Mantive-me no bordo do claro, com o olhar fixo na mixórdia de rastros. Entre todo isso, em algum lugar, encontravam-se os rastros do assassino, ou os de um urso já que, a menos que se tratasse de um animal, desconhecia como alguém ia entender quais eram as significativas. Talvez todas as cenas de um crime eram analisadas dessa forma, a neve só o fazia evidente. Ou talvez esta cena tinha sido manipulada. Sim.

Cada pista, policial ou não, conduzia a uma única coisa: o corpo. Dolph havia dito que o homem tinha sido despedaçado, devorado. Não queria vê-lo. Tinha-o passado bem com o Richard. Uma tarde agradável. Não era justo que terminasse a noite olhando corpos parcialmente devorados. É óbvio, é provável que o morto pensasse que tampouco era muito divertido ser devorado.

Respirei profundamente o sorvete ire. Meu fôlego saiu embaciado quando exalei. Não podia cheirar o corpo. Se fosse verão, o morto haveria estado chateado. Hurra pelo frio.

. Pensa olhar o corpo daqui?.perguntou Titus.

.No.contesté.

.Parece que sua perita perde os nervos, Sargento.

Rodeei ao Titus. Sua redonda cara com papada se mostrava satisfeita.

Não queria ver o corpo, mas perder os nervos, nunca.

.Espere que esta não seja a cena de um crime. xerife, porque há sido jodida de vinte formas de domingo.

.Não está ajudando nada, Anita.añadió Dolph brandamente.

Tinha razão, mas não estava segura de que me preocupasse.

.Segui algumas indicações para conservar a cena do crime ou é possível, como parece, que acontecessem diante de mim cinquenta trilhões de pessoas?

.Só havia quatro grupos de rastros quando me ordenaram deixar a escena.contestó a Oficial Holmes.

Titus a olhou franzindo o cenho.

.Quando determinei que era o ataque de um animal, não havia razão para mantê-la assegurada. .Seu acento sulino voltava a ser notável.

. Sim, perfecto.afirmé. Joguei uma olhada ao Dolph.. Alguma sugestão?

.Só revisa-o, não acredito que haja muito que possamos conservar em estes momentos.

.Criticando a meus homens?.perguntou Titus.

.No.contestó Dolph.. Critico a você.

Girei-me para que Titus não me visse sorrir. Dolph não suportava de boa vontade aos parvos. Agüentava-lhes um pouco mais que eu, mas uma vez alcançado seu limite, melhor correr a procurar refúgio. Nenhum culo burocrático se livraria.

Dava um passo para o oco. Dolph não necessitava de minha ajuda para ter a cabeça do Titus em bandeja. A neve se desabou pelo bordo do buraco. Meus pés escorregaram devido às folhas que estavam debaixo. Terminei sobre meu culo pela segunda vez esta noite. Mas agora estava em uma ladeira. Deslizei-me quase até chegar ao corpo. A risada aflorou detrás de mim.

Sentei-me com o culo na neve e contemplei o corpo. Podiam rir tudo o que quisessem, era gracioso. O morto não o era.

Estava deitado de barriga para cima sobre a neve. A luz da lua brilhou sobre ele, refletindo-se sobre a neve e lhe dando o brilho de meio-dia aos corpos de debaixo. Tinha uma lanterna em um dos bolsos do macaco, mas não a necessitava. Ou talvez não a queria. Podia ver bastante pelo momento.

Sulcos desiguais desciam pelo lado direito de sua cara. Uma garra tinha-lhe cerceado o olho derramando o sangue e o líquido espesso de seu globo ocular pela bochecha. A mandíbula inferior estava esmagada, como se uma mão enorme a tivesse agarrado e pressionado. Fazia parecer seu cara inacabada, tão somente medeia. Isto deveu doer como o inferno, mas não para matá-lo. Tão pior.

A garganta tinha sido arranco, provavelmente isto lhe havia matado. Simplesmente, não havia carne. Sua coluna vertebral brilhou com um branco apagado, como se se tivesse tragado um fantasma e este não se tivesse ido. Seu macaco de camuflagem estava rasgada à altura do estômago. Alguma ilusão óptica da luz da lua lançou uma sombra densa dentro daquele tecido rasgado. Não podia ver o dano interior. E o necessitava.

Prefiro as massacres noturnas. A escuridão monopoliza a cor. Em certa forma, parece menos real de noite, nada mais. Ponha um pouco de luz e as cores estalam: o sangue é carmesim; o osso reluz; os fluidos não são só escuros, são verdes, amarelos, marrons. A luz te permite distinguir. Vantagens ou desvantagens, no melhor dos casos.

Pu-me as luvas cirúrgicas. Foram como uma estupenda segunda pele. Inclusive guardados em meu bolso interior, as luvas

estavam mais frios que minha pele. Acendi a lanterna. Seu foco diminuto e amarelado foi atenuado pela brilhante luz da lua, mas cortou as sombras como uma faca. A roupa do homem tinha sido cortada como as capas de uma cebola; macaco de trabalho, calça e camisa, roupa interior térmica. A carne estava rasgada. A luz cintilou sobre o sangue congelada e os trocitos de carne geada. A maior parte dos órgãos internos não estavam. Iluminei sobre a neve que lhe rodeava mas não havia nada que ver. A carne e os órgãos não estavam.

O fluido escuro da cavidade do intestino se escapou por todas partes, mas estava congelado, sólido. Não cheirei nada até estando inclinada. O frio era uma coisa maravilhosa. Borda da ferida eram desiguais. Não tinha sido feita por nenhuma faca. Se o tivesse sido, não parecia-se com nenhuma folha que tivesse visto alguma vez. O médico forense poderia-o dizer com segurança. Uma costela estava rota. Assinalava para acima como um signo de exclamação. Iluminei o osso. Estava descascado, mas não foram garras, nem mãos. foram dentes. Haveria apostado o pagamento de uma semana a que observava marcas de dentes. A ferida da garganta estava coberta por uma capa de neve congelada. Cristais avermelhados de gelo se congelaram em sua cara. O olho restante estava fechado, congelado com gelo sangrento. Havia marcas de dentes a cada lado da ferida da garganta, não de garras. A mandíbula esmagada mostrava evidentes marca de dentes. Certamente não se tratasse de dentes humanos. O que significava que não eram espíritos malignos, vampiros, zombis ou algum outro não-morto humano. Tive que subir meu casaco para tirar a cinta métrica do bolso de meu bonito. Se houvesse visto melhor se me tivesse tomado tempo para desabotoar meu casaco, mas ouça, fazia frio.

As marcas de garras na cara eram extensas. Mais que as garras de um urso, mais que algo natural. Monstruosamente enormes. Havia uma marca quase perfeita de dentes a ambos os lados da mandíbula. Como se a criatura tivesse mordido com força, mas não tanta como para rasgar. Mordendo para esmagar, para acallar. el grito. Não podia haver emitido muito ruído com a metade da boca amassada. Havia algo absolutamente deliberado naquela dentada. A garganta tinha sido arranco, mas de novo, não era tão fatal como o poderia ter sido. Só o justo para matar. Foi só quando chegou ao estômago que a criatura tinha perdido o controle. O homem já estava morto antes de que seu estômago fora aberto. O teria apostado. Mas a criatura se havia tomado tempo suficiente para comer-lhe Para alimentar-se. por que? Havia um rastro na neve, perto do corpo. Mostrava onde a gente se tinha ajoelhado, incluída eu, mas a luz realçava o sangue drenada sobre a neve. Tinha estado de barriga para baixo até que alguém lhe deu a volta.

Os rastros tinham sido rastreadas quase em cada centímetro de neve, exceto na zona salpicada com sangue. Se tinham opção, a gente não andava entre o sangue. Cena do crime ou não, não havia tanto sangue como cabia esperar. Seccionar uma garganta é um trabalho sujo. Mas, por suposto, esta não tinha sido seccionada. Tinha sido arranco por uns dentes. O sangue se verteu na boca, não na neve.

O sangue tinha empapado a roupa. Se pudéssemos encontrar a nossa criatura, também estaria coberta dela. Para tal açougue, a neve estava surpreendentemente poda. Havia um atoleiro espesso de sangue a um lado, ao menos a um metro do corpo, no lado direito da impressão do tamanho do corpo. O morto tinha estado ao lado dessa mancha bastante tempo, o suficiente para sangrar-se, depois havia sido volteado sobre seu estômago, onde tinha estado o tempo suficiente para que a pele se congelasse na neve. Mais sangue se acumulou debaixo do corpo enquanto jazia de barriga para baixo. Agora estava de barriga para cima,

mas o sangue não era fresca. O corpo não tinha sido girado até depois de estar totalmente morto.

.Quem girou o corpo?.perguntei.

.Estava assim quando cheguei ao escenario.contestó Titus.

.Holmes? .O chefe Garroway fez de seu nome uma pergunta.

.Estava de barriga para cima quando chegamos.

.Williams moveu o corpo?

.Não lhe perguntei .respondeu ela.

Genial.

.Alguém o fez. Seria bom saber se foi Williams.

.irei averiguar o .se ofereceu Holmes.

.Patterson, vê com ela .ordenou Titus.

.Não necessito.

.Holmes, só vá .ordenou Garroway.

Os dois ajudantes partiram.

Voltei a olhar o corpo. Tinha que pensar nele como um corpo, não podia lhe chamar .ele.. Se o fizesse, começaria a me perguntar se tinha mulher e filhos. Não queria sabê-lo. Só era um corpo, muita carne. Não desejava fazê-lo. Iluminei com a lanterna sobre a confusão na neve. Ajoelhei-me e avancei lentamente. Sherlock Holmes e eu. Se a criatura tivesse subido atrás do homem, deveria haver alguma sinal na neve. Talvez não uma rastro completo, mas algo. Cada rastro que tinha encontrado era de sapatos. O que fora que tivesse feito isso, não usava sapatos. Inclusive com uma manada de polis pisoteando por ali, deveria haver alguma rastro de garras e marcas de animais. Não era capaz de encontrar nenhuma. Talvez, criminalística teria mais sorte. Esperava que assim fora.

Se não havia nenhum rastro, podia ter chegado em avião? Uma gárgula, possivelmente? Era o único depredador alado que atacava ao homem.

Excetuando os dragões, mas eles não eram originários deste país e teria sido um inferno muito pior. Ou talvez, muito melhor. Um dragão se teria tragado ao homem inteiro.

As gárgulas atacariam e matariam a um homem, mas era estranho.

Além disso, o grupo mais próximo estava no Kelly, Kentucky. As gárgulas de Kelly eram uma pequena sub-espécie que tinham atacado às pessoas, mas nunca tinham matado. Eram, acima de tudo, devoradores de carniça. Na França havia três espécies de gárgulas do tamanho do homem, ou ainda maiores. Lhe comeriam. Mas nunca se encontrou algo tão grande na América.

O que podia ser? Havia uns quantos trolls menores no leste de Ozarks, mas não estava perto do St. Louis. Além disso, tinha visto imagens de massacres de trolls e esta não o era. As garras eram muito curvas, muito largas. O estômago parecia ter sido limpo por algo com focinho. Os trolls se viam terrivelmente parecidos com os humanos, mas eram personagens.

Um troll menor não atacaria a um humano se tivesse a opção. Um troll maior da montanha podia fazê-lo, mas estavam extintos desde fazia mais de vinte anos. Além disso, tinham o costume de despedaçar árvores e gente até matá-los, depois os comiam.

Não acreditava que fora um pouco tão exótico como os trolls ou as gárgulas. Se houvesse pistas que conduzissem até o corpo, teria estado segura de que era a massacre de um licântropo. Era conhecido que os trolls levavam posta a roupa desprezada. Assim que um troll podia ter caminhado pesadamente pela neve, ou uma gárgula podia ter pirado velozmente, mas um licântropo. Tinha que caminhar com os pés descalços já que não encaixariam em nenhum sapato humano. Mas como?

Me teria dado tortas na frente, mas não o fiz. Se o fizer em cenários de crimes, enche seu cabelo de sangue. Elevei a vista. A gente quase nunca o faz. Os milhões de anos de nossa evolução nos haviam condicionado para ignorar o céu. Nada era o bastante grande como para nos apanhar de cima. Mas isso não significava que algo não pudesse saltar sobre nós.

O ramo de uma árvore serpenteou sobre o oco. A lanterna mostrou brancas cicatrizes frescas sobre a negra extremidade. Um cambiaformas se tinha posto em cuclillas sobre a casca à espera do homem que andava debaixo. Emboscada, premeditação e assassinato.

.Dolph, poderia vir aqui embaixo um minuto?

Dolph andou com cuidado pela pendente coberta de neve.

Suponho que não queria repetir minha atuação.

.Sabe o que é?

.Um cambiaformas.contesté.

.explique-me isso Sustentava seu fiel caderno e sua pluma à espera.

Expliquei-lhe o que tinha encontrado. O que pensava que era.

.Não tivemos a um licântropo louco desde que a brigada se formou. Está segura?

.Estou segura de que isto é de um cambiaformas, mas não disse que fora um licântropo.

.te explique.

.Todos os licântropos são cambiaformas por definição, mas não todos os cambiaformas são licântropos. A licantropía é uma enfermidade que contrai ao sobreviver a um ataque ou ao conseguir um lote defeituoso de vacina contra a licantropía.

.Pode adquirir o da vacina? .Olhou-me.

.Acontece.

.É bom sabê-lo .acrescentou. Como pode ser um cambiaformas e não um licântropo?

.O mais usual é uma condição herdada. O cão guardião da família, a fera, o gato enorme. Sobre tudo na Europa. Uma pessoa de cada geração tem os gens e as mudanças.

.Está isso unido à lua como a licantropía normal?

.Não. Um guardião familiar sai quando a família lhe necessita. Por uma guerra ou por alguma espécie de perigo físico. Há homens cisne. Estão atados à lua, mas ainda é uma condição herdada.

.Como?

.Podem ser amaldiçoados, mas é realmente estranho.

.por que?

Encolhi-me de ombros.

.Tem que encontrar a uma bruxa ou algo com uma magia o bastante poderosa para amaldiçoar a alguém como cambiador de forma. Tenho lido os feitiços. As poções estão tão cheias de narcóticos que poderia acreditar que é um animal. Também poderia acreditar que é o edifício do Chrysler, ou poderia simplesmente morrer. Os verdadeiros feitiços são muito mais complexos, e pelo general, requerem um sacrifício humano. Uma maldição está um passo por cima de um feitiço. Não é absolutamente um feitiço.

Tratei de pensar como explicá-lo. Nesta área Dolph era um civil. Não conhecia o jargão.

.Uma maldição é como o ato de última vontade. Só juntas todo seu poder, magia, algo, e o enfoca em uma pessoa. O leigas para a maldição. Sempre o faz em pessoa, então sabem que há sido feito. Algumas teorias afirmam que se necessita a crença da vítima para fazer uma maldição. Não estou muito segura de acreditá-lo.

.Só as bruxas podem amaldiçoar?

.de vez em quando alguém fica inimizado com uma fada. Um de

esses velhos Daoine Sidhe⁹, mas teria que estar na Europa para isso. Inglaterra, Irlanda ou partes de Escócia. Neste país seria uma bruxa. Assim que um cambiaformas, mas desconhecemos de que classe ou como conseguiu sê-lo.

.Não, com estas marcas e pistas não.

.Se lhe visse cara a cara, poderia dizer de que classe é?

.Que animal?.perguntei.

.Sim

.Não.

.Poderia dizer se se deve a que foram amaldiçoados ou a uma enfermidade?

.Não.

.Pelo general, é melhor. .Só me olhou.

.Sou melhor com os mortos, Dolph. me dê um vampiro ou um zombi e direi-te seu número da segurança social. Algo disto é talento natural, mas muito o dá a prática. Nunca tive experiência com cambiaformas.

.Que perguntas pode responder?

.Pergunta e averíguale.añadí.

.Pensa que este cambiaformas é novo?.perguntou Dolph.

.Não.

.por que não?

.A primeira vez se troca durante a noite de lua enche. É muito logo para um novo. Embora poderia ser seu segundo ou terceiro mês, mas.

.Mas o que?

.Se ainda for um licántropo que não pode controlar-se, que arbusto indiscriminadamente, ainda poderia estar aqui. nos caçando.

Dolph jogou uma olhada à escuridão. Sustentou seu caderno e seu pluma em uma mão, mantendo a mão direita livre para sua arma. Era um movimento automático.

.Não se preocupe Dolph. Se fosse comer se a mais pessoas já teria pego ao Williams ou aos ajudantes.

Seu olhar percorreu a escuridão, logo voltou para mim.

.Então, o cambiaformas poderia controlar-se?

.Acredito que sim.

.Então, por que matar ao homem?

.por que se mata? Luxúria, avareza, raiva. .Encolhi-me de ombros.

.A forma animal é usada como arma assassina .afirmou Dolph.

.Sim.

9 Denominação que recebem as fadas na Irlanda.

.Estará ainda em sua forma animal?

.Isto foi feito por um metade homem metade animal, do tipo homem lobo.

.Um homem lobo.

Neguei com a cabeça.

.Não posso dizer que classe de animal é. O homem lobo tão somente era um exemplo. Poderia ser alguma classe de mamífero.

.Um mamífero?

.Por estas feridas, sim. Sei que há homens ave, mas não fazem esta classe de dano.

.Homens pássaro?

.Sim, mas não é o que fez isto.

.Alguma conjectura?

Agachei-me ao lado do corpo, observando-o. me legando seus secretos. Três noites depois, quando a alma tivesse abandonado seu corpo finalmente, poderia tratar de levantá-lo e averiguar quem o fez.

Mas não tinha garganta. Inclusive os mortos não podem falar se não terem a equipe apropriada.

.por que pensou Titus que isto era obra de ou urso? .perguntei.

.Não sei .Dolph o pensou durante um minuto.. lhe perguntemos.

É minha convidada.

Dolph inclinou a cabeça. Pareceu-me um pouco sarcástico. Se eu houvesse estado discutindo com o xerife durante horas, teria sido muito sarcástica.

.Venha Dolph. Não poderemos saber a menos que obremos bem agora.

.Se Titus tiver algo que dizer a respeito, poderemos.

.Quer que lhe pergunte ou não?

.Pergunta.

.Xerife Titus .chamei os homens que estavam esperando.

Olhou para baixo, a mim. Tinha tirado um cigarro mas ainda não o tinha aceso. Fez uma pausa com o acendedor a metade de caminho de sua boca.

.Quer algo Senhora Blake? .O cigarro oscilou em seus lábios quando falou.

.por que pensa que é o ataque de um urso?

Abriu a tampa de seu acendedor e agarrou o charuto sem acender de seu boca com a mesma mão.

.por que o quer saber?

Quis lhe dizer «responda a maldita pergunta», mas não o fiz. Ponto para mim.

.Por curiosidade.

.Isso não é de um gato montês. Um gato teria usado mais suas garras.

Arranhando-o mais.

.por que não um lobo?

.Animal de carga. Parece-me tão somente um animal.

Tive que estar de acordo com todo o dito.

.Acredito que estive nos ocultando informação, xerife. Parece saber muito sobre animais que não são originários desta zona.

.Vou de caça de vez em quando senhora Blake. Precisa conhecer os hábitos de sua presa se quer te embolsar alguma.

.Acreditou que era um urso por eliminação? .perguntei.

.poderia-se dizer assim. .Devolveu o charuto a sua boca. A ponta flamejou cintilando contra sua cara. Quando apagou o acendedor, a escuridão pareceu mais densa.

.O que pensa que é, senhora Perita? .O aroma de seu cigarro se propagou no ar frio.

.Cambiaformas.

Inclusive na escuridão pude sentir o peso de seu olhar. Fez voar uma baforada fantasmal de fumaça.

.Crie-.

.Sei que é assim .afirmei.

Fez um som agudo de chateio.

.Terrivelmente segura de você mesma, não?

.Se quer vir aqui embaixo, xerife. Mostrarei-lhe o que hei encontrado.

Vacilou para a seguir encolher-se de ombros.

.por que não? .Baixou a costa como um buldózer, suas pesadas botas levantavam esteiras de neve.

.Bem senhora Perita, me deslumbre.

.É você uma dor no culo, Titus.

Dolph suspirou soltando o fôlego em uma nuvem branca.

Titus pensou que era verdadeiramente gracioso, riu dobrando-se e dando-se palmadas na perna.

.É você realmente graciosa, senhora Blake. Agora, me mostre o que encontrou.

Fiz-o. Deu-lhe uma larga imersão a seu charuto. A ponta brilhou na escuridão.

.Espelho que não foi um urso depois de tudo.

.Não, não o era. .Não o ia discutir. Genial.

.Puma? .perguntou com alguma classe de esperança.

.Você sabe que não .me levantei com cuidado.

.Cambiaformas .acrescentou.

.Sim.

.Não há nenhum cambiaformas fora de controle neste condado há dez anos.

.A quantos matou? .perguntei.

.Cinco. .encheu-se os pulmões de fumaça e o soltou devagar.

.Perdi-me aquele caso .sacudi a cabeça.. Foi anterior a mim.

.Estava no colégio quando aconteceu?

.Sim.

Lançou seu cigarro sobre a neve e o afundou com a bota.

.Queria que fora um urso.

.Eu também .admiti.

CAPITULO 9

A noite era difícil, de uma fria escuridão. As duas da madrugada é uma hora desalentadora da noite, sem importar a estação. A meados de dezembro as duas é como o coração congelado de uma noite eterna. Ou possivelmente, estava simplesmente desalentada. A luz sobre a escada que conduzia até meu piso brilhava como uma lua capturada. Todas as luzes tinham uma qualidade esmerada. Ligeiramente irreal. Havia uma neblina no ar, como uma névoa pequena.

Titus me tinha pedido que ficasse se por acaso eles encontravam a alguém na zona. Era sua melhor opção para descobrir se a pessoa havia sido um licântropo ou algum imbecil inocente. A solução era cortar a mão para ver se havia pelagem dentro do corpo. Se te equivocava o que faria? Pedir perdão?

Havia marcas de licântropo que conduziam até a cena do crime. As cópias de gesso tinham sido feitas, e por minha sugestão, estavam sendo enviadas ao departamento de biologia da Universidade de Washington. Quase lhe tinha posto a direção do doutor Louis Fane. Ensinava biologia ali. Era um dos melhores amigos do Richard. Um tipo agradável. Um homem rato. Um intenso e escuro secreto que poderia lhe pôr em perigo se começava a lhe mandar impressões da garra de licântropo a ele. A direção ao departamento inteiro mais ou menos garantia que Louis o veria.

Tinha sido minha maior contribuição da noite. Ainda procuravam quando fui. Tinham minha busca. Se encontravam um humano nu na neve, podiam-me chamar. Embora se minha busca soava antes de que conseguisse dormir algo, ia estar muito cheia o saco.

Quando fechei a porta do carro, ouvi um eco. Uma segunda porta de carro se fechou de repente. Estava cansada, mas era automático inspecionar o pequeno estacionamento por aquele segundo carro. Irving Griswold estava quatro carros mais abaixo, metido em um agasalho impermeável laranja Day-Glo, com

um cachecol a raias atada ao redor do pescoço. Seu cabelo castanho formava um halo encrespado na zona calva. Os diminutos óculos redondos se posavam sobre um nariz de botão. Parecia alegre e inofensivo, mas também era um homem lobo. Parecia que era minha noite para isso. Irving era um repórter do The St. Louis Post-Dispatch. Qualquer historia sobre mim e Inc, Reanimators, pelo general, levava sua assinatura. Sorriu quando caminhou para mim. Simplesmente, um repórter amistoso de a vizinhança. Sim, seguro.

.O que quer, Irving?

.É esse o modo de saudar alguém que aconteceu as últimas

três horas em seu carro te esperando?

.O que quer, Irving? .Talvez se seguia repetindo a pergunta uma e outra vez, cansaria-o.

O sorriso se decoloró de sua pequena cara. Parecia solene e preocupado.

.Temos que falar, Anita.

.Será uma história larga?

Pareceu pensar durante um momento, logo afirmou.

.Poderia ser.

.Então vêm acima. Prepararei um pouco de autêntico café.

.Que diferença há entre o autêntico café e o café de imitação?

.perguntou.

Comecei a subir a escada.

.Prepararei-o em uma taça do Java, isso te fará crescer cabelo no peito.

Riu. Compreendi que tinha feito um trocadilho e não havia querido fazê-lo. Sei que Irving é um cambiaformas. Inclusive vi sua forma de lobo. Mas o tinha esquecido. Era um amigo e não parecia nada preternatural em forma sua humana.

Sentamo-nos na pequena mesa da pequena cozinha, bebendo a sorvos o café com nata de baunilha. Minha caçadora do traje estava colocada nas costas da cadeira da cozinha. Isso deixou minha arma e pistola do ombro expostas.

.Pensava que tinha uma entrevista esta noite, Blake.

.Tinha-a.

.Alguns têm entrevistas.

.Uma garota nunca pode ser muito cuidadosa.

Irving soprou sobre sua taça, bebendo-o a sorvos delicadamente. Seus olhos o tinham percorrido tudo, tomando nota. Dias depois seria capaz de descrever a habitação completamente, incluídos os Airs Nike e os meias três-quartos de correr que havia diante do sofá.

.O que acontece, Irving?

.Um café grandioso. .Esquivava meus olhos. Era um mau sinal.

.O que acontece?

.Há-te dito Richard algo sobre o Marcus?

.Sua líder de manada, verdade?

Irving pareceu surpreso.

.Disse-lhe isso?

.Inteirei-me esta noite que seu alfa se chama Marcus. Há uma guerra de sucessão que ainda continua. Marcus quer ao Richard morto. Richard diz que não lutará contra ele.

.Ah, já lutou contra ele, vale .disse Irving.

Isso me surpreendeu.

.Então por que não é o líder da manada Richard?

.Richard se voltou escrupuloso. Tinha-o, Blake, agarrava ao Marcus da garganta. .Irving sacudiu a cabeça.. Pensou que quando Marcus se recuperasse podiam falar, chegar a um acerto. .Fez um som grosseiro.. Seu noivo é um idealista.

Um idealista. Isso era quase quão mesmo tolo. Jean-Claude e Irving estavam de acordo. Não estão de acordo em muito.

.te explique.

.Pode subir na hierarquia da manada lutando. Vontades, sobe um degrau. Perde, fica onde está. .Tomou um comprido sorvo de café, os olhos fechados como se absorvesse a calidez.. Até que lutas por ser o líder da manada.

.me deixe adivinhar. Uma luta a morte.

.Sem morte, não há novo líder .disse.

Sacudi a cabeça, o café que tinha ante mim ainda seguia sem tocar.

.por que me diz tudo isto, Irving? por que agora?

.Marcus quer te encontrar.

.por que não me disse isso o mesmo Richard?

.Richard não quer que te implique.

.por que não? .Irving seguiu respondendo minhas perguntas, mas as respostas não ajudavam muito.

encolheu-se de ombros.

.Richard não cederá um centímetro para enlouquecer ao Marcus. Se Marcus dissesse negro, Richard diria branco.

.por que quer Marcus lombriga?

.Não sei .disse Irving.

.Sim, seguro.

.É verdade, Blake, não sei o que está ocorrendo. Um pouco muito grande se está formando, e ninguém me diz nada.

.por que não? É um cambiaformas.

.Sou também jornalista. Faz alguns anos cometi o engano de escrever um artigo. O licântropo com o que falei mentiui, disse que nunca deu-me permissão para lhe citar. Perdeu seu trabalho. Alguns em particular quiseram me jogar, também me deixaram perder meu trabalho. Se acurruco ao redor de sua grande taça de café. Recordando com olhos distantes.

.Marcus disse que não, que era mais valioso para eles como jornalista. Ninguém confiou realmente em mim após.

.Não é um grupo muito indulgente .disse. Bebi meu café e o encontrei frio. Se o bebia o bastante rápido, seria potável, apenas.

.Nunca perdoam e nunca esquecem .disse Irving.

Soava a um mau rasgo de caráter, mas era um de meus princípios fundamentais, com que não podia me queixar muito.

.Então Marcus te enviou aqui para falar comigo. Sobre o que?
.Quer te encontrar. Falar de uma espécie de negócio.
Levantei-me e preenchi minha taça. um pouco menos de açúcar esta vez.
Começava a despertar, francamente, da frustração.
.Lhe diga que venha a meu escritório.
Irving negou com a cabeça.
.Marcus é um excelente cirurgião. Sabe o que aconteceria houvesse algum indício do que é ele?
Podia entendê-lo. Podia ser um cambiaformas em alguns empregos.
Médico não era um deles. Ainda havia um dentista no Texas demandado por uma paciente. Dizia que tinha contraído a licantropia dele. Tolices.
Não se contagia das mãos humanas que tem na boca. Mas o caso não tinha sido descartado. A gente não tem muita compaixão por umas Pelotas peludas tratando a brilhante dentadura de seu menino.
.Bem, que envie a outro ao escritório. Certamente Marcus deve confiar em alguém.
.Richard proibiu que fiquem em contato contigo.
Só lhe olhei.
.Proibido?
Irving assentiu.
.Seriam degradados na hierarquia da manada se contatassem contigo e pusessem em perigo.
Comecei a sorrir e parei. Estava sério.
.Não brinca.
Fez uma saudação com três dedos.
.Honra de explorador.
.Como é que está aqui? Tentando subir na manada?
Empalideceu. De verdade da boa, empalideceu.
.Eu? Lutar com o Richard? Diabos, não.
.Então ao Richard não importasse que esteja falando comigo?
.Ah, sim lhe importará.
Franzi o cenho.
.Marcus vai proteger te?
.Richard deu uma ordem específica. Marcus não pode interferir.
.Mas te pediu que viesse para ver-me .disse.
.Sim.
.Então por que te arriscar a que Richard te rompa as costelas?
Irving sorriu abertamente.
.Pensei que me protegeria.
Ri-me.
.É um filho de puta.
.Talvez, mas te conheço, Blake. Você não gosta que Richard haja estado te escondendo coisas. Sem dúvida, você não gosta que te proteja. Além disso,

fui seu amigo durante anos. Não acredito que ficasse quieta enquanto você noivo me golpeia.

Irving me conhecia melhor que Richard. Não era um pensamento muito consolador. Tinha sido enganada por uma cara bonita e um simpático senso de humor? Não tinha visto o verdadeiro Richard? Neguei com a cabeça. Podia ter sido enganada por completo? Esperava que não.

.Tenho seu amparo? .Ainda sorria, mas havia algo em seus olhos. Medo, talvez.

.Necessita que o diga em voz alta para que seja oficial?

.Sim.

.Que é uma regra de licântropo clandestino?

.Uma delas .disse.

.Tem meu amparo, mas quero informação em troca.

.Disse-te que não sei nada, Blake.

.me conte como é ser um licântropo, Irving. Richard parece decidido a guardar o segredo. Eu não gosto de estar às escuras.

Irving sorriu.

.Ouvi isso.

.Pode ser meu guia no mundo peludo, e guardarei suas costas de Richard.

.De acordo.

.Quando quer Marcus reunir-se?

.Esta noite. .Irving teve a gentileza de parecer envergonhado.

Sacudi a cabeça.

.De maneira nenhuma. Vou à cama. Encontrarei-me com o Marcus amanhã, mas não esta noite.

Olhou seu café, as gemas dos dedos tocavam a taça.

.Quer que seja esta noite. .Elevou a vista para mim..por que crie que estive te esperando no carro?

.Não estou às ordens de cada monstro desta cidade. Inclusive não sei o que Cara Peluda quer me dizer. .Inclinei-me na cadeira e me cruzei de braços.. De maneira nenhuma vou sair esta noite para jogar com cambiaformas.

Irving se retorceu na cadeira fazendo girar a taça de café devagar sobre a mesa. Não olhava aos olhos outra vez.

.O que passa agora?

.Marcus me disse que fixasse uma reunião contigo. Se me negava, me faria. castigar. Se vier aqui, Richard se enche o saco. Estou apanhado entre dois varões alfa, e eu não gosto.

.Está me pedindo que te proteja do Marcus, assim como também de Richard?

.Não .disse, sacudindo a cabeça., não. É boa, Blake, mas não está aliada com o Marcus.

.Alegra-me ouvi-lo .disse.

.Encontrará-te com o Marcus esta noite?

.Se disser que não, estará em problemas?

Olhou fixamente seu café.

.Acreditaria que não?

.Não!

Olhou-me com seus olhos marrons muito sérios.

.Enfurecerá-se, mas viverei.

.Mas te fará mal. .Não era uma pergunta.

.Sim. .Essa única palavra tão suave, tão indecisa. Não parecia Irving.

.Verei-o com uma condição. Que esteja presente na reunião.

Sua cara floresceu com um sorriso que se estendeu de lado a lado.

.É uma amiga de verdade, Blake. .Toda a tristeza desapareceu, enrolada pelo atrativo brilho de averiguar que demônios estava ocorrendo. Inclusive tendo o culo metido profundamente entre jacarés, Irving era um jornalista. Era quem e o que era, mais que um licântropo.

O sorriso de por si, merecia uma reunião. Além disso, queria saber se Richard estava realmente em perigo. Uma reunião com o homem que o ameaçava era a única forma de averiguá-lo. Em realidade, não sou compassiva por alguém que ameaça a um de meus amigos. As balas de prata voltam mais lentos aos vampiros, a menos que possa lhe tirar a cabeça e o coração. As balas de prata matam a um homem lobo, sem segundas possibilidades, sem cura, só morte. Marcus poderia recordar isso. Se ele insistia, até poderia recordar-lhe

CAPITULO 10

Irving tinha chamado ao Marcus desde meu piso. De novo, Irving não sabia por que, tudo o que sabia era que Marcus lhe disse que chamasse antes de que fôssemos. Entrei em dormitório. Pendurei meu traje de .só limpeza em seco., e agarrei roupa para me trocar. Jeans negros, pulôver vermelho, Nikes negros com o logotipo azul, e meias três-quartos de verdade. Tinha abandonado os meias três-quartos de correr pela roupa diária uma vez que tinha começado o inverno.

Alcancei o volumoso pulôver verde que tinha deixado sobre a cama. Vacilei. Não era pelo fato de que o pulôver me fizesse parecer uma Árvore de Natal, ou e que pudesse não ser muito afresco para levar. Me importava isso nada. Debatia-me em se levar uma segunda arma. Um acessório de moda mais próximo e querido por meu coração que qualquer objeto.

Ainda não me tinha ameaçado nenhum licântropo, mas sim Gretchen, a vampira. Ela podia não ser um professor vampiro, mas andava perto. Além disso, a lembrança do poli me tirando meu Browning ainda estava fresco. Tinha muitos inimigos preternaturales para andar desarmada. Tirei meu colega de trabalho, Tio Mike, meu pistolera interior de calça. ajustava-se comodamente e não arruinava a linha de meu jeans, a menos que alguém olhasse de verdade.

Minha arma principal de reserva é uma 9 mm Firestar. Pequena, ligeira, bonita ao olhá-la, e podia levá-la em minha cintura e ainda ser capaz de me sentar. O pulôver pendurava a meia altura. A arma era invisível a não ser que me registrassem.

Tinha colocado a arma diante, lista para um acesso rápido.

Provavelmente não a necessitaria. Provavelmente.

O pulôver se avultava ao redor das correias da pistolera do ombro. Tinha visto às pessoas levar postas pistoleras de ombro debaixo de sudaderas ou jerséis avultados, mas perdia uns segundos andando a provas sob o tecido. É preferível lombriga menos na moda, e seguir viva. O pulôver era muito comprido para a caçadora de couro, assim que me coloquei o impermeável negro. Phillip Marlowe¹⁰ e eu. Não agarrei munição extra. Calculei que vinte e uma balas eram muitos para uma noite. Até deixei minhas facas em casa. Quase dissuado a meu mesma de levar a Firestar. Pelo general, não levava duas armas, até que tinham tratado de me matar. Encolhi-me de ombros. por que esperar? Se não a necessitava, sentiria-me tola manhã. Se a necessitasse, não me sentiria parva em absoluto.

10 Detetive privado fictício criado pelo Raymond Chandler em suas novelas.

Irving me esperava. Estava sentado no sofá como um menino bom.

Parecia um aluno ao que o professor tinha castigado na esquina.

.O que acontece?

.Marcus quer que te dê só a direção. Não me quer na

reunião. Disse-lhe que não iria sem mim. Que não confia nele. .Elevou a vista para mim.. Está bastante furioso.

.Mas manteve sua posição .disse.

.Sim.

.por que não parece feliz?

encolheu-se de ombros.

.Marcus de mau humor não é uma agradável experiência, Blake.

.Eu conduzirei, você só indica.

.Marcus disse que levássemos os dois carros, que teria que ficar depois da reunião para falar um pouco.

.Vamos, Irving, eu conduzo, você dá as indicações, e quando me parta, você te parte.

.Avaliação a oferta, Blake, mas não deseja ao Marcus enfurecido contigo.

.Se te proteger do Richard, também posso fazer o do Marcus.

Ele negou com a cabeça.

.Não, segue meu carro. .Levantou a mão.. acabou-se a discussão, Blake. Sou um homem lobo. Tenho que viver na comunidade. Não posso me permitir o luxo de me opor ao Marcus, não por uma pequena conversa. Queria discutir, mas não o fiz. Irving conhecia seus problemas melhor que eu. me opor ao Marcus pioraria as coisas, assim que o tinha deixado ir. Mas eu não gostava disto.

O Café Lunático estava situado na Cidade Universitária. Seu letreiro era uma meia lua acesa com o nome do restaurante realizado em suave néon azul. Exceto pelo nome e o letreiro engenhoso, o lugar não via-se muito distinto de todas as outras lojas e restaurantes do distrito do campus.

Era uma noite de sexta-feira e não havia estacionamento. Começava a pensar que Marcus teria que sair até meu carro quando um Empala granada escura saiu dos dois lugares que tinha estado ocupando. Meu Jipe entrou em um delas deixando a outra ao lado para um segundo carro. Irving esperava diante do restaurante. Suas mãos estavam colocadas até o mais fundo de seus bolsos. O ridículo cachecol quase arrastava pelo chão. Parecia distraído e para nada feliz.

Caminhei para ele com o impermeável agitando-se a mim ao redor como uma capa. Inclusive assim, a maior parte da gente não via a arma. Viam uma mulher pequena com um alegre pulôver de Natal. A gente via o que esperava ver a maior parte do tempo. Para os que levava a arma, a notariam, e saberiam que estava armada.

Irving empurrou a porta sem dizer uma palavra. Irving, calado? Não me gostava de vê-lo submetido, quase golpeado, como um cão ao que deram uma patada. Não me fazia simpatizar com o Marcus, e ainda não lhe conhecia. O ruído nos envolveu ao passar pela porta. Um murmúrio de vozes tão intensas que parecia o rumor do mar.

Os talheres de prata tilintaram, alguém riu alto e claro, como uma mão elevando-se sobre o ruído, para ser tragada outra vez e perdida. Havia uma barra ao longo de uma parede, a madeira escura polida, velha e carinhosamente cuidada.

O resto do espaço continha pequenas mesas redondas que podiam assentar comodamente a quatro pessoas aproximadamente. Cada assento estava ocupado, e ainda mais. aberto-se três entradas; uma ao lado de a barra, outra à direita, e uma mais no centro. Havia mais mesas colocadas nas salas mais pequenas.

A cafeteria tinha iniciado sua existência como a casa de alguém. Estávamos na sala de estar. Quão entradas conduziam às outras salas eram arcadas abertas, como se se tivessem derrubado umas quantas paredes. Inclusive assim, o lugar era claustrofóbico. A gente na barra esperava mesa. O lugar estava lotado de gente feliz, sorridente. Uma das mulheres da barra nos aproximou, limpando-as mãos em um pano remetido no laço de seu avental. Dedicou-nos uma ampla sorriso de bem-vinda. Tinha um par de menus em uma mão. Comecei a dizer que não necessitamos... quando Irving me agarrou por braço. A tensão vibrava através de sua mão.

Tinha-me agarrado do braço direito. Girei-me para lhe dizer que não fizesse isso, mas o gesto de sua cara me deteve. Contemplava à mulher sorridente como se lhe tivesse crescido uma segunda cabeça. Voltei-me fazia a mulher, e a olhei. Olhei-a de verdade.

Era alta, magra, com o cabelo comprido e liso, de um favorecedor castanho avermelhado que brilhava sob as luzes. Sua cara era um suave triângulo, com uma queixo talvez um pouco afiada, mas em geral, era atrativa. Seus olhos eram de um estranho marrom âmbar que emparelhava perfeitamente com seu cabelo.

Seu sorriso se alargou, só uma elevação da comissura dos lábios. Reconheci o que estava olhando. Licántropo. Um que poderia passar por humano. Como Richard.

Percorri a habitação com o olhar, e compreendi por que se sentia tão tenso. Não era só pela multidão. A maioria das pessoas felizes e sorridentes eram cambiaformas. Suas energias fluíam no ar como o peso de uma tormenta. Tinha pensado que a multidão era buliçosa, muito ruidosa, mas eram os cambiaformas. Sua energia bulia e carregava a sala, disfarçando-se como se fora a energia de qualquer multidão. Enquanto estava na porta, uma cara se elevou observando aqui e ali. Uns olhos

humanos me olharam, mas o olhar não o era.

O olhar estava avaliando, examinando. Como de dura era?

Como de saborosa seria? Recordou-me como Richard tinha estado olhando a multidão no Fox. Parecia um frango em uma convenção de coiotes. De repente me senti contente de levar minha segunda arma.

.Bem-vindos ao Café Lunático, Sra. Blake .disse a mulher.. Sou Raina Wallis, a proprietária. Se me acompanhar. Sua festa a espera .disse todo isso com um sorriso e um brilho quente em seus olhos. O agarre pelo Irving em meu braço era quase doloroso.

.Isso é meu braço direito .lhe disse lhe sussurrando enquanto me aproximava dele.

Piscou. Seus olhos observaram a Browning e deixou de me agarrar.

.Sinto-o .resmungou.

Raina se aproximou mais. Irving se estremeceu.

.Não morderei, Irving, ainda não.

Emitiu uma risada baixa, íntima e borbulhante. A classe de risada usada em os dormitórios e nas piadas privadas. A risada deu a seus olhos e corpo um ar diferente. De repente pareceu mais voluptuosa, mais sensual que fazia um segundo. Bastante estranho.

.Não deveriam fazer esperar ao Marcus. .deu-se a volta e começou a deslizar-se entre as mesas.

Joguei uma olhada ao Irving.

.Quer me dizer algo?

.Raina é nossa fêmea alfa. Se o castigo for ser realmente mau, será ela quem o leve a cabo. É muito mais criativa que Marcus.

Raina nos fez gestos sob a arcada próxima à barra. Seu encantador rosto franzia o cenho, parecendo um pouco menos encantadora, e muito mais maliciosa.

Acariciei seu ombro.

.Não deixarei que te faça mal.

.Não pode evitá-lo.

.Já veremos .respondi.

Ele assentiu, mas como se não me acreditasse. Seguiu-a por entre as mesas.

Segui-lhe. Uma mulher tocou sua mão quando passou por diante. Concedeu-lhe um sorriso. Era de meu tamanho, e elegante, com um corte reto em seu cabelo negro que lhe emoldurava o rosto como encaixe negro. Irving roçou seus dedos e seguiu andando. Seus grandes olhos escuros se encontraram com meus.

Não me disseram nada. Tinham-lhe sorrido ao Irving; para mim eram indiferentes. Como os olhos de um lobo que tinha visto uma vez em Califórnia. Estava passeando ao redor de uma árvore e ali havia estava parado. Nunca tinha entendido de verdade o que significava indiferente até esse momento. Aqueles pálidos olhos me contemplaram, esperando. Se ameaçava-lhe, atacaria. Se o deixava em paz, iria. Era minha opção. Ao lobo

importava-lhe uma mierda o resultado.

Segui andando, mas meus ombros formigavam. Sabia que se me girava, seus olhos estariam sobre mim, em nós. O peso de seu olhar fixo era físico.

Senti o impulso de me girar e tirar a língua, mas lutei com ele.

Tinha a impressão de que todos me contemplavam com indiferentes olhos desumanos, e não queria vê-lo.

Raina nos conduziu até uma porta fechada atrás do comilão. A

empurrou para abri-la e nos fez gestos ondeando teatralmente um braço.

Irving só a transpassou. Eu a transpassei, mas mantive os olhos fixos nela.

Estava o suficientemente perto como para que pudesse me abraçar. O suficientemente perto para que, com seus reflexos, pudesse me agarrar.

Os licântropos são mais rápidos que um humano normal. Não são jogos mentais como com os vampiros. Simplesmente, são melhores. Sem embargo, não estava segura quanto melhor em sua forma humana. Olhei a cara sorridente da Raina, não estava segura que querer averiguá-lo.

Passamos a um corredor estreito. Havia uma porta a cada lado, uma representava a fria noite através de sua vidraça, a outra fechada, um signo de interrogação.

Raina fechou a porta detrás de nós, apoiando-se sobre ela.

Pareceu sofrer um colapso, como se se dirigisse a um enforcamento, derramando seu cabelo para diante.

.Está você bem? .perguntei.

Tomou um profundo fôlego; trêmulo, e elevou a vista para mim.

Fiquei sem fôlego. Não poderia me ajudar a mim mesma.

Era muito belo. Seus maçãs do rosto eram altos e esculpidos. Seus olhos mais amplos e mais centrados naquela cara. Parecia a que podia ter sido sua irmã, um parecido familiar, mas não a mesma pessoa.

.O que fez você?

Emitiu essa risada íntima de dormitório, outra vez.

.Sou a alfa, Sra. Blake. Posso fazer muitíssimas coisas que a maioria de cambiaformas não podem.

Estava disposta a apostá-lo.

.Você removeu os ossos a propósito, como em uma cirurgia plástica que se faz a si mesmo.

.Muito bem, Sra. Blake, muito bom. .Seus olhos marrons âmbar relampejaram para o Irving. O sorriso abandonou sua cara.

.Ainda insiste em estar na reunião?

.Sim, faço-o.

Seus lábios se franziram, como se tivesse provado algo ácido.

.Marcus disse que perguntasse, e que depois os levasse. .Se encolheu de ombros e se separou da porta. Era uns centímetros mais alta que antes. Lamentava não lhe haver emprestado mais atenção a suas mãos.

Tinham trocado também?

.por que esculpe seu corpo? .perguntei.

.A forma anterior é a do dia. Esta é a real.

.por que o disfarce?

.Se por acaso tivesse que fazer algo malévolo .disse ela.

Malévolo?

Caminhou majestuosamente corredor abaixo para a outra porta fechada.

Seu andar era deslizante, um movimento atlético como o de um grande felino.

Ou seria um grande lobo?

Bateu na porta. Não ouvi nada, mas a abriu. Aguardou ali, com os braços cruzados sobre o estômago, embalando os peitos, sorrindo.

Começava a não me gostar dos sorrisos da Raina.

A habitação era uma sala para banquetes com mesas cobertas de tecido e agrupados em forma de ferradura. Uma plataforma elevada com quatro cadeiras e um suporte de livro fechavam a boca da ferradura. Dois homens estavam de pé na plataforma. Um meia ao menos um metro oitenta, magro, mas musculoso como um jogador de basquete. Seu cabelo negro muito curto, fazia jogo com um bigode fino como um dedo e barba de cabrito. Estava quieto, agarrando com uma mão a boneca da outra. A atitude de esportista. A postura de guarda-costas.

Tinha posto uns jeans negros muito rodeados, e um pulôver negro com um desenho negro que se ajustava a seus amplos ombros.

Sobressaía-me uma franja de escuro cabelo de seu peito, justo por cima do decote. Umas ornamentadas botas negras de vaqueiro e um maciço relógio completavam sua aparência de tipo rude.

O outro homem não media mais de um e setenta e cinco. Seu cabelo era de esse curioso tom de loiro com reflexos castanhos quando lhe dá a luz, mas que ainda consegue ser loiro. O cabelo era curto, mas com estilo e secagem com secador, teria ficado bonito se fosse um pouco mais largo. Sua cara quadrada estava bem barbeada, com uma covinha no queixo. A covinha

deveria fazer a cara mais graciosa, mas não o fazia. Era uma cara autoritária. Aqueles finos lábios estavam constituídos para asseverar; por meu caminho, se não...

Levara posta uma caçadora de linho azul claro com calças negros. Um pescoço voltado azul claro fazia jogo com a caçadora à perfeição, completando o traje. Seus sapatos eram negros, polidos com acabado acetinado.

Tinha que ser Marcus.

.Alfred. .Uma única palavra, mas era uma ordem. O homem mais grande desceu de um salto da plataforma. Saltando, com um movimento elegante. deslizava-se sob uma nuvem de sua própria energia. Ondeava e bulia a seu redor mais ou menos como o calor que se eleva do pavimento. Não podia vê-lo simples vista, mas seguro podia senti-lo.

Alfred me aproximava como se tivesse um objetivo. Coloquei meu costas contra a parede, mantendo a Raina à vista, igual à todos outros. Irving retrocedeu comigo. mantinha-se um pouco afastado de todos, mas mais perto de mim que de ninguém.

Apartei o impermeável, então a arma se mostrou claramente.

.Será melhor que suas intenções sejam amistosas, Alfred.

.Alfred .disse o outro homem. Uma só palavra, até o tom parecia o mesmo, mas esta vez Alfie deteve seu trajeto. Aguardava, com a vista cravada em mim. Seus olhos não eram indiferentes, eram hostis. À gente, pelo general, não lhe desagradou à vista. Mas ouça, tampouco estava muito excitada por ele.

.Não a atacamos, Sra. Blake .disse Marcus.

.Sim, seguro. Alfie, aí, é violência contida em movimento. Quero saber quais são suas intenções antes de que se aproxime mais.

Marcus me olhou como se tivesse feito algo interessante.

.Uma descrição muito acertada, Sra. Blake. Então, pode ver nossas auras?

.Se for assim como quer chamá-lo .disse.

.As intenções do Alfred não são hostis. Somente a revistarão procurando armas. É o procedimento habitual para os que não são como nós. Não é nada pessoal, lhe asseguro.

O simples feito de que não me quisessem armada me fez desejar manter minhas armas. Chama-o teima, ou forte instinto de sobrevivência.

.Possivelmente esteja de acordo em que me reviste, se primeiro me explicar por que estou aqui. .Evasivas, até que pudesse decidir o que fazer.

.Não falamos de negócios diante da imprensa, Sra. Blake.

.Bem, não penso falar com você sem ele.

.Não porei em perigo a todos para satisfazer por pura curiosidade.

.Ainda estava de pé na plataforma, como um general inspecionando a suas tropas.

.A única razão pela que estou aqui é porque Irving é um amigo. lhe insultar não vai ganhar minha simpatia.

.Não desejo ganhar sua simpatia, Sra. Blake. Desejo sua ajuda.

.Você quer minha ajuda? .Não tentei ocultar a surpresa em meu voz.

Assentiu brevemente.

.Que tipo de ajuda?

.Ele deve partir.

.Não .disse.

Raina se separou da parede e asechó a nosso redor, apenas fora de alcance, mas nos rondando como um tubarão.

.O castigo do Irving poderia começar agora. .Sua voz soou baixa e

ofegante.

.Não sabia que os lobos ronronassem .disse.

Ela riu.

.Os lobos fazem muitas coisas, das que estou segura que é consciente.

.Não sei o que quer dizer.

.Ah, a ver, de mulher a mulher. .Apoiou um ombro contra a parede, os braços cruzados, a cara amistosa. Apostava que podia morder meu dedo e sorrir tudo ao mesmo tempo.

aproximou-se, como se compartilhássemos segretos.

.Richard está tão bom como parece, verdade?

Cravei o olhar em seus olhos divertidos.

.Eu não beijo e o conto.

.Contarei-lhe meu suculento bocado, se você me contar o seu.

.Raina, basta. .Marcus tinha avançado até o bordo do soalho.

Não parecia contente.

Dedicou-lhe um sorriso aborrecido. Lhe incomodava mais que eu, e o desfrutava muitíssimo.

.Irving deve partir, e Alfred deve lhe tirar as armas. Não se negociam esses dois pontos.

.Farei um trato .disse.. Irving parte agora, mas se vai a casa.

Sem castigo.

Marcus sacudiu a cabeça.

.decretei que seja castigado. Minha palavra é a lei.

.Quem morreu e lhe fez rei?

.Simon .disse Raina.

Pisquei.

.Lutou e matou ao Simon. Esse é quem morreu e o que lhe fez ser líder da manada.

Faz uma pergunta tola...

.Quer minha ajuda, Irving se vai livre e ileso. Sem castigo.

.Não faça isto, Anita .disse Irving.. Só piorará as coisas.

Raina permaneceu apoiada a meu lado. Simplesmente, uma conversa de menina pequena.

.Tem razão, e você sabe. Agora mesmo é meu brinquedo, mas se faz que Marcus realmente se encha o saco, o dará ao Alfred. Torturarei seu mente e seu corpo. Alfred lhe destroçará animicamente.

.Irving se vai, sem castigo. Fico e sotaque que Alfred me reviste. Se não, vamos.

.Não nós, Sra. Blake. Você é livre de ir-se, mas Irving é meu. ficará, e com ou sem você, aprenderá a lição.

.O que tem feito? .perguntei.

.Isso é nosso assunto, não dele.

.Não vou ajudar lhe a fazer nenhuma mierda.

.Então vá-se. .Saltou elegantemente da plataforma, e dirigiu seus passos para nós enquanto falava.: mas Irving fica. Você estará entre nós só por esta noite. Ele deve viver conosco, Sra. Blake. Ele não pode permitir-se sua fanfarronice.

A última frase lhe levou justo detrás do Alfred. Em um primeiro plano, tinha linhas finas ao redor dos olhos e da boca, flacidez na pele do pescoço e as mandíbulas. Acrescentei dez anos a sua idade. Uns cinqüenta.

.Não posso deixar ao Irving aqui sabendo o que lhe fará.

.Ah, você não tem nem idéia do que lhe faremos .disse Raina..

Curamo-nos tão bem.

separou-se da parede e caminhou para o Irving. Passeou a seu redor em um estreito círculo, ombro, quadril, roçando contra ele, aqui e lá quando movia-se.

.Inclusive os mais fracos dos nossos podem agüentar muitíssimo danífico.

.O que quer você para garantir a segurança do Irving? . perguntei.

Marcus me olhou, sua cara cautelosa, neutra.

.Prometa nos ajudar, e deixe ao Alfred registrá-la. É meu guarda-costas. Deve lhe deixar fazer seu trabalho.

.Não posso prometer lhe ajudar sem saber que necessita.

.Então não temos nenhum trato.

.Anita, posso agüentá-lo, independentemente do que façam.

Posso agüentá-lo. Tenho-o feito antes.

.Pedi-me que te protegesse do Richard, só chamemo-lo um acordo global que implica concessões mútuas .disse.

.Pedi-lhe amparo? .Raina se afastou dele, a surpresa fazia seu cara francamente bonita.

.Só contra Richard .disse Irving.

.É inteligente .disse Raina., mas isso tem certas implicações.

.Não é membro da manada. Só sorte efeito no Richard porque saem juntos .disse Irving. Parecia um pouco preocupado.

.Que implicações? .perguntei.

.Pedir amparo a membros da manada é reconhecer que pertencem a uma fila superiora sem necessidade de lutar contra eles. Se derem seu amparo, então consentiram lhes ajudar a lutar em suas batalhas.

Se são desafiados, você está obrigada por honra a lhes ajudar .respondeu Marcus

Joguei uma olhada ao Irving. Parecia doente.

.Não é uma dos nossos. Não pode fazê-la cumprir a lei.

.Que lei? .perguntei.

.A Lei da manada .disse Marcus.

.Perco o direito a seu amparo .respondeu Irving.

.Muito tarde .respondeu Raina.

.Você nos coloca em um dilema, Sra. Blake. Um membro da manada a reconheceu como de mais alta fila que ele. Reconhecendo-a como dominante. Segundo nossas leis devemos aceitar isso como um compromisso.

.Não posso ser membro da manada .disse.

.Não, mas você pode ser dominante.

Sabia o que a palavra significava no mundo real. Marcus a usava como se significasse algo mais.

.O que significa ser dominante?

.Significa que você pode manter-se como a protetora do Irving contra todos os participantes.

.Não .disse Irving. Passou roçando a Raina e se deteve ante o Marcus. manteve-se de pé e lhe olhou fixamente aos olhos. Essa não era uma demonstração total.

.Não lhe deixarei me usar para isso. É o que pretendia do princípio. Sabia que lhe pediria amparo contra Richard. Contava com isso, enganou-nos, é um bastardo presumido.

Um grunhido baixo saiu de entre os perfeitos dentes do Marcus.

.Eu cuidaria minha língua se fosse você, cachorrinho.

.Se isso lhe ofender, eliminarei-o. .As primeiras palavras do Alfred não eram acolhedoras.

Isto se estava descontrolando.

.Irving está sob meu amparo, Alfred. Se hei entendido a lei. Você tem que passar por cima de mim para fazer machuco ao Irving, correto? Alfred girou seus frios e escuros olhos para mim. Assentiu.

.Se você me matar, então não poderei ajudar ao Marcus.

Isso pareceu deixar perplexo ao tipo grande. Genial, confundindo a meus inimigos.

Marcus sorriu.

.encontrou um defeito em minha lógica, Sra. Blake. Se realmente tem intenção de proteger ao Irving, pela lei escrita, então você, por suposto, morreria. Nenhum simples humano poderia resistir a um de nós. Inclusive o mais inferior a mataria.

Deixei ir aquele comentário. por que discutir quando estava ganho de todos modos?

.Já que você não pode aceitar desafios, e não nos deixará machucar a Irving, está seguro.

.Genial, agora o que?

.Irving se pode ir, e não será prejudicado. Você fica e escuta nossa petição. Pode decidir nos ajudar ou não, Irving não sofrerá por seu eleição.

.Isso é muito generoso de sua parte.

.Sim, Sra. Blake, é-o. .Havia um olhar muito sério em seus olhos.

Raina podia jogar a sádicos jogos. Alfred podia fazer mal por um arrebato ansioso. Mas para o Marcus, isto era só negócio.

Era o chefe da turma peluda.

.nos deixe, Irving.

.Não a abandonarei.

Marcus se girou para ele com um grunhido.

.Minha paciência não é infinita!

Irving caiu de joelhos, a cabeça se inclinou, a coluna vertebral encurvada humildemente. Era uma demonstração total. Agarrei ao Irving do braço e o levantei.

.te levante, Irving. O agradável homem lobo não te vai fazer mal.

.E por que, Sra. Blake?

.Porque Irving está sob meu amparo, se Alfred não pode lutar contra mim, então você, seguro como o inferno, que não pode.

Marcus jogou para trás a cabeça, e emitiu uma risada aguda, como um latido.

.Você é inteligente e valente. Rasgos que nós admiramos. .

A risada morreu em sua cara, permanecendo em seus olhos como um sonho agradável.

.Não me desafie muito abertamente, Sra. Blake. Não seria são.

A última risada morreu em seus olhos. Fiquei olhando fixamente esses olhos humanos, mas não havia ninguém ali com quem lhe falar. Parecia um ser humano, falava como um ser humano, mas não o era.

Cravei meus dedos no ombro agasalhado pelo agasalho impermeável do Irving.

.Continua, Irving. Sal daqui.

Tocou meu braço.

.Nunca te abandonaria em um lugar perigoso.

.Estou segura esta noite, você não. Agora vete, por favor, Irving.

Observei a luta em sua cara. Mas finalmente, depois de outro olhar furiosa do Marcus, partiu. A porta se fechou e fiquei a sós com os três homens lobos. Descemos de quatro. A noite melhorava.

.Alfred a revistará agora.

Quanto por volta da noite melhorando.

.Então faça-o .disse.

Mantive-me em pé. Não elevei os braços. Não me apoiei contra a parede.

Não ia ajudar lhe, não a menos que o pedisse.

Tomou a Browning, depois aplaudiu meus braços, pernas, até a parte baixa de minhas costas. Não aplaudiu a parte dianteira de meu corpo. Talvez era um cavalheiro, ou talvez só era descuidado. Por isso fora, se esqueceu a Firestar. Tinha oito balas de prata e não sabiam. A noite melhorava.

CAPITULO 11

Marcus tomou assento na plataforma. Alfred permaneceu detrás de ele como um bom guarda-costas.

.Uma se a nós Sra. Blake. Talvez tenha que suportar uma larga reunião.

Não queria me sentar com o Alfred a minhas costas assim que me dirigi à última cadeira. A cadeira vazia entre nós parecia insocial, mas estava fora do alcance do Alfred. Segurança antes que bons maneiras.

Raina se sentou à direita do Marcus, colocou a mão em seu joelho.

Marcus se sentou da mesma forma como o fazia tudo, rígido. Postura que tivesse feito a minha tia Mattie sentir-se orgulhosa. Mas não retirou a mão da Raina. De fato, colocou a sua sobre as dela. Amor?

Solidariedade? Não me pareciam um casal compatível.

Uma mulher apareceu pela porta. O cabelo loiro talhado com estilo, mantido em seu lugar com gel. Levava um traje vermelho com tons rosados, como uma pétala de rosa. A blusa branca tinha um desses laços soltos que faziam parecer feminino o traje, e um pouco parvo.

.Christine, que bem que tenha vindo .disse Marcus.

A mulher assentiu e tomou assento ao final da ferradura que formavam as mesas perto da plataforma.

.Que opção ténia? Que opção deu a qualquer de nós? .perguntou.

.Devemos ter um frente unido nisto, Christine.

.Enquanto você esteja a cargo, verdade?

Marcus começou a dizer algo mais, mas a audiência ia crescendo.

As pessoas passavam lentamente pela porta de um em um, de dois em dois, de três em três. Deixou passar a discussão. Podiam discutir depois e apostava que o fariam. A recriminação da mulher parecia antigo.

Reconheci a uma pessoa. Rafael, o rei rato. Era alto, moreno e bonito; com o curto cabelo negro, fortes rasgos mexicanos e uma expressão arrogante. Parecia tão rígido como Marcus, exceto pelos lábios. Eram suaves e sensuais, arruinavam um pouco o efeito.

Rafael me saudou com a cabeça. E lhe devolvi o gesto. Levava a dois homens ratos em forma humana com ele. Não reconheci a nenhum dos dois.

Havia quase uma dúzia de pessoas sentadas nas mesas quando Marcus ficou em pé e caminhou para o pódio.

.meus amigos, reuni-os aqui para que conheçam a Anita

Blake. Os vampiros a chamam a Executora. E acredito que ela pode nos ajudar.

.O que pode fazer uma caçadora de vampiros por nós? .Isto

perguntou-o um homem alto que estava sentado sozinho, com cadeiras a ambos lados que serviam de paredes. Tinha o cabelo curto grisalho, com um corte tipo Minha Farrow nos sesentas, mas mais suave. Levava camisa branca, gravata rosa pálido, caçadora branca e calças cor nata. Parecia o simpático bom homem com dinheiro. Mas tinha um ponto a seu favor. .Não necessitamos que um humano nos ajude. .Isto o disse um homem que estava sentado junto a outro. Tinha o cabelo curto, por cima do pescoço, tão encaracolado que parecia pelagem, ou talvez. Nah. Tinha sobrancelhas grossas sobre olhos escuros, com rasgos sérios e sensuais. Os lábios do rei rato podiam parecer besables, mas este homem parecia feito para fazer coisas perversas em lugares escuros.

A roupa combinava com sua cara. As botas, que tinha posto sobre a mesa, eram de um suave couro aveludado. As calças eram de couro brilhante. A escassa camisa que levava não tinha mangas e deixava uma boa parte superior do corpo ao descoberto. O braço direito estava coberto com tiras de couro do cotovelo até os dedos. Os nódulos tinham puas se sobressaindo deles. O pêlo do peito era tão encaracolado e escuro como o do cabelo. Um casaco negro estava atirado sobre uma mesa a seu lado.

A mulher a sua direita esfregou sua bochecha ao longo daquele ombro como se um fora um gato marcando-o com seu aroma. O comprido cabelo escuro formava ondas sobre os ombros. Por isso podia ver de seu traje era ajustado, negro e principalmente de couro.

.Aqui somos humano, Gabriel .disse Marcus.

Gabriel fez um ruído grosseiro

.Crie o que queira Marcus. Mas sabemos o que somos e o que ela não é. .Assinalou-me com o punho enluvado. Não parecia um gesto particularmente amistoso.

Rafael ficou de pé. O gesto deteve a discussão. Havia algo na forma em que se mantinha de pé, com sua ordinária roupa de rua, que lhe fazia olhá-lo como se levasse posta uma coroa. Sua presença era mais dominante que o de levar uma tonelada de couro negro. Marcus fez o mais desço dos grunhidos. Muitos reis nesta habitação.

.Fala Marcus pela Anita Blake como fala pelos lobos?

.Se .disse Marcus.. Falo pela senhora Blake.

Pu-me de pé.

.Não sei o que está acontecendo aqui, mas posso falar por mim mesma.

Marcus se giro como uma pequena tormenta loira.

.Sou o líder da manada. Sou a lei.

Alfred se moveu para me enfrentar, flexionando suas grandes mãos.

.te acalme cara peluda. Não é minha líder e não sou membro da manada.

Alfred se adiantou. Saltei fora da plataforma. Tinha minha arma, mas

talvez a necessitaria depois. Se a usava agora, poderia não tê-la para mais tarde. Saltou da plataforma, um salto alto como se tivesse um trampolim do qual saltar. Deixei-me cair ao chão e rodei. Sentia o ar de seu passo. Acabei contra a plataforma. Tentei agarrar a Firestar e já estava sobre mim. Mais rápido que uma bala, mais rápido que algo que tivesse visto antes.

As mãos me sujeitaram pela garganta e apertaram. Os lábios retrocederam ante os dentes e fez um grunhido, como o som que fizesse um Rottweiler.

Minha mão estava na Firestar, mas ainda tinha que levantá-la, apontar e atirar do gatilho. Nunca o obteria. Rasgaria-me a garganta antes de que pudesse fazê-lo.

Levantou-me usando minha garganta como uma asa. Os dedos apertavam o suficiente para me fazer sentir sua força. Tudo o que tinha que fazer era apertar o punho e minha garganta ficaria nele. Mantive minha mão na Firestar. Aferraria a ela quando morrera.

.Acaso Alfred briga suas batalhas agora? .Era Christine, a dos laços.. Os líderes de manadas devem combater pessoalmente todos os desafios ou perdem a liderança. É uma de suas leis, Marcus.

.Não me diga quais são minhas regras, mulher.

.Desafiou sua autoridade sobre ela, não a do Alfred. Se o arbusto será acaso o novo líder da manada? .Havia um ligeiro tom de brincadeira em seu voz.

.Libera-a Alfred.

Os olhos do Alfred se fixaram no Marcus e depois em mim. Os dedos esticaram-se e se incrustaram me levantando até estar nas pontas dos pés.

.Disse que a deixasse ir!

Soltou-me. Retornei me cambaleando contra a plataforma e meu saque Firestar com um movimento. Não foi bonito, mas a arma estava fora e apontando ao Alfred. Se me punha a prova de novo o ia matar e ia a desfrutar.

.Pensei que tinha revisado que não estivesse armada .disse Marcus.

.Fiz-o .disse Alfred afastando-se e sustentando as mãos diante dele para acautelar um golpe.

Escapuli-me pela plataforma mantido vigiado ao Marcus.

Vislumbre a Raina ainda sentada, olhando divertida.

Afaste-me de todos, tentando pôr uma parede detrás de mim. Se Marcus era mais rápido que Alfred, necessitava distância, como 150 km, mas tinha que me conformar com a parede mais longínqua.

.Que a desarmamento. disse Raina. Estava sentada aí, com as pernas cruzadas, as mãos repousando sobre os joelhos e sorrindo.. Foi um descuido do Alfred, deixa que o corrija.

Marcus assentiu, Alfred me olhou.

Pressione minhas costas mais solidamente contra a parede, como se pudesse fazer uma porta se pressionava o suficientemente forte. Alfred asechó em minha direção, lentamente, como um maníaco cinematográfico. Apontamento a arma a seu peito.

.Matarei-o .disse.

.Suas pequenas balas não podem me ferir .disse Alfred.

.Uma ronda do Glaser Safety11 banhadas em prata .disse., faria um buraco em seu peito o suficientemente grande para passar um punho a través dele.

Vacilou.

.Posso me curar de qualquer ferida, inclusive as de prata.

.Não se for um tiro mortal .disse.. Tiro-te o coração e está morto.

Olhou de novo ao Marcus. Tinha a cara contraída pela fúria.

.Deixa-a trazer uma arma entre nós.

.Se te der medo à arma, Marcus, quítasela você mesmo .Christine falou de novo, só que esta vez não estava segura de se me estava ajudando.

.Não pretendemos machucá-la, senhora Blake, mas prometi aos demais que não viria armada. Dava minha palavra. Se der sua arma ao Alfred, isto terminará.

.De maneira nenhuma.

.Está-me desafiando, senhora Blake. Não posso deixar que ninguém ponha em dúvida minha autoridade.

deteve-se ao final da plataforma, mais perto de mim. Estava mais perto de mim que Alfred. Não estava segura de que fora uma melhora.

.Desça desse cenário e lhe dispararei.

.Alfred. .Simplesmente o nome, outra vez, mas foi suficiente.

Alfred subiu junto a ele, com os olhos na cara do Marcus.

.Professor?

.Quítasela Alfred. Não pode nos desafiar.

.vais fazer que o matem, Marcus.

.Não acredito.

Alfred deu um passo à frente, diante do Marcus. Seu rosto estava neutro e os olhos ilegíveis.

.É uma maneira estúpida de morrer, Alfie.

.Ele dá as ordens. Eu obedeço. Assim são as coisas.

.Não o faça .disse.

Alfred deu um passo para diante.

Respire acalmada e pausadamente. Tinha sentido periférico de todos outros, mas olhava só ao Alfred, um ponto no centro de seu peito.

.Não estou alardeando.

11 Tipo de munição.

esticou-se, soube que ia fazer o. Confiava em que poderia mover-se mais rápido do que eu poderia apertar o gatilho. Nada era tão rápido. Isso esperava.

Deu um amplo salto e rodou, usando o mesmo salto que tinha feito antes. Apoiei-me em um de meus joelhos, apontando enquanto me movia. A bala lhe acertou no ar. Avançou dando tombos e se desmoronou no chão.

O disparo ecoou no silêncio. Pu-me em pé, lhe apontando ainda com a arma. Aproximei-me. Ele nunca se moveu. Se respirava, não podia vê-lo. Ajoelhe-me até que minha arma lhe tocou a coluna vertebral. Nenhum movimento. Procurei o pulso no pescoço. Nada. Tirei-lhe a Browning de a esquerda do cinturão. Mantive a Firestar pontudo a todo mundo. Não era tão boa com a mão esquerda mas não queria perder tempo trocando de mão.

Marcus desço da plataforma.

.Não o faça .grite. congelou-se e me olhou. Parecia surpreso, como se tivesse pensado que não o faria.

Rafael se moveu através das mesas.

.Posso revisá-lo?

.É obvio. .Mas retrocedi, teoricamente, fora de seu alcance.

Rafael o deu a volta. O sangue tinha formado um atoleiro no chão do buraco no peito. Brilhantes linhas cor carmesim lhe saíam pela boca e se mesclavam com a barba. Não tão rápido como uma bala depois de tudo.

Marcus me olhou por cima do corpo. Tinha esperado ver cólera, mas tudo o que vi foi dor. entristeceu-se pelo falecimento do Alfred. Pude ter acionado o gatilho, mas ele tinha empurrado ao Alfred a isto. Soube, soube. Todos sabíamos.

.Não tinha que matá-lo . disse brandamente.

.Não me deixou outra opção .lhe respondi.

Olhou o corpo do Alfred, depois a mim.

.Não, suponho que não. Matamo-lo juntos, seu e eu.

.Para que saiba no futuro, para que não haja outro mal-entendido entre nós, Marcus. Nunca alardeio.

.Isso disse.

.Mas não me creíste.

Observou como o sangue se disseminava pelo chão.

.Agora te acredito.

CAPITULO 12

Mantivemos o corpo no chão. A velha pergunta persistia. O que fazíamos com o corpo? Teve uma resposta tradicional.

.Chamarei à polícia .disse.

.Não .disse Marcus.

Essa única palavra tinha mais força que tudo o que havia dito antes de que Alfred golpeasse o chão.

.Está morto camaradas. Se lhe tivesse disparado com uma bala normal tivesse sido capaz de curar-se mas era uma de prata. Temos que chamar à polícia.

.Está tão disposta a ir a prisão? .Isso veio do Rafael.

.Não quero ir a prisão, mas o matei.

.Acredito que teve um pouco de ajuda com isso .Christine se havia movido a nosso lado. Permanecia em pé com o traje de pétala de rosa, com as cômodas sapatilhas negras, olhando abaixo, para o corpo. Uma linha de sangue se escoou para os sapatos. Viu-a serpenteando para ela. Não se tinha tirado do caminho. O sangue se apressou ao redor da ponta do sapato e tinha seguido seu caminho.

Raina se tinha colocado detrás o Marcus. Tinha posto os braços ao redor dos ombros, inclinou a cara contra o pescoço, o suficiente perto para lhe sussurrar no ouvido. Esses lábios não se moveram, mas havia sido o irritante comentário o que tinha empurrado as coisas ao limite. Uma pequena observação.

Marcus se esfregou com o passar do braço, baixou a cabeça para beijar seu boneca.

Olhei por ao redor deles. Rafael estava ainda ajoelhado junto ao corpo. Uma linha de sangue se dirigia ao joelho de suas calças. Se levantou com rapidez, as gemas dos dedos roçaram o sangue do chão. Se levou-os a boca. Quis dizer, não o faça, mas não o fiz. Pegou os dedos à boca e os chupou para limpá-los.

Seus olhos negros se moveram rapidamente para mim. Baixou a mão como se estivesse envergonhado, como se o tivesse apanhado em uma íntima função do corpo. Talvez o tinha feito.

Os dois cambiaformas vestidos de couro se moveram lentamente detrás das mesas, como se me rodeassem. Joguei-me para trás. Ainda tinha as armas desencapadas em minhas mãos. que tinha a luva com pontas agudas me olhou, com um sorriso brincalhão ao bordo da boca. Os olhos eram de um estranho cinza líquido. O encaracolado cabelo negro tinha cansado como um matagal sobre os olhos. Emanava uma alarmante luminosidade detrás de esse cabelo negro. Não fez nenhum movimento para tirar-se o dos olhos. Isso me podia voltar louca. Mas então, possivelmente, é que não estava

acostumada a olhar através da peles.

deteve-se perto do corpo que estava perto de mim. Levantei as armas. A essa distancia em realidade não tinha que apontar. Não me sentia mais confiada com uma arma em cada mão. O fato era que me sentia tola, mas não queria perder tempo carregando alguma delas. Para carregar a Firestar, tinha que me tirar o suéter e empurrar a arma no interior da cartucheira de minhas calças. E provavelmente o podia fazer sem olhar abaixo, mas não estava segura. O hábito podia aparecer. Como dirigir um carro. Não te dava conta quanto tempo tinha cuidadoso para baixo até que tinha um semi-caminhão Surg à vista. Se Gabriel era tão rápido como Alfred, uma fração de segundo podia ser suficiente.

O sorriso se alargou, a ponta da língua riscou os carnudos lábios. O olhar tinha calor nela. Nada mágico, só o ardor que um homem podia pôr nos olhos. Esse olhar que dizia que se estavam perguntando como te veria nua e se daria um bom trabalho oral. Cru mas preciso. Esse olhar não estava esperando lhe fazer o amor a ninguém. Esse olhar era puro sexo. Inclusive sexo era um término suave. Briguei com a urgência de olhar a outro lado. Não me atrevi a lhe tirar os olhos de cima. Mas também o queria. Minha pele se agitou lentamente sob a olhar. Senti calor chegando a minha cara. Não pude olhá-lo aos olhos sem me ruborizar. Meu papai me criou melhor que isso.

Deu um passo para diante, um pequeno movimento, mas o colocou quase ao alcance de meu braço. Com o corpo do Alfred ainda quente, estava jogando comigo. Levantei as armas um pouco mais firmes, apontando-o.

.Não façamos isto de novo .disse.

.Gabriel, deixa-a em paz .disse Christine.

Olhou-a.

.Tigre! Tigre!

Que arde alegremente,
nos bosques da noite,
que mão imortal ou olho,
poderia formar sua espantosa simetria?

.Basta Gabriel .disse ela. estava-se ruborizando. Uma estrofe de Blake e estava envergonhada. por que esse poema? Um were-tigre talvez? Mas quem era o gatinho? Talvez os dois.

Ele se voltou de novo para mim. Vi algo deslizar-se detrás dos olhos.

Alguma linha de perversidade que o fazia querer dar o próximo passo.

.me provoque esta noite e terminará como seu amigo no chão.

riu, com a boca bem aberta, expondo os bicudos caninos,

de acima a abaixo como um gato. Não presas, mas não humanos tampouco.

.A Sra. Blake está sob meu amparo .disse Marcus.. Não lhe farão dano.

.Deixou que Alfred me estrangulasse, depois o respira para que

ataque-me. Não acredito muito em seu amparo, Marcus. Acredito que estou bem por minha conta.

.Sem essas pequenas armas não sérias tão grosseira. .Isso veio da moréia motorista. Palavras valentes, mas estava parada no outro lado da pequena multidão.

.Não me vou oferecer lutar contigo. E sei que sem uma arma estou em desvantagem. É por isso que as tenho.

.Nega meu amparo? .perguntou Marcus

.Se .disse

.É parva .disse Raina

.Talvez, mas sigo sendo a que tem as armas.

Gabriel riu de novo.

.Não acredita que possa protegê-la Marcus. E tem razão.

.Questiona meu domínio?

Gabriel se girou me dando as costas, olhando ao Marcus.

.Sempre.

Marcus se moveu para diante, mas Raina apertou o agarre sobre ele.

.ventilamos muita roupa suja frente à Sra. Blake por uma noite. Não crie?

Duvidou. Gabriel só o olhou. Finalmente Marcus assentiu.

Gabriel ronronou um sorriso e se ajoelhou junto ao corpo. Deslizou os dedos pelo sangue.

.esfria-se muito rápido. .secou-se no suéter do Alfred e tocou a ferida aberta do peito. Percorreu com a mão o bordo como se estivesse tirando polido de um tigela. A mão saiu carmesim. Levantou-a para a boca, o sangue jorrando pelo braço. A língua lambeu ao longo dos ensangüentados dedos.

.Para .disse Marcus.

A mulher se ajoelhou ao outro lado do corpo. ajoelhou-se inclinando o torso, mas no ar, como leões bebendo de um abrevadero. Bebeu a lengüetazos do chão com presteza, segura dos movimentos da língua.

.Jesus .sussurrei.

Houve movimento na sala como vento sobre um campo de trigo.

Todos estavam fora dos assentos. Todos se estavam movendo para o corpo.

Retrocedi, pus a parede a minhas costas e comecei a procurar meu caminho em direção à porta. Se ia haver um frenesi de alimentação, não queria ser a única não-cambiaformas na habitação. Não parecia saudável.

.Não! .A voz do Marcus rugiu através do quarto. Asechó o corpo, empurrando a todos sem nenhum gesto. Inclusive Gabriel rodou sobre o lado esquerdo, apoiando-se, sentando-se sobre o sangue. A mulher avançou

para trás, fora do alcance. Gabriel ficou a uma distância considerável do amo lobo. Olhou fixamente ao Marcus, mas não havia nenhum temor em sua cara.

.Não somos animais para nos alimentar de nossos mortos.

.Somos animais .disse Gabriel. Levantou a mão ensangüentada para o Marcus.. Cheira o sangue e me diga que não a quer.

Marcus retirou a cabeça longe, tragando o suficientemente forte para ouvi-lo eu. Gabriel elevou os joelhos pressionando o sangue perto da cara do Marcus.

Ele golpeou a mão longe, mas se afastou também do corpo.

.Cheiro o sangue. .A voz soou bastante áspera quando o disse, cada palavra saiu com dificuldade com um grunhido baixo.. Mas sou um ser humano, isso significa que não devo ceder a minhas urgências. .Deu-lhe a costas ao corpo e se abriu caminho entre a multidão, tendo-se que parar no cenário para encontrar um lugar espaçoso no qual deter-se. A respiração era forte e rápida. Como se tivesse deslocado o mais rápido que pôde.

Eu estava a meio caminho atrás do pódium. Podia lhe ver a cara.

Gotas de suor tocavam a pele. Tinha que sair daqui.

O homem de cabelo branco que tinha falado primeiro perguntando o que podia fazer por eles um bom Executor de vampiros estava parado afastado dos outros. Estava apoiado contra a mesa com os braços cruzados. Estava-me olhando. Ao outro lado do quarto podia olhar tudo o que quisesse. Tinha as armas fora e apontando a todos. Não havia ninguém no salão com quem queria estar desarmada.

Já estava quase na porta. Necessitava uma mão livre para abri-la.

Estava a uma boa distância do quarto longe deles. Estava tão longe como podia chegar sem abrir a porta. Embainhei a Firestar. Transferi a Browning a minha mão direita. Enquanto, deslizava minha mão direita detrás de mim ao longo da parede até que toquei o trinco da porta. Girei o cabo e abri. Estava o suficientemente longe de todos eles, dava-lhe a costas à habitação e abri bem a porta. E me detive.

O corredor estava cheio de licântropos. Todos me estavam olhando com olhos bem abertos, e poseídos. Pressionei a Browning no peito do mais próximo.

.Retrocedam.

Só me olhou como se não entendesse que dizia. Os olhos eram cor café e perfeitamente humanos, mas recordou ao olhar que põe um cão quando trata de entender inglês. Quer entender mas só que não o entende.

Houve movimento detrás de mim. Peguei minhas costas contra a porta, pressionando a à parede, analisando a quarta com a arma. Se os cambiaformas do corredor aumentavam, estava acabada. Podia lhe disparar a

alguns deles, mas não a todos.

Era o homem que tinha estado apoiado contra a porta. Havia posto as mãos acima para mostrar que estava desarmado, mas isso não ajudou. O que ajudou é que não havia suor em sua cara. Não tinha o olhar vidrioso como os do corredor. via-se muito. humano.

.Meu nome é Kaspar Gunderson. Não necessita um pouco de ajuda?

Olhei à horda espectador e de novo a ele.

.Seguro.

Kaspar sorriu.

.Tomaria minha ajuda, mas não a do Marcus? .Parecia surpreso.

.Marcus não oferece ajuda, dá ordens.

.Muito certo.

Rafael se moveu justo junto a ele.

.Nenhum de nós recebe ordens do Marcus. Embora o gostaria que o fizéssemos.

Um som entre um gemido e um uivo se escutou da multidão do corredor. Escapuli-me um pouco mais contra a parede apontando a arma a a multidão. Havia muitos possíveis perigos, tinha que escolher a alguém em quem confiar. Rafael e o outro homem pareciam melhor opção que a multidão.

Um alto grito desigual chegou desde o quarto. Fixei minhas costas contra a parede e girei para a habitação. Agora, o que?

Vislumbrei um movimento agitado de extremidades através do grupo de licántropos. A mulher de cabelo negro jogou sua cabeça para trás e chiou.

.Está brigando .disse o homem pálido.

.Sim, mas ela não ganhará em menos que um dominante se aproxime para ajudá-la .disse Rafael.

.Gabriel não a ajudará.

.Não .disse Rafael.. Desfruta de do show.

.Não é lua enche ainda, que raios está passando? .pergunte.

.O aroma de sangue o iniciou, Gabriel o alimentou. Ele e Elizabeth.

Agora, a menos que Marcus possa controlá-los, pode que se transformem e se alimentem .disse Rafael.

.E isso é algo mau? .perguntei.

Rafael só me olhou.

As mãos agarraram os antebraços tão forte que a pele empalideceu.

As curtas unhas cortaram a pele e pequenos semicírculos de sangue se formaram sob as mãos. Tomou um profundo fôlego de purificação e cabeceou. Retirou os dedos dos braços. Os cortes se encheram de sangue, mas só uns quantos gotejaram. Corte pequenos, dor pequena. O

dor às vezes ajudava e impedia a um vampiro controlar sua mente.
A voz saiu forçada, mas clara, cada palavra pronunciada com grande cuidado, como se tomasse grande esforço falar.

.Um dos antigos contos que são certos, é que os licântropos têm-se que alimentar depois de trocar de forma. .Os olhos me olharam, afogando-se profundamente. O negro se comeu todo o branco. Os olhos resplandeceram como botões brilhantes.

.Te vais pôr peludo comigo?

Negou com a cabeça.

.A besta não me controla. Eu me controlo.

O outro homem permaneceu aí, de pé, tranqüilamente.

.por que não está tendo problemas?

.Não sou um depredador. O sangue não me incomoda.

Um gemido chegou do corredor. Um jovem que não devia ter mais de vinte anos, arrastava-se sobre as mãos e os joelhos pela habitação.

Um gemido baixo se elevou da garganta como um mantra.

Levantou a cabeça olisqueando o ar. A cabeça girou com um impulso, os olhos me olhando. arrastou-se para mim. Os olhos eram da cor do céu da primavera, inocentes como uma manhã de abril. O olhar em eles não o era. Olhou-me como se se perguntasse qual seria meu sabor. Como um humano acreditaria que pensava em sexo, agora. só pensava em comida.

Apontei a arma à frente. Os olhos olharam mais à frente da arma, a mim.

Não estava segura que tivesse visto a arma. Tocou minha perna. Não lhe disparei.

Não tinha tentado me machucar. Não estava segura que raios passava, mas não lhe podia disparar por me tocar. Não só por isso. Tinha que fazer algo para merecer uma bala no cérebro. Inclusive de mim.

Agitei a arma ligeiramente de lado a lado em frente dos olhos. Não a seguiram.

As mãos sujeitaram minha calça, atirando dele até os joelhos. A cabeça estava um pouco por cima de meu quadril, esses olhos azuis olhavam meu rosto. Os braços se envolveram ao redor de minha cintura. Enterrou a cara nela, como se farejasse.

Golpeei brandamente a cabeça com o canhão da arma.

.Não te conheço tão bem para deixar que me fareje, companheiro. te levante.

A cabeça se enterrou sob meu suéter. A boca mordeu gentilmente meu flanco. ficou duro, braços rígidos. A respiração se acelerou de repente. E de repente estive temerosa. As carícias antes do sexo de um homem eram o aperitivo de outro.

.tire-me isso de cima antes de que o machuque.

Rafael gritou, a voz rugiu sobre o crescente caos.

.Marcus! .Essa só palavra soou e o silêncio caiu. As caras giraram para ele. Caras manchadas de sangue. Elizabeth, a mulher de

cabelo negro não se via por nenhum lado. Somente Marcus permanecia limpo. Estava de pé no rígido cenário, mas havia uma vibração em ele, como um diapasão procurando sintonia. A cara estava gasta pelo esforço. Olhou-nos com olhos de um homem afogado, quem estava determinado a não gritar na última viagem para baixo.

.Jason tem algumas dificuldades para controlar-se .disse Rafael..

É seu lobo. Acalma-o.

Gabriel ficou de pé, com a cara revestida em sangue. Descobriu os brilhantes dentes com uma gargalhada.

.Surpreende-me que a Sra. Blake não o tenha matado ainda.

Raina se levantou da matança com um reguero de sangue na queixo.

.A Sra. Blake rechaçou o amparo do Marcus. É dominante.

Deixem-na descobrir o que significa rechaçar nossa ajuda.

Jason ainda estava rígido contra mim. Os braços se fecharam mais, a cara pressionada sobre meu estômago. Podia sentir o fôlego através de minha blusa, quente e muito pesado pelo que estava passando.

.Vocês me pediram ajuda, Marcus. Sua hospitalidade empresta.

Olhou-me. Mas inclusive ao outro lado da habitação podia ver o tic nervoso saltar na cara. Um movimento nervoso, como se algo vivo lutasse por sair.

.É muito tarde para negócios esta noite, Sra. Blake. As coisas estão descontroladas.

.Não brinque. tire-me isso de cima. Uma morte por esta noite é suficiente.

Raina foi para ele, sustentando-o com uma mão ensangüentada.

.Deixa que reconheça seu domínio sobre ela. Que reconheça que necessita sua ajuda.

Marcus me olhou.

.Reconhece meu domínio e tirarei ao Jason de cima.

.Se começar a trocar, matarei-o. Sabe que o farei, Marcus.

Chama-o.

.Se for dar meu amparo, deve me reconhecer.

.Jódete Marcus. Não te pedirei que me salve. Estou-te pedindo que salve-o. Ou não lhe interessam os membros de sua manada?

.Rafael é um rei .disse Raina.. Que lhe salve.

Um estremecimento percorreu ao homem. O punho se apertou dolorosamente. ficou de pé, os braços ainda fechados detrás de meu costas. Se me sustentava mais perto, sairia pelo outro lado. Era mais ou menos de minha estatura, o que punha nossos rostos muito perto. Os olhos estavam cheios de uma grande fome, uma necessidade. Inclinou a cabeça como se fosse beijar me, mas outro estremecimento lhe percorreu. Enterrou o rosto em meu cabelo, os lábios tocando meu pescoço.

Pressionei o canhão da Browning no peito. Se tentava obter um pedacinho por mim, estaria morto. Mas onde Alfred tinha sido lhe intimidem, este, Jason parecia incapaz de conter-se, como uma exigência. Se esperava muito estaria igual de morta. Mas até que não me machucasse, me fazia não querer machucá-lo. Além disso, estava-me sentindo um pouco infeliz por matar ao Alfred. Não muito, mas um pouco. Seria mais tolerante com o Jason.

Os dentes roçaram ao longo de meu pescoço. Percorrendo o fio por mim pele com a boca. Estava a ponto de alcançar o final de minha paciência incluso se não se transformava.

Um grunhido surdo vibrou ao longo de minha pele. O pulso se deteve em minha garganta. Apertei o gatilho. Não podia esperar a que me despedaçasse a garganta.

Escutei ao Kaspar dizer.

.Rafael, não!

A cabeça do Jason se agitou bruscamente para cima, com olhos selvagens. Rafael se manteve entre nós, sustentando o braço frente à cara do Jason. O sangue correu pelos profundos arranhões.

.Sangre fresca, meu lobo .disse Rafael

Jason se afastou bruscamente de mim tão rápido que me atirou contra a parede. Minha cabeça a golpeou, depois meus ombros impactaram, foi o que salvou-me de me deprimir. Acabei com meu traseiro no piso, com a pistola na mão, só por instinto. A força nesse movimento deixou meus guelra sumidas no medo. Tinha-o deixado farejar meu pescoço, como se fora humano. Podia me haver despedaçado com essas mãos humanas.

Podia havê-lo matado primeiro, mas estaria igual de morta.

Jason se desabou frente a Rafael. Um ondulação percorreu seu costas como uma onda de água conduzida pelo vento. Jason calou dentro de uma pequena bola, as costas pulsando sob a camisa.

Rafael se deteve sobre ele, o sangue gotejou sobre o chão.

.Espero entenda o que tenho feito por ti .disse.

Um estranho olhar se apoderou da cara, deixando os olhos negros como botões mortos.

.Ofereceu seu amparo.

.Amparo, proteger. Você me ajuda, eu te ajudo.

.Obrigado, mas eu comecei e o tenho que terminar, acredito que deveria ir antes de que lhe acabem as balas de prata.

Kaspar me ofereceu a mão; tomei. A pele estava inusualmente quente. Não parecia ter a urgência de me tocar ou me comer. Uma boa oportunidade.

A multidão estava comparecendo para a porta, em dois, em três e em dez. Alguns se moveram como sonâmbulos para o corpo no lugar mais afastado da habitação. Isso era bom. Outros foram a por

Rafael e Jason, que se retorcia. Disse que podia controlar-se a si mesmo. Mas perto de seis deles se giraram para mim e Kaspar.

Olharam-me com olhos famintos. Um deles, uma garota, havia-se posto de joelhos e começou a arrastasse para mim.

.Pode fazer algo respeito a isto? .perguntei.

.Sou um cisne, consideram-me comida.

Requereu cada onça de meu autocontrol para não olhá-lo. Olhei à licántropo que se arrastava.

.Um cisne genial. Tem alguma sugestão? .perguntei.

.Fere algum deles. Respeitam a dor. .A garota elevou a mão para mim. Olhei fixamente o magro braço e não disparei. Os balas de pequeno calibre de salva lhe podiam arrancar um braço. Não estava segura de que os licántropos pudessem curar-se amputações. Apontei à cabeça ao grande macho detrás dela. Disparei-lhe instintivamente. Caiu ao piso gritando, o sangue saía de entre os dedos. A garota se girou para ele, enterrando a cara no estômago.

Empurrou-a longe. Os outros seguiram adiante.

.Saíamos enquanto possamos .disse Kaspar. ficou em marcha para a porta.

Não me teve isso que pedir duas vezes. Marcus estava aí, de repente.

Não o tinha visto chegar, muito ocupada me concentrando na ameaça imediata, tirou a dois homens de que estava ferido, ventilando-os como brinquedos. Assinalou uma pasta de papel Manila¹² debaixo da caçadora de linho azul e me deu isso.

.Kaspar pode responder suas perguntas .disse com uma voz que era mais um grunhido que outra coisa.

voltou-se com um grunhido, rompendo contra os licántropos, protegendo ao que tinha ferido. Kaspar me empurrou pela porta e eu o deixei.

Tive uma última olhada do Jason. Era uma massa de pele solta e ossos nus gotejando. Rafael era de novo o escorregadio hombrerata negro que tinha conhecido meses atrás. A forma de coroa queimada na frente que marcava o reinado dos ratos se mostrava poda. Já não estava sangrando. A mudança o tinha curado.

A porta se fechou. Não estava segura quem o tinha feito. Kaspar e eu permanecemos no corredor, sozinhos. Não havia sons detrás da porta. O silêncio era tão pesado, que golpeava em minha cabeça.

.Não posso escutá-los?

.Habitação a prova de som .disse.

Lógico. Olhei a pasta. Havia um rastro de sangue nela. Tomei cautelosamente do bordo esperando a que o sangue se secasse.

12 Papel fabricado a partir de cânhamo.

.supõe-se que temos que nos sentar e ter uma reunião de negócios?

.Conhecendo o Marcus, a informação estará completa. É muito bom burocrata.

.Mas não um muito bom líder de manada.

Olhou à porta.

.Eu diria isso em outro lugar se fosse você.

Tinha razão. Olhei-o. O cabelo fino de bebê era quase branco, quase como plumas. Neguei com a cabeça. Não podia ser.

Sorriu-me abertamente.

.Anda. Toca-o.

Fiz-o. Passei meus dedos pelo cabelo, e era suave e esponjoso como as plumas interiores de um ave. O calor do couro cabeludo subiu como se fora febre.

.Jesus.

Um pouco pesado se golpeou contra a porta. Senti a vibração através do chão. Retrocedi, duvidando sobre afastar a Browning. Cedi e pus a emano no bolso de meu casaco. Era o único casaco que possuía com bolsos suficientemente profundos para dissimular a Browning.

Kaspar abriu a porta do comilão. Ainda havia pessoas comendo.

Humanos fora em uma noite na cidade. Cortando a carne, comendo as verduras, alheios à destruição a só umas portas de distância.

Tive uma horrível urgência de gritar, «corram, corram por suas vidas».

Mas não o teriam entendido. Além disso, o Café Lunático tinha estado aí durante anos. Nunca tinha escutado de nenhum incidente aqui. Por suposto, tinha matado a um homem, homem lobo, como é. Não pensava que fora haver suficiente evidencia para a polícia. Talvez uns ossos bem roídos.

Quem sabia que desastres tinham sido talheres aqui?

Kaspar me deu um cartão de negócios. Era branca e brilhante com escritura gótica que dizia: KASPAR GUNDERSON, ANTIGUEDADES E COLEÇÕES.

.Se tiver alguma pergunta, tentarei respondê-la.

.Inclusive se a pergunta é sobre, que demônios é?

.Inclusive essa .disse.

Caminhávamos enquanto falávamos. Conhecia um dos homens do bar. Edward estava sentando tomando sorvos de uma bebida alta e fria. Nunca se girou, mas sabia que me tinha visto. Kaspar inclinou a cabeça para um lado.

.Algo está mau?

.Não .disse., não. .Minhas palavras foram muito rápidas, nem sequer acreditei-me mesma. Tentei meu melhor sorriso profissional.. Só foi uma larga noite.

Não me acreditou e não me importou. Não era boa inventando mentiras em esse momento. Kaspar o deixou passar, mas os olhos analisaram à multidão enquanto caminhava para fora, procurando o que seja ou a quem é que me tivesse incomodado.

Edward parecia um homem normal e corrente. Media um e oitenta, de compleição magra, cabelo loiro curto.

Levava uma indescritível caçadora negra de inverno, jeans e sapatos de sola suave. parecia-se um pouco ao Marcus, e a sua maneira, era igual de perigoso.

Estava-me ignorando sem esforço, o que queria dizer que não queria ser advertido. Caminhei passando-o, esperando perguntar que raios fazia aqui, mas não queria estragar sua cobertura.

Edward era um assassino que se especializava em vampiros, licântropos e outros humanoides prenaturales. Começou matando humanos, mas havia resultado muito fácil. Edward amava a provocação.

Permaneci na fria escuridão me perguntando o que fazer. Tinha a pasta ensangüentada em uma mão. A outra ainda estava sustentando a Browning. Agora que a adrenalina se estava filtrando, minha mão se estava tendo câibras ao redor da arma. Sustentei-a por muito tempo sem dispará-la. Pus a pasta sob minha axila e guardei a arma. Todos os cambiaformas estavam ocupados comendo uns aos outros. Provavelmente podia caminhar até meu carro sem ter uma arma desencapada em meus mãos.

Edward não saiu. Médio esperava que o fizesse. Estava caçando a alguém, mas a quem? depois do que tinha visto esta noite, não estava segura que caçá-los fora tão má idéia.

É obvio, Richard era um deles. Não queria que ninguém o caçasse. Tinha-lhe que perguntar ao Edward que era o que estava fazendo, mas não essa noite. Richard não estava dentro. Todos outros podiam tomar as oportunidades. Tive um pensamento momentâneo sobre o Rafael, mas o deixei ir. Sabia como era Edward, embora não sabia o que fazia exatamente para viver.

Detive-me em metade da calçada. Deveria advertir ao Edward que Rafael o podia reconhecer e advertir aos outros? Doía-me a cabeça. Por essa noite deixaria que Morte se cuidasse assim mesmo. Os vampiros me chamavam a Executora, mas eles chamavam o Edward, Morte. depois de tudo, nunca usava um lança-chamas sobre eles.

Segui caminhando. Edward era um grande menino lhe atemorizem. podia-se cuidar. E todos outros no quarto de atrás não necessitavam minha ajuda. Inclusive se a necessitavam, não estava segura de que queria dar-lhe O que me trouxe de volta ao arquivo da pasta.

Para que necessitariam minha ajuda? O que podia fazer que eles não? Quase não queria sabê-lo.

Mas não atirei a pasta no cubo de lixo mais próximo. A verdade era que se não o lia, tivesse-me incomodado.

A curiosidade matou ao gato. Aqui estava, esperando a que não passasse o mesmo com os reanimadores.

CAPITULO 13

Às 5:35 da manhã estava metida na cama com a pasta. Meu pingüim de peluche favorito, Sigmund, estava sentado junto a mim. Estava acostumado a utilizar ao Sigmund só quando a gente tratava de me matar. Ultimamente, tinha estado dormindo com ele a maior parte do tempo. Tinha sido um ano duro.

A Browning Hi-Power estava em seu segundo lar, uma capa na cabeceira. Às vezes dormia sem o pingüim, mas nunca sem o arma.

A pasta consistia em meia dúzia de folhas de papel. Todas pulcramente datilografadas a dobro espaço. A primeira era uma lista de oito nomes com uma designação animal ao lado deles. As duas últimas eram uma explicação dos nomes. Oito licântropos desaparecidos. Desvanecidos. Sem corpo, sem rastro de violência. Nada. Suas famílias não sabiam nada. Nenhum licântropo sabia nada. Retornei aos nomes. Margaret Smitz era a número sete. Designação lobo. Poderia ser a esposa do George Smitz? Peggy era um apelido para a Margaret. Não me perguntem como se obtém Peggy de Margaret, mas vós sabem.

As últimas páginas eram sugestões das pessoas com as que Marcus pensava que deveria falar. Pequeno bastardo controlador. Me ofereceu uma explicação de por que me tinha pedido que o ajudasse. Pensava que os outros cambiaformas falariam comigo com mais liberdade que com ele ou com qualquer de seus lobos. Não era brincadeira. Eu era, em certa forma, uma concessão. Não confiavam na polícia. E, quem mais iria a ajudar aos desfavorecidos lunáticos? Pois, sua amável vizinha reanimadora.

Não estava segura do que era o que podia fazer por eles. Havia mandado ao George Smitz com o Ronnie por uma razão. Não sou detetive. Nunca em minha vida levei um caso de pessoas desaparecidas. Quando reunisse-me com o Ronnie ao dia seguinte, cancelaria isso, poria-a ao corrente. A esposa desaparecida do George era uma coisa, mas oito licântropos desaparecidos era um patrão. Precisavam ir à polícia. Mas não confiavam na lei humana. Em 1960, os licântropos ainda eram perseguidos e queimados na fogueira. Não os podia culpar por ser receosos.

Guardei a pasta na gaveta da mesinha de noite. Tirei uma singelo cartão de apresentação branca da gaveta. Quão único havia nela era um número de telefone. Edward me tinha dado o cartão fazia só dois meses. Foi a primeira vez que fui capaz de contatar com ele. antes de

isso, só aparecia. Normalmente, quando não queria que o fizesse.
O número de telefone era de um serviço de mensagens vinte e quatro horas. Uma voz mecânica disse:
.Depois do tom deixe sua mensagem. .Um comprido e sob beep soou..
.Sou Anita. Que raios está fazendo na cidade? me chame logo. .Normalmente não era tão cortante em uma mensagem telefônica, mas hey, era Edward. Conhecia-me. Além disso, ele não apreciava as sutilezas sociais. Pus o alarme, apaguei a luz e me acomodei entre os lençóis, com meu fiel pingüim a meu lado. O telefone soou antes de que entrasse em calor. Esperei a que a máquina respondesse; depois do oitavo timbre me dava por vencida. Tinha esquecido acender a secretária eletrônica. Genial.
.Mais vale que seja importante .disse.
.Disse que chamasse logo.
Era Edward. Coloquei o auricular sob os lençóis comigo.
.Olá Edward.
.Olá.
.por que está na cidade? E, por que estava no Café Lunático?
.por que foi?
.São perto das seis da maldita manhã. Ainda não dormi. Não tenho tempo para jogos.
.O que havia na pasta que tinha? Havia sangue fresca nela. De quem era o sangue?
Suspirei. Não estava segura do que lhe dizer. Podia ser de grande ajuda, ou podia matar às pessoas que supostamente devia ajudar. Decisões, decisões.
.Não posso te dizer uma mierda até que saiba se estou pondo em perigo a mais gente.
.Nunca caçaria pessoas, sabe.
.Assim está de caça.
.Sim.
.De quem, agora?
.Cambiaformas.
Que surpresa.
.Quem?
.Ainda não tenho nenhum nome.
.Então, como sabe a quem matar?
.Tenho um vídeo.
.Um vídeo?
.Vêem amanhã a minha habitação do hotel e te ensinarei o vídeo. Lhe direi tudo o que sei.
.Normalmente não é assim de atento. Qual é a armadilha?
.Sem armadilhas. Talvez seja capaz de identificá-los, isso é tudo.

.Não conheço muitos cambiaformas .disse.

.Bem, só vêem e olhe o que tenho.

Soava tão seguro de si mesmo, mas sempre o parecia.

.Está bem, onde te aloja?

.Adam Marks. Necessita a direção?

.Não, sei chegar. Quando?

.Trabalha amanhã?

.Sim

.Então, conforme te convenha, é obvio.

Estava sendo condenadamente educado.

.Quanto tempo nos levará sua pequena apresentação?

.Duas horas, talvez menos.

Neguei com a cabeça.

.Terá que ser depois de minha última entrevista zombie, estou ocupada até então .disse quando me precavi que ele não podia vê-lo.

.Dava a hora.

.Posso estar entre as doze e meia, e a uma. .Inclusive me dizê-lo fez me cansar. De novo, não ia poder dormir.

.Espera, com que nome te registrou?

.Habitação 212. Só golpeia.

.Tem sobrenome, verdade?

.É obvio. boa noite, Anita.

A linha Telefónica se cortou, zumbindo em minha mão como um espírito inquieto, a provas coloquei o auricular em seu lugar e acendi o secretária eletrônica. Baixei o som ao mínimo possível, e me acurruqué sob as lençóis.

Edward nunca compartilhava informação a menos que fora forçado a fazê-lo. Estava sendo muito amável. Algo passava. Conhecendo o Edward, seria algo desagradável. Licântropos desaparecendo sem rastro. Soava como um jogo do que Edward desfrutaria. Mas de algum jeito não pensava que fora ele. Lhe gostava de assumir o mérito de seus assassinatos sempre e quando a polícia não o relacionasse diretamente.

Mas alguém o estava fazendo. Havia cazarecompensas que se especializavam em licântropos patifes. Talvez Edward saberia quem eram e se aprovavam o assassinato. Porque se os oito estavam mortos, então era assassinato. Nenhum deles estava sendo procurado, até onde sabia. A polícia podia sabê-lo, mas não ia envolver à polícia. Dolph devia saber se os licântropos estavam desaparecendo em seu território.

Dormi sendo arrastada às confine do mundo. Vi claramente a vítima de assassinato. Vi sua cara congelada na neve, um olho aberto destruído como uma uva. A mandíbula esmagada tentando mover-se para falar. Uma palavra saiu em um vaio de sua arruinada boca: «Anita».

Meu nome uma e outra vez. Despertei o suficiente para me dar a volta e, o sonho me banhou como uma pesada e negra onda. Se sonhava de novo não recordaria-o.

CAPITULO 14

Cada ano me perguntava o que comprar ao Judith, minha madrastra, durante o Natal. Acreditava que depois de quatorze isso anos melhoraria. Por suposto, pensava que era melhor que comprar algo para mim. Judith e eu sempre terminávamos nos contemplando a uma à outra através disso abismo de mal-entendidos. Queria que fora a filha perfeita, feminina, e eu queria que fora minha mãe morta. Já que não podia ter o que queria, assegurava-me que Judith tampouco conseguisse seu desejo. Além disso, tinha a Andria, que era perfeita. Um menino perfeito na família era suficiente.

Ronnie e eu estávamos fazendo compras de Natal. Estávamos caminhando pelas ruas invernais às nove da manhã.

Tinha conseguido dormir aproximadamente três horas. Correr-me tinha ajudado. O vento glacial que me tinha dado palmadas na cara tinha ajudado muito mais. Estava completamente acordada e temporalmente energizada quando chegamos ao centro comercial, meu cabelo ainda estava úmido pela ducha.

Ronnie media perto de 1,80 cm. O cabelo loiro curto estava talhado ao uso pajem. Era o mesmo corte que tinha desde que a conheci, mas meu penteado tampouco tinha trocado. Levava postos jeans, botas de vaqueiro com aplicações em arroxeadado, um casaco de inverno curto sobre um suéter lilás. Não levava consigo uma arma. Não pensava que os duendes do centro comercial estariam fora de controle.

Eu estava vestida para o escritório porque tinha que ir diretamente ali depois das compras. A saia era de um azul marinho comum, com um cinturão negro para meu pistolera. A saia era quase quatro centímetros mais curta como para que me sentisse cômoda, mas Ronnie tinha insistido. Estava mais na moda que eu. Mas, quem não o estava? A caçadora era de um rico azul escuro como a cor dos olhos do Jean-Claude. Os desenhos azuis, mais escuros quase negros, convertiam-no em um modelo vagamente oriental. A blusa desabotoada no pescoço era azul, fazia jogo com a caçadora. Com botas negras de salto alto parecia o bastante elegante. Ronnie também tinha eleito a caçadora. A única falta era que isso não escondia meu Browning. A gente vislumbrava pequenos brilhos dela quando me movia. Até esse momento ninguém gritando me havia jogado do centro comercial. Se tivessem sabido que levava uma faca em cada antebraço sob a bonita caçadora, talvez o tivessem feito.

Ronnie olhava fixamente uma prateleira da joalheria Krige e eu contemplava seus olhos. Eram cinzas. Da mesma cor que tinham sido os olhos do Gabriel a outra ontem à noite, mas havia algo diferente. Os olhos eram humanos. Inclusive em forma humana os olhos do Gabriel não eram humano.

.O que acontece?

Sacudi minha cabeça.

.Pensava em ontem à noite.

.Como se sente sobre seu apaixonado depois de ontem à noite?

A joalheria estava abarrotada de gente. Tínhamos entrado na força, mas sabia que não compraria nada ali, assim que me tinha posto ao lado de Ronnie, olhando à multidão. Todas as caras me pareciam hostis, mas não era nada pessoal. Estavam nas compras de Natal, faltavam dois semanas para o grande dia. Ho, ho, ho.

A loja era uma massa que se movia empurrando às pessoas. Se me fazia claustrofóbico.

.vais comprar, algo?

Ronnie elevou a vista até mim.

.Nunca respondeu minha pergunta.

.Saíamos deste lugar e talvez o faça.

levantou-se e me fez gestos para que avançasse. Abriu-nos um caminho para a alameda. Era pequena e estava vestida também de forma lhe intimidem, mas a gente nos abriu o passo. Talvez viram a arma. Quando estivemos em espaço aberto respirei fundo. Estava lotado, mas nada como as lojas. Ao menos aqui, a gente realmente não se roçava contra mim. Se o faziam fora, podia lhes gritar.

.Quer te sentar?

Havia milagrosamente dois assentos livres em um banco. Ronnie me fazia o oferecimento porque estava vestida para trabalhar, o que significava saltos. Com as sapatilhas cômodas de fazer footing não precisava sentar-se. Meus pés não doíam ainda. Talvez me acostumava ao uso de saltos. Eeek.

Sacudi a cabeça.

.Vamos ao Nature Company. Talvez encontremos algo para o Josh ali.

.Que idade tem agora, treze? .perguntou Ronnie.

.Quinze .disse.

.Meu hermanito era de minha altura o ano passado, será gigantesco este ano. Judith diz que está crescendo mais rápido que a roupa que lhe compra.

.Uma indireta para comprar jeans? .disse Ronnie.

.Se o for, não faço conta. Comprarei ao Josh um pouco de diversão, não roupa.

.Muitos adolescentes preferem ter roupa .disse Ronnie.

.Não Josh, até, de todos os modos. parece-se comigo.

.O que vais fazer com o Richard? .perguntou.

.Não vais deixar ir, verdade?

.Não existe essa possibilidade.

.Não sei o que vou fazer. depois do que vi ontem à noite. Depois o

que Jean-Claude me disse. Não quero saber.
.Sabe que Jean-Claude o fez deliberadamente .disse.. Para
tentar abrir uma brecha entre vós.
.Sei, e funcionou. Parece que não conheço o Richard. Como se
tivesse estado beijando a um estranho.
.Não deixe que lhes separe cara-de-colmillo.
Ri-me disso. Jean-Claude adoraria que o chamasse cara-de-colmillo.
.Não o fará.
Apertou meu ombro brandamente.
.Não te acredito.
.Não será Jean-Claude quem nos separe, Ronnie. Se Richard houver
estado me mentindo durante meses...
Não terminei a frase. Não tinha o que.
Estávamos fora do Nature Company. Isso fervia de gente como um
pote de vaga-lumes ativas, mas nem a metade de brilhante.
.Sobre exatamente o que mentiu Richard?
.Não me contou sobre a luta que tem contra Marcus.
.E você lhe conta todo .disse.
.Bom, não.
.Não te mentiu, Anita. Só não lhe disse isso. Deixa-o que se explique.
Talvez tem uma boa razão.
Girei-me e a contemplei. A cara estava toda cheia de preocupação.
Fez-me olhar ao longe.
.estive em perigo durante meses e não me disse isso. Tinha que
havê-lo sabido.
.Talvez não lhe podia dizer isso Não saberá até que o pergunte.
.Vi licántropos ontem à noite, Ronnie. .Sacudi minha cabeça.. O que vi
ontem à noite não era humano. Nem sequer se aproximava.
.Então, ele não é humano. Ninguém é perfeito.
Olhei-a. ria de mim. Tive que lhe sorrir.
.Falarei com ele.
.Chama-o antes de que deixemos o centro comercial e fixa uma entrevista
para jantar hoje.
.É tão insistente .disse.
encolheu-se de ombros.
.aprendi que a melhor.
.Obrigado .disse.
.O que encontraste sobre o George Smitz?
.Nada novo que incluir na pasta que me mostrou. Exceto
que não parece saber que a esposa é uma dos oito cambiaformas
desaparecidos. Acredita que é a única. Consegui uma fotografia dela.
Necessita fotos de outros. O primeiro que necessita em um caso de
desaparecidos é uma foto. Sem uma fotografia poderia te cruzar com eles em

a rua e não sabê-lo.

.Perguntarei ao Kaspar sobre as fotos.

.Ao Richard não?

.Estou desgostada com ele. Não quero lhe pedir ajuda.

.Estas sendo mesquinha.

.É um de meus melhores rasgos.

.Comprovarei nos canais habituais para desaparecidos, mas se todos são licântropos, apostaria a que não estão desaparecidos.

.Pensa que estão mortos?

.Não o você crie?

.Sim.

.Mas quem poderia levar-se a oito cambiasformas sem deixar rastro?

.perguntou.

.Também me preocupa.

Toquei seu braço.

.Levará posta a arma daqui em diante.

Sorriu.

.Prometo-o, mamãe.

Sacudi minha cabeça.

.Podemos entrar em uma loja mais? Se posso conseguir o presente do Josh, terei a metade do caminho feito.

.Terá que comprar ao Richard um presente, sabe.

.O que?

.Tem que comprar um presente. É a tradição.

.Mierda.

Estava desgostada pela metade com ele, mas tinha razão. Desgostada ou não, tinha que comprar algo. E se ele me tivesse comprado algo e eu não o fizesse? Não me sentiria culpado. Se lhe comprava algo e ele não fazia, então poderia sentir-se superior. Ou zangado. Quase esperava que não me comprasse nada.

Procurava uma desculpa para romper com o Richard? Talvez. Por suposto, depois do que tínhamos falado me daria uma boa desculpa em prata, perdão em bandeja de ouro. Estava lista para um golpe baixo, para sem prolongar innecesariamente a briga. Não era um bom augúrio.

CAPITULO 15

Minha entrevista da uma em ponto era Elvira Drew. Bebia a sorvos o café, com as unhas elegantemente frisadas ao redor da taça grande. O esmalte de unhas era claro, fazendo que as pontas dos dedos brilhassem como conchas marinhas, incolores até que a luz se refletia. O resto era de bom gosto. O vestido era dessa atrativa cor que oscilava entre azul e verde. Azul esverdeado o chamavam, mas não era exato. O vestido era quase verde. Para que o tecido tivesse esse brilho, quase como se tivesse vida própria, como uma pele, tinha que ser caro. O vestido provavelmente valia mais que todo meu guarda-roupa.

O cabelo muito loiro caía pelas costas em uma linha elegante. Era o único que não fazia jogo. O traje, a manicura, os sapatos feitos a mão e a maquiagem quase invisível, deviam combinar-se com um penteado de bom gosto, mas complicado. Tivesse-me gostado mais vê-la com o cabelo solto e sem pentear.

Quando me olhou, entendi por que tinha gasto tanto no vestido. Os olhos eram do mesmo tom azul esverdeado. A combinação era impressionante.

Sentei-me em frente, sorvendo meu café, contente por me haver arrumado. A maioria dos dias me teria feito sentir como uma do pova. Hoje podia me defender.

.No que posso ajudá-la, Sra. Drew?

Sorriu, e o sorriso foi tudo o que devia ser. Sorriu como se soubesse o efeito que tinha na maioria das pessoas. Quase temi vê-la aproximar-se a um homem. Se me afetava assim, assustava-me imaginar o que aconteceria com o Jamison ou Manny.

.Sou escritora. Estou trabalhando em um livro sobre os cambiaformas. Meu sorriso se congelou no rosto.

.De verdade? E que a traz para os escritórios do Inc, Reanimators?

.decidi que cada capítulo do livro trate sobre um animal diferente. Relato uma história, incluo a qualquer cambiaforma conhecido e também um perfil pessoal sobre o cambiaforma na atualidade.

Meu rosto começava a doer, e soube que meu sorriso era mais mostrar dentes que outra coisa.

.Sonha interessante. Como posso ajudá-la?

Seus encantadores olhos piscaram e ficou perplexa. Era hábil parecendo assombrada. Fazia um momento, tinha visto inteligência em esses olhos. A prática de loira estúpida era teatro. Sortiria efeito se fosse um homem? Esperava que não.

.Falta-me uma entrevista. Preciso encontrar a um homem rato. A entrevista pode ser estritamente confidencial .a loira estúpida

desapareceu tão rapidamente como tinha chegado. deu-se conta que não funcionava comigo.. A entrevista pode ser ou não confidencial. Suspirei e renunciei a sorrir.

.O que a fez pensar que podia encontrar a um homem rato?

.O Sr. Vaughn me assegurou que se alguém podia me ajudar neste assunto, seria você.

.De verdade?

Sorriu, seus olhos brilharam intensamente.

.Parecia muito seguro de que me podia ajudar.

.Meu chefe promete um montão de coisas, Sra. Drew. A maior parte de elas não é ele quem tem que as conceder .me levantei.. Se pudesse esperar aqui um momento, preciso falar com o Sr. Vaughn.

.Esperarei-a aqui mesmo.

Seu sorriso era muito doce, mas algo em seus olhos me fez pensar que sabia exatamente a classe de conversação que eu tinha em mente.

O exterior do escritório estava acabado em verde pálido, do empapelado, até o esponjoso tapete. As novelas floresciam em cada oco vazio. Bert pensava que as novelas davam ao escritório um toque caseiro. Eu pensava que parecia um cenário barato da selva.

Mary, nossa secretária diurna, jogou-me uma olhada sobre o teclado do ordenador com um sorriso. Mary tinha mais de cinquenta anos, com o cabelo loiro muito amarelado para ser natural.

.Necessita algo, Anita?

Seu sorriso era agradável. Quase nunca a tinha visto de mau humor. Era uma boa qualidade em uma recepcionista.

.Sim, quero ver o chefe.

Inclinou a cabeça a um lado, me olhando cautelosamente.

.por que?

.De todas formas tinha uma entrevista hoje com o Bert, disse ao Craig que a programasse.

Jogou uma olhada à agenda.

.Craig o fez, e Bert a anulou. .O sorriso desapareceu.

.Realmente está muito ocupado hoje.

.Está com um cliente agora mesmo .disse Mary.

.Maravilhoso! .exclamei.

Bati na porta e abri sem esperar permissão.

O escritório do Bert ocupava a maior parte do escritório azul claro.

Era a mais pequena dos três escritórios, mas era dela. Outros tinham que nos alternar nas outras dois. Tinha jogado futebol na Universidade e saltava à vista. Amplos ombros, mãos fortes, e 1,95 M., era consciente de cada centímetro. O bronzeado de praticar piragüismo havia diminuído com a chegada do inverno. O cabelo branco talhado ao corte de barba contrastava contra a pele mais pálida.

Seus olhos eram da cor do cristal sujo da janela, de um tom cinza.

Aqueles olhos me fulminaram com o olhar.

.Estou com um cliente, Anita.

Joguei uma olhada ao homem que se sentava frente a ele. Era Kaspar Gunderson. Hoje ia todo vestido de branco, e isso enfatizava o conjunto.

Não conseguia compreender como lhe podia ter cuidadoso alguma vez e haver acreditado que era humano.

Sorriu.

.Sra. Blake, suponho.

Estendeu a mão. A estreite.

.Se pudesse esperar fora durante só um momento, Sr...

.Gunderson .disse.

.Sr. Gunderson, preciso falar com o Sr. Vaughn.

.Acredito que isso pode esperar, Anita .disse Bert.

.Não .disse., não pode.

.Sim .replicou., se puder.

.Quer ter esta conversa em particular diante de um cliente, Bert?

Observou-me, os pequenos olhos cinzas pareceram ainda mais pequenos quando se fixaram em mim. Era seu olhar ameaçador. Nunca havia funcionado comigo. Dirigiu-me um sorriso forçado.

.Insiste?

.Entendeu-o.

Tomou um fôlego comprido, profundo, e o soltou devagar, como se contasse até dez. Concedeu seu melhor sorriso profissional ao Kaspar.

.Se nos perdoar durante uns minutos, Sr. Gunderson. Isto não levará muito tempo.

Kaspar se levantou, saudou-me com a cabeça, e partiu. Fechei a porta detrás dele.

.Que demônios faz entrando aqui enquanto falo com um cliente? .ficou em pé e seus amplos ombros quase tocavam as paredes.

Deveria me conhecer melhor e não tentar me intimidar com seu tamanho.

Lembrança ter sido sempre, onde fora, a menina mais pequena. O tamanho não me impressionava desde fazia muito tempo.

.Disse-te que não receberia mais clientes fora de minha linha de trabalho.

.Sua linha de trabalho a marco eu. Sou seu chefe, recorda?

recostou-se no escritório, com as Palmas de barriga para baixo.

Recostei-me no escritório ao outro lado.

.Enviou-me o caso do desaparecido ontem à noite. Que mierda sei sobre desaparecidos?

.Sua esposa era um licântropo.

.E isso significa que devíamos agarrar seu dinheiro?

.Se pode lhe ajudar, sim.

.Bem, o dava ao Ronnie.

Bert se inclinou para trás.

.Vê?, ajudou-lhe. Nunca teria encontrado à Sra. Sims sem você ajuda.

Tudo parecia razoável de novo. Não lhe queria razoável.

.Tenho a Elvira Drew em meu escritório agora mesmo. Que demônios supõe-se que tenho que fazer com ela?

.Conhece algum homem rato? .sentou-se, as mãos cruzadas através de seu estomago ligeiramente volumoso.

.Isso não importa.

.Conhece-o, verdade?

.E se disser que sim?

.Consegue uma entrevista. Certamente algum quer ser famoso.

.A maior parte dos licântropos têm muitos problemas para esconder o que são. Ser expostos põe em perigo seus empregos e matrimônios. Houve um caso em Indiana o ano passado onde um pai perdeu a seus filhos e a seu ex-álgebra depois de cinco anos de matrimônio porque ela averiguou que ele era um cambiaformas. Ninguém quer arriscar-se a essa classe de exposição.

.Vi cambiaformas dando entrevistas na televisão .disse.

.São a exceção, Bert, não a regra.

.Então, não ajudará à Sra. Drew?

.Não, não o vou fazer.

.Não tentarei apelar a seu sentido da avareza, embora nos haja devotado muito dinheiro. Mas pensa que um livro positivo sobre a licantrópia poderia ajudar a seus amigos cambiaformas. A boa imprensa sempre é bem-vinda. antes de que a rechace, lhes pergunte a seus amigos. Averigua o que opinam.

.Importa-te um nada a boa imprensa da comunidade licántropa.

Só te importa o dinheiro.

.Certo.

Bert era um bastardo pouco escrupuloso e não se preocupava com quem sabia. É difícil ganhar uma batalha quando não pode insultá-lo. Sentei-me em frente. via-se contente consigo mesmo, como se soubesse que havia ganho. Deveria ter melhor critério.

.Eu não gosto de me sentar frente aos clientes e não saber o que demônios querem. Não mais surpresas. me consulte primeiro antes de enviar-me isso Qué razonable.

.Como você diga.

Que razoável.

.O que está mau?

Seu sorriso se alargou, fazendo brilhar seus pequenos olhos.

.O Sr. Gunderson nos ofereceu muito dinheiro por nossos

serviços. O dobro de nossos honorários habituais.

.É muito dinheiro. O que quer que faça?

.Levantar um antepassado morto. Está sob uma maldição familiar. Uma bruxa lhe disse que se pode falar antepassado que lançou a maldição, poderia ser capaz de eliminá-la.

.por que o dobro dos honorários?

.A maldição começou com um dos dois irmãos. Não sabe com qual.

.Então tenho que levantá-los ambos.

.Se tivermos sorte, só a um.

.Mas de todos os modos fica com o segundo pagamento .disse.

Bert moveu a cabeça energicamente, feliz como uma almeja avara.

.Esta é nossa linha de trabalho, e inclusive a tua. Não deixaria a um companheiro ir pela vida com plumas na cabeça se pudesse ajudá-lo, verdade?

.Bastardo presumido .disse, mas minha voz soou cansada até para mim.

Bert só sorriu. Sabia que tinha ganho.

.Tirá a clientes que não tenham que ver com zombis ou matanças de vampiros? .disse.

.Se tiver tempo para ler a cada cliente que atenda, então certamente tenha tempo para escrever um relatório.

.Não tenho que ler um relatório para cada cliente, solo me envia isso .Maldición, Bert.

.Mas, Anita, sabe que é só sorte que esteja de serviço durante o dia famoso.

.Maldición, Bert.

.Fez esperar muito tempo à Sra. Drew, não crie?

Levantei-me. Não tinha nada mais que dizer. Fui dominada com astúcia.

Ele sabia, eu sabia. Quão único podia fazer era uma elegante retirada.

.Sua entrevista das dois em ponto está reprogramada. Farei que Mary a envie com o Gunderson.

.Existe alguém a quem não aceitaria como cliente, Bert?

Pareceu pensá-lo durante um minuto, logo negou com a cabeça.

.Se podem nos pagar, não.

.É um maldito avaro.

.Sei.

A conversa não tinha sentido. Caminhei para a porta.

.Leva uma arma. .Soou indignado.

.Sim, por que?

.Acredito que pode atender aos clientes em nosso escritório, a plena luz do dia, sem estar armada.

.Não acredito.

.Só coloca a arma na gaveta do escritório como estava acostumado a fazer.

.Não .Abri a porta.

.Não quero que atenda aos clientes armada, Anita.

.É seu problema, não o meu.

.Poderia fazê-lo teu .disse.

Sua cara estava ruborizada, a voz irada. Talvez íamos brigar depois de tudo. Fechei a porta.

.Quer dizer que me despede?

.Sou seu chefe.

.Podemos discutir sobre os clientes, mas minha arma não é negociável.

.Sua arma assusta aos clientes.

.Envia aos afetados ao Jamison .disse.

.Anita .se levantou como uma tormenta enfurecida., enquanto está no escritório não levará a arma contigo.

Sorri docemente.

.Jódete, Bert.

Isso quanto a uma saída elegante.

CAPITULO 16

Fechei a porta e me precavi que tinha obtido nada menos que encher o saco ao Bert. Não por trabalhar a horas inconvenientes, mas não era um grande lucro. ia dizer lhe à Sra. Drew que podia ajudá-la. Bert estava no correto a respeito da boa imprensa. Saudei com a cabeça ao Gunderson quando o passei. Sorriu. Em certa forma não pensava que em realidade me queria ressuscitando aos mortos. Averiguaria-o muito em breve.

A Sra. Drew estava sentada com as pernas cruzadas, as mãos dobradas em seu regaço. Um modelo de paciência elegante.

.Posso ajudá-la, Sra. Drew. Não estou segura, mas acredito conhecer alguém que pode ajudá-la.

levantou-se, me oferecendo uma mão com manicura.

.Seria maravilhoso, Sra. Blake. Estou segura que agradecerei sua ajuda.

.Tem Mary um número onde poder localizá-la?

.Sim .sorriu.

Sorri. Abri a porta, e ela caminhou diante de mim em uma nuvem de perfume caro.

.Sr. Gunderson, posso atendê-lo agora.

levantou-se, colocando a revista que tinha estado olhando na pequena mesa ao lado do Ficus Benjium. Não se moveu com aquela graça similar ao baile que outros cambiaformas tinham. Então os cisnes não eram especialmente elegantes em terra.

.Tome assento, Sr. Gunderson.

.Por favor, Kaspar.

Apoiei-me no bordo do escritório, apartando a vista.

.O que faz você aqui, Kaspar?

Sorriu.

.Marcus quer lhe pedir perdão pela passada noite.

.Então, deveria ter vindo em pessoa.

Seu sorriso se alargou.

.Pensou que o lhe oferecer uma importante recompensa monetária poderia compensar nossa carência de hospitalidade ontem à noite.

.equivocou-se.

.Não vai ceder nem um centímetro, verdade?

.Não.

.Não vai ajudar nos?

Suspirei.

.Trabalho nisso. Mas não estou segura do que posso fazer. O que ou quem poderia matar a oito cambiaformas sem lutar?

.Não tenho nem idéia. Nenhum de nós a tem. Por isso havemos

vindo.

Genial. Sabiam menos que eu. Não era reconfortante.

.Marcus me deu uma lista de gente a que perguntar. .A passei a ele.. Alguma idéia? Algo que acrescentar?

Franziu o cenho arqueando as sobrancelhas. Umas sobrancelhas brancas que não eram de cabelo. Pisquei, tentando me concentrar. O fato de que estivesse cheio de plumas parecia me incomodar muito mais do que devia.

.Estes são todos os rivais do Marcus. encontrou-se com a maior parte deles na cafeteria.

.De verdade pensa que ele suspeita deles? Ou simplesmente está criando problemas a seus rivais? .perguntei.

.Não sei.

.Marcus disse que podia responder a minhas perguntas. Realmente sabe algo que não saiba?

.Diria que conheço muito mais sobre a comunidade cambiaformas que você, .disse.

Parecia uma insignificância ofendida.

.Sinto muito, acredito que só são ilusões do Marcus tentando fazer acreditar que seus rivais são os tipos maus. Não é sua culpa se ele jogar a estes jogos.

.Marcus freqüentemente trata de dirigir as coisas. Você o presenciou ontem à noite.

.Suas habilidades de direção não me impressionaram até agora.

.Acredita que se houvesse um soberano para todos os cambiaformas seríamos uma força a rivalizar com os vampiros.

Poderia ter razão nisso.

.Quer ser esse soberano .disse.

.É obvio.

O intercomunicador soou.

.me perdoe um minuto.

Pulsei o botão.

.O que acontece, Mary?

.Richard Zeeman na linha dois. Diz que te devolve a mensagem.

Vacilei, depois disse, «aceitarei-o». Agarrei o telefone muito consciente de que Kaspar estava sentado ali, escutando. Podia lhe haver pedido que saísse, mas estava cansada de jogar com certos clientes.

.Olá, Richard.

.Recebi sua mensagem em minha secretária eletrônica .disse. Sua voz era cautelosa, como se equilibrasse um copo de água cheia até o bordo.

.Acredito que necessitamos que falar .disse.

.Estou de acordo.

Não estávamos sendo prudentes esta tarde.

.supõe-se que sou a que está zangada. por que sua voz soa tão

estranha?

.Ouvi a respeito da noite passada.

Esperei a que dissesse mais, mas só havia silêncio exagerado até o infinito. Enchi-o.

.Olhe, tenho a um cliente comigo agora mesmo.

.Quer que nos encontremos e falemos?

.Muitíssimo.

Disse-o como se não o estivesse desejando de verdade.

.Tenho um descanso para jantar por volta das seis.

.Quer lombriga no restaurante chinês no Olive?

.Não parece muito privado.

.No que estava pensando?

.Minha casa.

.Só tenho uma hora, Richard, não tenho tempo para conduzir até ali.

.Você casa, então.

.Não.

.por que não?

.Simplesmente não.

.O que temos que nos dizer não deve ouvir-se em público. Sabe. Sabia. Maldição.

.Bem, encontraremos-nos em minha casa um pouco depois das seis.

Quer que leve algo?

.Está no trabalho. Será mais fácil para mim levar algo. Quer Mooshu de porco e Ragoon de caranguejo?

.Sim. .Tínhamos saído juntos tantas vezes que podia pedir comida para mim sem me perguntar. Mas perguntou de todas formas. Ponto para ele.

.Verei-te aproximadamente às seis e quinze, então .disse.

.Vemo-nos.

.Adeus, Anita.

.Adeus.

Penduramos. Meu estômago era um nó opressivo de temor. Se íamos a ter a briga, a ruptura, não queria tê-la em meu piso, mas Richard tinha razão. Não queríamos gritar sobre licântropos e gente morta em um restaurante público. De todos os modos, isto não ia por bom pé.

.Richard está furioso de noite passada? . perguntou Kaspar.

.Sim.

.Há algo que possa fazer para ajudar?

.Necessito as histórias completas sobre os desaparecimentos: as brigas, quais foram quão últimos os viram, esse tipo de coisas.

.Marcus disse que todas as perguntas diretas sobre as desaparecimentos deviam ser respondidas só por ele.

.Sempre faz o que diz?

.Não sempre, mas é inflexível nisso, Anita. Não sou um depredador. Não posso me defender contra Marcus.

.Realmente lhe mataria por ir contra seus desejos?

.Possivelmente não me mate, mas me doeria por um muito, muito comprido tempo.

Sacudi a cabeça.

.Não me parece melhor que a maioria de professores vampiros que conheço.

.Não conheço pessoalmente a nenhum professor vampiro. Estou obrigado a respeitar seus desejos nisto.

Tive que sorrir. Conhecia mais monstros que os monstros.

.Sabe Richard?

.Possivelmente, e se não, poderia ajudá-la a averiguar.

Quis lhe perguntar se Richard era tão mau como Marcus. Quis conhecer se meu apaixonado era realmente uma besta no fundo. Não o perguntei. Se queria conhecer algo sobre o Richard, deveria lhe perguntar a Richard.

.A menos que tenha mais informação, Kaspar, tenho trabalho que fazer. .Soou antipático até para mim, sorri tratando de suavizá-lo, mas não o consegui. Queria que esta completa confusão se desvanecesse, e ele era a aviso disso.

levantou-se.

.Se necessitar ajuda, por favor me chame.

.Só será capaz de me ajudar se Marcus der o visto bom, verdade?

Um rubor leve coloriu sua pele pálida, um brilho rosado como o açúcar colorido.

.Tenho muito medo.

.Não acredito que o chame .disse.

.Não confia no Marcus?

Ri-me, mas soou áspera, não divertida.

.E você?

Sorriu, e assentiu levemente.

.Suponho não.

Caminhou para a porta.

.É realmente uma maldição familiar? .perguntei, me girando quando já tinha a mão no pomo da porta.

.Minha enfermidade?

.Sim.

.Não é familiar, mas se for uma maldição, sim.

.Como nos contos de fadas? .perguntei.

.Nos contos de fadas se dá a impressão de ser algo suaves. As histórias originais são freqüentemente completamente espantosas.

.Tenho lido algumas.

.Tem lido a Princesa Cisne em escandinavo original?

.Não, não o tenho feito.

.É ainda pior no idioma original.

.Lamento ouvi-lo .disse.

.Eu também.

Caminhou mais perto da porta e tubo que abri-la para lhe deixar sair.

Queria ouvir a história de seus próprios lábios, mas havia dor em seus olhos, eram o suficientemente frios para cortar a pele. Não podia pinçar em essa dor.

Passou por diante. Deixei-lhe ir. Realmente tinha que encontrar meu livro de contos de fadas e procurar a verdade como naquela classe de literatura comparativa. Tinha passado muito tempo desde que li A Princesa Cisne.

CAPITULO 17

Era mas bem as seis e meia quando entrei pelo vestibulo para meu piso. Esperava encontrar ao Richard sentado no corredor, mas estava vazio. A tensão de meu estômago se alivio só um pouco. Um alívio temporário, embora fora de solo uns minutos, era ainda um alívio.

Tinha as chaves na fechadura quando a porta a minhas costas se abriu. Soltei as chaves as deixando pendurando.

Minha mão direita foi para a Browning. Era instinto, não algo no que tivesse pensado. Minha mão estava na culatra mas não a tinha tirado ainda quando a Sra. Pringle apareceu na porta. Retirei a mão longe do arma e sorri. Não acredito que compreendesse o que estava fazendo, porque seu sorriso nunca vacilou.

Era my alta e se tornou magra com a idade. Seu cabelo branco estava recolhido em um coque na nuca. Nunca levava maquiagem e nunca pedia perdão por ter mais de sessenta. Parecia desfrutar de ser uma mulher maior.

.Anita, vem um pouco tarde esta noite .disse. Custard, seu Pomerania, ladrava de fundo como um disco rajado.

Olhei-a ceñudamente. As seis e meia era cedo para chegar a casa. antes de que pudesse dizer algo, Richard apareceu detrás dela na entrada. Sua juba caía ao redor da cara em uma massa de abundantes ondas marrons. Levava um de meus jerséis favoritos. Era de um forte verde escuro e esponjoso, suave ao tato. Custard ladrava a ele, a centímetros de sua perna, como se procurasse a coragem para uma dentada rápido.

.Custard, para .disse a Sra. Pringle.

Observou ao Richard.

.Nunca lhe vi comportar-se assim com a gente. Anita lhe pode dizer que gosta quase todo mundo.

Olhou-me procurando apoio, envergonhada porque seu cão era grosseiro com um convidado. Assenti.

.Tem razão. Nunca lhe vi atuar assim antes .olhei ao Richard.

Nunca tinha visto sua cara tão séria e cautelosa.

.Às vezes atua assim ao redor de outros cães, trata de dominá-los .

disse.. Tem cão, Sr. Zeeman? Talvez Custard o cheire em você.

.Não .disse Richard.. Não tenho cão.

.Encontrei a seu apaixonado sentado no corredor com a bolsa de comida. Pensei que gostaria de esperar dentro. Lamento que Custard haja convertido a visita em algo desagradável.

.Sempre desfruto falando de trabalho com outro professor .respondeu.

.Que educado .disse.

Sua cara mostrava um maravilhoso sorriso. Só tinha encontrado a Richard um par de vezes no corredor, mas gostava. Inclusive antes de que averiguasse que era professor. Um julgamento rápido.

Richard a rodeou no corredor. Custard lhe seguiu, ladrando furiosamente. O cão parecia uma massa peluda muito ambicioso. Mas era uma massa peluda cheio o saca. O cão saltava para frente em suas diminutas patas, saltando com cada latido.

.Custard, volta aqui.

Sustentei a porta aberta para o Richard. Tinha uma bolsa branca na mão e o casaco nos braços. O cão deu um salto e pôs-se a correr em sua direção lançando-se para lhe morder o tornozelo. Richard olhou ao cão. Custard se deteve um nariz de sua perna. Levantou os olhos para cima, com um olhar nesses olhos caninos que nunca lhe tinha visto antes. Olhando-o como se se perguntasse se Richard o comeria.

Richard se escabulló pela porta. Custard ficou no vestíbulo, tão dominado como nunca o tinha visto.

.Obrigado por cuidar do Richard, Sra. Pringle.

.É um prazer. É um jovem agradável .disse.

Seu tom de voz expressava mais que "jovem agradável", queria dizer que se podia casar com ele. Minha madrasta, Judith, estaria de acordo com ela. Salvo que Judith o haveria dito em voz alta, não insinuando-o. Sorri e fechei a porta. Custard começou a ladrar detrás. Fechei com chave por costume e me voltei para confrontar as conseqüências. Richard tinha colocado o casaco de couro sobre o respaldo do sofá. A bolsa de comida estava na pequena mesa de minha cozinha americana. Tirou as vasilhas de comida. Deixei meu casaco no sofá junto ao dele e me tirei os saltos altos. Perdi aproximadamente vários centímetros de altura e me senti muito melhor.

.Bonita caçadora .disse. Sua voz ainda soava indiferente.

.Obrigado.

me ia tirar isso mas como gostou, continuei com ela posta. Tolo, mas certo. Ambos estávamos sendo cautelosos. A tensão na habitação afogava.

Tirei pratos do armário. Uma Coca-cola fria da geladeira para mim e enchi um copo com água para o Richard. Não gostava das bebidas carbônicas. Tinha-me acostumado a ter uma jarra de água fria na geladeira só para ele. Minha garganta se fechou quando pus as bebidas na mesa.

Colocou a baixela. Movemo-nos pela minúscula cozinha como bailarinos, sabendo onde estava o outro, sem nos roçar a menos que fora a propósito. Esta noite não haveria roce. Deixamos as luzes apagadas. A única luz provinha da sala de estar, deixando a cozinha em penumbras, como uma cova. Era quase como se nenhum de nós

queria ver claramente.

Por fim nos sentamos. Olhamo-nos o um ao outro por cima dos pratos de comida: Mooshu de porco de mim, frango com caju para Richard. O aroma da quente comida a China encheu o piso. Quente e consoladora em muitas ocasiões. Esta noite me enojou. Um pedido dobro do Ragoon de caranguejo estava colocado em um prato entre os dois. Tinha um pires de molho agridoce. Assim era como sempre nos comíamos os pratos chineses, compartilhando um prato fundo de molho.

Maldição.

Seus olhos marrom chocolate me contemplaram. Era a que devia começar. Não queria fazê-lo.

.Então, todos os cães reagem assim?

.Não, só os dominantes.

Observei-lhe.

.Custard é dominante?

.Ele crie.

.Doentio .disse.

Sorriu.

.Não como cães.

.Não quis dizer... ah, mierda. .Se íamos fazer o, podia fazê-lo bem.. por que não me fala sobre o Marcus?

.Não queria te implicar.

.por que não?

.Jean-Claude te implicou com o Nikolaos. Disse-me quanto o detestou. Odiava fazê-lo. Se te tivesse pedido ajuda com o Marcus, qual seria a diferença?

.Não é o mesmo .disse.

.Como? Não te usarei como o fez Jean-Claude. Não o farei.

.Se me oferecer, não me usa.

.O que vais fazer? Matá-lo? .Havia rancor em sua voz, cólera.

.O que se supõe que quer dizer?

.Pode te tirar a caçadora. Vi a arma.

Abri a boca para protestar e a fechei. Explicar em metade de uma briga que queria lombriga bem para ele soava absurdo. Levantei-me e me tirei isso. Coloquei-a cuidadosamente sobre o respaldo da cadeira, tomando meu tempo.

.Contente?

.A arma é sua resposta a tudo?

.por que de repente tem um problema comigo por levar um arma?

.Alfred era meu amigo.

Fiquei geada. Não me tinha ocorrido que ao Richard podia cair bem Alfred.

.Não sabia que era seu amigo.
.Teria havido alguma diferença?
Pensei nisso.
.Talvez.
.Não tinha que matá-lo.
.Tive esta conversa com o Marcus ontem à noite. Não me deram nenhuma opção, Richard. Adverti-lhe, mais de uma vez.
.Ouvi tudo o que aconteceu. A manada cochichava exaltada por isso. Como não te jogou para atrás, rechaçando o amparo do Marcus. Disparou a um dos nossos. .Sacudiu a cabeça.. OH, todo o mundo ficou impressionado.
.Não o fiz para impressioná-los.
Suspirou profundamente.
.Sei, é o que me assusta.
.Tem-me medo?
.Por ti .disse. A cólera que bulia em seus olhos foi substituída pelo medo.
.Posso dirigi-lo, Richard.
.Não entende o que fez ontem à noite.
.Sinto que Alfred fora seu amigo. Francamente, não me golpeou como alguém com quem saísse.
.Sei que era um valentão, e que era o cão do Marcus, mas era mim protegido.
.Marcus não o protegeu muito ontem à noite, Richard. Estava mais interessado em sua pequena luta de poder que em manter a salvo a Alfred.
.Passei pela casa do Irving esta manhã.
Deixou a afirmação pendurada aí, no ar, entre nós.
Foi o momento de me zangar.
.Fez-lhe mal?
.O tivesse feito, estava em meu direito como beta da manada.
Levantei-me, as mãos seguiram sobre a mesa.
.Se lhe fizer mal, vamos ter mais que simples palavras.
.Também vais pegar me um tiro?
Olhei-o, com seu maravilhoso cabelo, via-se delicioso com esse pulôver, e assenti.
.Se tivesse que fazê-lo.
.Poderia me matar, como se nada.
.Não, não te mataria, mas sim te feriria, sim.
.Por manter a salvo ao Irving, dispararia-me.
reclinava-se na cadeira, os braços cruzados sobre o peito. Seu expressão era de assombro e irritação.
.Irving me pediu amparo. A dava.

.Disse-me isso esta manhã.

.Fez-lhe mal?

Contemplou-me durante muito tempo.

.Não, não lhe fiz mal .disse finalmente.

Soltei o fôlego que não sabia que estava contendo e me reclinei em a cadeira.

.Seriamente te poria em mim contra para lhe proteger. De verdade.

.Não te assombre tanto. Irving se encontrava em meio dos dois.

Marcus lhe teria feito mal se não me tivesse chamado, e lhe disse que o faria mal se o fazia. Não me pareceu muito justo.

.Muitas coisas na manada não são justas, Anita.

.Assim é a vida, Richard. E o que com isso?

.Quando Irving me disse que estava sob seu amparo, não o feri, mas não acreditei que realmente me faria mal.

.Conheço o Irving a muito tempo mais tempo.

inclinou-se sobre a mesa, avançado para mim.

.Mas ele não sai contigo.

Encolhi-me de ombros. Não sabia que mais dizer. Nada me parecia uma aposta segura.

.Sou ainda seu .doce. ou o batismo de fogo de ontem à noite te fez não querer seguir mais comigo?

.Está em uma luta a vida ou morte e não me disse isso. Se me esconde algo assim, como podemos ter uma relação?

.Marcus não me matará .disse.

Observei-o. Parecia sincero. Mierda.

.Realmente o crie, verdade?

.Sim.

Quis lhe dizer que era um parvo, mas fechei a boca e tratei de pensar em algo mais que dizer. Não me veio nada à cabeça.

.tratei com o Marcus. tratei com a Raina. .Sacudi a

cabeça.. Se de verdade crie que Marcus não te quer morto, lhe equivoca.

.Uma noite e já é uma perita .disse.

.Sim, nisto o sou.

.Por isso não lhe contei isso. Mataria-o, verdade? Só lhe mataria.

.Se tratasse de me matar, sim.

.Tenho que fazer isto a minha maneira, Anita.

.Então resolve-o, Richard. Mata ao asno.

.Ou o fará por mim.

Recostei-me na cadeira.

.Mierda, Richard. O que quer de mim?

.Quero saber se pensar que sou um monstro.

A conversação ia muito rápido para mim.

.Acusa-me de ser uma assassina. Não deveria ser essa minha pergunta?

.Conhecia o que foi quando nos encontramos pela primeira vez.

Creíste que era humano. Ainda pensa que o sou?

Observei-o. via-se tão inseguro. Em minha cabeça sabia que não era humano. Mas nunca o tinha visto fazer coisas do outro mundo. Vê-lo em minha cozinha, com esses olhos marrons que transbordavam sinceridade, simplesmente, não me parecia muito perigoso. Acreditava que Marcus não o mataria. Era muito ingênuo. Quis protegê-lo. Mantê-lo a salvo de alguma maneira.

.Não é um monstro, Richard.

.Então, por que não me há meio doido esta noite, nem sequer um beijo de bem-vinda.

.Pensei que estávamos zangados .disse., não beijo às pessoas com as que estou zangada.

.Estamos zangados? .Sua voz soava débil, insegura.

.Não sei. me prometa algo.

.O que?

.Não mais segredos. Nem mais mentiras, nem sequer por omissão. Me diz a verdade, e te direi a verdade.

.De acordo, se me prometer não matar ao Marcus.

Olhei-o fixamente. Como poderia ser e homem lobo professor, e ser tão dissimulado? Era tão encantador, queria matá-lo.

.Não posso te prometer isso.

.Anita...

Levantei a mão.

.Posso te prometer não matá-lo a menos que me ataque, ou a ti, ou a um civil.

Era o momento do Richard para me observar.

.Pode matá-lo só por isso?

.Só por isso.

Negou com a cabeça.

.Não o entendo.

.Como pode ser um licântropo e não ter matado nunca a ninguém?

.Tomo cuidado.

.E eu não?

.É algo quase habitual para ti. Matou ao Alfred ontem à noite, e não parece lamentá-lo.

.Deveria fazê-lo?

.Eu o faria.

Encolhi-me de ombros. A verdade era que me incomodava um pouco.

Poderia havê-lo solucionado sem colocar ao Alfred em uma bolsa de cadáver. Ou no estomago de seus amigos. Mas o tinha matado. Não retornaria. Ponto

final. Não trocava isso. Sem pedir desculpas.

.Assim é como sou, Richard. Aceita-o ou te largue. Não vou trocar.

.Um dos motivos pelos que quis estar contigo até agora,

para começar, foi que pensei que poderia te cuidar. Viu-os agora.

Acredito que posso sair com vida, mas uma pessoa normal, um ser humano comum, que possibilidade teria?

Só lhe olhei. Recordei-lhe com a garganta destroçada. Morto. Mas não tinha morrido. curou-se. Se tivesse sido outro homem, outro ser humano, não se teria curado. Nunca quereria amar a alguém e perdê-lo assim. Nunca.

.Então, conseguiu o que procurava. Qual é o problema?

.Ainda te quero. Ainda quero te abraçar. te tocar. Pode

me tocar depois do que viu ontem à noite? .Evitava me olhar. Seu cabelo escorregou, lhe escondendo a cara.

Levantei-me e avancei para ele, olhando-o. Elevou o rosto, os olhos o brilhavam com lágrimas não derramadas. A cara distorcida pelo medo.

Acreditava que o que vi ontem à noite o trocaria tudo entre nós. Pensei na força pouco natural do Jason, o suor na cara do Marcus, Gabriel com a boca coberta de sangue. Mas olhando fixamente o semblante do Richard, o suficientemente perto para tocá-lo, nada disso importava.

Confiava no Richard. Além disso, estava armada.

Agachei-me, me inclinando para beijar seus lábios. O primeiro beijo foi suave, casto. Não fez nenhum movimento para me tocar, as mãos no regaço. Beije sua frente, minhas mãos acariciavam seu cabelo comprido, podia sentir seu calor nos dedos. Beije suas sobrancelhas, a ponta do nariz, cada bochecha e finalmente, os lábios de novo. Suspirou, seu fôlego fluiu em minha boca, e pressionei os lábios contra os seus, comendo-me isso pierna a cada lado de sus rodillas, y descubrí que la falda corta tenía sus

Seus braços me abraçaram, as mãos vacilando em minha cintura, os dedos movendo-se ligeiramente para baixo. As mãos baixaram a meus coxas, saltando-se todas aquelas zonas questionáveis. Coloquei uma perna a cada lado de seus joelhos, e descobri que a saia curta tinha seus usos. Sentei-me escarranchado sobre seus joelhos, não tinha que levantar a saia nem um centímetro. Richard fez um pequeno som de surpresa. Me observou, seus olhos se afogavam profundamente.

Retirei o pulôver de seu estômago, passando as mãos sobre sua pele nua.

.Tire lhe disse isso.

tirou-se o pulôver com um movimento rápido, deixando-o cair ao chão.

Sentei-me em seus joelhos, contemplando seu peito nu. Deveria me haver parado aí mesmo, mas não queria fazê-lo.

Pressionei a cara na curva de seu pescoço, aspirando o aroma de sua pele, seu cabelo cobriu minha cara como um véu. Descrevi com a ponta da língua uma fina linha úmida por seu pescoço, através da clavícula.

Suas mãos acariciavam minhas costas, deslizando-se para baixo. Seus dedos dançaram sobre minhas nádegas, e volta para as costas. Ponto para ele. Não andava às cegas.

.A arma, lhe pode tirar isso perguntou com a cara sepultada em meu cabelo.

Assenti, me tirando os suspensórios. Não podia tirá-la sem retirar o cinturão da saia. Minhas mãos não pareciam querer trabalhar.

Richard tomou minhas mãos e as colocou brandamente aos lados.

Desabotoou a fivela e começou a desatar o cinturão, trábilla a trábilla.

Cada puxão fazia que me movesse só um pouco. Sustentei a arma embainhada enquanto deixava o cinturão livre. Deixou cair ao cinturão ao chão.

Dobrei a pistolera do ombro com cuidado e a pus na mesa detrás de nós.

Retornei para ele. Sua cara estava alarmantemente perto. Seus lábios eram suaves, cheios. Lambi os borde dessa boca. O beijo foi rápido e confuso. Queria percorrer com minha boca outras coisas. Descer por seu peito.

Nunca tínhamos ido tão longe. Nem tão perto.

Tirou minha blusa da saia, percorrendo com as mãos minhas costas nua. A sensação de sua pele em sítios que nunca havia meio doido antes fez-me estremecer.

.Temos que nos deter agora.

Sussurrei-o contra seu pescoço, não estava segura.

.O que?

.Para.

Empurrei-o um pouco para trás, o suficiente para ver sua cara. Para respirar, só um pouco. Minhas mãos ainda jogavam com seu cabelo, lhe tocando os ombros. Deixei cair minhas mãos. me controlando. Ele era tão ardente. Me levei as mãos à cara, podia cheirá-lo em minha pele. Não queria me deter. O gesto de sua cara, a sensação de seu corpo, tampouco queria.

.Devemos nos deter agora.

.por que? .Sua voz era quase um sussurro.

.Se não nos detivermos agora, não nos deteremos absolutamente.

.Seria tão mau?

Olhei fixamente seus adoráveis olhos a centímetros de meus, quase disse: «não».

.Talvez, sim.

.por que?

.Uma noite nunca é suficiente. Ou tem uma dieta regular disto, ou curtas o macaco.

.Pode o ter todas as noite .disse.

.É uma oferta? .perguntei.

Piscou, tratando de esclarecer-se. Pensar. Observei seu esforço e seu luta interior. Era difícil pensar sentada em seus joelhos. Levantei-me. Seus

mãos estavam ainda sob minha camisa, em minhas costas nua.

.Anita, o que acontece?

Pu-me de pé, percorri-lhe com o olhar, tinha as mãos sobre seus ombros para me equilibrar, muito perto ainda para pensar claramente. Retrocedi, e me soltou. Apoiei as mãos sobre a encimera da cozinha, tentando pensar o suficiente para me recuperar.

Tratei de pensar em como lhe dizer de uma vez, o preço de um par de anos de dor.

.Fui sempre uma boa garota. Não fui promíscua. Na Universidade conheci alguém, comprometemo-nos, pusemos data, fizemos o amor. Se desfez de mim.

.Fez-o só para te levar a cama?

Neguei com a cabeça e me girei para olhá-lo. Ainda estava ali sentado sem camisa, vendo-se delicioso.

.Sua família me desaprovou.

.por que?

.A sua mãe não gostava que minha mãe fora mexicana. .Apoiei as costas contra os armários, cruzando os braços, me abraçando com eles.. Não me amava o suficiente para enfrentar-se a sua família. O senti falta de muitas formas, mas meu corpo também o jogou de menos. Prometi-me que nunca deixaria que passasse outra vez.

.Então espera até o matrimônio .disse.

Assenti.

.Quero-te Richard, egoístamente, mas não posso. Prometi-me que nunca deixaria que me machucassem assim outra vez.

levantou-se e se aproximou até estar ante mim. Estava de pé tão perto, mas não tratou de me tocar.

.Então, te case comigo.

Elevei a vista.

.Sim, de acordo.

.Não, digo-o a sério. .Colocou as mãos brandamente sobre meus ombros.. pensei em lhe pedir isso antes, mas tinha medo. Não havia visto o que um licântropo pode fazer, o que podemos ser. Sabia que tinha que vê-lo antes de que lhe pudesse perguntar isso mas tinha medo de que o visse.

.Ainda não te vi trocar .disse.

.Precisa vê-lo?

.Estando aqui contigo, diria que não, mas se formos realistas, se falamos a sério, possivelmente.

.Agora?

Fixei o olhar na escuridão próxima e o abracei. Apoiei-me nele e neguei com a cabeça, minha bochecha se deslizo com o passar do peito nu.

.Não, agora não.

Beijou a parte superior de minha cabeça.

.É um sim?

Levantei a cabeça para olhá-lo.

.Deveria dizer que não.

.por que?

.Porque a vida é muito complicada para isso.

.A vida sempre é complicada, Anita. me diga que sim.

.Sim.

Ao minuto de dizê-lo, quis me retratar. Desejava-o muito. Inclusive pode que o amasse mais que um pouco. Suspeitava que seria capaz de comer-se à pequena caperucita vermelha? Infernos, ele não podia consentir matar ao Lobo Mau Grande. Dos dois, era a mais propensa a matar à gente.

Beijou-me, suas mãos pressionaram minhas costas.

.Nada de sexo esta noite. A regra ainda segue vigente .disse retrocedendo para respirar.

Baixou sua boca e falou com nossos lábios quase tocando-se.

.Sei.

CAPITULO 18

Chegava tarde a minha primeira entrevista zombi. Surpresa, surpresa. Chegar tarde à primeira reunião atrasava também às outras dois. Eram as 2:03 quando consegui chegar à habitação do Edward.

Bati na porta. Abriu-a e se fez a um lado.

.Chega tarde.

.Sim .lhe respondi.

A habitação era bonita mas corrente. Uma singela cama de matrimônio, mesitas de noite, dois abajures e um escritório colocado contra a parede mais longínqua. As cortinas estavam fechadas sobre o amplo ventanal que cobria a parede. A luz do quarto de banho estava acesa e a porta aberta. A porta do armário estava entreabierta, demonstrando que tinha pendurado a roupa. Pensava ficar durante um tempo.

A televisão estava acesa com o volume baixo. Estava surpreendida. Edward não vê a televisão. Havia um vídeo gravador colocado sobre a televisão. Isso não forma parte do que normalmente têm as habitações correntes.

.Quer algo do serviço de habitações antes de que comecemos?

.Uma Coca-cola estaria genial.

Sorriu.

.Pensava que teria gostos caros, Anita.

Foi ao telefone e fez o pedido. Ordenou um filete, que estranho, com uma garrafa da Borgonha. Tirei-me meu casaco e o pus sobre a cadeira do escritório.

.Não bebo .lhe disse.

.Sei .respondeu.

.Quer refrescou enquanto esperamos a comida?

Joguei uma olhada e vislumbre a imagem distante de meu mesma no espelho do quarto de banho. O sangue de frango se secou com um pegajosa cor tijolo em minha cara.

.Vejo a que te refere.

Fechei a porta do quarto de banho e me olhei no espelho. A iluminação era forte, desse branco deslumbrante que tantos quartos de banho de hotéis parecem ter. É tão pouco atrativa que até à Srta. América não ficaria bem.

O sangue destacava como giz vermelho sobre minha pele pálida. Levava posta uma sudadera branca com motivos natalinos que tinha a imagem do Maxine dos anúncios .Shoebox Hallmark.. Bebia café com um fortificação de caramelo na mão, enquanto dizia «Isto é tão jovial como quero».

Bert nos tinha pedido que nos vestíssemos com coisas de estilo natalino

durante todo o mês. Talvez a sudadera não era exatamente o que tinha em mente, mas ouça, era melhor que algumas outras coisas que tinha em casa. Havia sangue no tecido branco. Figuras.

Tirei-me isso deixando-a na banheira. Tinha sangue sobre o coração. Inclusive se tinha manchado uma parte de minha cruz de prata. Tinha sangue em minhas coisas, na cara e nas mãos.

Tinha matado três frangos esta noite. O levantamento de zombis era um trabalho sujo.

Tomei uma das toallitas brancas da pequena prateleira de toalhas. Me perguntei como explicaria Edward as manchas de sangue à criada. Não é meu assunto, mas seria divertido de todos os modos.

Deixei correr a água no lavabo e comecei a me lavar bem. Pude ver brevemente o sangue caindo por minha cara em aquosos riachos. Me levantei e me olhei fixamente. Minha cara se via fresca e ligeiramente surpreendida.

declarou-se Richard de verdade? Havia-lhe dito que sim em realidade?

Certamente não.

Havia-lhe dito sim. Mierda.

Limpei com um pano o sangue de meu peito.

Jogo com monstros todo o tempo. Assim, estava comprometida com um. Isso me bloqueou. Sentei-me na tampa fechada do inodoro, com o pano ensangüentado nas mãos. Estava comprometida. Outra vez.

A primeira vez, ele tinha sido como o pão branco, que até ao Judith tinha-lhe gostado. Era o .típico menino americano. e não tinha sido o suficientemente boa para ele, segundo sua família. O que mais me doeu foi que não me tinha amado o suficiente. Não tanto como eu o tinha amado. O teria deixado tudo por ele. Não é um engano que vá cometer duas vezes. Richard não é como ele. Sei. Mas ainda tenho esse fio de bordar da dúvida. Temor a que o danifique. Temor a que não. Maldito se o faz, maldito se não.

Olhei para baixo e me dava conta de que gotejava a água ensangüentada no linóleo. Ajoelhei-me e o sequei. Estava tão poda como poderia está-lo até que tomasse banho em casa. Se houvesse trazido roupa poda, poderia havê-lo feito aqui, mas não tinha pensado nisso.

Edward chamou na porta.

.A comida esta aqui.

Vesti-me, pus a toallita no lavabo e deixei correr água fria sobre ela. Assegurei-me de que o tecido não obstruía o deságüe e abri a porta. O aroma do filete me golpeou. Cheirava muito bem. Não comia desde fazia mais de oito horas e sinceramente, não tinha comido muito então. Richard me tinha distraído.

.Crie que o serviço de habitações nos fuzilaria se fizéssemos

outro pedido?

Fez um pequeno gesto com a mão para o carrinho de serviço.

Havia dois pedidos nele.

.Como sabia que teria fome?

.Sempre esquece comer .me respondeu.

.Estas a ponto de ser a mãe do ano.

.O menos que posso fazer é te pedir a comida.

Olhei-o.

.Que tramas, Edward? É terrivelmente considerado.

.Conheço-te o suficiente para saber que não te vai gostar. Pedi a comida em uma oferta de paz.

.Eu não gostarei do que?

.Comamos, olhe o filme e todo se esclarecerá.

Estava sendo cauteloso. Não estava sendo ele. Disparava-te, mas não seria agradável.

.Que te acontece Edward?

.Não mais pergunta até que acabe o filme.

.por que não?

.Assim terá melhores pergunta.

Com aquela resposta inescrutável se sentou no bordo da cama e serve uma taça de vinho tinto. Cortou a carne, que estava o bastante crua para sangrar pelo centro.

.Por favor, me diga que meu filete não está sangrento.

.Não o está. Sei que você gosta da carne bem feita.

.Ja, ja.

Mas me senti. Parecia-me estranho compartilhar uma comida na habitação do hotel do Edward, como se fôssemos empresários que viajam juntos e esta fora um jantar de negócios. O filete estava bem feito. As grosas batatas fritas caseiras estavam apropriadamente condimentadas e ocupavam quase tanto como o filete. Havia um prato adicional de brócolis, o qual pude deslocar a um lado e ignorar.

A Coca-cola vinha em uma taça geada, o que parecia um pouco excessivo, mas se via bem.

.O filme vai começar perto do final. Não acredito que tenha nenhum problema para captar a trama.

Pressionou os botões do mando a distância e a tela da televisão piscou, trocando de um programa concurso a um dormitório.

Uma mulher de comprimento curto castanho estava deitada de barriga para cima em uma cama redonda. Estava nua, ou ao menos o que podia ver dela estava nu. Por debaixo da cintura, estava escondida depois do traseiro que um homem moreno que se movia freneticamente.

.Isto é pornografia.

Não tentei ocultar a incredulidade de minha voz.

.Certamente, é-o.

Percorri-lhe com o olhar. Cortava o filete com movimentos de mãos claramente delineados e precisos. Mastigou uma parte, bebeu vinho e olhou a tela.

Voltei o olhar ao .filme". Um segundo homem se uniu com o casal na cama. Era mais alto que o primeiro homem, com o cabelo mais curto, mas além disso, era um pouco difícil dizê-lo, principalmente porque tentava não olhar.

Estava sentada no bordo da cama do Edward com nossos suculentos filetes e pela primeira vez me senti incomoda com ele. Nunca houve nenhum tipo de tensão sexual entre nós. Poderíamos nos matar um dia, mas nunca nos beijaríamos. E entretanto, ainda estava na habitação de hotel de um homem olhando um filme porno, as garotas boas não fazem isso.

.Edward, que demônios passa?

Pressionou uns botões do mando a distância. E congelou a cena.

.Aqui, a imagem da cara.

Voltei-me para à tela. A imagem congelada me olhou fixamente.

Era o segundo homem. Era Alfred.

.OH Deus!, .disse.

.Conhece-o? .perguntou Edward.

.Sim.

Não tinha nenhum motivo para negá-lo. Alfred estava morto. Edward não poderia lhe fazer danífico.

.Nome?

.Alfred. Não sei seu sobrenome.

Pressionou o botão de avanço rápido. As imagens da tela se moviam a um ritmo feroz, fazendo coisas íntimas que teriam sido obscenas a qualquer velocidade. Em avanço rápido parecia mais triste. Ridículo assim como também degradante.

Pulso a pausa outra vez. A cara da mulher estava em um primeiro plano, a boca aberta, os olhos providos de uma frouxidão sexual. O cabelo estava estendido engenhosamente sobre o travesseiro de seda. Deveria ter resultado provocador. Estava colocado para não sê-lo.

.Conhece-a?

Neguei com a cabeça.

.Não.

Pressionou o botão outra vez.

.Estamos perto do final.

.E o outro homem?

.Leva posta uma máscara que lhe cobre toda a cara.

O homem mascarado investia à mulher desde atrás. Seus quadris cobriam-lhe o traseiro, a linha de sua coxa acoplada ao dela. recostou-se

sobre as costas nua da mulher, lhe massageando a parte superior de os braços. Parecia cobri-la mais que outra coisa. Parecia haver muito pouco sexo.

Ela suportava o peso dele sobre as mãos e os joelhos. Seu fôlego era ofegante. Um grunhido rouco fluiu pela habitação. A câmara enfocou um primeiro plano das costas do homem. A pele ondeou, como se uma mão a tivesse roçado de dentro, depois desapareceu. Mais ondulações, como se algo pequeno procurasse a forma de sair.

Um enfocado de um ângulo mais amplo o mostrou ainda cobrindo à mulher. Os ondulações nas costas aumentavam.

Podia ver coisas estranhas empurrando contra sua pele, movimentos bastante grandes que se poderiam ter visto inclusive se tivesse estado vestido. Como os que tinha visto no Jason ontem à noite.

Tinha que confessar que esta parte era fascinante. Tinha visto cambiaformas, mas nunca como isto. Não ao detalhe, não através do objetivo de uma câmara.

A pele se rachou ao longo das costas e se ergueu, com as mãos abraçando sua cintura, gritando. Um líquido claro fluiu descendo pela costas, empapou a cama e à mulher debaixo dele.

Ela o estimulou um pouco mais, movendo as nádegas contra ele, empurrando contra ele, arqueando-se na cama.

Uma pelagem negra aflorou nas costas. As mãos tremiam aos lados. inclinou-se sobre ela outra vez as afundando na cama. As mãos eram só mãos, depois, aqueles dedos humanos rasgaram a cama, rasgando o cheio branco com grandes cortes.

O homem pareceu encolher-se. A pelagem fluiu mais e mais rápido, a uma velocidade constante. A máscara lhe caiu. A cara estava muito disforme para sustentá-la. A câmara fez um enfoque da máscara queda. Um poquito de arte em tudo isto... OH, demônios. Não tive palavras para isso.

O homem desapareceu. Um leopardo negro montava à mulher, e parecia muito feliz com o acerto.

O leopardo se inclinou sobre a ela, os lábios se replegaron mostrando as presas. Mordeu-a nas costas, extraindo um pouco de sangue. Ela gemeu levemente, um estremecimento se estendeu por seu corpo.

Alfred voltou a aparecer na cena. Estava ainda em sua forma humana. Avançou lentamente até a cama e beijou à mulher. Foi um beijo comprido, completo, língua contra língua. levantou-se sobre os joelhos, ainda beijando-a, balançando o corpo com os movimentos. Parecia muito excitado ao vê-la.

As costas ondulou e se rasgou, suas mãos aferravam os lençóis. O mudança pareceu ser muito mais rápido nele. A câmara enfocou um primeiro

plano de uma de suas mãos. Os ossos se deslizaram pela pele com ruídos úmidos, de sucção. Os músculos e os ligamentos reptaron lentamente e se acomodaram. A pele se rasgou, e o mesmo líquido claro saiu a torrentes. A mão se transformou em uma nua garra antes de que a pelagem escura fluiu-se sobre ela.

Estava sobre as pernas dobradas, meio lobo, meio homem, mas todo macho. Jogou para trás a cabeça e uivou. O som era tão intenso, de uma qualidade ressonante que encheu a habitação.

A mulher o contemplou, com os olhos totalmente abertos. O leopardo saltou afastando-se dela, girando sobre a cama, como um gatinho grande para todo mundo. Começou a rodar sobre si mesmo nas savanas, até que só se via a pelagem negra da cara.

A mulher ficou de barriga para cima, escancarada. Estendeu as mãos para o homem lobo, passando a língua por seus lábios como se realmente passasse um bom momento. Talvez era assim. Ele empurrou dentro dela, não foi tenro. Ela gemeu como se fora o melhor que havia sentido alguma vez. Fazia ruídos. Qualquer diria que era uma muito boa atriz ou estava perto do clímax. Não estava segura de qual escolher. Uma boa atuação, acredito.

Ela chegou ao orgasmo com um som entre um gemido e um grito de alegria. recostou-se na cama ofegando, com o corpo líquido. O homem lobo deu um último impulso estremecido e marcou com as garras o corpo nu.

Ela gritou, não requeria atuação. O sangue jorrava do corpo em riachos escarlates. O leopardo uivou sobressaltado e saltou da cama.

A mulher colocou as mãos diante da cara e as garras lhe despedaçaram os braços em um lado. O sangue brotava e vislumbrei o osso do braço onde as garras tinham arrancado toda a carne.

Os gritos eram altos e contínuos, um chiado forte depois de outro, tão rápido como podia respirar. O focinho bicudo do homem lobo desceu para a cara. Tive uma imagem da mandíbula esmagada da vítima do crime. Mas ele foi à garganta. Mordeu-a, salpicando uma grande quantidade de sangue.

Os olhos olharam fixamente à câmara, grande e resplandecente, aborrecido com a morte. O sangue em certa forma não tinha manchado seu rosto. O homem lobo se levantou outra vez a duas patas, o sangue lhe gotejava pela mandíbula. Um emplastro de betume lhe caía pela cara, correndo entre os olhos que nos olhava fixamente.

O leopardo saltou de volta sobre da cama. Lambeu a cara por completo, com lambidas largas e seguras de sua língua. O homem lobo se encarregou da parte de abaixo do corpo, detendo-se no estômago.

Vacilou, um olho amarelo olhou fixamente a câmara. E começou a alimentar-se. O leopardo se uniu ao festim.

Fechei os olhos, mas os sons eram suficientes. Sons intensos, úmidos e dilaceradores encheram a habitação.

.me apague ouvi lhe dizer.

Os sons se detiveram, e assumi que Edward tinha apagado a cinta, mas não elevei a vista para comprová-lo. Não olhei até que ouvi o zumbido do rebobinado da cinta.

Edward cortou um pedaço de bife.

.Se comer isso agora mesmo, vomitarei sobre ti.

Sorriu, mas deixou os talheres. Olhou-me. Tinha uma expressão indiferente, como a maioria das vezes. Não sabia se tinha desfrutado de o filme ou lhe tinha enojado.

.Agora pode me perguntar .disse.

Parecia a mesma voz de sempre, agradável, sem afetar-se por estímulos externos.

.Jesus, onde conseguiu essa cinta?

.De um cliente.

.por que lhe deu isso?

.A mulher era sua filha.

.Ah, Deus, por favor, me diga que ele não a viu.

.Sabe que sim. Quer saber se a viu até o final ou por que me contratou? A maioria dos homens não contratam a gente para matar aos amantes de sua filha.

.Contratou-te para matar aos dois homens?

Edward assentiu.

.por que me ensinou isso?

.Porque sabia que me ajudaria.

.Não sou uma assassina, Edward.

.Só me ajude a identificá-los. Eu farei o resto. Posso beber um pouco de vinho?

Assenti.

Bebeu o vinho a sorvos. O líquido escuro rodou pelo cristal, parecendo muito mais vermelho que antes do filme. Traguei com força e apartei o olhar. Não vomitaria. Não vomitaria.

.Onde posso encontrar ao Alfred?

.Em nenhuma parte .disse.

Colocou a taça com cuidado na bandeja.

.Anita, decepçiona-me, pensei que me ajudaria depois de ver o que lhe fizeram à garota.

.Não estou sendo pouco cooperativa. Esse filme é uma das piores costure que vi alguma vez, e vi muitíssimo. É muito tarde para que encontre ao Alfred.

.Como que muito tarde?

.Matei-o ontem à noite.

Um sorriso apareceu em sua cara, um formoso sorriso.
.Sempre faz meu trabalho mais fácil.
.Não a propósito.
encolheu-se de ombros.
.Quer a metade dos honorários? Fez a metade do trabalho.
Neguei com a cabeça.
.Não o fiz por dinheiro.
.me diga o que aconteceu.
.Não.
.por que não?
Olhei-o.
.Porque caças licântropos não quero te entregar a alguém por acidente.
.O homem leopardo merece morrer, Anita.
.Não o nego. Embora, tecnicamente, ele não matou a garota.
.O pai os quer a ambos. Culpa-o?
.Não, suponho que não.
.Então, ajudará-me a identificar ao outro homem?
.Talvez. Levantei-me.
.Tenho que chamar a alguém. Preciso que alguém mais veja esta filme. Ele poderia te ajudar mais que eu.
.Quem?
Neguei com a cabeça.
.me deixe ver se virá primeiro.
Edward me concedeu uma larga inclinação com a cabeça, quase uma reverência com o pescoço.
.Como quer.
Marquei de cor o número do Richard. Respondeu-me a máquina.
.Sou Anita, me responda se estiver aí. Richard, me responda. Isto é importante.
Ninguém agarrou o telefone.
.Maldição .disse.
.Não há ninguém em casa? .perguntou Edward.
.Tem o número do Café Lunático?
.Sim
.dêem-me isso .Lo siento, no tenemos ningún camarero con ese nombre.
Repetiu o número lentamente, e o marquei. Uma mulher respondo. Não era Raina. Dava obrigado por isso.
.Café Lunático, atende-lhe Polly, como posso lhe ajudar?
.Preciso falar com o Richard.
.Sinto muito, não temos nenhum garçom com esse nome.
.Olhe, fui uma convidada do Marcus ontem à noite. Preciso falar com Richard. É uma emergência.

.Não sei. Quero dizer, estão todos ocupados na parte de atrás.
.Olhe, consegue que Richard fique ao telefone agora.
.Ao Marcus não gosta de ser incomodado.
.Polly, verdade? Levo em pé mais de treze horas. Se não pôr a Richard ao telefone agora, vou, e pessoalmente, romperei-te o culo. falei claro?
.Quem é? .Parecia um pouco cheia o saco e para nada assustada.
.Anita Blake.
.OH! .disse.. Trarei-lhe para o Richard, em seguida, Anita, em seguida. Tinha um tinteiro de pânico na voz que não tinha tido antes. Me

pôs em espera. Alguém com um doente senso de humor havia recolhido The Musak: Moonlight and Roses, Blue Moon, Moonlight Sonata. Cada canção tinha um tema sobre a lua. Estava a metade de "Moon over Miami" quando o telefone voltou para a vida.

.Anita, sou eu. O que te passa?
.Estou bem, mas tenho algo que tem que ver.
.Pode me dizer o que é?
.Sei que sonha brega, mas não por telefone.
.Seguro que não procura só uma desculpa para ver-me outra vez? .
Havia um tom de brincadeira na voz.
Tinha sido uma noite muito larga.
.Pode lombriga?
.É obvio. O que acontece? Sua voz soa horrível.
.Necessito um abraço e apagar a última hora de minha vida. Mas o primeiro me pode dar isso quando chegar aqui, com o segundo terei que viver.
.Está em casa?
.Não.
Olhei ao Edward, pondo a mão sobre o receptor.
.Posso lhe dar o numero da habitação do hotel?
Assentiu.
Dava ao Richard a habitação e a direção.
.Estarei ali logo que possa.
Vacilou.
.O que disse ao Polly? Está quase histérica .perguntou depois.
.Não te punha ao telefone.
.Ameaçou-a .disse.
.Sim.
.Era uma ameaça banal?
.Mais ou menos.
.Os membros dominantes da manada não fazem ameaças banais aos subordinados.
.Não sou membro da manada.

.depois de ontem à noite é um dominante. Eles lhe tratam como uma pícara licántropa dominante.

.O que significa isso?

.Significa que quando diz a alguém que vais romper lhe o culo, acreditam-lhe.

.Ah, sinto muito.

.Não me peça perdão , peça-lhe ao Polly. Estarei ali antes de que consiga acalmá-la.

.Não a ponha, Richard.

.É o que consegue por ser rápida disparando. A gente se assusta de ti.

.Richard...

Uma lhe solucem voz feminina chegou pela linha. Passei os seguintes quinze minutos convencendo a uma cambiaformas chorosa que não ia a lhe fazer danifico. Minha vida se voltava muito estranha, até para mim.

CAPITULO 19

Richard se equivocou. Não bateu na porta enquanto eu estava ao telefone acalmando ao Polly. Estava tão agradecida de que a houvesse perdoado por sua grosseria, que resultava embaraçoso. Ondas de obediência emanavam do telefone. Pendurei.

.Levou-te quase vinte minutos convencer a um homem lobo de que não foste fazer lhe danifico? .Edward me sorria abertamente. havia-se sentado em uma das cadeiras amaciadas.

.Sim.

riu de forma exagerada e repentina. O sorriso desapareceu, deixando em sua cara uma espécie de rubor. Os olhos lhe brilhavam com algo mais escuro que o humor. Não estava segura do que pensava, mas não parecia agradável.

deslizou-se pela cadeira, apoiando a nuca no respaldo, com as mãos enlaçadas sobre o estômago e os tornozelos cruzados. Parecia encontrar-se completamente cômodo.

.Como chegaste a ser o terror dos pequenos e bons homens lobo em todas partes?

.Não acredito que estejam acostumados a disparar-se e matar-se entre eles. Ao menos, não à primeira de mudança.

Seus olhos buliram a fogo lento por alguma brincadeira escura.

.Entrou aí e matou a alguém na primeira visita? Infernos

Anita, estive ali três vezes e ainda não matei a ninguém.

.Quanto tempo leva na cidade?

Olhou-me durante um comprido instante.

.É uma pergunta corriqueira ou precisa sabê-lo?

Me tinha ocorrido que Edward poderia seqüestrar a oito licântropos e não deixar nenhum rastro. Se algum humano podia fazê-lo, era ele.

.Tenho que sabê-lo .respondi.

.Amanhã fará uma semana.

Seus olhos estavam vazios, vazios. Era tão distante como qualquer dos cambiaformas da passada noite. Há mais de um caminho para converter-se em depredador.

.É obvio, terá que te assegurar. Pode comprovar a inscrição, mas poderia ter trocado de hotéis.

.por que me mentiria?

.Desfruto com isso .respondeu.

.Não é a mentira o que te diverte.

.O que me diverte?

.Conhecer algo que eu desconheço.

encolheu-se levemente de ombros e se deslizou pela cadeira, não teve que lhe resultar fácil colocar-se dessa forma. Fez-o parecer elegante.

.Invejosa.

.Não é só por mim. Você gosta de guardar segredos pelo prazer disso. Então sorriu de forma lenta e preguiçosa.

.Conhece-me realmente bem.

ia dizer; «somos amigos», mas a expressão de seus olhos me deteve. Seu olhar fixo era muito intensa. Parecia me estudar como se nunca me tivesse visto antes.

.No que pensa Edward?

.Em que pode ser capaz de me fazer a competência por dinheiro.

.O que se supõe que significa isso?

.Sabe quanto eu gosto de um desafio.

Contemplei-lhe.

.Fala de competir contra mim? Para ver quem é melhor?

Fiz-lhe a pergunta e não me deu a resposta que esperava.

.Sim.

.por que?

.Não o farei. Conhece-me; sem dinheiro, não há assassinato, mas seria... interessante.

.Não seja horripilante, Edward.

.É a primeira vez que me pergunto se ganharia.

Assustava-me. Ia armada e ele não o parecia, mas Edward sempre o estava.

.Não o faça, Edward.

sentou-se com um movimento ágil. Minha mão saltou à arma. Estava a metade de caminho fora da pistolera, quando compreendi que não havia feito nenhum movimento mais, tão somente ficou sentado. Soltei um fôlego vacilante e coloquei a arma na capa.

.Não jogue comigo, Edward. Se o fizer, um de nós sairá machucado.

Estendeu suas amplas mãos.

.Não mais jogos. Eu gostaria de saber qual dos duas é o melhor Anita, mas não quero te matar.

Deixei que minha mão se relaxasse. Se Edward dissesse que ia matar me esta noite, acreditaria-lhe. Se alguma vez o fizéssemos de verdade, diria-me isso primeiro. Ao Edward gostava de ser esportivo com essas coisas. Surpreender a sua vítima fazia as coisas fáceis.

Golpearam na porta. Saltei. «Nervosa? Quem, eu?». Edward se sentou como se não o tivesse ouvido, me contemplando ainda com olhos arrepiantes. Fui para a porta. Era Richard. Rodeou-me com seus braços e o permiti. Inclinei-me contra seu peito, sendo muito consciente de que não poderia tirar a arma muito rápido abraçada a seu corpo.

Retrocedi e lhe levei a habitação. Olhou-me de maneira inquisitiva.

Sacudi a cabeça.

.Recorda ao Edward?

.Anita, não me disse que ainda saía com o Richard.

A voz do Edward era agradável, normal, como se não se houvesse estado perguntando se gostaria de me matar. Sua cara era sincera, amistosa.

Caminhou através da habitação com a mão estendida. Era um magnífico ator.

Richard apertou sua mão parecendo um pouco perplexo. Olhou-me.

.O que acontece, Anita?

.Pode pôr o filme?

.Se me deixa comer enquanto. Meu filete se está ficando gelado . comentou Edward.

Traguei com força.

.Viu o filme antes, e ainda assim pede filetes. por que?

.Possivelmente para comprovar se podia comer depois de vê-la.

.Bastardo competitivo.

Só sorriu.

.Que filme? .perguntou Richard.

.te coma o filete, Edward. Veremo-la quando acabar.

.Tanto te incomoda?

.Cala e come.

sentou-se ao bordo da cama e começou a cortar a carne. Era vermelha. A sangue gotejava por ela.

Dirigi-me ao quarto de banho. Não ia pôr me adoece, mas se o via comer aquela parte de carne, estaria-o.

.vou esconder me na habitação de banho. Se quiser uma explicação, vêem comigo .adicionei.

Richard jogou uma olhada ao Edward, então me seguiu.

.O que acontece?

Empurrei-o ao quarto de banho e fechei a porta detrás de nós.

Abri o grifo da água fria do lavabo e me molhei a cara.

Agarrou meus ombros, massageando-os.

.Está bem?

Neguei com a cabeça, a água me gotejava pela cara. Procurei provas uma toalha e a pressionei contra ela, sustentando-a por um minuto. Edward não me tinha advertido porque gostava de sobressaltar às pessoas. E uma advertência teria diminuído o impacto. Quanto impacto queria que agüentasse Richard?

Voltei-me para ele, com a toalha obstinada nas mãos. Parecia preocupado, uma tenra preocupação. Não queria que o estivesse. Realmente havia dito que sim fazia só oito horas? Parecia cada vez menos real.

.É um filme porno .disse.
Pareceu surpreso. Bem.
.Porno? Está falando a sério?
.Absolutamente .afirmei.
.por que tenho que vê-la?
Uma pergunta cruzou por sua mente.
.por que a viu com ele?
Ali estava, um pequeno espionista de cólera em sua voz.
Então me ri. Ri-me até que as lágrimas se secaram em minha cara
e fiquei sem fôlego para falar.
.O que é tão gracioso? .parecia um pouco indignado.
.Tenha medo do Edward, mas nunca esteja ciumento dele .acrescentei
quando pude falar sem ofegar.
A risada me tinha ajudado. Sentia-me melhor, menos suja, menos
envergonhada, até um pouco menos horrorizada. Olhei-o. Ainda levava
posto o suéter verde que tinha terminado no chão da cozinha fazia
momento. via-se maravilhoso. Compreendi que não. Com meu sudadera
extragrande, cheia de manchas de sangue, jeans, e sapatilhas de
esportes, tinha perdido vários pontos em minha preciosa partida. Sacudi a
cabeça. Importava? Não, atrasava-me. Não queria retornar. Não queria ver
o filme de novo. Certamente, não queria me sentar na mesma
habitação com o homem com o que poderia me casar e lhe olhar enquanto
via um filme porno. Deveria lhe jogar a perder o final? excitaria-se
antes de que se danificasse? Observei sua cara tão humana e me perguntei isso.
.O filme vai sobre licântropos e uma humana.
.Estão já à venda? .perguntou.
Era meu turno de parecer surpreendida.
.Sabe algo sobre o filme? Falou em plural, há mais?
.Infelizmente .respondeu.
apoiou-se contra a porta, deixando cair para sentar-se no chão
como os índios. Se tivesse estirado as pernas, não teria ficado
espaço para ambos no banheiro.
.explique-me isso Richard.
.Foi idéia da Raina .comentou.. Convenceu ao Marcus para que nos
ordenasse participar a alguns de nós.
.Fez-te. .Não podia dizê-lo.
Negou com a cabeça. O nó em meu peito se aliviou.
.Raina tentou de me pôr diante das câmaras. Os que
precisam esconder sua identidade usam máscaras. Eu não o faria.
.Marcus lhe ordenou isso?
.Sim. Estes malditos filmes são um dos principais motivos por
os que comecei a subir na manada. Qualquer que esteja por cima
poderia me ordenar. Se Marcus lhes der o visto bom, podem me ordenar

fazer quase de tudo durante muito tempo, se não ser ilegal.

.Um momento. Os filmes não são ilegais?

.A bestialidade é ilegal em alguns estados, mas o escapulimos entre as gretas da lei.

.Não há nada mais ilegal nestes filmes? .perguntei.

Olhou-me.

.O que há nesse filme que te tem tão assustada?

.É uma peli snuff¹³.

Só me contemplou, sem nenhuma mudança de expressão, como esperando que dissesse algo mais.

.Não pode falar a sério .acrescentou quando não o fiz.

.Desejaria que não o fora.

Negou com a cabeça.

.Inclusive Raina não faria isto.

.Raina não está no filme.

.Mas Marcus não o passaria, isso não.

levantou-se, usando só suas pernas e a parede. Andava de acima abaixo perto da banheira e retrocedia. Passou-me roçando, golpeando fortemente contra a parede e provocando um som seco.

girou-se, nunca o tinha visto tão cheio o saco.

.Há outras manadas por todo o país. Não tem por que ser a nossa.

.Aparece Alfred.

Apoiou as costas contra a parede mais afastada, e golpeou de novo contra a parede.

.Não posso acreditá-lo.

Edward bateu na porta.

.O filme está preparado.

Richard abriu bruscamente a porta e entrou na habitação como uma tormenta ensurdecadora. Por primeira vez senti um pouco daquela energia do outro mundo irradiando dele

Os olhos do Edward se alargaram.

.Ofereceu-lhe um avanço?

Assenti.

A habitação estava às escuras exceto pela televisão.

.Deixarei-lhes a vós dois, aves do amor, a cama. Sentarei-me aqui.

sentou-se de novo na cadeira, erguido, nos olhando.

.me ignorem se a necessidade lhes golpear.

.te cale e ponha o filme .lhe ordenei.

Richard se tinha sentado no bordo da cama. O carrinho do serviço de habitações tinha desaparecido, junto com sua ofensiva carne.

13 Filme em que se filma um assassinato ou a morte real de uma pessoa.

Genial, uma razão menos para vomitar. Richard parecia haver-se acalmado. Parecia bastante normal aí sentado. O fluxo de energia havia desaparecido tão limpamente que me perguntei se o tinha imaginado. Joguei uma olhada à cara do Edward. Olhava ao Richard como se houvesse feito algo interessante. Não me haveria imaginando.

Pensei em acender as luzes, mas não o fiz. A escuridão parecia melhor para isto.

.Edward.

.Hora do espetáculo .acrescentou.

Apertou o botão e começou de novo.

Richard ficou rígido na primeira imagem. Tinha reconhecido ao outro homem? Não perguntei, ainda. Deixaria-lhe vê-lo, depois perguntaria. Não quis me sentar na cama com meu amorcito enquanto via essa porcaria. Em realidade, talvez não me tinha exposto o que o sexo podia significar para o Richard. Seria assim com um cambiaformas? Bestial? Esperava que não, não estava segura de como averiguá-lo sem perguntar, e não queria perguntar. Se a resposta era sim à bestialidade, as bodas seria cancelada.

Finalmente caminhei por diante da tela e me sentei na outra cadeira, ao lado do Edward. Não queria ver o filme outra vez. Pelo visto, Edward tampouco. Ambos olhávamos ao Richard enquanto a via. Não estava segura o que esperava ou o que queria ver. A cara do Edward não mostrava nada. Com os olhos entrecerrados, deslizou-se na cadeira outra vez. Parecia dormido, mas lhe conhecia muito bem. Era consciente de tudo o que acontecia na habitação. Não estava segura de que Edward alguma vez dormisse de verdade.

Richard olhou a sós. sentou-se ao bordo da cama, com as mãos enlaçadas e os ombros encurvados. Seus olhos estavam brilhantes, refletiam a luz do televisor. Podia ver a ação olhando sua cara. O suor brilhou em seu lábio superior. Enxugou-o, pilhou-me lhe olhando. mostrou-se envergonhado, depois cheio o saco.

.Não me olhe, Anita.

Sua voz soou afogada por algo mais que a emoção, ou menos.

Não podia fingir dormir como Edward. Que demônios se supunha que devia fazer?

Levantei-me e dirigi meus passos para o banho. Não olhei à tela de forma deliberada, mas tive que cruzar por diante. Senti o olhar de Richard enquanto me movia. Seus olhos em minhas costas fizeram que me picasse a pele. Limpei-me as Palmas suadas nos jeans. Troquei de direção, de forma lenta, para encará-lo.

Olhava-me , não ao filme. Havia raiva e ódio em sua cara, cólera teria sido uma palavra muito suave. Não acreditei que fosse comigo com quem estava furioso. Isto deixava a quem? Raina? Marcus...? Ele

mesmo?

O grito da mulher lhe fez girar a cabeça para o filme. Observei sua cara enquanto seu amigo a matava. A raiva floresceu em sua cara, derramando-se em sua boca com um grito mudo. deslizou-se fora da cama caindo sobre os joelhos, cobrindo-a cara com as mãos.

Edward estava de pé. Percebi o movimento pela extremidade do olho e encontrei-lhe sujeitando uma arma que tinha aparecido por arte de magia. Eu sujeitava a Browning, contemplamo-nos o um ao outro sobre o corpo ajoelhado do Richard.

Richard se tinha ajoelhado até uma posição quase fetal, balançando-se devagar para diante e para trás sobre seus joelhos. Os sons da carne enquanto era rasgada chegavam da tela.

Elevou uma cara horrorizada, vislumbrou a tela e engatinhou para mim. Me separei-me de seu caminho e me permitiu isso. Ia por volta do quarto de banho. A porta se fechou de repente, e uns segundos mais tarde o som de suas arcadas nos chegou através da porta.

Edward e eu ficamos na habitação, nos olhando o um ao outro. Ainda tínhamos nossas armas.

.Sacas a arma tão rápida como eu. Não o fazia faz dois anos.

.foram dois anos difíceis .declarei.

Sorriu.

.A maior parte das pessoas não me teriam visto me mover na escuridão.

.Minha visão noturna é excelente .presumi.

.Recordarei-o.

.Façamos uma trégua esta noite, Edward. Estou muito cansada para me preocupar disso esta noite.

Assentiu e colocou a arma na zona lombar.

.Não estava aí quando a tirou .adicionei.

.Não .disse., não o estava.

Embainhei a Browning e golpeie a porta do quarto de banho. É certo que não me girei completamente. Não era fácil dar as costas ao Edward em este momento.

.Richard, encontra-te bem?

.Não.

Sua voz parecia mais grave, rouca.

.Posso entrar?

Houve uma larga pausa.

. Talvez.

Empurrei a porta abrindo-a com cuidado, não queria lhe golpear.

Ainda estava ajoelhado sobre o váter, de barriga para baixo, com o cabelo comprido lhe ocultando a cara. Tinha um molho de papel higiênico na mão. O aroma acre e fragrante do vômito flutuava no ar.

Fechei a porta e me apoiei nela.

.Posso te ajudar?

Negou com a cabeça.

Alisei seu cabelo para trás. afastou-se de mim como se lhe tivesse queimado.

Terminou acurrucado na esquina, apanhado entre a parede e a banheira. Seu olhar era selvagem, de pânico.

Ajoelhei-me diante dele.

.Não me toque! Por favor.

.Bem, não te tocarei. Agora, o que acontece?

Não me olhava. Seus olhos vagavam pelo banho, sem fixar-se em nada, me evitando, em definitiva.

.me fale, Richard.

.Não posso acreditar que Marcus saiba. Não pode sabê-lo. Não o permitiria.

.Poderia Raina fazê-lo sem que soubesse?

Assentiu.

.É uma verdadeira cadela.

.Notei-o.

.Tenho que dizer-lhe ao Marcus. Não acreditará. Poderia precisar ver a filme.

Suas palavras pareciam quase normais, mas sua voz ainda soava entrecortada, débil, pelo pânico. Se seguia agüentando ia a hiperventilar.

.Agarra ar lenta e profundamente, Richard. Sentirá-se melhor.

Negou com a cabeça.

.Mas não o estou. Pensei que só nos tinha visto em nossos piores momentos.

Soltou uma gargalhada.

.Ah, Deus, agora realmente sabe.

Tratei de alcançá-lo, de consolá-lo, de fazer algo.

.Não me toque! .gritou-me.

Retrocedi até dar com as costas na parede mais longínqua. Estava tão longe como podia sem ter que sair da habitação.

.Que demônios te acontece?

.Quero, agora mesmo, depois de ver isto, verte longe daqui.

.Excitou-te? .perguntei-lhe.

.Deus, me ajude .suplicou.

.Isto é o que o sexo significa para ti? Não a matança, o de antes?

.Possivelmente, mas não é seguro. Na forma animal somos infecciosos. Sabe.

.Mas é uma tentação .acrescentei.

.Sim.

Avançou lentamente para mim e tentei retroceder. apoiou-se em seus joelhos e me olhou.

.Não sou só um homem, Anita. Sou o que sou. Não te peço que abraçasse literalmente a outra metade, mas tem que vê-la. Tem que conhecer o que é, ou isto não vai funcionar entre nós.

Estudou minha cara.

.trocaste que opinião?

Não sabia o que dizer. Seus olhos já não me pareciam selvagens. haviam-se voltado sombrios e intensos. Havia calor em seu olhar, em sua cara, não tinha nada que ver com o horror. ficou engatinhando, o movimento foi suficiente para que se aproximasse de mim. Contemplei sua cara de perto. Deu um comprido suspiro, estremecendo-se, e a energia formigou ao longo de minha pele. Ofeguei. Seu alteridad golpeou contra minha pele como o choque de uma onda. Me empurrou contra a parede como uma mão invisível.

inclinou-se para mim, seus lábios quase me tocavam, depois se moveu para frente. Seu fôlego se sentia quente contra um lado de minha cara.

.Pensa como poderia ser. Fazer o amor assim, sentindo o poder avançando lentamente sobre sua pele enquanto estou dentro de ti.

Quis tocá-lo e tive medo de fazê-lo. Retrocedeu o suficiente como para me olhar, o bastante perto para me beijar.

.Seria tão bom .seus lábios roçaram meus, e sussurrou as palavras seguintes em minha boca, como um segredo.. E toda esta luxúria se origina dentro de mim, vendo sangue e morte e imaginando seu medo.

Estava de pé, como se alguém o mantivesse em posição vertical com cordas. Era magicamente ágil. Fez parecer lento ao Alfred ontem à noite.

.Isto é o que sou, Anita. Posso pretender ser humano. Sou melhor aparentando-o que Marcus, mas é só um jogo.

.Não.

Mas minha voz era só um sussurro.

Ele trouxe com suficiente força para ouvi-lo.

.Tenho que ir.

Ofereceu-me sua mão. Compreendi que não podia abrir a porta comigo aí sentada, não sem me golpear com ela.

Sabia que se rechaçava sua mão seria tudo. Nunca me perguntaria outra vez, e nunca poderia dizer que sim.

Tomei sua mão. Soltou um comprido fôlego. Sua pele estava quente ao tato, quase queimava, muito quente. Sua pele enviava pequenas ondas expansivas por meu braço. Tocá-lo com todo seu poder livre na habitação era muito assombroso para explicá-lo.

Levantou minha mão para sua boca. Nem tanto para beijá-la como para hociquear-la, esfregou-a ao longo de sua bochecha, marcando minha boneca com seu língua. Deixou-a cair tão abruptamente que tropecei para atrás.

.Tenho que sair daqui agora.

Sua cara suava outra vez.

Saiu do banho. As luzes estavam acesas. Edward estava sentado na cadeira, as mãos separadas em seu regaço. Nenhum arma à vista. Me fiquei de pé, na porta do quarto de banho, sentindo o redemoinho do poder do Richard enchendo a habitação como a água que permanece muito tempo retida. Edward mostrou uma grande têmpera não indo a por uma arma.

Richard caminhou com passo majestoso para a porta, e quase podia sentir as ondas que deixava a seu passo no ar. deteve-se com a mão em o pomo.

.Se posso encontrá-lo a sós, o direi ao Marcus. Se Raina interfere, teremos que pensar em algo mais.

Jogou-me uma última olhada, então se foi. Quase esperei que baixasse correndo pelo vestíbulo, mas não fez. O melhor domínio de si mesmo. Edward e eu ficamos de pé na entrada e lhe vimos desaparecer à volta da esquina. girou-se.

.Sai com isso.

Faz uns minutos me houvesse sentido insultada, mas minha pele vibrava com a turbulência do poder do Richard. Não podia fingir mais. Me tinha pedido que me casasse com ele e lhe havia dito que sim. Mas não o havia entendido, não realmente. Não era humano. Realmente não o era. Pergunta-a era, quanta era a diferença? Resposta: Não o tinha definido.

CAPÍTULO 20

Dormi até no domingo pela manhã, e me perdi a igreja. Não tinha chegado a casa até quase as sete da manhã. Não havia forma de me levantar para o serviço das dez. Certamente Deus entendia meu necessidade de sonho, até se Ele não precisava dormir.

Pela tarde me encontrava na Universidade de Washington. Estava no escritório do doutor Louis Fane, Louie para os amigos. A tarde de princípio de inverno enchia o céu de suaves nuvens moradas. Arrasavam o céu como uma iluminado cortina de fundo para as nuvens que se viam por a janela do escritório. Ele observou por ela. A maioria dos doutorados não o fazem. São baratos em um campus de universidade.

Louie se sentou lhe dando as costas à janela. Tinha aceso a abajur do escritório. Criava um brilho de calidez dourada contra a noite entrante. Sentamo-nos naquele último brilho de luz, e parecia mais privado do que devia ser. Um último suporte contra a escuridão. Deus, hoje estava melancólica.

O escritório do Louie estava apropriadamente desordenada. Uma prateleira enchia a parede de livros do teto ao chão, livros de biologia, de texto, ensaios de natureza, e um jogo completo de livros do James Herriot. Tinha um pequeno esqueleto de um morcego marrom colocado detrás de um cristal e pendurado na parede estava seu diploma. Havia um letreiro de identificação do morcego na porta, como um desses que compram para os alimentadores de aves. Já sabe, «as Aves Comuns do Missouri do Este». A tese doutoral do Louie tinha sido sobre a adaptação do pequeno morcego marrom à espécie humana.

Os suportes estavam cobertas de lembranças; conchas marinhas, uma peça de madeira fossilizada, abacaxis de pinheiros, um casca de árvore com líquen dissecado nela. Todo tipo de peças e pedaços que os graduados em biologia sempre recolhem.

Louie media aproximadamente 1,70 M., com uns olhos tão negros como meus. Seu cabelo era liso e fino, por debaixo dos ombros. Não era uma expressão da moda como o era o do Richard. Parecia como se Louie acabasse de cortar o cabelo fazia um momento. Tinha a cara quadrada, constituição magra, e se via, em certo modo, inofensivo. Mas os músculos de seus antebraços se esticaram quando juntou seus dedos e me olhou.

Inclusive se não fora um homem rato, não poderia me emprestar a jogar um pulso com ele.

Tinha ido ao escritório em domingo especialmente para falar comigo. Também era meu dia livre.

Era o primeiro domingo que Richard e eu não saíamos juntos em

meses. Richard tinha chamado e anulado a entrevista me dizendo algo sobre um assunto da manada. Não fui capaz de lhe perguntar por que não se pode discutir com sua secretária eletrônica. Não lhe chamei. Não estava lista para falar com ele, não depois da noite passada.

Sentia-me como uma parva esta manhã. Havia dito que sim à oferta de alguém que não conhecia. Sabia que Richard me tinha mostrado seu cara externa, mas por dentro havia um mundo completamente novo que acabava de começar a visitar.

.O que pensam você e outros professores dos rastros enviados por a polícia?

.Pensamos que é um lobo.

.Um lobo? por que?

.Certamente, é um canino grande. Não é um cão, e além dos lobos, que mais pode ser.

.Incluindo o fato de que o pé canino está combinado com um pé humano?

.Incluindo-o.

.Poderia ser Peggy Smitz?

.Peggy pode controlar-se muito bem. por que mataria a alguém?

.Não sei. por que não o faria?

inclinou-se na cadeira, a qual rangeu sob seu peso.

.Pergunta-a justa. Peggy era tão pacifista como lhe permitia a manada.

.Não lutava?

.Não a menos que fora forçada a fazê-lo.

.Estava acima na estrutura da manada?

.Não deveria lhe fazer ao Richard estas perguntas? É o seguinte em a linha ao trono, por dizê-lo assim.

Olhei-lhe. Não apartaria o olhar como se fora culpado de algo.

.Cheiro problemas no paraíso .disse.

Não lhe fiz caso à indireta. Assunto, tínhamos um assunto que tratar.

.O marido do Peggy veio para ver-me. Queria que a buscasse. Não sabia nada dos outros desaparecimentos de licántropos. por que Peggy não se o contaria?

.Muitos de nós sobrevivemos às relações fingindo ser o que não somos. Apostaria a que Peggy não falava da manada com seu marido.

.Com quanta força devem fingi-lo?

.Quanto melhor te controla, mais fácil é fingir.

.Então se pode fazer.

.Queria te passar a vida fingindo que não levanta zombis? Não falar alguma vez disso? Sem compartilhá-lo alguma vez? Fazendo passar vergonha a seu marido ou discutindo por isso?

Senti o rubor na cara. Queria negá-lo. Não estava envergonhada por Richard, ou desgostada por isso, mas tampouco estava cômoda. Não o suficientemente cômoda para protestar.

.Não soa como uma muito boa forma de viver .disse.

.Não o é.

Houve um silêncio muito pesado na habitação. Como se pensasse que ia soltar se me a língua. equivocava-se.

Quando todo o resto se vai ao diabo, concentro-me nos negócios.

.A polícia passou os laços hoje a área onde foi encontrado o corpo. O sargento Storr me disse que não encontraram nada, exceto algumas pisa e um pequeno rastro de sangue.

A verdade era que tinham encontrado algumas marca frescas de rifle nas árvores perto da área do assassinato, mas não estava segura de ter liberdade para compartilhar isso com a comunidade licántropa. Era trabalho da polícia. Mentia a ambas as partes. Não me parecia o caminho correto para realizar um trabalho de investigação de assassinato ou um caso de desaparecidos.

.Se a polícia e a manada compartilhassem informação, poderíamos ser capazes de solucionar este caso.

encolheu-se de ombros.

.Não é meu assunto, Anita. Só sou um índio, não um chefe.

.Richard é um chefe .disse.

.Não enquanto Marcus e Raina sigam vivos.

.Não acreditava que Richard tivesse que lutar contra ela pelo domínio da manada. Pensei que era a luta do Marcus.

Louie riu.

.Se pensar que Raina deixaria perder ao Marcus sem ajudá-lo, não lhe encontraste com essa mulher.

.Encontrei-me isso. Só pensava que ajudar ao Marcus estava em contra da lei da manada.

encolheu-se de ombros outra vez.

.Não conheço a lei da manada, mas conheço a Raina. Se Richard paquerasse com ela, poderia ajudá-lo a derrotar ao Marcus, mas deixou muito claro que não gosta.

.Richard me disse que ela tinha tido a idéia dos filmes porno licántropas.

Os olhos do Louie se alargaram.

.Richard te contou isso?

Assenti com a cabeça.

.Estou surpreso. Ele estava envergonhado disso. Raina estava excitada e ansiosa porque Richard fora seu co-estrela. Acredito que tratava de seduzi-lo, mas julgou mal a seu menino. Richard é muito reservado como para que alguma vez tenha sexo ante uma câmara.

.Raina protagonizou alguma filme?

.Assim me hão dito.

.apareceu algum homem rato nelas?

Negou com a cabeça.

.Rafael o proíbe. Somos um dos poucos grupos que o rechaçaram.

.Rafael é um bom homem.

.E um bom rato .disse Louie.

Sorri.

.Sim.

.O que acontece Richard e você?

.O que quer dizer?

.Deixou-te uma mensagem em minha secretária eletrônica. Algo sobre que tinha uma grande notícia sobre ti. Quando o vi em pessoa, disse-me que não era nada. O que acontece?

Não sabia o que lhe dizer. Não havia nenhum novo acontecimento ultimamente.

.Acredito que têm que ser notícias do Richard.

.Disse algo sobre que era sua eleição e não podia falar disso. Me diz que é seu assunto e que não pode falar disso. Desejaria que um dos dois me contasse isso.

Abri a boca, fechei-a e suspirei. Tinha perguntas que necessitavam respostas, mas Louie era amigo do Richard antes de sê-lo meu. Lealdade e todo isso. Mas, a quem demônios mais poderia perguntar? Irving? Ele tinha suficientes problemas com o Richard.

.Escutei a conversação entre o Rafael e Richard sobre o controle de suas bestas. Isso significa a mudança?

Inclinou a cabeça.

.Sim.

Olhou-me, com seus olhos estreitando-se.

.Se tiver ouvido a conversação do Richard sobre sua besta, deve havê-lo visto perto da mudança. O que passou ontem à noite?

.Se Richard não lhe disse isso, Louie, não acredito que lhe deva dizer isso .¿Por qué no me habló Richard sobre esto?

.Os fofoqueiros dizem que matou ao Alfred. É verdade?

.Sim.

Olhou-me como esperando mais, logo se encolheu de ombros.

.A Raina não gostará. Marcus tampouco parecia muito contente. Mas não saltará sobre ti em um beco escuro. Ela sim o fará.

.por que não me falou Richard sobre isto?

.Richard é um dos melhores amigos que tenho. É leal, honesto, preocupado, o boy scout mais peludo do mundo. Se tiver um defeito, é que espera que outros sejam leais, honestos e preocupados.

.Certamente, depois de ter visto o Marcus e a Raina, não

acreditará ainda que são gente agradável?

.Sabe que não são muito agradáveis, mas tem problemas para vê-los tão maus. Ao fim e ao cabo, Anita, Marcus é seu macho alfa. Richard respeita a autoridade. esteve tentando obter alguma classe de acerto com o Marcus há meses. Não quer matá-lo. Marcus não tem os mesmos reparos pelo Richard.

.Irving me contou que Richard derrotou ao Marcus, que poderia havê-lo matado e não o fez. É verdade?

.Temo-me que sim.

.Mierda.

.Sim, disse ao Richard que deveria havê-lo feito, mas nunca há matado a ninguém. Acredita que toda vida é preciosa.

.Toda vida é preciosa .disse.

.Algumas vidas são mais preciosas que outras .disse Louie.

Assenti com a cabeça.

.Sim.

.Trocou Richard para ti ontem à noite?

.Deus, é implacável.

.Disse-me que essa era uma de minhas melhores qualidades.

.É-o habitualmente. .parecia-se com o Ronnie. Ela tampouco se rendia nunca.

.Trocou para ti?

.Algo .disse.

.E não pôde dirigi-lo. .Era uma afirmação contundente.

.Não estou segura, Louie. Assalta-me a dúvida.

.Melhor o averigua agora .disse.

.Suponho que sim.

.Ama-o?

.Não é seu maldito assunto.

.Quero ao Richard como a um irmão. Se for lhe cortar o coração e servi-lo em uma bandeja, eu gostaria de sabê-lo agora. Se te partir, serei eu que lhe ajude a recolher os pedaços.

.Não quero lhe fazer danifico .disse.

.Acredito-te.

Só me olhou. Havia uma grande tranquilidade em sua expressão, como se pudesse esperar toda a noite a que lhe respondesse a pergunta. Louie tinha mais paciência da que eu teria alguma vez.

.Sim, amo-o. Contento?

.Ama-o o suficiente para abraçar sua parte peluda?

Seus olhos cravaram o olhar em mim, abrasando como um buraco direto a meu coração.

.Não sei. Se fosse humano... Mierda.

.Se fosse humano, talvez te casaria com ele?

Foi muito amável por convertê-lo em uma pergunta.

.Talvez .disse.

Mas não era um talvez. Se Richard houvesse sido humano, seria uma mulher felizmente comprometida neste momento. É obvio, havia outro homem que não era humano que tinha estado tratando de que saísse com ele desde fazia tempo. Jean-Claude me havia dito que Richard não era mais humano que ele. Não lhe tinha acreditado. Começava a fazê-lo. Devia-lhe uma desculpa. Não é que alguma vez o fora a admitir ante ele.

.Uma escritora veio a meu escritório ontem, Elvira Drew. Escreve um livro sobre os cambiaformas. Parece legal e poderia ser boa publicidade. .O expliquei o formato do livro.

.Sonha bem, em realidade .disse.. Onde encaixo?

.Adivinha.

.Quer uma entrevista com um homem rato.

.Bingo.

.Não posso me permitir o luxo de ficar exposto, Anita. Sabe.

.Não tem que ser você. Há por aí alguém que quisesse encontrar-se com ela?

.Perguntarei por aí .disse.

.Obrigado, Louie.

Pu-me de pé.

levantou-se e me ofereceu a mão. Seu apertão foi firme, mas não muito forte, só o adequado. Perguntei-me quão rápido seria, e que fácil lhe resultaria esmagar minha mão até convertê-la em polpa. Deveu vê-lo em minha cara.

.Poderia precisar deixar de sair com o Richard. Até que resolva isto .me disse.

Inclinei a cabeça.

.Sim, talvez.

Mantivemo-nos ali, de pé, em silencio durante um momento. Não parecia haver nada mais que dizer, então me parti. Não tinha nenhuma resposta engenhosa, ou alguma piada boa. Logo que tinha escurecido e estava cansada. O suficientemente cansada para ir a casa e me arrastar até minha cama. Em lugar disso, estava de caminho ao Café Lunático. ia tentar convencer ao Marcus para que me deixasse ir à polícia. Oito desaparecidos e um humano morto. Não deveria estar relacionado. Mas se era um homem lobo, então Marcus ou Raina saberiam quem o fez.

Diriam-me isso? Possivelmente, possivelmente não, mas tinha que perguntar. Me o contariam, mas não à polícia. Era gracioso como todos os monstros se dirigiam para mim e não à polícia. Tinha que começar a me perguntar por que os monstros se sentiam tão malditamente cómodos a mim ao redor.

Levantava vampiros e a zombis do lodaçal. A quem devi

apedrejar?

CAPITULO 21

Caminhei pela calçada do campus para o carro. Andei de um foco de luz ao seguinte. Meu fôlego empanou o resplendor das luzes. Era meu noite livre, assim estava vestida exclusivamente de negro. Bert não me deixava vestir de negro para trabalhar. Dizia que dava má impressão, muito violento ao estar associado à magia negra. Se houvesse investigado, teria encontrado que o vermelho, o branco e outros muitos cores são utilizadas em rituais negros. Depende da religião. A seu parte anglo-saxã não gostava, por isso censurava a roupa negra. Jeans negros, meus Nike Airs negras com um swoosh¹⁴ melancólico, um pulôver negro, e um impermeável negro. Inclusive minhas armas e meus pistolas eram negras. Esta noite vestia muito monocromática. Levava posta prata, mas estava escondida sob o pulôver, uma cruz, e um faca em cada antebraço. Dirigia-me para o Café Lunático. Ia a tentar persuadir ao Marcus para que me deixasse compartilhar informação com a polícia. Os licântropos desaparecidos, até os que eram como Peggy Smitz que não desejavam que se soubesse seu segredo, estavam a salvo, por agora, da má imprensa. Estavam mortos. Tinham que está-lo. Não há maneira de acreditar que oito cambiaformas desapareceram contra seu vontade durante tanto tempo. Não vivos.

Não lhes podia fazer mal que o dissesse à polícia, e poderia salvar a outros cambiaformas de morrer. Tinha que falar com as pessoas que os tinham visto por última vez antes de desaparecer. por que nenhum se tinha defendido brigando? Essa tinha que ser uma pista. Ronnie era melhor nestas coisas que eu. Talvez poderíamos sair amanhã a averiguá-lo. Richard estaria ali? Se fosse assim, o que se supunha que devia lhe dizer? Detive-me. Estava na fria escuridão, apanhada entre duas luzes. Não estava preparada para ver o Richard outra vez. Mas tínhamos um cadáver, talvez mais. Não podia me acovardar simplesmente porque não queria ver Richard. Era pura covardia.

A verdade é que prefiro me enfrentar com o olhar a um grupo de vampiros que a um suposto noivo.

O vento assobiou a minhas costas como se uma tempestade de neve se elevasse detrás de mim. Meu cabelo ondeou ao redor de minha cara. As árvores ficaram em um silêncio gélido, o vento desapareceu. Girei rapidamente com a Browning na mão. Algo me golpeou as costas me estrelando contra a calçada. Tentei me proteger com os braços golpeando ruidosamente com eles ao cair sobre o concreto. Me intumesceram e tremeram. Não podia sentir as mãos. A cabeça rangeu contra no pavimento.

14 Assobio, ressona, som ao caminhar.

Esse momento depois de um forte golpe na cabeça, realmente bom, no que não pode reagir. Esse momento congelado quando lhe perguntas se alguma vez será capaz de te mover outra vez.

Alguém se sentava sobre minhas costas. As mãos sacudiam meu casaco pelo lado esquerdo. Ouvi o rasgão do tecido. Voltava a sentir meus braços. Tinha perdido a Browning. Tratei de me girar pelo outro lado para conseguir a Firestar. Uma mão golpeou de novo minha cabeça contra a calçada. A luz explorou dentro dela. Minha visão se obscureceu, e quando pude ver de novo, vi a cara do Gretchen sobre mim.

Sujeitava um punhado de meu cabelo, estirando-o dolorosamente para um lado. Meu pulôver se quebrado no ombro. A boca do Gretchen estava amplamente aberta, as presas brilhavam na escuridão. Gritei. A Firestar se encontrava apanhada sob meu corpo. Procurei um dos facas, mas estava sob a manga de meu casaco, debaixo da manga de meu pulôver. Não ia conseguir o a tempo.

ouviu-se um grito estridente, e não era eu. Uma mulher se encontrava em pie ao final da calçada gritando. Gretchen levantou o pescoço e lhe grunhiu. O homem que a acompanhava a agarrou dos ombros e a empurrou fora do caminho. Correram. Inteligentes.

Cravei-lhe a faca na garganta. Não era um golpe mortal e sabia, mas pensei que ficaria de pé e assim teria uma oportunidade para agarrar a Firestar. Não o fez. Introduzi a faca profundamente até a punho, o sangue empapou minha mão, salpicou minha cara. retirou-se rapidamente, procurando minha garganta. A faca tinha feito tanto dano como podia. Não havia tempo de alcançar o segundo. Encontrava-me ainda em cima da arma. Observava fixamente como vinha a por mim, sabia que ia morrer.

Algo na escuridão a investiu, arrojando-a longe pelo impacto. Me fiquei ofegante na calçada, piscando. Tinha a Firestar em minha mão. Não recordava havê-la tirá-lo. Prática, prática, prática.

Um homem rato estava em cima de Gretchen. O escuro focinho inclinado para baixo, os dentes brilharam tenuemente. Gretchen agarrou o focinho, sujeitando os dentes que poderiam destroçar sua garganta. Uma garra coberta de cabelo cortou completamente sua cara pálida. O sangue fluíu. Gritou, lhe dando murros com uma mão no estômago. Elevou-o em o ar, o justo para colocar as pernas debaixo dele. Levantou-lhe e o separou-se de um empurrão no ar. O homem rato caiu como uma bola lançada.

Gretchen estava de pé instantaneamente. Divisei no chão a culatra da arma, no pavimento ainda. Mas ela desapareceu entre os arbustos, perseguindo o homem rato. Tinha perdido minha oportunidade. Os grunhidos e o som dos ramos ao romperme chegavam desde a escuridão. Tinha que ser Louie. Não conhecia muitos homens ratos que

fossem a meu resgate.

Pu-me de pé e o mundo girou. Tropecei e necessite toda minha força de vontade para não cair. Pela primeira vez me perguntei quanto de ferida gravemente estava.

Sabia que me tinha arranhado porque podia sentir a pontada de dor e ardência que se sente quando se rompe a primeira capa de pele. Levantei a mão para a cabeça e a apartei com sangue. Parte dela era minha.

Avancei outro passo, podia consegui-lo. Provavelmente o havia tentado muito rápido. Esperava que sim. Não sabia se um homem rato podia brigar contra um vampiro, ou não. Mas não ficaria de pé na rua esperando a me inteirar.

Achava-me ao final das árvores quando saíram da escuridão e caíram sobre mim. Caí sobre o pavimento pela segunda vez, mas não tive tempo para recuperar o fôlego. Comecei a rodar a minha direita, olhando por debaixo de meu braço para o ruído.

O movimento foi muito brusco, minha visão se nublou. Quando pude enfocar de novo, Gretchen tinha fundo as presas no pescoço do Louie. Deu um chiado alto, furioso. Não lhes podia disparar. Não podia lhe disparar a sua figura. Tudo o que podia ver daqui era o corpo do homem rato, os braços e as pernas dela cavalgando sobre ele, mas o único disparo que tência para poder matá-la era em linha reta para seu cabeça loira. Não me atrevia a tentá-lo. Também podia matar ao Louie. Se visse por onde se visse, era um disparo duvidoso.

Pu-me de joelhos. O mundo trocou e a náusea subiu por meu garganta. Quando a visão se esclareceu outra vez, não havia nada a que disparar. Algum truque de uma luz distante fez brilhar o sangue que fluía de sua garganta. Se tivesse tido os dentes no Louie, estaria morto.

Disparei do chão perto deles, esperando que a assustasse o suficiente. Não o fez. Apontei a uma árvore justa por cima de sua cabeça. Tão perto do Louie como me atrevia. A bala estalou na árvore. Um olho azul me olhou enquanto se alimentava por completo dele. ia matar o enquanto observava.

.lhe dispare! .disse a voz do Louie deformada por suas mandíbulas peludas, mas era sua voz. Seus olhos vidrados se fecharam enquanto olhava. Suas últimas palavras.

Tomei um profundo fôlego e apontei com as duas mãos, uma cavando à outra como sujeitando uma taça de chá. Olhei por cima de um dos olhos pálidos. A escuridão nadou sobre minha vista. Esperei de joelhos, cega, a que minha vista se esclarecesse para apertar o gatilho. Se minha vista nublassem-se enquanto disparava, daria ao Louie. Não tinha eleição. Ou talvez não.

.Richard me pediu em matrimônio e lhe disse que sim. Pode cheirar uma

mentira. Disse-lhe que sim a alguém mais. Não temos que fazer isto.
Vacilou. Olhei fixamente seu olho. Minha vista melhorava. Com o braço estável, apertei o gatilho. Soltou a garganta, deslizando a cabeça por sua pelagem do pescoço, escondendo-se. A voz soou amortecida mas o suficientemente clara

.Ponha no chão sua pequena arma e lhe deixarei partir.

Tomei ar e levantei a arma para o céu.

.lhe deixe partir.

.Primeira a arma .respondeu.

Não queria entregar minha única arma. Era uma má idéia. Mas, o que opção tinha? Se fosse Gretchen, não me quereria armada. Ainda tinha meu segunda faca, mas a esta distância era inútil. Até se pudesse lançar-lhe o bastante bem para lhe atravessar o coração, teria que ser um golpe preciso. Era muito velha para danificá-la. Tinha fundo profundamente uma faca até o punho em sua garganta e não a tinha detido. Tinha-me impressionado.

Coloquei a Firestar sobre a calçada e levantei as mãos para lhe deixar ver que estava desarmada. Gretchen se levantou lentamente desde atrás do corpo lasso do Louie. Sem seu apoio, o corpo caiu de costas. Havia uma flacidez no movimento que me assustou. Era muito tarde? Poderia a mordida de um vampiro matar como a prata?

A vampira e eu nos observamos. Minha faca me sobressaía em seu garganta como um signo de admiração. Incluso no se tinha incomodado em tirá-lo. Jesus. Devi atinar mal na laringe ou não teria sido capaz falar.

O vampirismo também tem seus limites. Olhei-a aos olhos. Não ocorria nada . Era como olhar aos olhos de alguém. Nada ocorria. Talvez mantinha seu poder sob controle? Na.

.Está vivo ainda?

.te aproxime e comprova-o por ti mesma.

.Não, obrigado. .Se Louie estava morto, que eu morrera também não ajudaria-o.

Sorriu.

.me conte outra vez essa tua notícia.

.Richard me pediu que me casasse com ele, e lhe disse que sim.

.Ama a esse Richard?

.Sim.

Não era momento para duvidar. Aceitou-o com aprovação. Acredito que era verdade. Surpresa. Surpresa.

.Diga-lhe ao Jean-Claude e estarei contente.

.Quero dizer-lhe No podría escaparme con una pequeña mentira inocente, mierda.

.Esta noite.

.Muito bem, esta noite.

.Mentira. Quando for, curará-te as feridas, as curará a ele

e não irá onde Jean-Claude.

Não poderia escapar com uma pequena mentira inocente, mierda.

.O que quer?

.Está em Prazeres Proibidos esta noite. Vê ali e diga-lhe Estarei-te esperando.

.Tenho que atender suas feridas antes de fazer algo .

disse.

.Cura suas feridas, mas vá a Prazeres Proibidos antes do amanhecer, ou nossa trégua se acaba.

.por que não o conta ao Jean-Claude?

.Não me acreditaria.

.Poderia-lhe dizer que disse a verdade .disse.

.Só porque cria que é verdade, não o faria. Mas cheirá a verdade em ti. Se não estar ali, me espere. Quero estar presente quando lhe disser que ama a outro. Quero lhe ver a cara.

.De acordo, estarei ali antes do amanhecer.

Passou por cima do corpo do Louie. Tinha a Browning na mão direita, sujeitou-a pela culatra, assegurando-a não para disparar, a não ser para me acautelar. Caminhou com passo majestoso e recolheu a Firestar, me seguindo com o olhar.

O sangue gotejou pelo punho da faca de sua garganta. Caía formando uma densa franja molhada. Sorriu e meus olhos se alargaram.

Sabia que não a tinha matado, mas sabia que lhe doeria. Talvez só se tiravam as facas por costume. Não parecia lhe incomodar ao Gretchen.

.Pode recuperá-los depois de que o conte .disse.

.Esperas que me mate .disse.

.Não derramarei lágrimas.

Maldição. Gretchen deu um passo para trás, e depois outro. Se deteve o final das árvores, uma pálida forma na escuridão.

.Espero-te, Anita Blake. Não me decepcione esta noite.

.Ali estarei .disse.

Sorriu, mostrando os dentes ensangüentados, deu um passo atrás de novo e se foi. Pensei que era um truque mental, mas se produziu uma contracorrente de ar. As árvores se moveram como se passasse uma tormenta. Procurei com o olhar e vi algo momentaneamente. Não asas, não um morcego, a não ser... algo. Algo ao que meus olhos não quiseram ou não puderam lhe dar sentido.

O vento desapareceu e a escuridão invernal se manteve tranqüila, tão tranqüila como uma tumba. As sereias gemeram ao longe. Supus que os universitários tinham chamado à polícia. Não podia culpá-los.

CAPITULO 22

Pu-me de pé, com cuidado. O mundo não girou para mim ao redor.

Genial. Caminhei para o Louie. Sua forma de homem rato estava ainda na erva escura. Ajoelhei-me, e me veio outra onda lhe enjoem. Espere de joelhos a que me passasse.

Quando o mundo esteve estável uma vez mais, pus a mão sobre o peito coberto de cabelo. Soltei um suspiro quando o peito se elevou e descendeu sob minha palma. Vivo, respirando. Fantástico.

Se tivesse estado em forma humana, teria comprovado a ferida do pescoço. Estava bastante segura que tocando só seu sangue em forma animal não me converteria em licântropo, mas não estava segura aos cem por cem. Já tinha suficientes problemas sem me voltar peluda uma vez ao mês. Além disso, se tivesse que escolher um animal, o rato não seria um deles.

As sereias se escutavam mais perto. Não estava segura de que fazer.

Tinham-lhe feito muito dano, mas tinha visto o Richard pior e se havia curado. Mas, tinha necessitado um pouco de assistência médica para curar-se? Não sabia. Poderia esconder ao Louie nos arbustos, abandonando-o para morrer? Se os policiais lhe viam, tiraria o chapéu seu secreto. A vida seria um caos a seu redor, só por me haver ajudado.

Não era justo.

Um comprido suspiro se elevou do focinho bicudo. Um estremecimento transpassou seu corpo. A pelagem começou a retroceder como a baixada da maré. As torpes extremidades ratunas começaram a endireitar-se. As pernas o fizeram com facilidade. Observei elevar-se sua forma humana da pelagem como uma forma apanhada em gelo.

Louie estava sobre a erva escura, pálido, nu e muito humano.

Nunca antes tinha visto o processo de regressão. Era tão espetacular como a mudança a forma animal, mas não era tão lhe atemorizem, talvez devido ao resultado final.

A ferida no pescoço era mas bem uma mordida de animal que a de um vampiro, pele rasgada, mas dois dos sinais eram mais profundos, presas. Já não havia nada de sangue na ferida. Quando olhei, o sangue começou a fluir. Não o podia assegurar na escuridão, mas parecia que a ferida já tinha começado a curar-se. Comprovei o pulso. Era estável e forte, mas o que sabia eu? Não era médico.

A sereia era silenciosa, mas tingia a escuridão por cima dos árvores como um relâmpago colorido. Os policiais vinham e tinha que decidir o que fazer. A cabeça se sentia melhor. Minha visão estava clara. O enjôo parecia haver-se ido. É obvio, não tinha tentado me pôr de pé outra vez. Poderia lhe levar arrastando-o, não muito rápido nem muito longe, mas poderia fazê-lo. Os sinais de dentada se reduziam.

Infernos, estaria curado antes do alvorecer. Não podia deixar que os policiais o vissem, e não podia lhe abandonar aqui. Não sabia se os licântropos podiam morrer de frio, mas não me sentia afortunada esta noite.

Cobri-lhe com meu casaco, envolvendo-lhe redor quando o levantei.

Não evitaria que se congelasse em certos sítios delicados. Podia perder um dedo do pé.

Respirei fundo e me levante com ele sobre meus ombros. A meus joelhos não gostaram de lhe levantar. Mas me pus de pé e minha visão vacilou. Aqui estava, me mantendo contra um mundo de repente em movimento. Me caí de joelhos. O peso suplementar me fez mal.

A polícia vinha. Se não saía daqui agora mesmo, podia renunciar também. me render não era uma de minhas melhores qualidades. Apoiei-me sobre um joelho e dava um último impulso. Meus joelhos protestaram, mas estava de pé. Ondas negras passavam sobre meus olhos. Só me mantive, deixando que passasse o enjôo. Não era tão mau esta vez. As náuseas eram pior.

Vomitaria mais tarde.

Fiquei na calçada. Não confiava em mim sobre a neve. Além disso, os policiais poderiam me seguir até a cidade por meus rastros na neve. Um grupo de árvores me escondeu da visão das luzes intermitentes. A calçada me conduziu ao redor de um edifício. Uma vez rodeado, poderia me dirigir a meu carro. Conduzir não era uma boa idéia enquanto minha visão estivesse assim, mas se não conseguia pôr alguma distância entre os policiais e eu, todo este esforço seria inútil. Tinha que me pôr ao volante do carro. Tinha que conseguir tirar o Louie fora da vista.

Não olhei para trás para ver se havia lanternas varrendo a área.

Olhar para trás não ajudaria, e com o Louie sobre os ombros era muito esforço. Pus um pé diante do outro, e a esquina do edifício apareceu diante de nós. Estávamos fora da vista, até se limpassem as árvores. Era um progresso. Genial.

O lateral do edifício se estendia como um escuro monólito a meu esquerda. A distância ao redor do edifício parecia crescer. Pus um pé diante do outro. Se só me concentrava em andar, podia consegui-lo.

Louie pareceu fazer-se mais ligeiro. Não era certo. Estava a ponto de me deprimir e ainda não me tinha dado conta?

Procurei e encontrei a esquina do edifício diretamente a meu lado.

Tinha perdido um pouco de tempo aí. Era um mau sinal. Apostava que tinha uma comoção cerebral. Não podia ser muito malote ou não o superaria, verdade? por que não me acreditava isso?

Olhei atentamente à volta da esquina, me concentrando em não golpear as pernas do Louie contra o edifício. Levo-me muita mais concentração da que devia.

A polícia ilumina a escuridão. O carro estava estacionado em uma esquina com uma porta aberta. A rádio encheu a noite de grasnidos

confusos. O carro parecia vazio. Entrecerrar os olhos para ver algo que estava longe trouxe outra onda de escuridão a meus olhos. Como diabos ia a conduzir? Um problema cada vez. Agora mesmo, só tinha que conseguir colocar ao Louie no Jipe, fora da vista.

Afasto-me do amparo do edifício. Era meu último refúgio. Se agora os policiais viessem para mim atravessando o estacionamento, tudo haveria acabado.

Um domingo de noite não havia muitos carros no estacionamento de visitas. Meu Jipe estava estacionado sob uma das luzes. Sempre estacionava sob a luz se podia. Regra de segurança número um para mulheres que viajam sozinhas depois do anoitecer. O Jipe parecia estar dentro de um foco. A luz provavelmente não era tão brilhante. Só se via assim porque tratava de passar despercebida.

Em algum sítio, a metade de caminho ao Jipe, compreendi que a ferida de a cabeça não era o único problema. Seguro que podia levantar muito peso, até andar com ele, mas não para sempre. Tremiam-me os joelhos. Cada passo se voltava mais lento e custava mais esforço. Se me caísse outra vez, não ia ser capaz de voltar a carregar ao Louie. Não estava segura de se seria capaz de me recuperar.

Um pé diante do outro, só um pé diante do outro. Concentrei-me em meus pés até que os pneumáticos do jipe apareceram. Então, não foi tão difícil.

As chaves do carro estavam, é óbvio, no bolso de casaco.

Golpeei o botão que abria as portas. O assobio do sinal sonoro que indicava a abertura me pareceu o bastante forte para despertar a um morto. Abri as portas pela metade, equilibrando ao Louie. Deixei-lhe cair no assento traseiro. O casaco se abriu, revelando uma linha nua de corpo. Devia estar me sentindo melhor se pensava em perder tempo para colocar o casaco sobre sua virilha e sob peito. Deixei um braço fora, brando e torpe, mas estava bem. Meu sentido da decência poderia viver com um braço nu.

Fechei a porta e me vi de perfil no espelho. Um lado da cara era uma máscara sangrenta, as zonas podas tinham arranhões ensangüentados. Deslizei-me no Jipe, alcancei uma caixa de aloe e toallitas de bebe com lanolina do porta-luvas. Tinha começado às levar para ajudar a limpar o sangue que se usa para levantar zombis. Funcionava melhor que o sabão e a água que tinha estado utilizando.

Limpei o suficiente sangue como para não ser detida pelo primeiro polícia que me visse, logo me deslize atrás do volante.

Joguei uma olhada ao retrovisor. O carro patrulha ainda permanecia ali a sós, como um cão que espera a seu amo. O motor dava sacudidas. Pus o carro em marcha e acelerei. O Jipe se lançou sobre uma luz como se fosse um ímã. Pisei de repente o freio e me alegrei de ter posto o

cinto de segurança.

Bem, estava um pouco desorientada. Acendi a luz do guarda-sol, que se supõe que é para comprovar a maquiagem, e em troca, comprovei meus olhos. As pupilas estavam iguais. Se uma pupila estivesse dilatada, poderia significar que tinha um derrame cerebral. A gente morria por coisas assim. Nos teria entregue aos policiais e conseguido uma ambulância ao hospital.

Mas não era tão grave. Esperava.

Apague a luz e deixe avançar ao Jipe. Se conduzisse muito devagar, o carro não queria beijar-se com a luz. Genial. Avancei pouco a pouco pelo estacionamento, esperando ouvir gritos detrás de mim. Nada. A rua estava escura e delineada com carros a ambos os lados. Avancei lentamente rua abaixo a aproximadamente 20 km/h, com medo de ir mais rápido. Parecia que conduzia entre carros em direção contrária. Uma ilusão, mas acojonaba como o inferno.

Incorporei a uma rua maior e os faróis apunhalaram meus olhos.

Pus a mão fazendo de viseira em meus olhos e quase me choquei contra um carro estacionado. Mierda. Tinha que me apartar antes de que me chocasse contra algo. Passaram quatro blocos mais antes de que encontrasse um posto de gasolina com cabines telefônicas fora. Não estava segura de como a vi. Não queria que algum empregado muito entusiasta chamasse à polícia, depois de ter passado por tantos problemas tentando escapar.

Afrouxei o Jipe no estacionamento. Se me sobre excedia e arrancava os fornecedores de gasolina, poderiam chamar os polis de todos os modos. Parei o Jipe diante do meio-fio do poste telefônico. Estacionei-o na praça, estava muito aliviada de ficar quieta.

Procure no cinzeiro. Nunca tinha contido nada, salvo a mudança.

Quando deixei o carro me dava conta pela primeira vez do frio que fazia sem o casaco. Corria uma fria linha que descia por minhas costas onde o suéter tinha sido rasgado. Marquei o número do Richard sem pensar nisso. A quem mais podia chamar?

A secretária eletrônica saltou.

.Mierda, que esteja em casa, Richard, que esteja em casa.

O bip soou.

.Richard, sou Anita. Louie está ferido. Agarra-o se estiver aí. Richard, Richard, caray, Richard, agarra-o. .Apoie a frente contra o metal fresco da cabine Telefónica.. Agarra-o, agarra-o, agarra-o. Richard. Mierda. Agarrou-o, parecia sem fôlego.

.Anita, sou eu. O que acontece?

.Feriram o Louie. Sua ferida pode curar-se, mas como o explica em uma sala de emergência do hospital?

.Não o faça .disse.. Temos doutores que lhe podem atender. Lhe darei uma direção.

.Não posso conduzir.

.Têm-lhe feito mal?

.Sim.

.Como está de mau?

.O bastante como para não querer conduzir.

.O que lhes passou?

Dava-lhe uma versão muito breve dos acontecimentos da noite. Um ataque de vampiro, sem nenhum motivo específico. Não estava preparada para lhe dizer que tinha que lhe contar ao Jean-Claude nosso compromisso, porque não estava segura que tivéssemos algum. Ele tinha perguntado, eu disse que sim, mas agora não estava segura. Duvido que Richard estivesse mais seguro.

.me dê a direção.

Fiz-o.

.Conheço o posto de gasolina da que falas. Parada ali às vezes quando fico com o Louie.

.Genial. Quando pode estar aqui?

.vais estar bem até que possa chegar?

.Seguro.

.Se não o estas, chama à polícia. Não arrisque a vida só para guardar o segredo do Louie. Ele não quereria isso.

.Recordarei-o.

.Não te faça o macho, Anita. Não quero que te passe nada.

Sorri com minha frente apoiada contra o telefone.

.me comportar como um macho é da única forma em que se pode conseguir chegar até aqui. Só vêem, Richard. Esperarei.

Pendurei antes de que ficasse meloso. Sentia-me excessivamente lamentável para resistir muita compaixão.

Retornei ao Jipe. Fazia frio dentro do carro. Tinha esquecido acender a calefação. Girei o aquecedor ao máximo. Ajoelhei-me no assento e comprovei ao Louie. Não se tinha movido. Toquei a pele da boneca para comprovar o pulso. Era forte e estável. Por gosto, levantei a mão e a deixe cair de novo. Nenhuma reação. A verdade é que não tinha esperado que a houvesse.

Pelo general, um licântropo fica em forma animal durante oito ou dez horas. A mudança que tinha feito antes custava muita energia. Inclusive embora não lhe tivessem feito mal, Louie estaria dormido pelo resto da noite. Embora o sonho fora também suave. Não podia despertá-los. Não era um grande método de sobrevivência. Igual a dormir durante o dia não ajudava muito aos vampiros. Era uma forma evolutiva para nos ajudar aos fracos.

Recostei-me no assento. Não estava segura de quanto lhe levaria a Richard chegar até aqui. Joguei uma olhada ao edifício da estação. O homem atrás do mostrador lia uma revista. De momento não se havia

dados conta de nós. Se tivesse estado olhando, me teria afastado das luzes. Não queria que se perguntasse porquê ficava aqui, mas se não me emprestava atenção, simplesmente ficaríamos.

Inclinei-me para trás, apoiando a cabeça contra o reposacabezas.

Queria fechar os olhos, mas não o fiz. Estava quase segura que tinha uma comoção cerebral. Dormir não era uma boa idéia. Já tinha tido uma ferida pior que esta e Jean-Claude a tinha curado. Mas uma marca de vampiro era muito para uma comoção cerebral suave.

Este era a primeira vez que me tinham feito mal desde que perdi as marcas do Jean-Claude. Tinha sido mais difícil me fazer danifico e me curava mais rápido. Não era um mau efeito secundário. Um dos outros efeitos tinha sido a capacidade de poder olhar a um vampiro aos olhos sem que pudesse me enfeitiçar. Como tinha cuidadoso aos olhos do Gretchen. Como tinha mantido seu olhar impunemente? Havia-me mentido Jean-Claude? Havia alguma sinal persistente?

Outra pergunta para fazer quando lhe visse. É obvio, depois de que lhe desse o boletim informativo, todo o inferno se viria abaixo e não haveria mais perguntas. Bem, talvez uma pergunta. Tentaria Jean-Claude matar ao Richard? Provavelmente.

Suspirei, fechando os olhos. De repente estava muito cansada, tão cansada que não queria abri-los. O sonho me arrastava. Abri os olhos e me deslizei no assento. Possivelmente só era a tensão, a adrenalina correndo, ou talvez era uma comoção cerebral. Acendi a luz do teto e comprovei a Louie outra vez. Respiração e pulso estáveis. A cabeça estava de lado, o pescoço estirado em uma linha larga, mostrando a ferida.

Os sinais de mordida se estavam curando. Não podia ver como acontecia, mas cada vez que olhava, estavam melhor. É como tentar ver uma flor. Vê o efeito, mas nunca o vê acontecer realmente.

Louie ia estar bem. Estaria bem Richard? Havia dito sim porque no calor do momento queria dizê-lo. Podia ver passar minha vida com ele. antes de que Bert me encontrasse e me mostrasse como usar meu talento para fazer dinheiro, tinha tido uma vida. Tinha ido de excursão, acampado. Tinha sido uma bióloga que pensava continuar o máster e doutorado, e estudar criaturas preternaturales para o resto de minha vida. uma espécie de Jane Goodall preternatural. Richard me tinha recordado tudo isto, o que ao princípio tinha acreditado que seria minha vida. Não tinha planejado acontecer a vida com o culo metido profundamente em sangue e morte. De verdade.

Se cedesse ante o Jean-Claude, aceitaria que só haveria morte, só violência. Atrativo, muito atrativo, mas morte apesar de tudo. Havia pensado que com o Richard tinha uma possibilidade na vida. Algo melhor. depois da noite anterior, não estava tão segura.

Era muito pedir a alguém que fora humano? Infernos, conhecia muitas mulheres de minha idade que não podiam conseguir uma entrevista em

absoluto. Tinha sido uma delas até o Richard. Bem, Jean-Claude me teria tirado, mas lhe evitava. Não podia imaginar me citar com o Jean-Claude como se fora um tipo normal. Podia imaginar ter sexo com ele, mas não uma entrevista. O pensamento dele me recolhendo às oito, me deixando em casa e satisfeito com um beijo de boa noite parecia ridículo.

Fiquei ajoelhada no assento, com o olhar fixo no Louie. Tinha medo de me girar e me pôr cômoda, medo de dormir e já não despertar. Realmente não tinha medo, mas estava preocupada. Uma viagem ao hospital não poderia ser uma má idéia, mas primeiro tinha que lhe falar com Jean-Claude sobre o Richard. E lhe impedir de matá-lo.

Pus a cara entre meus braços, uma dor profunda e palpitante acudiu a minha frente. Bem. A cabeça deveria me doer depois da surra que tinha recebido. O fato de que não me tivesse estado doendo, havia-me preocupado. Uma boa dor de cabeça, podia viver com ele.

Como ia manter ao Richard vivo? Sorri. Richard era um lobo alfa. O que me fez pensar, o que me fez acreditar que não poderia cuidar-se? Tinha visto o que Jean-Claude podia fazer. Tinha-lhe visto quando não era humano de tudo. Talvez depois de que visse o Richard trocar, pensaria diferente. Talvez não me sentiria tão protetora. Talvez o inferno se congelasse.

Verdadeiramente amava ao Richard. Realmente o fazia. Havia querido dizer que sim. Tinha-o querido dizer antes da passada noite. antes de que sentisse seu asqueroso poder sobre minha pele. Jean-Claude havia tido razão em uma coisa. Richard não era humano. A cena de sucção o tinha excitado. Era a idéia de sexo do Jean-Claude um pouco tão estranho como isto? Nunca me tinha permitido averiguá-lo.

Alguém chamou o guichê. Saltei e girei. Minha visão dançou com serpentinas negras. Quando pude ver outra vez, a cara do Richard estava ali.

Desprotegi as portas e Richard abriu uma. Começou a aproximar-se de mim e se deteve. A vacilação em sua cara foi dolorosa. Não estava seguro de se lhe teria deixado me tocar. Girei-me para não ver a dor em sua cara. O amava, mas o amor não era suficiente. Todos os contos de fadas, as novelas de romances, as telenovelas, são toda mentira.

O amor não o conquista tudo.

Procurou não me tocar. Sua voz soou indiferente.

.Anita, está bem? Parece horrível.

.É agradável saber que me vejo como me sinto .disse.

Tocou minha bochecha, os dedos se deslizaram sobre a pele, uma carícia fantasmal que me fez tremer. Rodeio o bordo do arranhão. Doeu e me aparteí longe. Uma gota de sangue manchou a gema do dedo, brilhando com a luz do teto. Observei-lhe contemplar o sangue. Vi um espionista de

pensamento detrás dos olhos cor café. Quase lambeu os dedos até limpá-los, como tinha feito Rafael. limpou-se os dedos no casaco, mas tinha visto o hesitação. Sabia que o tinha visto.

.Anita...

A porta traseira se abriu e me girei, alcançando a última faca que tinha. O mundo nadou em ondas de escuridão e náuseas. O movimento tinha sido muito brusco. Stephen, o homem lobo, estava de pé na porta entreaberta e me observava. Estava aí como congelado, com os olhos azuis aumentados. Olhava a faca de prata em minha mão. O fato de que tivesse estado cega e muito doente para usá-lo, parecia lhe haver salvado. Poderia ter acontecido que estivesse ajoelhada, me aproximando dele. Tinha querido golpear às cegas, como um morcego, sem ter em conta quem tivesse estado de pé ali.

.Não me disse que havia trazido para alguém contigo .disse.

.Deveria havê-lo mencionado .respondeu Richard.

Relaxe-me, voltando a me ajoelhar no assento.

.Sim, deveria havê-lo mencionado.

A faca brilhou com a luz do teto. Parecia uma navalha de barbear afiada e bem conservada. Era-o.

.Só ia comprovar ao Louis .disse Stephen. Parecia um pouco inseguro. Tinha uma caçadora de couro negro com pregos de prata costurados ao redor da garganta. O cabelo loiro, comprido e encaracolado, caía sobre a caçadora.

Parecia um motorista efeminado.

.Bem .disse.

Stephen olhou por cima de mim ao Richard. Senti mais que vi o Richard assentir com a cabeça.

.Está bem, Stephen.

Havia algo em sua voz que me fez me girar devagar para lhe olhar.

Tinha um olhar estranho na cara.

.Talvez é tão perigosa como finge ser.

.Não finjo, Richard.

Afirmou com a cabeça.

.Talvez não o faz.

.É um problema?

.Enquanto não me pegue um tiro , ou aos membros da manada, suponho que não.

.Não posso prometer o de sua manada.

.São meus para protegê-los .disse.

.Então te assegure que deixem o inferno só para mim.

.Lutaria contra mim por isso? .perguntou.

.Lutaria você contra mim?

Sorriu, mas não parecia feliz.

.Não poderia lutar contra ti, Anita. Nunca poderia te fazer danifico.

.Aí é onde somos diferentes, Richard.

inclinou-se como se fora a me beijar. Algo em minha cara lhe deteve.

.Acredito-te.

.Bem .disse. Introduzi a faca em sua capa. Contemplei sua cara enquanto o fazia. Não precisava olhar para guardar a faca em seu sítio.. Nunca me subestime, Richard, nem ao que estou disposta a fazer para me manter viva. Para manter vivos a outros. Não quero que lutemos, não dessa forma, mas se não controlar a sua manada, então o farei.

afastou-se de mim. Sua cara parecia quase zangada.

.É uma ameaça?

.Estão fora de controle e sabe. Não posso prometer não lhes fazer machuco a menos que possa garantir que vão se comportar. E não pode fazer isso.

.Não, não posso te garantir isso. .Não gostou de admiti-lo.

.Então, não me peça que prometa que não lhes farei mal.

.Pode ao menos tratar de não matá-los, como primeira opção?

Pensei nisso.

.Não sei. Talvez.

.Não pode só dizer, «Sim, Richard, não matarei a seus amigos»?

.Seria uma mentira.

Inclinou a cabeça.

.Suponho.

Ouvi o rangido do couro do assento traseiro quando Stephen se moveu.

.Louie esta fora, mas estará bem.

.Como o meteu no Jipe? .perguntou Richard.

Olhei-lhe.

Teve a discrição de parecer envergonhado.

.Levou-lhe. Sabia. .Tocou o corte de minha frente brandamente. Ainda doía.. Inclusive assim, levou-lhe.

.Era isso ou deixar que os policiais o agarrassem. O que teria passado se tivessem-lhe montado em uma ambulância e tivesse começado a curar-se assim?

.Teriam sabido o que era .respondeu Richard.

Stephen se apoiava no respaldo do assento, o queixo descansava nos antebraços. Parecia ter esquecido que quase o tinha apunhalado, ou acaso estava acostumado a ser ameaçado. Provavelmente. Desde perto, os olhos eram de um surpreendente azul aciano. Com o cabelo loiro ao redor de a cara parecia uma daquelas bonecas de porcelana que compram em tenda exclusivas, com as que nunca lhe deixam jogar de menino.

.Posso levar ao Louie comigo .disse.

.Não .respondi.

Ambos me olharam, surpreendidos. Não estava segura de que dizer, mas sabia que Richard não podia vir comigo a Prazeres Proibidos. Se tinha alguma esperança de nos manter a todos vivos, Richard não podia estar perto quando desse a notícia.

.Pensei que te levaria a casa .disse Richard., ou ao hospital mais próximo, algo que necessite.

Isso era o que preferia, mas não esta noite.

.É o melhor amigo do Louie. Pensei que queria cuidar dele.

Observou-me, os encantadores olhos marrons entrecerrados sospechosamente.

.Trata de te desfazer de mim. por que?

Doía-me a cabeça. Não podia pensar em uma boa mentira. Não pensei que tomaria tão mal.

.Quanto confia no Stephen?

Pergunta-a pareceu lhe fazer perder o equilíbrio.

.Confio nele.

Sua primeira reação foi dizer que sim, confio nele, mas não havia pensado nisso primeiro.

.Não, Richard, quero dizer, quanto confia em que não falará com Jean-Claude ou Marcus?

.Não diria ao Marcus nada que você não queria .disse Stephen.

.E ao Jean-Claude? .perguntei.

.Se me fizer uma pergunta direta, teria que dar uma resposta direta .Stephen parecia incômodo quando o disse.

.Como pode guardar mais lealdade ao Amo da Cidade que a você próprio líder de manada?

.Sigo ao Richard, não ao Marcus.

Joguei uma olhada ao Richard.

.Uma pequena rebelião no palácio?

.Raina o queria em um dos filmes. Intervim e o detive.

.Marcus deve te odiar de verdad.dije.

.Teme-me .disse Richard.

.Inclusive pior .disse.

Richard não disse nada. Conhecia a situação melhor que eu, até se não estava disposto a abordar os últimos incidentes.

.Bem, tinha planejado lhe dizer ao Jean-Claude o que me propôs.

.Declarou-te? .perguntou Stephen. Sua voz manteve um matiz de surpresa.. Disse sim?

Richard assentiu. O prazer iluminou a cara do Stephen.

.Bem feito. .Sua cara passo a entristecer-se. Era como olhar o vento sobre um campo coberto de erva, visível da superfície..

Jean-Claude vai a flipar em cores.

.Não poderia havê-lo dito melhor.

.Então, por que o diz esta noite? .perguntou Richard..

por que não esperar? Já não está segura sobre te casar comigo. Está-o?

.Não .disse.

Lamentei dizê-lo, mas era a verdade. Amava-lhe, mas se isto seguia adiante, seria muito tarde. Se tinha dúvidas, tinha que resolver agora. Olhando fixamente sua cara, cheirando o quente perfume de sua loção de barbear, lamentava que não pudesse mandar a precaução a passeio. me jogar em seus braços. Mas não podia. Simplesmente não podia, não a menos que estivesse segura.

.Então, por que o diz? A menos que planeje te fugir com você amante e não me diga isso, temos um pouco de tempo.

Suspirei. Disse-lhe por que tinha que ser esta noite.

.Não pode vir comigo.

.Não te deixarei ir sozinha .disse.

.Richard, se estas perto quando ele o averigúe, tratará de te matar, e tratarei de lhe matar para te proteger. .Sacudi a cabeça.. Se a mierda se desata, poderia terminar como Hamlet.

.Como Hamlet? .perguntou Stephen.

.Todo mundo morto .disse.

.Ah.

.Mataria ao Jean-Claude para me proteger depois do que viu ontem à noite?

Olhei-lhe. Tratei de ver detrás desses olhos para saber se havia alguém em casa com quem pudesse falar. Ainda era Richard. Com seu amor pelo ar livre, por qualquer atividade com a que conseguisse sujar-se e uma sorriso que esquentava até os dedos de meus pés. Não estava segura se poderia me casar com ele, mas sabia com segurança que não podia deixar a ninguém lhe matar.

.Sim.

.Não te casará comigo, mas mataria por mim. Não o entendo.

.me pergunte se ainda te amo, Richard. Essa resposta ainda é sim.

.Como posso te deixar lhe enfrentar sozinha?

.estive fazendo-o bem sem ti.

Tocou minha frente e me estremei.

.Não está bem.

.Jean-Claude não me fará mal.

.Isso não sabe seguro .disse.

Tinha razão nesse ponto.

.Não me pode proteger, Richard. Se estiver ali conseguirá que nos mate a ambos.

.Não posso deixar ir sozinha.

.Não vá de macho, Richard. É um luxo que não podemos

nos permitir. Se o dizer sim ao matrimônio te vai converter em um idiota,

pode solucionar-se.

.Retratou-te de seu sim.

.Tampouco é um não definitivo .disse.

.Só o intento de lhe proteger te faria dizer não?

.Não necessito seu amparo, Richard. Não a quero.

Apoiou a cabeça contra o reposacabezas e fechou os olhos.

.Se jogo ao cavalheiro branco, abandonará-me.

.Se pensar que tem que jogar cavalheiro branco, então é que não me conhece absolutamente.

Abriu os olhos e girou a cabeça para me olhar.

.Possivelmente queira ser seu cavalheiro branco.

.Esse é seu problema.

Sorriu.

.Suponho que sim.

.Se pode conduzir o Jipe até meu piso, agarrarei um táxi.

.Stephen pode te levar .disse.

Ofereceu-lhe como voluntário sem perguntar-se o que diria Stephen sobre isso. Arrogante.

.Não, agarrarei um táxi.

.Não me importa .respondeu Stephen., esta noite tenho que voltar aos Prazeres Proibidos de todos os modos.

Joguei-lhe uma olhada.

.O que faz na vida, Stephen?

Colocou a bochecha sobre o antebraço e riu de mim. Conseguiu parecer encantador e atrativo ao mesmo tempo.

.Sou stripper .disse.

É obvio que o era. Quis assinalar que tinha rechaçado participar de um filme pornográfico, mas ainda assim, despiu-se.

Mas tirá-la roupa de bom gosto não é o mesmo que ter sexo na tela. Nem de perto.

CAPITULO 23

Lillian era uma mulher pequena, rondando os cinqüenta. Seu cabelo era cinza e branco com um corte limpo e ordenado em um estilo prático. Seus dedos eram tão rápidos e seguros como o resto dela. A última vez que tinha-me curado as feridas, tinha garras e pelagem cinza.

Estava sentada em uma mesa de exame no porão de um bloco de pisos. Um edifício que alojava licântropos e que foi comprado por um cambiaformas. O porão era a clínica de reconhecimento para os licântropos da zona. Era o primeiro humano ao que tinham permitido ver alguma vez o lugar. Deveria me haver sentido adulada, mas me havia controlado para não está-lo.

.Bem, segundo os raios X, não tem fratura de crânio.

.Alegra-me ouvi-lo .disse.

.Pode ter uma comoção cerebral leve, mas uma assim não aparecerá nas provas, ao menos não com a equipe que temos aqui.

.Então, posso ir ? .Comecei a me baixar.

Deteve-me com uma mão no braço.

.Não disse isso.

Voltei a me recostar na mesa.

.Escuto-te.

.A contra gosto .disse sonriendo.

.Se quiser uma brincadeira sob pressão, Lillian, não sou sua garota.

.Ah, não é isso .disse.. limpei os arranhões e grampeei a frente. Teve muita sorte de não necessitar pontos.

Eu não gosto dos pontos, assim estive de acordo com ela.

.Quero que desperte cada hora durante vinte e quatro horas.

Não devi me haver mostrado muito feliz, porque acrescentou:

.Sei que é chato e provavelmente desnecessário, mas é meu maneira de fazer as coisas. Se dormir e estas mais ferida do que acredito que está, poderia não despertar. Assim lhe leve a corrente a uma velha senhora rato. Ponha o alarme ou feixe que alguém desperte cada hora durante vinte e quatro horas.

.Vinte e quatro horas da ferida? .perguntei esperançada.
riu.

.Normalmente diria que a partir de agora, mas pode fazê-lo a partir do momento em que te feriu. Simplesmente, sejamos cautelosas.

.Eu gosto de ser cautelosa.

Richard se separou da parede. aproximo-se até nós sob as luzes.

.Ofereço-me para despertar cada hora.

.Não pode vir comigo .disse.

.Esperarei-te em seu piso.

.Ah, nada de conduzir esta noite .disse Lillian.. Como
precaução.

As gemas dos dedos do Richard roçaram o reverso de minha mão.
Não tratou de sustentá-la, só aquele roce. Consolador. Não sabia o que fazer. Se
ia dizer não ao final, não me parecia justo paquerar. Só o peso de seus
dedos produzia uma linha de calor por todo meu braço. Luxúria, só luxúria.
Não era o que desejava.

.Conduzirei o Jipe a seu piso, se te parecer bem. Stephen pode
te levar até Prazeres Proibidos.

.Posso agarrar um táxi.

.Sentiria-me melhor se Stephen te levasse. Por favor .disse.

O por favor me fez sorrir.

.Bem, Stephen pode me levar.

.Obrigado .disse Richard.

.De nada.

.Recomendaria-te que fosse diretamente a casa e descansasse .
disse Lillian.

.Não posso .respondi.

Olhou-me com o cenho franzido.

.Muito bem, mas faz-o logo que possa. Se for uma
comoção cerebral leve e abusa de ti mesma, poderia piorar. E embora
não seja uma comoção cerebral, o descanso te sentará melhor que vadiar
por aí.

Sorri.

.Sim, doutora.

Fez um pequeno som de umph.

.Sei o caso vais fazer lhe a minhas recomendações. Mas façam o que
queiram, os dois. Se não escutar ao sentido comum, será melhor que vá.
Deslizei-me da mesa e Richard não se ofereceu a me ajudar. Havia
motivos pelos o que tínhamos estado saindo durante um tempo. Um
momento de enjôo e já me encontrava bem.

Lillian não parecia feliz.

.Promete-me que esse enjôo era menos do que parecia.

.Palavra de scout.

Assentiu com a cabeça.

.Tomarei a palavra.

Não parecia realmente contente, mas acariciou meu ombro e saiu. Não
tinha tomado nenhuma nota. Não havia nenhuma grafica que comprovar.
Nada que demonstrasse que tinha estado aqui alguma vez, exceto por
alguns algodões ensangüentados. Era um bom sistema.

Tinha conseguido me recostar e me relaxar no carro de caminho
aqui. Não sabia se era por não ter que estar ao redor de homens
nus, ou se o passeio em carro me tinha ajudado muito. Em realidade,

sentia-me melhor, o que era fantástico já que tinha que ver o Jean-Claude esta noite sem importar como me sentisse. Perguntei-me se Gretchen me tivesse dado uma noite de graça se houvesse me trazido para o hospital. Provavelmente não.

Não podia postergá-lo por mais tempo. Era o momento de fazê-lo.

.Tenho que ir, Richard.

Pôs as mãos sobre meus ombros. Não me aparte. Girou-me para me olhar, e lhe deixei. Sua cara estava muito séria.

.Lamento não poder ir contigo.

.falamos sobre isso .disse.

Apartou o olhar.

.Sei.

Toquei seu queixo e elevei seus olhos até meus.

.Nenhum heroísmo Richard, prometa-me isso .Odio que hagas esto sola.

Seus olhos eram muito inocentes.

.Não sei o que quer dizer.

.Gilipollices. Não pode esperar fora. Tem que ficar aqui.

prometa-me isso de la superfície, esperando.

Deixou cair seus braços e se apartou com um andar majestoso. apoiou-se sobre as Palmas na outra mesa de exame com os braços mantendo todo o peso.

.Ódio que faça isto sozinha.

.me prometa que esperará aqui, ou esperará em meu piso. São as únicas opções, Richard.

Não me olharia. Aproxime-me e lhe toquei o braço. A tensão emanava de ele. Não havia nada dessa energia extra terrestre ainda, mas estava aí, debaixo da superfície, esperando.

.Richard, me olhe.

ficou inclinado, o cabelo caindo como uma cortina entre nós.

Estendi a mão por aquele cabelo ondulado, agarrando um punhado perto do calor de sua cabeça. Usei o cabelo como uma asa e girei a cara. Os olhos eram mais escuros do normal. Havia algo nesses olhos que solo tinha visto a última noite. A besta se elevava neles, como um monstro de mar que nadava para a superfície pelas águas escuras.

Apertei o agarre em seu cabelo, não para que lhe doesse, a não ser para conseguir sua atenção. Um pequeno som brotou de sua garganta.

.Se isto jodes por culpa de seu ego masculino, vais matar me. .

Aproximei sua cara para mim, a mão enredada em seu cabelo. Quando a cara esteve a uns centímetros da minha até quase nos beijar, disse.: Se interfere, matará-me. Entende-o?

A escuridão de seus olhos quis dizer não. Olhei a luta em sua cara.

.Entendo-o .disse finalmente.

.Esperará-me em casa?

Assentiu, atirando de seu cabelo contra meu apertão. Quis lhe aproximar a cara. lhe beijar. Ficamos ali de pé, congelados e vacilando. Se moveu fazia mim. Nossos lábios se roçaram. Era um roce suave, lábios suaves. Observamo-nos o um ao outro a uns centímetros de distância. Seus olhos se afogavam profundamente, e de repente pude sentir seu corpo como uma sacudida elétrica por meu estomago.

Afastei-me dele.

.Não agora. Não sei como me sinto a respeito de ti.

.Seu corpo sabe .respondeu.

.Se a luxúria fora tudo, estaria com o Jean-Claude.

Sua cara se afundou como se o tivesse esbofeteado.

.Se em realidade não vais sair mais comigo, então não se o conte ao Jean-Claude. Não merece a pena.

Parecia tão ferido. Era algo que nunca tinha tido intenção de fazer. Pus a mão em seu braço. A pele era suave, cálida, real.

.Se posso me liberar de dizer-lhe farei-o, mas não acredito que Gretchen deixe-me muitas opções. Além disso, Jean-Claude pode cheirar uma mentira. Você me propôs isso e eu aceitei.

.lhe diga que trocou de opinião, Anita. lhe diga por que. Gostará.

Que não seja o bastante humano para ti .soltou minha mão.. Jean-Claude se tragará-o completamente.

Sua voz soava amarga, zangada. A amargura era o suficientemente intensa para andar por si só. Nunca lhe tinha ouvido assim.

Não o podia agüentar. Aproxime-me por detrás dele e envolvi os braços ao redor de sua cintura. Enterrei minha cara na linha de suas costas.

Minha bochecha entre seus ombros. Começou a dá-la volta, mas o agarrei mais forte. manteve-se de pé, ainda entre meus braços. Suas mãos os tocaram com indecisão ao princípio, logo se abraçou a eles. Um estremecimento transpassou suas costas. Seu fôlego saiu com um comprido ofego.

Girei-lhe para lhe confrontar. As lágrimas brilhavam em suas bochechas. Jesus. Nunca tinha sabido o que fazer com as lágrimas. Meu primeiro instinto foi lhe prometer algo se deixava de chorar.

.Não o faça .disse. Toquei com um dedo uma lágrima. deslizou-se por minha pele, tremendo.. Não deixe cair mais lágrimas, Richard. Por favor.

.Não posso ser humano de novo, Anita. .Sua voz parecia muito normal. Se não tivesse visto as lágrimas, não teria sabido que chorava.. Voltaria para ser humano para ti se pudesse.

.Talvez não seja humano o que quero, Richard. Não sei. me dê tempo. Se não poder dirigir ao ser peludo, melhor averiguá-lo agora.

Senti-me horrível, egoísta e mesquinha. Era magnífico. Amava-o.

Queria casar-se comigo. Ensinava ciência em secundária. Amava ir de excursão, acampar, a espeleología. Coleciona bandas sonoras de musicais, Por Deus. E era o seguinte na linha para governar a

manada. Um homem lobo alfa. Mierda.

.Necessito tempo, Richard. Sinto-o tanto, realmente o necessito. .

Soei tão indecisa. Nunca tinha parecido tão indecisa em minha vida.

Sacudiu a cabeça, mas não pareceu convencido.

.Pode terminar me rechaçando, mas vais arriscar sua vida ao

te enfrentar ao Jean-Claude. Não tem sentido.

Tinha que lhe dar a razão nisso.

.Tenho que falar com ele esta noite, Richard. Não quero outro

enfrentamento com o Gretchen. Não se posso evitá-lo.

Richard se passou as mãos sobre a cara. As mãos entre o cabelo.

.Não deixe que lhe matem.

.Não o farei .respondi.

.Prometa me disse isso.

Quis dizer, Prometo-lhe isso, mas não o fiz.

.Não faço promessas que não posso manter.

.Poderia me consolar e me mentir?

Neguei com a cabeça.

.Não.

Suspirou.

.Falando de dolorosa honestidade.

.Tenho que ir. .Afastei-me antes de que pudesse me distrair outra vez.

Começava a pensar que o fazia a propósito para me atrasar. Por suposto, deixava-lhe fazê-lo.

.Anita. .Estava quase na porta. Girei-me. Estava ali, sob as ásperas luzes, as mãos nos flancos, olhando... Indefeso.

.Demo-nos um beijo de despedida. Há-me dito que tenha cuidado. Adverti-te que não jogue herói. Isso é tudo, Richard.

Não há mais.

.Quero-te.

Bem, sim havia mais.

.Eu também te quero.

Era a verdade, maldita seja. Se só pudesse suportar a seu ser peludo, casaria-me com ele. Como tomaria Jean-Claude as notícias? Há um velho refrão que diz, «só há uma forma de averiguá-lo».

CAPITULO 24

Prazeres Proibidos está situado no coração do distrito vampiro.

O pôster aceso de néon sangrava no céu noturno, dando à escuridão um tinteiro carmesim como um incêndio em uma casa longínqua. Desde fazia muito tempo não ia ao distrito desarmada depois do anoitecer.

Bom, tinha a faca e era melhor que nada, mas contra um vampiro, não era muito melhor.

Stephen estava a meu lado. Um homem lobo não era um mal guarda-costas, mas de algum jeito Stephen não se via suficientemente horripilante. Era só uns centímetros mais alto que eu, magro como um salgueiro com a justa definição muscular para lhe fazer parecer masculino. Dizer que suas calças eram ajustadas não era suficiente. Eram de couro e pareciam pintados como uma segunda pele. Não era difícil apreciar o traseiro apertado e firme. A caçadora de couro o chegava à cintura, assim que a visão estava limpa.

Tinha posto meu impermeável negro outra vez. Tinha um poquinho de sangue, mas se o limpava, molharia-se. Molhado não me manteria quente. Meu pulôver, um de meus favoritos, estava rasgado em um ombro até o tirante do prendedor. Muito frio sem o casaco. Gretchen me devia um pulôver. Talvez depois de recuperar minhas armas, falaríamos disso. Três pernadas me conduziram até as portas fechadas. Chamei ao vampiro que as protegia. Era o pior nome de vampiro que tinha ouvido alguma vez. Não seria bom se fosse humano, mas Buzz parecia completamente errôneo como vampiro. Era um grande nome para um gorila. Era alto e musculoso por excesso de exercício, com um corte de cabelo ao corte de barba, malévolo. Parecia que levava posta a mesma camiseta negra que usava em julho.

Sabia que os vampiros não podiam morrer de frio, mas não sabia que não sentiam frio. A maior parte dos vampiros tentavam passar por humanos. Levavam postos casacos no inverno. Talvez não os necessitassem, da mesma forma que Gretchen não tinha necessitado tirar o faca da garganta. Talvez tudo era fingido.

Sorriu, ensinando as presas. Minha reação pareceu lhe decepcionar.

.Perdeu-te uma atuação, Stephen. O chefe está zangado.

Stephen se encolheu. Buzz pareceu fazer-se maior, contente consigo mesmo.

.Stephen me ajudava . Não acredito que Jean-Claude se oponha.

Buzz se girou para mim, me olhando à cara pela primeira vez.

.Mierda, o que te passou?

.Se Jean-Claude quiser que saiba, dirá-lhe isso .disse.

Passei por diante dele. Havia um pôster grande na porta: Nenhuma

Cruz, Crucifixos ou outros Artigos Santos Permitidos Dentro. Empurrei as portas abertas e segui caminhando, minha cruz bem sujeita ao redor do pescoço. Poderiam-na conseguir de meus frite mãos mortas esta noite se a queriam.

Stephen me seguia os talões, quase como se tivesse medo do Buzz.

Não era velho para ser vampiro, menos de vinte anos. Ainda tinha certa "vitalidade" nele. Aquela calma completa que os velhos tinham, não havia aparecido ainda no gorila. Então, por que um homem lobo tinha medo de um vampiro novo? Pergunta-a era boa.

Era domingo noite e o lugar estava lotado. Não tinha ninguém que trabalhar amanhã? O ruído se elevou sobre nós como uma onda quase sólida. Era aquele som de murmúrios de muita gente em um espaço pequeno dispostas a passar um bom momento. As luzes eram tão brilhantes como podiam sê-lo. O pequeno cenário estava vazio. Estávamos entre funções.

Uma mulher loira nos saudou na porta.

.Tem algum artigo santo que declarar? .sorriu quando o disse.

A moça de controle de artigos Santos.

.Não .sorri quando o disse.

Não me perguntou, só sorriu e se afastou.

.Só um momento, Shelia .disse uma voz masculina.

O vampiro alto que andou a pernadas para nós era atrativo a a vista. Tinha maçãs do rosto altos e esculpidos, e o cabelo loiro curto com um estilo perfeito. Era muito masculino para ser formoso e muito perfeito para ser real. Robert tinha sido um dos strippers a última vez que estive aqui. Parecia como se tivesse subido a gerente.

Shelia esperou, olhando do Robert para mim.

.Mentiu-me?

Robert me saudou com a cabeça.

.Olá, Anita.

.Olá. Agora é o gerente?

Afirmou.

Eu não gostava disto, ele sendo gerente. Tinha-me falhado uma vez, ou melhor dizendo, tinha falhado às ordens do Jean-Claude. Falhado em proteger a alguém. Que tinha morrido. Robert não tinha conseguido parar a os monstros. Deveria haver-se ferido ao tentá-lo. Não queria dizer que morrera para proteger às pessoas, mas deveria ter tentado algo mais. Nunca confiaria completamente nele ou lhe perdoaria.

.Tem posto um artigo santo, Anita. A menos que seja um trabalho policial, deve dar-lhe a Shelia.

Olhe-o. Seus olhos eram azuis. Apartei o olhar e então compreendi que podia encontrar seus olhos. Tinha mais de cem anos, não tão poderoso como Gretchen, mas não deveria ter sido capaz de lhe manter

o olhar.

Seus olhos se alargaram.

.Tem que deixá-lo. Essas são as regras.

Talvez o ser capaz de olhá-lo aos olhos tinha dada coragem, ou talvez tinha tido bastante por esta noite.

.Está Gretchen aqui?

Pareceu surpreso.

.Sim, está no quarto traseiro com o Jean-Claude.

.Então não pode ter minha cruz.

.Não posso te deixar entrar então. Jean-Claude o deixou muito claro.

Havia um indício de ansiedade em sua voz, quase medo. Bem.

.Note em minha cara, Bobby, moço. Fez-o Gretchen. Se estiver aqui, guardo minha cruz.

As linhas de seu cenho se acentuaram entre suas perfeitas sobrancelhas.

.Jean-Claude não concedeu nenhuma exceção.

aproximou-se e lhe deixei. Baixou a voz só o suficiente para lhe ouvir por em cima do ruído.

.Disse que se alguma vez voltava a lhe falhar em algo grande ou pequeno, castigaria-me.

Normalmente pensava que as declarações assim eram lamentáveis ou cruéis. Estive de acordo esta vez.

.vá perguntar ao Jean-Claude .disse.

Sacudiu a cabeça.

.Não posso confiar em que espere aqui. Se passas com a cruz, terei falhado.

Isto se fazia pesado.

.Pode ir Stephen a perguntar?

Robert assentiu.

Stephen estava pego a mim. Não se tinha reposto dos comentários do Buzz.

.Jean-Claude está zangado comigo por perder o turno?

.Deveria ter chamado se não podia fazer seu turno .disse

Robert.. Tive que fazê-lo em seu lugar.

.É bom ser útil .disse.

Robert me olhou com cenho.

.Stephen deveria ter chamado.

.Levava-me a médico. Tem algum problema com isso?

.Pode que Jean-Claude sim.

.Então tira o grande homem e vá perguntar lhe. Estou cansada de estar na porta.

.Anita, que amável de sua parte nos honrar com sua presença. .

Gretchen virtualmente ronronava pela antecipação.

.Robert não me deixará passar.

Girou os olhos para o vampiro. Ele deu um passo atrás. até agora, ela não tinha solto nenhuma magia impressionante, ainda. Robert se assustava muito rápido para ser um cadáver centenário.

.Estamos esperando-a, Robert. Jean-Claude está muito preocupado por vê-la.

Tragou com força.

.Disseram-me que ninguém entrasse com um artigo santo, salvo a polícia. Não temos feito nenhuma exceção.

.Nem sequer para o amor do professor .pôs muita ironia em aquela última parte.

Robert não o safado ou não fez conta.

.Até que Jean-Claude me diga algo diferente, não passa com uma cruz.

Gretchen caminhou com passo majestoso ao redor de todos nós.

Não estava segura de quem parecia mais preocupado.

.te tire a pequena cruz e terminemos com isto.

Sacudi a cabeça.

.Não.

.Isso não te ajudou muito esta noite .disse.

Tinha um ponto nisso. Pela primeira vez compreendi que não havia pensado em tirar minha cruz antes. Tinha ido a por minhas armas, mas não por minha fé. Malditamente triste.

Manuseei a fresca prata da cadeia.

.A cruz fica.

.Estragam minha diversão .disse. A maneira em que soou foi terrorífica.. vou devolver te uma de suas armas.

Um momento antes tivesse estado de acordo, mas não agora. Estava envergonhada por não ter tirado antes a cruz. Não lhe teria impedido saltar sobre mim ao princípio. Era muito capitalista para isso. Mas poderia havê-la mantido longe do Louie. ia ter que deixar de me saltar o ir a a igreja se não conseguia dormir.

.Não.

.Esta é sua forma de romper nosso trato? .Sua voz era baixa e excitada com um primeiro indício de cólera.

.Mantenho minha palavra .disse.

.Escoltarei-a, Robert .levantou a mão para parar seus queixa.. Se Jean-Claude te culpa, lhe diga que ia arrancar sua garganta. .aproximou-se de ele até que só um fôlego separou os corpos. Isto só punha de manifesto que Robert era mais alto por cabeça e meia. Gretchen parecia maior que isso.. Não é uma ameaça vã, Robert. Acredito que é débil, uma responsabilidade. Mataria-te agora se nosso amo não nos necessitasse a ambos. Se ainda teme ao Jean-Claude, recorda que ele lhe quer vivo. Eu não.

Robert tragou com tanta força que teve que lhe doer. tornou-se fazia atrás. Premio para ele. Ela se moveu essa fração mais perto, e ele saltou como se lhe tivessem pego um tiro.

.Bem, bem, toma-a a sério.

O lábio do Gretchen se elevou com repugnância. Em uma coisa coincidíamos: nós não gostávamos de Robert. Se tínhamos algo em comum, talvez fora isso. Possivelmente poderíamos ser amigas. Sim, seguro.

O nível de ruído tinha descendido a um murmúrio de fundo.

Tínhamos a atenção de todo o mundo. Nada como um bom espetáculo.

.Não deveria começar um espetáculo agora mesmo? .perguntei.

Robert afirmou com a cabeça.

.Sim, tenho que lhe apresentar.

.Vete a fazer seu trabalho, Robert. .As palavras eram duras, com desprezo. Gretchen lhe desprezava.

Robert se afastou, obviamente aliviado.

.Debilucho .disse brandamente.

.Venha, Anita, Jean-Claude nos espera. .afasto-se com passo majestoso, seu comprido abrigo pálido se balançava detrás dela. Stephen e eu intercambiávamos olhadas. encolheu-se de ombros. Segui-a e ele se arrastou detrás, como se tivesse medo de me perder.

O escritório do Jean-Claude era como estar dentro de uma ficha de dominó. Paredes completamente brancas, tapete branco, escritório laqueado em negro, cadeira de escritório negro, um sofá de couro negro contra uma das paredes e duas cadeiras com o respaldo reto colocadas frente ao escritório. O escritório e as cadeiras eram orientais, adornados com quadros de esmalte de grou e mulheres orientais com trajes soltos. Sempre me gostou desse escritório, mas não o admitiria em voz alta.

Havia um biombo laqueado em negro em uma esquina. Nunca o havia visto antes. Era grande, escondia toda a esquina. Um dragão laranja e vermelho enroscava-se através do biombo, com olhos saltados e enormes. Era um agradável complemento para a habitação, a qual não era confortável, mas sim elegante. Como Jean-Claude.

Estava sentado no sofá de couro, vestido tudo de negro. A camisa tinha pescoço alto e rígido, lhe emoldurando a cara. Era difícil dizer onde terminava o cabelo e começava a camisa. O pescoço da camisa estava sujeito a seu pescoço com um pendente de rubi do tamanho de um polegar. A camisa estava aberta até a cintura, deixando um triângulo de pálida pele à vista. Só o pendente impedia que a camisa se abrisse por completo.

Os punhos eram tão amplos e rígidos como o pescoço, quase escondendo as mãos. Levantou uma e pude ver que os punhos estavam abertos em um lado, assim ainda podia usar as mãos. Jeans negros e botas negras aveludadas completavam a equipe.

Tinha visto o pendente antes, mas a camisa seguro era nova.

.Spiffy15 .disse.

Sorriu.

.Você gosta? .endireitou os punhos, como se o necessitassem.

.É uma mudança agradável do branco .disse.

.Stephen, esperávamo-lhe antes. .Sua voz era bastante suave, mas havia um matiz de algo escuro e desagradável.

.Stephen me levo a médico.

Os olhos azuis meia-noite se voltaram fazia mim.

.Sua última investigação com a polícia se tornou perigosa?

.Não .disse. Joguei uma olhada ao Gretchen.

Ela olhava ao Jean-Claude.

.Diga o disse.

Não acreditei que se referisse a minha acusação de seu intento de assassinato. Era o momento de um pouco de honestidade, ou ao menos de um pequeno drama.

Asseguraria-me de que Jean-Claude não nos decepcionasse.

.Stephen tem que partir agora .disse. Não queria que o matassem por tentar me proteger. Não queria que fora carne de canhão. Não contra Jean-Claude.

.por que? .perguntou. Parecia suspeitar.

.Segue .disse Gretchen.

Sacudi a cabeça.

.Stephen não precisa estar aqui.

.Sal, Stephen .disse Jean-Claude.. Não estou zangado porque perdesse seu turno. Anita é mais importante para mim que o estar a tempo em seu trabalho.

Era agradável sabê-lo.

Stephen fez uma espécie de assentimento fazia Jean-Claude, quase uma reverência, dirigiu-me um olhar e vacilou.

.Vete, Stephen. Estarei bem.

Não tive que lhe tranquilizar duas vezes. Fugiu.

.Que estas tramando agora, MA petite?

Joguei uma olhada ao Gretchen. Tinha só olhos para ele. Sua cara parecia ansiosa, como se tivesse esperado isto durante muito tempo. Olhei fixamente seus olhos azul escuro e compreendi que podia fazê-lo sem marcas de vampiro, podia manter seu olhar.

Jean-Claude também o notou. Seus olhos se alargaram só um pouco.

.MA petite, estas cheia de surpresas esta noite.

.Não viu nada ainda .disse.

.É obvio, continua. Adoro as surpresas.

Duvidei de que gostasse desta. Respirei profundamente e o disse de pressa, como se o fora a fazer mais fácil, como uma colherada de açúcar.

15 Estabelecimento dedicado à venda de artigos têxteis de moda e complementos.

.Richard me pediu que me case com ele, e hei dito que sim .
podia ter acrescentado, «Mas já não estou segura», embora não o fiz. Estava muito aturdida para explicar algo que não fora os fatos inegáveis.
Se tentava me matar, possivelmente acrescentaria os detalhes. Até então...
esperaríamos.

Jean-Claude só ficou ali sentado. Não se moveu absolutamente. A calefação fez clique, e saltei. O respiradouro estava sobre o sofá. O ar movia seu cabelo, o tecido da camisa, mas seu olhar parecia a de um manequim. O cabelo e a roupa se moviam, mas o resto era de pedra. O silêncio aumentou e encheu a habitação. O aquecedor se deteve, e a quietude era tão profunda que podia ouvir o sangue que palpitava em meus ouvidos. Parecia a calma antes da tempestade. Sabia que algo grande ia a chegar. Só que não sabia completamente o que. Deixei fluir silêncio a mim ao redor. Não seria a que o rompesse, porque tinha medo do que viria depois. Esta completa tranquilidade era mais inquietante que a cólera. Não sabia o que fazer com ela, assim não fiz nada. Um curso de ação que estranha vez lamento.

Foi Gretchen quem o rompeu primeiro.

.Ouvii o que disse, Jean-Claude? vai casar se com outro. Ama a outro.
Piscou uma vez, um comprido e elegante movimento de pestanas.

.Agora lhe pergunte se me amar , Gretchen.

Gretchen ficou diante de mim, me bloqueando à vista do Jean-Claude.

.O que importa isso? vai se casar com outro.

.Lhe pergunte. .Isso era uma ordem.

Gretchen girou para me confrontar. Os ossos de sua cara se destacavam sob a pele, os lábios estirados pela raiva.

.Você não lhe quer.

Isso não era exatamente uma pergunta, assim não a respondi. A voz do Jean-Claude me chegou desinteressada e cheia de uma escuridão que tratava de dizer algo que não entendi.

.Ama-me, MA petite?

Olhei fixamente a cara de raiva do Gretchen.

.Suponho que não me acreditaria se dissesse que não . respondi.

.Pode simplesmente dizer sim ou não?

.Sim, em alguma parte escura e retorcida de minha alma, quero-te.

Contente?

Sorriu.

.Como pode te casar com ele se me quiser?

.Quero- também a ele, Jean-Claude.

.Do mesmo modo?

.Não .disse.

.De que forma é diferente esse amor?

As perguntas se voltavam mais difíceis.

.Como se supõe que posso te explicar algo que nem sequer eu entendo?

.Tenta-o.

.É como uma grande tragédia Shakesperiana. Se Romeo e Julieta não houvessem-se suicidado, teriam se odiado o um ao outro em um ano. A paixão é uma forma de amor, mas não é verdadeira. Não dura.

.E que sente pelo Richard? .Sua voz estava cheia de uma emoção forte. Deveria ter sido cólera, mas se sentia diferente. Quase como se fora uma emoção para a que não tinha palavras.

.Não só quero ao Richard, eu gosto. Desfruto de sua companhia. Eu...

.Lamentei me explicar.. Ah, infernos, Jean-Claude, não posso explicá-lo com palavras. Posso ver passar minha vida com o Richard, e não posso vê-la contigo.

.puseste data?

.Não .disse.

Inclinou a cabeça a um lado, me estudando.

.É verdade, mas há algo que é mentira. Que não me está dizendo, MA petite?

Olhei-lhe com cenho.

.Hei-te dito a verdade.

.Mas não toda.

Não queria dizer-lhe Desfrutaria de muito. Senti-me vagamente desleal com o Richard.

.Não estou completamente segura de me casar com o Richard.

.por que não? .Havia algo em sua cara que parecia quase esperanizador.

Não podia deixar que se fizesse uma idéia equivocada.

.Vi-lhe de uma forma horripilante. Senti seu... poder.

.E?

.E agora não estou segura .disse.

.Tampouco é o bastante humano para ti. .Sacudiu a cabeça e riu.

Uma corrente alegre que me cobriu como o chocolate. Pesado, doce e molesto.

.Ela ama a outro .disse Gretchen.. O que importa se dúvida dele?

Ela duvida de ti. Rechaça-te, Jean-Claude. Não é suficiente?

.Fez-lhe todo isso a sua cara?

Ela espreitou para mim ao redor como um tigre enjaulado.

.Não te ama como o faço eu .se ajoelhou diante dele, as mãos tocando suas pernas, a cara levantada olhando para cima.. Por favor, amo-te. Sempre te amei. Mata-a ou deixa que se case com esse homem. Não merece sua adoração.

Não fez conta.

.Está bem, MA petite?

.Estou bem.

Gretchen cravou os dedos nos jeans, aferrando-se a ele.

.Por favor, por favor!

Eu não gostava de Gretchen, mas era horrível ouvir a dor, a dor desesperado de sua voz. Tinha tentado me matar e ainda me compadecia dela.

.Parte, Gretchen.

.Não! .agarrou-lhe.

.Proibi-te danificá-la. Desobedeceu-me. Deveria te matar.

ficou ajoelhada, lhe olhando fixamente. Não podia ver seu expressão e me alegrei disso. Não era uma grande admiradora.

.Jean-Claude, por favor, por favor, só o fiz por ti. Ela não lhe ama.

Sua mão estava de repente ao redor de seu pescoço. Não lhe tinha visto mover-se. Era mágico. Independentemente de poder lhe manter a olhar, isso não lhe deteve para jogar com minha mente. Ou talvez era assim de rápido. Ná.

Ela tratou de falar. Os dedos se fecharam e as palavras saíram como pequenos sons afogados. incorporou-se deixando-a a seus pés. Ela envolveu as mãos ao redor de sua boneca, tratando de lhe impedir pendurá-la. Levanto-a até que seus pés penderam no ar. Sabia que podia lutar contra ele. Havia sentido a força naquelas delicadas mãos. Exceto a mão em sua boneca não lutou. Deixava-lhe matá-la? Faria-o ele? Poderia ficar aqui e só olhar?

Estava ali de pé, com a maravilhosa camisa negra de aspecto elegante e delicioso, e sujeitando ao Gretchen com um braço no ar. Andou para seu escritório ainda sustentando-a. Manteve o equilíbrio facilmente. Inclusive um licântropo não poderia havê-lo feito, não assim. Observe o passeio do magro corpo através do tapete e sabia que poderia fingir tudo o que quisesse, mas não era humano. Ele não era humano. Pôs os pés no tapete no lado oposto do escritório. Relaxou o agarre pela garganta, mas não a deixou ir.

.Jean-Claude, por favor. Quem é ela para que o Amo da Cidade tenha que pedir por um pouco de atenção?

Ele conservo a mão descansando em sua garganta, sem apertar agora. Empurrou o biombo para trás com a mão livre. dobrou-se para trás para revelar um ataúde subido em um pedestal coberto por um tecido. A madeira era quase negra e polida com um brilho que parecia um espelho. Os olhos do Gretchen se alargaram.

.Jean-Claude, Jean-Claude, sinto muito. Não a matei. Poderia havê-lo feito. lhe pergunte. Poderia havê-la matado, mas não o fiz. lhe pergunte. lhe pergunte! .Sua voz soava com um pânico puro.

.Anita.

Aquela palavra se deslizou através de minha pele, densa e cheia de presságios. Estava muito feliz de que essa voz não estivesse zangada comigo.

.Poderia me haver matado do primeiro momento .disse.

.por que crie que não o fez?

.Acredito que se distraiu no intento de consegui-lo. Desfrutar mais.

.Não, não, só a ameaçava. Solo tentava afugentá-la. Sabia que não queria que a matasse. Sabia, ou ela estaria morta.

.Sempre foi uma mal mentirosa, Gretel.

Gretel?

Ele levantou a tampa do ataúde com uma mão, aproximando-a.

Ela se sacudiu longe dele. As unhas marcaram sulcos sangrentos em a garganta. Estava de pé detrás da cadeira de escritório, pondo-a entre eles, como se pudesse ajudá-la. O sangue gotejou por sua garganta.

.Não me faça te forçar, Gretel.

.Meu nome é Gretchen e o foi durante mais de cem anos.

Foi a primeira oposição de qualquer tipo que lhe tinha visto contra Jean-Claude. Lutei contra o impulso de aplaudir. Não foi difícil.

.Foi Gretel quando te encontrei e ainda é Gretel. Não me obrigue a te recordar quem é, Gretel.

.Não entrarei nessa maldita caixa voluntariamente. Não o farei.

.De verdade quer que Anita te veja pior?

Pensei que já o fazia.

.Não irei. .Sua voz não soou firme, sem confiança mas obstinada. Era o que deu a entender.

Jean-Claude se manteve muito em silêncio. Levantou uma mão com um gesto lânguido. Não havia nenhuma outra palavra para isso. O movimento era quase como um baile.

Gretchen se cambaleou, agarrando a cadeira como apoio. A cara parecia haver-se encolhido. Não era a diminuição de poder que tinha visto antes nela. Não o cadáver etéreo que rasgaria sua garganta e dançaria na sangue. A carne se afundou, envolvendo apertadamente os ossos. Se murchava. Não envelhecendo, morrendo.

Abriu a boca e gritou.

.meu deus, o que lhe passa?

Gretchen aferrou o respaldo com umas mãos magras como um ave.

Parecia um cadáver mumificado. A brilhante barra de lábios era agora uma navalhada espantosa através da cara. Inclusive o cabelo loiro ficou reduzido a palha seca e frágil.

Jean-Claude caminhou para ela, ainda elegante, ainda encantador, ainda monstruoso.

.Dava-te a vida eterna e lhe posso tirar isso nunca o esqueça.

Um som baixo e lastimoso brotou de sua garganta. Ofereceu-lhe uma mão débil, suplicando.

.À caixa .disse. Sua voz lançou aquela última palavra escura e terrível, como se houvesse dito "ao inferno", e isso fora o que havia querido dizer.

Tinha reduzido a luta nela, ou talvez roubado era a palavra.

Nunca tinha visto nada igual. Um novo poder vampiro do que nunca tinha ouvido, nem sequer no folclore. Mierda.

Gretchen deu um passo tremendo para o ataúde. Dois passos dolorosos, arrastando-se e perdendo o agarre pela cadeira. caiu, os braços magros, só ossos, mantendo todo o peso de um modo impossível. Uma boa forma de romper o braço. Gretchen não parecia preocupada com rompê-los ossos. Não podia culpá-la.

ajoelhou-se no chão, a cabeça pendendo como se não tivesse força para levantar-se. Jean-Claude só se manteve ali de pé, observando-a. Não fez nenhum movimento para ajudá-la. Se tivesse sido outro, exceto Gretchen, poderia havê-la ajudado.

Devi fazer algum movimento, porque Jean-Claude me fez um gesto de retroceder.

.Se se alimentar de um humano neste momento, toda sua força voltará. Esta muito assustada. Não a tente agora mesmo, MA petite. Fiquei onde estava. Não tinha planejado ajudá-la, mas não me gostava de vê-lo.

.Engatinha .disse.

Começou a avançar lentamente.

Já tinha tido o bastante.

.tiveste seu prêmio, Jean-Claude. Se a quiser no ataúde, recolhe-a e ponha ali.

Olhou-me. Havia um pouco divertido em sua cara.

.Sente compaixão por ela, MA petite. Está decidida a te matar. O sabe.

.Não teria nenhum problema em lhe pegar um tiro, mas isto... .Não tinha palavras. Não só a humilhava, despojava-a de si mesmo. Sacudi a cabeça.. Atormenta-a. Se for por mim, já vi o bastante. Se for por ela, então para o.

.É por seu benefício, MA petite. esqueceu quem é seu professor.

Um mês ou dois no ataúde vai fazer que o recorde.

Gretchen tinha alcançado o pé do pedestal. agarrou-se à tecido com os punhos, mas não podia levantar-se si mesmo.

.Acredito que o recordaste o bastante.

.É tão arruda, MA petite, tão pragmática, embora repentinamente algo te dê machuca. Sua compaixão é tão forte como seu ódio.

.Mas não se aproxima da diversão .disse.

Sorriu e levantou a tampa do ataúde. O interior era de seda branca, por suposto. ajoelhou-se e levantou o Gretchen. Os membros penduravam torpemente, os braços como se não funcionassem completamente. Quando a levantou sobre o bordo do ataúde, seu casaco comprido golpeou contra a madeira. Algo em seu bolso chocou, sólido e pesado.

Quase lamentei perguntar, quase.

.Se o de seu bolso é minha arma, quero recuperá-la.

Pô-la brandamente sobre o forro de seda, depois registrou os bolsos. Sustentou a Browning em uma mão e começou a baixar a tampa. As mãos esqueléticas se levantaram, tratando de deter a baixada.

Olhando aquele movimento de mãos no ar, deixei-o ir.

.Deveria haver outra arma e uma faca.

Olhou-me aumentando os olhos, mas assentiu. Ofereceu-me a Browning.

Avanço e tomei. Estava de pé, o bastante perto para ver seus olhos.

Estavam pálidos e frágeis, como os olhos de um velho, mas tinham uma expressão de profundo terror.

Os olhos rodaram como os de um louco, me observando. Havia uma petição muda naquele olhar. Desespero era uma palavra muito suave para defini-la. Olhou-me, não ao Jean-Claude, como se soubesse que era a única pessoa na habitação a que lhe importava algo. Se isto incomodou ao Jean-Claude, não se refletiu em sua cara. Coloquei a Browning sob o braço. sentia-se bem ter a de volta. Me ofereceu a Firestar.

.Não posso encontrar a faca. Se quer buscá-lo você mesma, é livre de fazê-lo.

Apartei a vista da pele seca e enrugada, da cara sem lábios. Seu pescoço era tão magro como o de um frango. Neguei.

.Não o quero tanto.

riu, e nesse momento, o som se deslizou ao longo de minha pele como o veludo. Um sociópata alegre.

Fechou a tampa e ela fez horríveis sons, como se tratasse de gritar e não tivesse voz para fazê-lo. As mãos golpeavam contra a tampa.

Jean-Claude colocou as fechaduras em seu lugar e se recostou sobre o ataúde fechado.

.Sonho .sussurrou.

Quase imediatamente os sons foram reduzindo-se. Repetiu a palavra uma vez mais e os sons cessaram.

.Como fez isso?

.Acalmá-la?

Sacudi a cabeça.

.Tudo.

.Sou seu professor.

.Não, Nikolaos era seu professor, mas não podia fazer isso. Haveria-lhe isso

feito se tivesse podido.

.Perspicaz e muito certo. Criei ao Gretchen. Nikolaos não me criou. Ser o professor vampiro que converte a alguém dá certos poderes sobre eles. Como comprovou.

.Nikolaos tinha convertido a maior parte dos vampiros de seu pequeno séquito, verdade?

Assentiu.

.Se tivesse podido fazer o que você tem feito, o teria visto.

Teria presumido.

Concedeu-me um pequeno sorriso.

.Outra vez perspicaz. Há uma variedade de poderes que um professor vampiro pode possuir. Chamar um animal, levitação, resistência à prata.

.É por isso o que minha faca pareceu não fazer mal ao Gretchen?

.Sim.

.Mas cada professor tem um arsenal diferente de dons.

.Arsenal, é uma palavra apropriada. Agora, onde estávamos, MA petite? Ah, sim, poderia matar ao Richard.

Aqui íamos de novo.

CAPITULO 25

.Ouviu-me, MA petite? Poderia matar ao Richard. .Voltou a colocar o biombo em seu lugar. O ataúde e o terrível conteúdo desapareceram, assim como assim.

.Não quer fazê-lo.

.Ah, mas o faço, MA petite. Eu gostaria de arrancar seu coração e ver morrer. .Passou por diante de mim. A camisa negra ondeou como um abanico a seu redor, expondo o abdômen enquanto avançava.

.Disse-te que não estou segura de me casar com ele. Inclusive não estou segura de se for ter mais entrevistas, não é suficiente?

.Não, MA petite. Você lhe ama. Posso cheirar seu aroma em sua pele. Há-lhe beijado esta noite. Com todas suas dúvidas, abraçaste-lhe.

.lhe faça danifico e te matarei, tão simples como isso. .Minha voz soava muito normal.

.Trataria de me matar, mas não sou tão fácil de matar. .sentou-se em o sofá outra vez, estendeu a camisa ao redor dele, deixando a maior parte de seu torso exposto. A cicatriz da queimadura cruciforme era uma brilhante imperfeição em sua impecável pele.

Fiquei de pé. De todos os modos, não me tinha devotado me sentar.

.Provavelmente nos mataríamos o um ao outro. É sua eleição da música, Jean-Claude, mas uma vez que começemos o baile, não termina até que um dos dois esteja morto.

.Não me permite machucar ao Richard. Permite-lhe me ferir?

Boa pergunta.

.Não acredito que isso ocorra.

.estiveste saindo com ele durante meses e não hei dito nada.

antes de que te case com ele, quero o mesmo tempo.

Olhei-lhe.

.O que quer dizer com o mesmo tempo?

.Uma entrevista comigo, Anita, me dê uma possibilidade de te cortejar.

.me cortejar?

.Sim .disse.

Contemplei-lhe. Não sabia que dizer.

.estive tratando de te evitar durante meses. Não vou deixar de fazê-lo justo agora.

.Então começarei com a música, e dançaremos. Inclusive se morrer e seu morre, Richard morrerá primeiro, lhe posso prometer isso Seguro que uma entrevista comigo não é um destino pior que isso.

Tinha um ponto, e ainda assim...

.Não cedo ante ameaças.

.Então apelo a seu sentido do jogo justo, MA petite. Há

permitido que Richard ganhe seu coração. Se tivéssemos saído primeiro, seria meu coração o que manteria? Se não tivesse lutado contra nossa atração mútua, teria-lhe jogado ao Richard um segundo olhar?

Não podia dizer sim e ser honesta. Não estava segura. Tinha rechaçado a Jean-Claude porque não era humano. Era um monstro e não saía com monstros. Mas ontem à noite tinha tido um vislumbre do que Richard podia ser. Havia sentido um poder que rivalizava, igual de terrorífico como o do Jean-Claude, ao longo de minha pele. Se fazia mais difícil diferenciar aos humanos dos monstros. Começava inclusive a me perguntar sobre mim mesma. Há mais caminhos ao mundo dos monstros dos que a maioria crie.

.Não acredito no sexo ocasional. Tampouco me deitei com Richard,.

.Não te chantageio com sexo, MA petite. Trato de conseguir o mesmo tempo.

.Se estiver de acordo, então o que?

.Que te recolho na sexta-feira de noite.

.Ficar em uma entrevista?

Assentiu.

.Poderíamos descobrir até como encontra meus olhos impunemente.

.Vamos a atenernos a uma entrevista tão normal como podemos.

.Como quer.

Observei-lhe. Ele me olhou. Recolheria-me na sexta-feira. Tínhamos uma entrevista. Perguntei-me como se sentiria Richard sobre isto.

.Não posso sair com ambos indefinidamente.

.me conceda uns meses, o mesmo que deste ao Richard. Se não posso ganhar, então me retirarei do campo.

.Deixará-me em paz e não machucará ao Richard?

Afirmou.

.Dá-me sua palavra?

.Minha palavra de honra.

Tomei. Era a melhor oferta que ia conseguir. Não estava segura de quanto valor tinha sua palavra de honra, mas nos dava tempo. Tempo para resolver algo mais. Não sabia o que, mas tinha que haver algo. Algo além de sair com o estranho Amo da Cidade.

CAPITULO 26

Souu um golpe na porta. abriu-se sem a permissão do Jean-Claude. Alguém insistente. Raina entrou com passo majestoso através da porta. Insistente a definia.

Levava uma impermeável cor óxido com o cinturão muito apertado a a cintura. A fivela pendurava solta quando entrou na habitação. tirou-se um cachecol multicolorido e sacudiu o cabelo castanho avermelhado. Brillhou sob a luz. Gabriel a seguia com um impermeável negro. A conjunto com ela. O cabelo e os estranhos olhos cinzas se viam quase tão bem como Raina com seu conjunto. Os pendentes brilhavam intensamente do lóbulo até a parte superior da orelha. Cada parte de metal era de prata.

Kaspar Gunderson lhes seguia os talões. Tinha posto um casaco de tweed pálido e um daqueles chapéus com uma pequena pluma em a asa. Parecia uma versão elegante do pai de sonho da gente nos anos 50. Não parecia feliz de estar aqui.

Robert estava revoando na entrada.

.Disse-lhes que estava ocupado, Jean-Claude. Sei que não quer ser incomodado. .Virtualmente retorcia as mãos pela ansiedade. Depois de ver o que tinha feito ao Gretchen não culpei por ter medo.

.Entra, Robert, e fecha a porta detrás de ti .disse Jean-Claude.

.Em realidade, tenho que fiscalizar a seguinte função. Eu...

.Entra e fecha a porta, Robert.

O vampiro centenário fez o que lhe disseram. Fechou a porta e se apoiou contra ela, uma mão no pomo, como se isso pudesse protegê-lo. A manga direita da camisa branca estava atalho e o sangue gotejava das marcas frescas de unhas. A garganta mostrava mais sangue, como se uma mão lhe tivesse levantado pela garganta. Como Jean-Claude havia feito ao Gretchen, mas com garras.

.Disse-te o que aconteceria me falhava outra vez, Robert. Em algo grande ou pequeno. .A voz do Jean-Claude era um sussurro que encheu o espaço como o vento.

Robert caiu de joelhos no tapete branco.

.Por favor, professor, por favor .estendeu as mãos para o Jean-Claude. Uma gota grossa de sangue caiu do braço ao tapete. O sangue parecia muito vermelha sobre o tapete branco.

Raina sorriu. Apostava a que as marcas de garras do Robert eram por diversão. Kaspar foi sentar se no sofá, distanciando do espetáculo. Gabriel me olhava.

.Bonito casaco .disse.

Ambas levávamos postos impermeáveis negros. Genial.

.Obrigado .respon-di.

Seu sorriso aberto cintilou com dentes afiados.

Quis lhe perguntar se os pendentes de prata lhe faziam mal, mas Robert gemeu e girei fazia o espetáculo principal.

.Vêem mim, Robert. .A voz do Jean-Claude era o bastante quente para abrasar.

Robert foi quase a rastros pelo tapete, implorando.

.Por favor, professor. Por favor, não o faça.

Jean-Claude caminhou com passo majestoso para ele, o suficientemente rápido como para que a camisa ondeasse detrás dele como uma capa em miniatura. A pele pálida ressaltou contra o tecido negro. deteve-se o lado do vampiro médio encolhido. A camisa do Jean-Claude se formou redemoinhos ao redor do corpo repentinamente quieto. Jean-Claude estava ainda completamente imóvel. O tecido tinha mais vida que ele. Jesus.

.Tentou-o, Jean-Claude .disse.. lhe deixe em paz.

Jean-Claude me observou, os olhos azuis sem fundo. Apartei o olhar daqueles olhos. Talvez podia encontrar seu olhar fixo impunemente, mas ainda assim... sempre estava cheio de surpresas.

.Tinha a impressão, MA petite, de que você não gostava de Robert.

.Eu não gosto, mas vi bastante castigo por uma noite. O

arranharam simplesmente porque não lhes deixou acontecer antes a seu escritório. Por que não está zangado por isso?

Raina caminho fazia Jean-Claude. Os talões das botas com pregos metálicos se marcaram sobre o tapete. Como rastros de punhaladas.

Jean-Claude a viu aproximar-se. Sua cara era neutra, mas havia algo em ele que se continha. Tinha medo dela? Talvez. Mas havia cautela em seu corpo quando se aproximou. Não parecia contente. cada vez mais interessante.

.Tínhamos uma entrevista com o Jean-Claude. Teria ferido meus sentimentos se nos rechaçassem na porta .passou por cima do Robert, ensinando uma boa quantidade de perna. Não estava segura de que levasse um pouco posto sob o impermeável. Robert não tratou de jogar uma olhada. Se congelou, estremecendo-se quando o casaco roçou suas costas.

Raina estava de pé com as coxas bem equilibradas tocando quase a Robert. Não se afastou dela. Pareceu congelado, como se pudesse fingir que não estava ali e todos se esquecessem dele. Desejava-o.

Ela estava de pé tão perto do Jean-Claude que a longitude dos corpos se tocavam. Era uma espécie de duelo entre dois vampiros. Esperei que Jean-Claude retrocedesse, desse-lhe um pequeno espaço. Não o fez.

Ela dirigiu os dedos sob a camisa, pondo as mãos a ambos lados da cintura nua. Seus lábios se separaram e se inclinou para ele.

Beijou-lhe, e ele se manteve de pé como uma estátua sob suas mãos. Mas não a mando ao inferno.

Que demônios passava?

Raina levantou a cara o suficiente para falar.

.Jean-Claude não deseja ofender ao Marcus. Necessita o apoio da manada para dirigir a cidade. Verdade, amor?

Pôs as mãos sobre sua magra cintura e retrocedeu. As mãos se arrastaram ao longo da pele, até que esteve completamente fora do alcance. Lhe olhou igual às serpentes olham às pequenas aves. Faminta. Não tinha que ser vampiro para sentir essa luxúria. O expressava sem reparos.

.Marcus e eu temos um trato .disse Jean-Claude.

.Que classe de trato? .perguntei.

.por que se preocupa, MA petite? vais ser a Senhora Zeeman. Não tenho permitido ver outra gente? Ofereci-te monogamia e me há rechaçado.

Não tinha pensado nisso. Realmente me incomodou. Maldito.

.Não é o compartilhar o que me incomoda, Jean-Claude.

Raina se aproximou por detrás dele, as unhas pintadas arranharam a pele.

Mãos que se enroscavam do peito até o queixo, descansado sobre seu ombro. Esta vez Jean-Claude se relaxou em seus braços. Apoiou a costas contra ela, as pálidas mãos acariciaram seus braços. Observou-me

enquanto o fazia.

.O que te incomoda realmente, MA petite?

.Sua eleição de amigos.

.Ciumenta? .perguntou Raina.

.Não.

.Mentirosa .replicou.

O que se supunha que devia dizer? Que me incomodava vê-la pendurasse dele por toda parte? O fazia. Incomodava-me mais que seu revisto.

Sacudi a cabeça.

.Só me perguntava até onde é capaz de chegar para te assegurar o favor da manada.

.Ah, até o final .disse Raina. moveu-se ao redor para estar diante dele. Era mais alta em saltos.. vais dever jogar comigo .o beijou, um movimento rápido. Caiu de joelhos diante dele, olhando fixamente para cima.

Jean-Claude acariciou seu cabelo. As elegantes mãos elevaram a cara para cima. dobrou-se para ela como se fora a beijá-la, mas me observou enquanto o fazia. Esperava que lhe dissesse que não o fizesse? Ao princípio tinha parecido que quase a tinha medo. Agora estava totalmente depravado. Sabia que se burlava de mim. Sua intenção era me pôr ciumenta. Estava funcionando.

Beijou-a muito tempo e atrasando-se. Elevou a vista com os lábios pintados com sua barra de lábios.

.O que pensa, MA petite?

Já não podia ler minha mente, desde que não tinha sinais de vampiro.

.Penso pior de ti por ter sexo com a Raina.

Gabriel emitiu uma risada cálida, afetuosa.

.Ah, não se deitou com ela, ainda .caminhou para mim com uma larga pernada, deslizando-se.

Apartei o impermeável mostrando a Browning.

.Não faça uma tolice.

Desfez o cinturão do impermeável e levantou as mãos em sinal de rendição. Não levava posta camisa. Tinha um anel de prata no mamilo esquerdo e outro no umbigo.

Fez-me estremecer só vendo-o.

.Pensei que a prata fazia machuco a um licântropo, como uma alergia.

.Queima .respondeu. Sua voz continha uma rouquidão suave.

.E isso é bom? .perguntei.

Gabriel sob as mãos devagar e se encolheu os ombros. deu-se a volta devagar e o tecido caiu como em um striptease. Não vi nenhum outro anel de prata. Girou quando se tirou as mangas e em meio da volta, lançou-me isso. Pestanejei com o casaco, arrojando-o longe. Foi um engano. Estava sobre mim, o corpo me esmagando contra o chão. Meus abraços terminaram sujeitos ao peito, apanhados sob seu casaco. Sua cintura manteve apanhada a Firestar. Fui a pela Browning e sua mão rasgou o casaco como papel, apartando a arma de debaixo de meu braço. Capturou a pistolera e meu braço com ela. Por um segundo, meu braço esquerdo era só uma dor cru. Quando pude senti-lo outra vez, a Browning não estava e olhava para a cara do Gabriel que se mantinha a uns centímetros de distância. Moveu seus quadris, esmagando a Firestar entre nós. Isto teve que lhe fazer mais machuco a ele que a mim.

.Não dói? .perguntei. Minha voz era surpreendentemente tranqüila.

.Eu gosto da dor .respondeu. Pôs a ponta da língua em meu queixo e lambeu atravessando minha boca. riu.

.Luta mais duro. me empurre com essas pequenas mãos.

.Você gosta da dor?

.Sim.

.Então vais adorar isto. .Empurrei a faca na parte superior de seu estômago. Ele emitiu um pequeno som entre um grunhido e um suspiro. Um estremecimento lhe percorreu inteiro. agitou-se sobre mim, me capturando ainda da cintura para baixo, como se estivesse fazendo flexões.

Levantei-me com ele, empurrando a faca mais profunda, deslocando a folha da faca para cima pela carne de seu corpo.

Gabriel rasgou o casaco em pedaços, mas não tratou de agarrar o faca. Aprofundou o abraço, olhando fixamente para baixo à faca e minhas mãos ensangüentadas.

Descansou a cara em meu cabelo, caindo só um pouco. Pensei que se

deprimiria.

.Mais profundo .sussurrou.

OH, Jesus.

A folha estava quase no fundo do esterno. Se seguia empurrando para cima, chegaria até o coração.

Recostei-me no chão para conseguir o melhor ângulo para matá-lo.

.Não lhe mate .disse Raina.. Necessitamo-lhe.

Nós? A faca estava de caminho a seu coração quando rodou sobre mim com uma velocidade imprecisa e cegadora. Terminou deitado boca acima não muito longe. Respirava muito rápido, o peito subindo e baixando. O sangue derramando-se sob a pele nua. Os olhos estavam fechados, os lábios levantados em uma meia sorriso.

Se houvesse sido humano poderia ter morrido mais tarde, esta noite.

Em troca, estava sorrindo no tapete. Girou a cabeça a um lado e abriu os olhos. Esses estranhos olhos cinzas me olharam.

.Foi maravilhoso.

.Jesucristo .disse.

Pu-me de pé usando o sofá de apoio. Estava coberta do sangue do Gabriel. A faca estava cheio dela.

Kaspar estava sentado na esquina do sofá, me observando. Se acurucó em seu casaco com os olhos dilatados. Não lhe culpei.

Limpei as mãos e a faca no sofá negro.

.Obrigado pela ajuda, Jean-Claude.

.Disseram-me que agora é uma dominante, MA petite. Nas lutas de domínio interno não se deve interferir .sorriu.. Além disso, não necessitou minha ajuda.

Raina se ajoelhou ao lado do Gabriel. Baixou a cara à sangria de seu estômago e começou a lambê-lo. Durante muito tempo, com movimentos lentos de língua. Sua garganta se convulsionou quando tragou. Não me poria doente. Não me poria doente. Olhei ao Kaspar.

.O que faz com estes dois?

Raina levantou a cara coberta de sangue.

.Kaspar é nossa prova.

.O que se supõe que significa isso?

Pode trocar de forma daqui para lá tão freqüentemente como quer.

Não se deprime. Usamo-lhe para provar estrelas potenciais de nossas produções. Para ver como reagem a alguém trocando de forma em meio da ação.

Me ia pôr doente.

.Por favor, me diga que não quer dizer que se transforma no meio do sexo como uma espécie de prova em tela.

Raina inclinou a cabeça. A língua rodou ao redor da boca lambendo o sangue.

.Conhece nossos pequenos filmes?

.Sim.

.Surpreende-me que Richard lhe contasse isso. Não aprova nossa diversão.

.Sai nos filmes?

.Kaspar não tira nenhum benefício do filme .disse Raina. Se levantou e caminhou para o sofá.. Marcus não obriga a ninguém a sair na filme. Mas Kaspar nos ajuda provando às pessoas. Verdade, Kaspar? Assentiu. Contemplava o tapete, forçando-se a não olhá-la.

.por que estão todos aqui esta noite? .perguntei.

.Jean-Claude nos prometeu alguns vampiros para nossa próxima filme.

.É certo? .perguntei.

A cara do Jean-Claude estava em branco, encantadora, mas ilegível.

.Robert tem que ser castigado.

Olhei com cenho à mudança de protagonista.

.O ataúde está cheio.

.Sempre há mais ataúdes, Anita.

Robert avançou lentamente.

.Sinto muito, professor. Sinto-o .não tocou ao Jean-Claude, mas se arrastou perto dele.. Não posso agüentar a caixa outra vez, professor. Por favor.

.Tem medo da Raina, Jean-Claude. Que esperas que Robert faça com ela?

.Não tenho medo da Raina.

.Bem, mas Robert foi submetido. Sabe que foi.

.Possivelmente tenha razão, MA petite.

Robert elevou a vista. Um instante de esperança cintilou através dessa formosa cara.

.Obrigado, professor .me olhou.. Obrigado, Anita.

Encolhi-me de ombros.

.Podem ter ao Robert para seu seguinte filme .disse Jean-Claude.

Robert agarrou sua perna.

.Professor, eu...

.Ah venha, Jean-Claude, não o entregue.

Raina se deixou cair pesadamente no sofá entre o Kaspar e eu. Me levantei. Pôs um braço sobre os ombros do Kaspar. Ele se estremeceu.

.É bastante formoso. Qualquer vampiro pode receber muito castigo. Melhor ainda .disse ela.

.Viu-os aqui esta noite .disse.. De verdade quer lhe fazer isto a sua própria gente?

.Deixa ao Robert decidir .respondeu Jean-Claude.. A caixa ou Raina?

Robert elevou a vista para o licântropo. Ela riu dele com a boca ensangüentada.

Robert baixou a cabeça para assim poder vê-la, logo afirmou com a cabeça.

.A caixa não. Algo é melhor que isso.

.Vou daqui .disse. Tinha tido toda a política interpreternatural que podia suportar em uma noite.

.Não quer ver o espetáculo? .perguntou Raina.

.Acreditava que já tinha visto o espetáculo .disse.

Lançou o chapéu do Kaspar através da habitação.

.te dispa .disse ela.

Tinha embainhado a faca e tinha recuperado a Browning da tapete onde Gabriel a tinha arrojado. Estava armada. Para o que me tinha servido.

Kaspar se sentou no canapé. A branca pele tinha um rubor rosado.

Os olhos brilhavam. Zangado, envergonhado.

.Era um príncipe antes de que seus antepassados descobrissem este país.

Raina apoiou o queixo em seu ombro, ainda lhe abraçando pelos ombros.

.Sabemos o azul que é seu pedigree. Foi um príncipe e um caçador tão grande e mau, um moço tão mau que uma bruxa te amaldiçoou. Lhe converteu em algo formoso e inofensivo. Esperou que aprendesse a ser suave e amável. .Lambeu seu ouvido, movendo as mãos por seu cabelo.. Mas não é suave ou amável. Seu coração é frio e seu orgulho tão impermeável como o era faz séculos. Agora, te tire a roupa e te converta em um cisne para nós.

.Não me necessita para fazê-lo com o vampiro .respondeu.

.Não, faz-o para mim. Faz-o para que assim Anita possa vê-lo. Faz-o para que Gabriel e eu não lhe façamos mal. .Sua voz era cada vez mais baixa. Cada palavra mais acalmada.

.Não pode me matar, nem sequer com prata .disse.

.Mas podemos te fazer lamentar que não possa morrer, Kaspar.

Ele gritou, um grito fco, de frustração. levantou-se repentinamente e tirou-se o casaco. Os botões quebrados caíram sobre o tapete. Arrojou o abrigo à cara da Raina.

Ela riu.

Caminhei para a porta.

.Ah, não te parta ainda, Anita. Kaspar pode ser uma dor no culo, mas é realmente formoso.

Joguei uma olhada atrás.

A caçadora informal do Kaspar e a gravata estavam no tapete.

Desabotoou a camisa branca de etiqueta com rápidos movimentos,

zangado. Havia uma linha de plumas brancas no centro do peito. Suave e terso como um pato de páscoa.

Sacudi a cabeça e segui avançando para a porta. Não corri. Não caminhei mais rápido do normal. Foi a coisa mais valente que tinha feito em toda a noite.

CAPITULO 27

Um táxi me levou a casa. Stephen ficou para despir-se ou para lamber as botas do Jean-Claude, não estava segura de que, e não estava segura de que me importasse. Tinha-me assegurado de que Stephen não se metesse em problemas. Era o melhor que podia fazer. Era uma criatura de Jean-Claude, e eu tinha tido suficiente do Amo da Cidade por uma noite.

Matar ao Gretchen era uma coisa, atormentá-la era outra. Seguia escutando o som dessas mãos frenéticas. Eu gostaria de acreditar que Jean-Claude a manteria dormida, mas o conhecia muito bem. Era um professor vampiro. Eles governavam, em parte, pelo medo. Gretchen parecia uma verdadeira ameaça. me desgoste e te farei isto. Muito trilhado para mim.

Estava diante da porta de meu piso quando me dava conta de que não tinha chave. Tinha-lhe dado ao Richard as chaves do carro e as de casa estavam no mesmo chaveiro.

Sentia-me parva no vestíbulo chamando a minha própria porta. A porta se abriu sem que a tocasse. Richard estava na entrada. Sorriu-me.

.Olá .disse.

Encontrei-me sorrindo.

.Olá, a ti também.

Retrocedeu a um lado, me deixando passar ao quarto. Não tinha tratado de me beijar na porta como Ozzie quando encontrava ao Harriet depois do trabalho. Alegrei-me. Era um ritual muito íntimo. Se alguma vez fizéssemos isso de verdade, poderia me interromper na porta, mas não esta noite.

Fechou a porta detrás de mim e médio esperei a que agarrasse meu casaco. Prudentemente, não o fez.

Tirei-me isso e o pus sobre o sofá, onde coloco todos os casacos bons. O aroma de comida quente na cozinha enchia o piso.

.estiveste cozinhando .disse, não completamente contente.

.Pensei que poderia ter fome. Além disso, tudo o que tinha que fazer era esperar. Cozinhei. Isso encheu o tempo.

Podia entendê-lo. Embora cozinhar nunca me tivesse ocorrido, a menos que fora forçada.

As únicas luzes acesas eram as de cozinha. Parecia uma cova iluminada da escura sala de estar. Se não me equivocada, havia velas na mesa.

.Isso são velas?

riu. Parecia estar um pouco envergonhado.

.Muito mau?

.É uma mesa de café da manhã veículo de dois lugares. Possivelmente não possa servir uma comida de sonho.

.Pensei que usaríamos o separador como uma escrivaninha e só teríamos os pratos na mesa. Há espaço se tomarmos cuidado onde pomos nossos cotovelos.

Caminhou para a luz por diante de mim. Começou a perder o tempo com uma caçarola, salpicando algo ao redor dela.

Fique observando a cozinha, olhando a meu possível noivo me fazendo o jantar. Senti um formigamento por minha pele tirante. Não podia soltar um profundo fôlego. Quis retroceder para a porta. Isto era mais íntimo que um beijo na porta. moveu-se por ali, havia-se sentido como em casa.

Não me parti. Era a coisa mais valente que tinha feito em toda a noite. Comprovei automaticamente a fechadura da porta.

Ele a tinha deixado aberta. Descuidado.

Não sabia o que fazer depois. Meu piso era meu refúgio. Podia vir aqui e simplesmente pegar um par de patadas. Podia estar sozinha. Eu gosto de estar sozinha. Necessitava um pouco de tempo para me esclarecer, me centrar, pensar como lhe dizer que Jean-Claude e eu tínhamos uma entrevista.

.A comida se danificará se me experiente primeiro?

.Posso esquentar tudo de novo quando estiver preparada. Planejei a comida para que não se arruinasse sem importar quando chegasse.

Genial.

.Então vou me dar uma ducha.

Girou-me, emoldurado pela luz. sujeitou-se o cabelo para trás, mas se soltava ao longo, frisando-se. Seu pulôver era como uma laranja queimada que fazia que sua pele parecesse ouro brilhante. Estava usando um avental que punha: As empanadas de carne da senhorita Lovett. Não tinha um avental, e certamente não teria eleito um com um logotipo de Sweeney Todd¹⁶. Um musical sobre o canibalismo me pareceu inadequado para um avental. De maravilha, mas ainda...

.vou tomar banho me.

.Já o disse.

Dava meia volta e caminhe para o dormitório. Não corri, embora a tentação era grande. Fechei a porta e me apoiei contra ela. Meu dormitório estava intacto. Nenhum signo de invasão. Havia um sofá sob a única janela do quarto. Os pingüins de peluche se sentavam sobre ele e caíam pelo chão. A coleção ameaçava apoderando-a metade do chão, como uma maré que balança. Agarrei ao mais próximo e me sentei em 16 Lenda de um barbeiro assassino que fazendo uso de uma navalha de barbear, degolava a suas vítimas e, em algumas versões dos relatos, seu amiga e cúmplice, Neils (ou Nellie) Lovett, faz empanadas dos cadáveres, que serve aos inocentes clientes de seu botequim.

a esquina da cama. Apertei-o entre meus braços, sepultando a metade superior de minha cara na cabeça frisada.

Havia dito que me casaria com o Richard, então, por que estava tão molesta por seu repentino tour doméstico? Tínhamos retrocedido do sim ao possivelmente, mas embora não fora assim, isso me incomodaria. Matrimônio. As implicações disto realmente não se foram a rivalidade. Não era justo fazer perguntas como essas quando estava médio nu e com um aspecto de chupá-los dedos. Se se tivesse ajoelhado em um jantar em um restaurante de sonho, teria sido diferente minha resposta? Talvez. Mas alguma vez saberíamos, verdade?

Se tivesse estado sozinha, não teria comido absolutamente. Teria tomado uma ducha, metido dentro de uma camiseta muito grande, e deitado rodeada por um par de privilegiados pingüins. Agora tinha uma comida fantástica para comer à luz das velas. Se lhe dissesse que não tinha fome, sentiria-se ofendido? Poria má cara? Gritaria sobre tudo o trabalho que tinha perdido e me diria algo sobre privar de comida a meninos em do Sudeste da Ásia?

.Mierda .disse brandamente e com sentimento. Bem, infernos, se alguma vez fôssemos conviver, teria que saber a verdade. Eu era insociável e a comida era algo que comia para não morrer.

Decidi fazer o que teria feito se ele não tivesse estado aqui.

Realmente me desgostava me sentir incômoda em minha própria casa. Se tivesse sabido que ia passar isto, teria chamado ao Ronnie para que me despertasse cada hora. Estava bem. Não necessitava a ajuda, mas com Ronnie teria estado mais cômoda, menos ameaçada. É obvio, se Gretchen saísse de sua caixa, confiava que Richard sobreviveria ao ataque, mas não estava tão segura sobre o Ronnie. Um ponto bom a favor de Richard. Era malditamente duro de matar.

Pus a Browning na pistolera incorporada à cama. Tirei-me o pulôver e o deixei cair ao chão. Estava arruinado e de todas formas, os jerséis não se enrugavam. Coloque a Firestar na parte traseira do inodoro. Depois me dispa e entre na ducha. Não fechei com chave a porta do dormitório. Pareceria insultante, como se, se não fechava a porta com chave, ele estaria nu na cama com uma rosa nos dentes quando saísse.

Fechei com chave a porta de quarto de banho. Tinha-o feito quando vivia em casa de meu pai. Agora o fazia se por acaso alguém atirava a porta abaixo teria tempo para agarrar a Firestar do wáter.

Abri o grifo da ducha tão quente como podia agüentar e me fique baixo ela até que os dedos começaram a me doer. Já estava poda e tinha demorado tanto como podia.

Sequei o vapor do espelho com uma toalha. A capa superior da pele esfolou-se de minha bochecha direita. Não haveria problemas para que se curasse, mas uma raspagem dói como o inferno até que se cura.

Tinha um pequeno arranhão no queixo e ao lado do nariz. Um galo aparecia com uma cor brilhante na frente. Via-me como se tivesse sido golpeada por um trem. Era assombroso que alguém queria me beijar. Joguei uma olhada à porta do dormitório. Ninguém me esperava. A habitação estava vazia e só se ouvia o zumbido do aquecedor. Estava tranqüilo, pacífico, e não podia ouvir nenhum ruído da cozinha. Suspirei longamente. Sozinha, durante pouco tempo.

Era o bastante presumida para não querer que Richard me visse com meu traje noturno habitual. Tinha tido uma bonita camisola negra, com uma diminuta regata negra. Uma entrevista muito otimista me havia isso agradável. Nunca quis lombriga o posto. Abrase visto. A camisola havia morto de uma maneira triste, talher de sangue e outros fluídos corporais. O uso da regata me pareceu cruel já que não planejava ter sexo com ele. Fiquei diante do armário e não tinha nada que me pôr. Já que considero a roupa algo que se usa para não estar nu, era o bastante triste.

Pu-me uma camiseta muito grande com uma caricatura da Mary Shelley nela, um par de malhas cinzas, não de fantasia, tampouco da classe que leva cordão. Da forma em que Deus quis que fossem as malhas. Um par de meias três-quartos brancos de fazer footing, a coisa mais próxima que possuía a sapatilhas, e estava preparada.

Olhei-me no espelho e não estive contente. Estava cômoda, mas não muito atrativa. Mas era honesta. Nunca entendi a essas mulheres que levam maquiagem, o cabelo arrumado e vestidas maravilhosamente até que casam-se. De repente, esquecem a maquiagem e perdem toda sua roupa fina. Se ao final nos casássemos, ele deveria ver com o que dormiria ao lado cada noite. Encolhi-me de ombros e saí.

penteou-se. Jogado espuma ao redor da cara, suave e convidador. As velas não estavam. Tampouco o avental. Estava de pé na entrada, entre a cozinha e a sala de estar. Os braços atravessados sobre o peito, o ombro apoiado contra a ombreira da porta. Sorriu. Parecia tão delicioso, quis entrar de novo e me trocar, mas não o fiz.

.Sinto-o .disse.

.Por?

.Não estou completamente seguro, mas acredito que por supor que poderia me apropriar de sua cozinha.

.Acredito que é a primeira comida que foi cozinhada alguma vez em ela.

Seu sorriso se alargou e se separou da porta. Caminhou para mim. Se moveu no círculo de sua própria energia. Não esse poder desapegado do mundo, só Richard. Ou era isso? Talvez a maior parte de seu passeio fora de sua besta.

deteve-se diante de mim sem apartar a vista, o bastante perto para

me tocar, mas sem fazê-lo.

.A espera me estava voltando louco. Pareceu-me boa idéia cozinhar um jantar fantástico. Foi estúpido. Não tem que comê-la, mas me impediu correr fazia Prazeres Proibidos em defesa de sua honra.

Fez-me sorrir.

.Maldição, não posso pôr má cara estando perto de ti. Sempre tem algo alegre.

.E isso é mau?

Ri-me.

.Sim. Desfruto de meus estados de mau humor, muito obrigado.

Arrastou os dedos debaixo de meus ombros, massageando os músculos da parte superior de meus braços. Separei-me dele.

.Por favor, não o faça.

Só isso, e a acolhedora cena doméstica estava arruinada. Tudo por minha culpa.

Suas mãos caíram aos lados.

.Sinto muito. .Não acreditava que o dissesse pela comida. Respirou fundo e assentiu.. Não tem por que comê-lo.

Suponho que íamos fingir que se referiu à comida. Por mim, genial.

.Se dissesse que não tenho fome absolutamente, zangaria-te comigo?

.Cozinhei para me sentir melhor. Se te incomodar, não o coma.

.Beberei uma taça de café, e te olharei comer.

Sorriu.

.Trato feito.

ficou de pé, me olhando. Parecia triste. Perdido. Se amas a alguém, não deveria lhe fazer sentir miserável. Isto é uma regra em algum sítio, ou deveria sê-lo.

.Soltou-te o cabelo.

.Você gosta de solto.

.Igual a um de meus jerséis favoritos .disse.

.Este? .Sua voz continha um indício de brincadeira.

Podia recuperar a ligeireza. Poderíamos ter uma tarde relaxada e agradável. Era minha decisão. Elevei a vista aos grandes olhos marrons e o amei. Mas não podia lhe mentir. Seria pior que cruel.

.Isto parece forçado.

.Sei. Sinto muito.

.Deixa de pedir perdão. Não é tua culpa. É minha.

Sacudiu a cabeça.

.Não pode evitar te sentir assim.

.Meu primeiro instinto é pôr-se a correr, Richard. Deixar de verte.

Nenhuma conversação. Nenhum contato. Nada.

.Se isso for o que quer. .Sua voz soou estrangulada, como se o custasse muito dizer essas palavras.
.O que quero é a ti. Só que não sei se posso dirigi-lo tudo.
.Não deveria haver-lhe proposto isso até que tivesse visto como sou realmente.

.Vi o Marcus e à manada.

.Mas não é igual a lombriga a mim me aproximando, verdade?
Respirei fundo, e o soltei devagar.

.Não .disse., não o é.

.Se tiver a alguém mais a quem pode chamar para passar contigo esta noite, irei. Disse que necessitava tempo e virtualmente me hei mudado aqui. Estou-te pressionando.

.Sim, faz-o.

.Estou assustado de te perder .disse.

.me pressionar não ajudará .respondi.

.Suponho que não.

Mantive-me de pé lhe observando. O piso estava escuro. A única luz provinha da cozinha. Pôde ter sido, deveria ter sido, muito íntimo. Dizia a todos que a licantropia era só uma enfermidade. Era ilegal e imoral discriminar. Não tinha nem um só osso de prejuízos em meu corpo, ou isso era o que me dizia. Olhei para cima, à formosa cara do Richard, sabia que não era verdade. Tinha prejuízos. Tinha prejuízos contra os monstros. Ah, eles eram o bastante bons para ser meus amigos, mas até meus amigos íntimos, Ronnie e Catherine, eram humano. Bastante bons para ser amigos, mas não o bastante bons para amar. Não o bastante bons para compartilhar minha cama. Era isso o que realmente pensava? Era assim? Não era assim como queria ser. Levanto vampiros e zombis. Não estava o bastante limpa para lançar a primeira pedra.
Aproximei-me.

.me abrace, Richard. Só me abrace.

Seus braços me envolveram. Rodeei com minha sua cintura pressionando a cara contra seu peito. Podia ouvir o batimento do coração do coração, rápido e forte. Abrace-lhe, escutando o batimento do coração, respirando seu calor. Durante um instante me senti segura. Igual a como me havia sentido antes de que minha mãe morrera. Aquela crença infantil de que nada pode te fazer danifico enquanto mamãe e papai lhe abraçam forte. Aquela fé cega de que todo o podem arrumar e fazer bem. Nos braços do Richard, durante breves momentos, sentia isso outra vez. Inclusive embora soubesse que era uma mentira. Maldição, tinha sido uma mentira a primeira vez. A morte de minha mãe o tinha demonstrado.

Apartei-me primeiro. Não tentou me reter. Não disse nada. Se houvesse dito um pouco remotamente pormenorizado poderia ter gritado. Não podia o ter. Tinha trabalho.

.Não me perguntaste como foi com o Jean-Claude.

.Estava zangada comigo quando atravessou essa porta. Pensei que se começava a acribillarte a perguntas de repente, poderia a me gritar.

Fazia café puro. Por isso ganhou ao menos dois pontos.

.Não estava zangada contigo. .Verti café em minha taça de bebê pingüim. Sem ter em conta a que tenho para trabalhar, era minha taça favorita.

.Sim, estava-o .disse.

.Quer um pouco de café?

.Sabe que eu não gosto.

Como pode confiar em um homem ao que não gosta do café?

.Sigo esperando que recupere o julgamento.

Começou a repartir a comida.

.Seguro que não quer?

.Não, obrigado.

Era um pouco de carne marrom em um molho marrom. me olhá-lo deu náuseas. Tinha comido mais tarde que o que era hoje com o Edward, mas esta noite a comida não parecia boa idéia. Talvez o me haver golpeado a cabeça contra o concreto tinha algo que ver com isso.

Sentei-me em uma das cadeiras, um joelho levantado até o peito. O café era à canela vienense, um de meus favoritos. Açúcar, nata autêntica, era perfeito. Richard se sentou em frente. Inclinou a cabeça e deu as obrigado sobre seu prato. É episcopalista, mencionei-o? Exceto pela parte peluda, realmente é perfeito para mim.

.me diga o que aconteceu Jean-Claude, por favor .disse ele.

Bebi a sorvos o café e tratei de pensar em uma versão curta. Bem, uma versão curta não acredito que gostasse ao Richard. Vale, talvez só a verdade.

.tomou as notícias melhor do que pensava, em realidade.

Richard elevou a vista da comida, o garfo de prata pendeu no ar.

.Tomou bem?

.Não disse isso. Não se abriu passo à força através de uma parede e tratou de te matar imediatamente. Tomou melhor do que havia esperado.

Richard assentiu. Tomou um sorvo de água.

.Ameaçou me matando? .perguntou.

.Ah, sim. Mas era como se, visse-o chegar. Não gostou, mas não o agarrou completamente por surpresa.

.vai tentar me matar? .perguntou tranquilamente, comendo a carne e o molho marrom.

.Não, não o fará.

.por que não?

Era uma boa pergunta. Perguntei-me o que pensaria da resposta.

.Quer sair comigo.

Richard deixou de comer. Só me olhou.

.Ele. o que? . disse quando pôde falar.

.Quer ter a possibilidade de me cortejar. Diz que se não poder me conquistar em uns meses, renderá-se. Deixará-nos seguir nosso caminho alegremente e não interferirá.

Richard se recostou na cadeira.

.E lhe crie?

.Sim. Jean-Claude pensa que é irresistível. Acredito que pensa que se o deixasse usar todos seus encantos comigo, reconsideraria-o.

.Fará-o? .Sua voz soou muito tranqüila quando o perguntou.

.Não, acredito que não. . Não era um assunto que incitasse.

.Deseja-te, Anita. Ama-lhe?

A conversação voltava a ser um déjà-vu.

.Em alguma parte escura e retorcida de meu coração, sim. Mas não da forma em que quero a ti.

.No que se diferencia?

.Olhe, já tive esta conversação com o Jean-Claude. Quero-te.

Pode lombriga estabelecendo meu lar com o Amo da Cidade?

.Pode verte criando um lar com um homem lobo alfa?

Mierda. Olhei-lhe fixamente através da mesa e suspirei. Me pressionava, mas não podia lhe culpar. Se tivesse sido ele, me teria desfeito de mim. Se o amasse o suficiente para aceitar tudo dele, se fosse assim, que demônios necessitava? Não queria que me jogasse. Estava indecisa, mas não queria lhe perder. Falava sobre ter o bolo e também comê-lo. Inclinei-me através da mesa e lhe ofereci minha mão. depois de um momento, tomou.

.Não quero te perder.

.Não me perderá.

.É malditamente mais tolerante do que eu seria.

Não sorriu.

.Sei que o sou.

Me teria gostado de discutir, mas a verdade era a verdade.

.Seria mais se pudesse.

.Entendo que esteja reticente a te casar com um homem lobo. Quem não? Mas Jean-Claude... .Sacudiu a cabeça.

Apertei sua mão.

.Venha, Richard. Isto é o melhor que podemos fazer agora mesmo.

Jean-Claude não tentará nos matar a nenhum. Ainda pomos sair como até agora e estar juntos.

.Eu não gosto que te veja forçada a sair com ele .passou os dedos a

través de meus nódulos, uma carícia.. Eu gosto ainda menos que pensar que desfrutará disso. Nessa pequena parte escura de ti, passará um bom momento.

Quis negá-lo, mas seria uma mentira total.

.Pode cheirar se mentir?

.Sim .respondeu.

.Então, intriga-me e me aterra.

.Quero-te a salvo, a parte aterradora me incomoda, mas a parte intrigante me incomoda mais.

.Ciumento?

.Preocupado.

O que podia dizer? Eu também.

CAPITULO 28

O telefone soou. Busquei-o provas e não encontrei nada. Levantei a cabeça e encontrei o suporte vazio. O telefone não estava. Tinha deixado de soar. O relógio da rádio estava ainda aí, brilhando em vermelho. Era a 1:03h. Fiquei apoiada sobre um cotovelo, piscando para o espaço vazio. Estava sonhando? por que ia sonhar que alguém tinha roubado o telefone?

A porta do dormitório se abriu. Richard estava de pé, emoldurado pela luz de atrás. Ah. Agora o recordei. levou-se o telefone à sala de estar, assim não despertaria. Já que tinha que despertar cada hora, tinha-lhe deixado fazê-lo. Quando só dorme uma hora, até uma chamada Telefónica curta pode estragar as coisas.

.Quem é?

.É o sargento Rudolf Storr. Pedi-lhe que esperasse até que tivesse que despertar, mas é bastante insistente.

Me podia imaginar isso.

.Está bem.

.Quinze minutos lhe teriam matado? .perguntou.

Saque as pernas de debaixo das mantas.

.Dolph está em meio de uma investigação de assassinato, Richard.

A paciência não é seu prato forte.

Richard cruzou os braços sobre o peito, apoiando-se contra a ombreira da porta. A luz da sala de estar projetava escuras sombras em seu cara. As sombras formavam enormes quadrados em seu pulôver laranja. Parecia zangado. Fez-me sorrir. Acariciei-lhe o braço quando passei por diante. Parecia ter herdado um olhar lobuna.

O telefone estava situado perto da porta principal, onde estava a outra tomada telefônica. Sentei-me no estuio acostumado a apoiando as costas na parede e agarrei o telefone.

.Dolph, sou eu. O que está passando?

.Quem é esse Richard Zeeman que responde seu telefone em metade da noite?

Fechei os olhos. A cabeça me pulsava. A cara me doía. Não havia dormido uma mierda.

.Não é meu pai, Dolph. O que está passando?

Um momento de silêncio.

.À defensiva, verdade?

.Sim, quer fazer algo sobre isso?

.Não .disse.

.Chama para te pôr à corrente de minha vida pessoal ou há alguma razão para despertar ? .sabia que não era outro assassinato. Estava

muito alegre para isso, o que me fez me perguntar se não poderia ter esperado umas poucas horas.

.Encontramos algo.

.Que exatamente?

.Simplesmente vêem e olha-o você mesma.

.Não me faça isto, Dolph. Só me diga que diabos é.

Outro silêncio. Se esperava que lhe pedisse perdão, ia esperar um momento comprido. Por fim.

.Encontramos uma pele.

.Que tipo de pele?

.Se soubéssemos que demônios é, chamaria-te à uma da amanhã?

Parecia zangado. Suponho que não podia lhe culpar.

.Sinto muito, Dolph. Sinto te haver atacado.

.Bem.

Exatamente não tinha aceito minha desculpa. Genial.

.Está relacionado com o assassinato?

.Não acredito, mas não sou nenhum perito preternatural .ainda parecia cheio o saco. Talvez tampouco tinha dormido muito. É obvio, apostava que ninguém lhe tinha quebrado a cabeça em uma calçada.

.Onde estão?

Deu-me a direção. Estava no Condado do Jefferson, longe da cena do crime.

.Quando pode estar aqui?

.Não posso conduzir .disse.

.O que?

.Ordens do médico, esta noite não devo me pôr atrás do volante de um carro.

.Quanto está machucada?

.Não muito, mas o médico quis que despertassem cada hora, e nada de conduzir.

.Por isso o Sr. Zeeman está aí.

.Sim.

.Se estas muito ferida para vir esta noite, pode esperar.

.Segue a pele onde foi encontrada? Tudo sem tocar?

.Sim.

.Irei. Quem sabe? Poderia haver uma pista.

Deixou de pressionar.

.Como vais chegar até aqui?

Joguei uma olhada ao Richard. Ele poderia me levar, mas de alguma maneira, pensei que não era boa idéia. Em primeiro lugar, era um civil. Em segundo, era um licântropo. Trabalhava para o Marcus, e em certo modo, para Jean-Claude. Não era uma boa eleição lhe levar a uma investigação de

assassinato preternatural. Além disso, se houvesse sido humano, a resposta teria sido a mesma. Nada de entendimentos.

.A menos que possa me enviar um carro patrulha, suponho que tomarei um táxi.

.Zerbrowski não respondeu à primeira chamada. Vive no St. Peters.

Terá que ir diretamente a por ti. Pode te recolher.

.Estará de acordo?

.Estará-o .respondeu Dolph.

Genial. Apanhada em um carro com o Zerbrowski.

.Bem, vestirei-me e lhe esperarei.

.te vestir?

.Não comece, Dolph.

.Suscetível, está muito suscetível.

.Para.

riu. Estava bem lhe ouvir rir. Significava que não tinham morrido muitas pessoas esta vez. Dolph não ria muito durante casos de assassinos em série.

Pendurou. Eu também.

.Tem que sair? .perguntou Richard.

.Sim.

.Sente-se o bastante bem para ir?

.Sim.

.Anita...

Apoiei a cabeça contra a parede e fechei os olhos.

.Não o faça, Richard. Vou.

.Não está permitido discuti-lo?

.Sem discussão .respondei. Abri os olhos e lhe olhei.

Ele não apartava a vista de mim, os braços cruzados.

.O que? .Disse.

Sacudiu a cabeça.

.Se te dissesse que ia fazer algo sem nenhuma discussão, voltaria-te louca.

.Não, não, não.

.Anita. .Disse meu nome da mesma forma em que o dizia meu pai.

.Não, não se seus motivos fossem válidos.

.Anita, zangaria-te e sabe.

Quis negá-lo, mas não podia.

.Bem, tem razão. Eu não gostaria.

Olhei-lhe. ia ter que lhe dar uma razão de por que ia sair e fazer meu trabalho. Não era algo agradável.

Pu-me de pé. Quis lhe dizer que não tinha que me explicar ante

ninguém, mas se queria este assunto do matrimônio, não seria verdade. Não me

gostou de muito. que fora um homem lobo não era o único obstáculo para a sorte doméstica.

.É trabalho policial, Richard. A gente morre quando não faço meu trabalho.

.Pensei que seu trabalho era levantar zombis e executar vampiros.

.Sonhas igual a Bert.

.Falaste-me o suficiente sobre o Bert para saber que isso é um insulto.

.Se não quiser ser comparado, deixa de dizer algumas de sua frase favoritas .caminhei por diante dele para o dormitório.

.Tenho que me vestir.

Seguiu-me.

.Sei que ajudar à polícia é muito importante para ti.

Voltei-me para ele.

.Não só ajudo à polícia, Richard. A Santa Compañã só leva funcionando dois anos. Os policiais, não sabiam uma mierda sobre criaturas preternaturales. Isto é um detalhe de mierda. Faz zangar a seus superiores e é trasladado.

.Os periódicos e a TV disseram que era uma patrulha de forças independente, como uma patrulha de forças especiais. É uma grande honra.

.Ah, sim, perfeito. A esquadrilha não consegue quase nenhuma financiamento suplementar. Nenhum treinamento especial em criaturas preternaturales ou seus costumes. Dolph, o Sargento Storr, viu-me no periódico e ficou em contato com o Bert. Não havia nenhuma informação em delitos preternatural para os oficiais da lei neste país. Dolph pensou que poderia ser um conselheiro.

.É muito mais que um conselheiro.

.Sim, sou-o.

Poderia lhe haver dito que antes do verão Dolph tinha tratado de não me chamar em seguida. Tivemos um caso claro de demônio necrófago em um cemitério que se voltou muito ambicioso e atacou a um casal casada. Os demônios necrófagos são covardes e não atacam a pessoas sões, mas sempre há exceções à regra. Quando Dolph me chamou, seis pessoas tinham morrido. Não tinham sido demônios necrófagos. Ultimamente, Dolph tinha começado a me chamar desde o começo, antes de que as coisas se voltassem muito complicadas. Às vezes podia diagnosticar o problema antes de que se descontrolasse.

Mas não podia dizer isso ao Richard. Poderia ter havido uma matança menor se me tivessem chamado este verão, mas não era assunto de ninguém, solo do Dolph e meu. Tínhamos falado disso só uma vez, e foi suficiente. Richard era um civil, homem lobo ou não. De maneira nenhuma era seu assunto.

.Olhe, não sei se posso explicá-lo de forma que o entenda, mas

tenho que ir. Isto pode acautelar um problema maior. Pode me evitar ter que ir à cena de um crime mais tarde. Pode entender isso?

Parecia perplexo, mas o que saiu de sua boca não o era.

.Não o entendo realmente, mas talvez não tenho que fazê-lo.

Possivelmente saber que para ti é importante já é suficiente.

Soltei um profundo fôlego.

.Genial. Agora tenho que me preparar. Zerbrowski estará aqui em qualquer momento. É o detetive que me levará de carro.

Richard só assentiu com a cabeça. Sábio.

Entrei no dormitório e fechei a porta. Agradecidamente. Isto seria uma discussão habitual se nos casávamos? Teria que me explicar sempre? Deus, esperava que não.

Outro par de jeans negros, um suéter vermelho com pescoço e capuz tão suave e encaracolado que me fez sentir melhor só levando-o posto. A pistolera de ombro da Browning parecia muito escura e dramática contra o vermelho do suéter. O suéter vermelho também realçou a cor carne dos arranhões da cara. Poderia havê-lo trocado, mas o timbre soou.

Zerbrowski. Pensei que Richard abriria a porta enquanto me contemplava no espelho. Aquele único pensamento foi suficiente. Caminhei fora do dormitório.

Zerbrowski estava de pé sob o marco da porta, as mãos nos bolsos de sua gabardina. Seu cabelo negro encaracolado com uns toques de cinza estava novamente talhado. Levava até gomina. Pelo general, Zerbrowski tinha sorte se se lembrava de pentear-se. O traje, que mostrou o casaco aberto, era negro e formal. A gravata era de bom gosto e com um nó perfeito. Joguei uma olhada para baixo, e sim, em efeito, os sapatos estavam brilhantes. Nunca o tinha visto sem ter manchas de comida em algum sítio.

.Onde foi disfarçado? .perguntei.

.Onde estava despida? .perguntou. Sorriu quando o disse.

Senti subir o rubor pela cara e o odiei muito. Não tinha feito nada para que me ruborizasse.

.Bem, vamos. .Agarrei meu impermeável do respaldo do sofá e toquei o sangue seca. Mierda.

.Tenho que conseguir um casaco limpo. Voltarei em seguida.

.Falarei com o Sr. Zeeman .disse Zerbrowski.

Tive medo disso, mas de todos os modos fui a por mim caçadora de couro. Se terminássemos comprometidos, Richard teria que encontrar-se com o Zerbrowski cedo ou tarde. Teria preferido mais tarde.

.O que faz você para ganhá-la vida, Sr. Zeeman?

.Sou professor.

.OH, de verdade?

Perdi a conversação nesse ponto. Agarrei a caçadora do armário e

retornei. Conversavam como dois velhos conhecidos.

.Sim, Anita é nossa perita preternatural. Não saberia o que fazer sem ela.

.Estou preparada. Vamos. .Caminhei por diante deles e abri a porta.

Sustentei-a para o Zerbrowski.

riu de mim.

.Faz quanto que estão saindo juntos?

Richard me olhou. Sabia suficientemente bem quando retirar-se se não

estava cômoda. Me ia deixar responder a pergunta. Bem por ele.

Muito bom. Se só fora completamente irrazonable e me desse

uma desculpa para lhe dizer que não. Isto não vale a pena. Mas maldição, se não trabalhava realmente duro para me fazer feliz. Não era uma tarefa fácil.

.Desde novembro .disse.

.Dois meses, não está mau. Katie e eu nos comprometemos dois meses

depois de nossa primeira entrevista. .Os olhos cintilaram, o sorriso se

burlava. Não sabia que era um tema espinhoso.

Richard me olhou. Um olhar largo e sério.

.Em realidade dois meses não são muito tempo.

Tinha-me ajudado. Não o merecia.

.Suficiente tempo se for o correto .respondeu Zerbrowski.

Tratei de tirar o Zerbrowski pela porta. Sorria abertamente. Não

tinha nenhuma intenção de deixar que lhe colocassem pressa. Minha única esperança era que Dolph lhe chamasse outra vez. Isso acenderia um fogo a seu flanco.

Dolph não chamou. Zerbrowski me sorriu abertamente. Richard me

olhou. Os grandes olhos marrons eram profundos e pareciam feridos. Quis sujeitar sua cara entre minhas mãos e limpar a dor de seus olhos. Ah, inferno.

Provavelmente tivesse razão.

.Tenho que ir.

.Sei .disse.

Joguei uma olhada ao Zerbrowski. Sorria-nos abertamente desfrutando do espetáculo.

supunha-se que lhe beijaria como despedida? Já não estávamos

comprometidos. O compromisso mais rápido da história. Mas ainda

saíamos. Ainda lhe amava. Isso se merecia um beijo sem mais.

Agarrei o fronte de seu pulôver e o aproximei de mim. Pareceu surpresa.

.Não tem que fazer isto por espetáculo .sussurrou.

.te cale e me beije.

Com isto ganhei um sorriso. Cada beijo era um estremecimento

prazenteiro. Ninguém tinha os lábios tão suaves. Ninguém mais saboreava algo tão bom.

Seu cabelo caiu para diante e agarrei um punhado, pressionando sua cara

contra a minha. Suas mãos se deslizaram por minhas costas, por debaixo da

caçadora de couro, obstinadas ao pulôver.

Separei-me sem fôlego. Não queria ir agora. Com ele ficando toda a noite, talvez era algo bom que tivesse que partir um momento. O que queria dizer era que não haveria sexo prematrimonial, até se não houvesse sido um licântropo, mas meu corpo estava mais que desejoso. Não estava segura de se meu espírito estava à altura da luta. O olhar nos olhos do Richard, que se afogava profundamente, valia algo no mundo. Tratei de esconder o radiante sorriso, mas sabia que era muito tarde. Sabia que pagaria por isso no carro com o Zerbrowski. Nunca ouviria o final disso. Olhando para cima, à cara do Richard, não preocupou-me. Resolveríamos tudo ao final. Certamente, Por Deus, que poderíamos resolvê-lo.

.Espera quando disser ao Dolph que chegamos tarde porque lhe estava beijando com um tipo.

Não me deixei picar.

.Posso demorar para voltar um par de horas. Poderia ir a casa em vez de esperar aqui.

.Conduzi seu Jipe até aqui, recorda? Não tenho com que ir a casa.

Ah.

.Bem, estarei de volta em quando puder.

Inclinou a cabeça.

.Estarei aqui.

Saí andando para o vestíbulo, já não sorria. Não estava segura como me sentir sobre chegar a casa e me encontrar ao Richard. Como ia a chegar alguma vez a uma verdadeira decisão se ele se mantinha perto de mim fazendo que meus hormônios se voltassem loucas?

Zerbrowski riu entre dentes.

.Blake, agora já o vi tudo. A grande assassina de vampiros apaixonada.

Sacudi a cabeça.

.Suponho que não ajudaria que te pedisse que mantivera isto em privado?

Sorriu abertamente.

.Faz a brincadeira mais divertida.

.Vete a mierda, Zerbrowski.

.Loverboy parecia algo tenso, assim não disse nada diante dele, mas agora que estamos sozinhos, Que demônios te passou?, parece alguém que empurrou sua cara contra uma faca de açougueiro. Em realidade não o fiz. Tinha visto fazê-lo uma vez e era o bastante desagradável.

.Uma larga história. Já sabe meu segredo. Onde foi tudo disfarçado esta noite?

.Esta noite faz dez anos que me casei .respondeu.

.Está de brincadeira?

Sacudiu a cabeça.

.Fantástico, felicidades .disse. Falávamos rápida e ruidosamente escada abaixo.

.Obrigado. Contratamos a uma canguru e tudo. Minha mulher me fez deixar o procura em casa.

O frio fez arder as chagas da cara e piorou a dor de cabeça.

.A porta não está fechada com chave .disse Zerbrowski.

.É polícia. Como pode deixar seu carro aberto?

Abri a porta e me detive. O assento do passageiro e o estou acostumado a estavam cheios. As bolsas para levar do McDonald e os periódicos ocupavam todo o assento, e caíam para o chão. Um pedaço de pizza petrificada e uma coleção de latas de refresco enchiam o resto do enmoquetado.

.Jesus, Zerbrowski, sabe a Agência de Amparo Ambiental que conduz um esgoto de refugo tóxico por zonas povoadas?

.Vê por que o deixo aberto? Quem o roubaria?

ajoelhou-se no assento e começou a mover braçadas de lixo ao assento traseiro. Parecia que esta não era a primeira vez que tinha limpo o assento dianteiro jogando o lixo para a parte traseira.

Limpei miolos do assento vazio ao chão. Quando o deixei tão limpo como pode, sentei-me.

Zerbrowski se colocou o cinto de segurança e arrancou o carro.

Este pigarreou à vida. Pu-me o cinto de segurança e saiu do estacionamento.

.Como se sente Katie sobre seu trabalho? .perguntei.

Zerbrowski me jogou uma olhada.

.Está de acordo com isso.

.Foi polícia quando lhes conheceram?

.Sim, ela já sabia que esperar. Loverboy não queria que saísse esta noite?

.Acreditava que estava muito lesada para sair.

.De verdade, parece feita uma mierda.

.Obrigado.

.Eles nos querem, desejam que sejamos cuidadosos. É um professor de instituto de ensino médio, Por Deus. O que sabe sobre violência?

.mais do que gostaria.

.Sei, sei. As escolas são um lugar perigoso hoje em dia. Mas isto não é o mesmo, Anita. Levamos armas. Demônios, suas matas vampiros e levanta os mortos, Blake. Não pode ficar muito mais desagradável que isso.

.Sei. .Mas não sabia. Ser um licántropo era desagradável. Não?

.Não, não acredito que saiba, Blake. Amar a alguém que vive na violência é um caminho difícil de seguir. Que alguém nos queira é um

milagre. Não tenha medo.

.Disse que tivesse medo?

.Não em voz alta.

Mierda.

.Deixemos isto, Zerbrowski.

.Como queira. Dolph vai estar tão excitado de que haja decidido te atar a sogá... ah, nó.

Afundi-me no assento tudo o que o cinturão me permitia.

.Não me caso.

.Talvez ainda não, mas conheço esse olhar, Blake. É uma mulher que se afoga, e a única saída está em caminhar por esse corredor.

Me teria gostado de discutir, mas estava muito aturdida. Uma parte de mim acreditava no Zerbrowski. Outra parte de mim queria deixar de sair com Richard e estar segura outra vez. Bem, bem, não estava exatamente segura antes devido ao Jean-Claude, mas não estava comprometida. É obvio, ainda não estava comprometida.

.Está bem, Blake?

Suspirei.

.vivi sozinha muito tempo. Alguém se acostuma a sua forma de fazer as coisas. .Além disso, ele é um homem lobo. Não o disse em voz alta, mas queria. Necessitava uma segunda opinião, mas um policial, sobre tudo Zerbrowski, não era a pessoa indicada a que perguntar.

.Está te pressionando?

.Sim.

.Quer matrimônio, meninos, o pack completo?

Meninos. Ninguém tinha mencionado meninos. Tinha Richard a fantasia caseira de uma casa pequena, ele na cozinha, eu trabalhando, e meninos? Ah, maldição, íamos ter que nos sentar e ter uma conversação séria. Se em realidade conseguíamos nos prometer como a gente normal, o que significava tudo isto? Queria Richard meninos? Eu certamente não. Onde viveríamos? Meu piso era muito pequeno. Sua casa? Não estava segura de que eu gostasse dessa idéia. Era sua casa. Não deveríamos ter nossa casa? Mierda. Eu com meninos? Grávida? Não nesta vida. Pensava que o peludo era nosso problema maior. Talvez não era assim.

CAPITULO 29

O rio formava redemoinhos negros e frios. As rochas estavam colocadas como dentes de gigantes. A borda a minhas costas era escarpada, densa e mastreada. A neve entre as árvores estava pisoteada e apartada mostrando as folhas de debaixo. A borda de em frente era uma cantada que sobressaía-me sobre o rio. Nenhum caminho baixava de ali a menos que queria saltar. A água tinha menos de metro e meio de profundidade em o centro do rio. Saltar 10mts. não era uma boa idéia.

Fique de pé na borda com cuidado já que se derrubava. O água escura me lambia só uns centímetros dos pés. As raízes do árvore pega à borda rasgavam a terra. A combinação de neve, folhas e borda quase vertical parecia destinada a me enviar à água, mas lutaria contra eles enquanto pudesse.

As rochas formavam uma parede baixa, quebrada no rio. Algumas pedras estavam apenas por cima dos redemoinhos da água, mas uma rocha próxima ao centro do rio se erguia a uma altura superior à cintura. Cobrindo aquela rocha estava a pele. Dolph ainda era o professor da subestimação. Não devia uma pele ser mais pequena que um cesto e não maior que um Toyota? A cabeça pendurava na rocha, coberta perfeitamente como se tivesse sido colocada. Era uma das razões por o que estava ainda em metade do rio. Dolph queria que o visse se por acaso a colocação tinha algum significado ritual.

Havia uma equipe de imersão esperando na borda com seus trajes secos, que são mais volumosos que os trajes de mergulho e melhores resguardando do frio da água. Um mergulhador alto e encapuzado se deteve junto ao Dolph. Foi apresentado como MacAdam.

.Podemos entrar agora a pela pele?

.Anita? .perguntou Dolph.

.Melhor eles na água que eu .disse.

.É seguro? .perguntou Dolph.

Era uma pergunta diferente. Certo.

.Não estou segura.

MacAdam me olhou.

.O que poderia haver aí? É só uma pele, verdade?

Encolhi-me de ombros.

.Não estou segura de que tipo de pele é.

.O que? .perguntou.

.Quer dizer, recorda ao Mago Louco dos anos setenta?

.Pensaria que não poderia recordar eso.dijo MacAdam.

.Estudei-o no colégio. Terrorismo mágico, o último ano. O

Mago se especializou deixando armadilhas mágicas em lugares remotos. Uma de

suas armadilhas favoritas era uma pele de animal que se ataria sobre quem o tocasse primeiro. necessitava-se uma bruxa para tirá-lo.

.Era perigoso? .perguntou MacAdam.

.Um homem se asfixiou quando isso se aderiu a sua cara.

.Como diabos o tocou com a primeiro cara?

.Difícil perguntar a um morto. A reanimación não era uma profissão nos anos setenta.

MacAdam olhou ao longe fixamente, através da água.

.Bem, como se averigua se for perigoso?

.esteve já alguém na água?

Apontou seu polegar para o Dolph.

.Não nos deixaria, e o Xerife Titus disse que o deixássemos ao excelente perito em monstros .me olhou de cima abaixo.. É você?

.Essa sou eu.

.Bem, faça o que faz um perito para que minha gente e eu possamos entrar aí.

.Quer agora o foco? .perguntou Dolph.

Faziam iluminar o lugar como uma noite de estréia no

Teatro Chinês do Mann. Tinha-lhes feito apagar as luzes depois de haver conseguido jogar uma primeira olhada. Havia algumas costure que necessitavam ver-se com luz, outras só se mostravam na escuridão.

.Nada de luz ainda. me deixe vê-lo primeiro na escuridão.

.por que sem luz? .perguntou Dolph.

.Algumas costure se escondem da luz, Dolph, e ainda poderiam arrancar alguma parte de um dos mergulhadores.

.Está-o dizendo a sério, verdade? .perguntou MacAdam.

.Sim, não está contente?

Olhou-me durante um momento, logo sacudiu a cabeça.

.Sim. Como vai conseguir jogar um olhar mais de perto?

Tendo em conta o tempo tão frio que fez estes dias, a água deverá estar aproximadamente a 4°C, mas ainda é muito frio para entrar sem traje.

.Ficarei nas rochas. Colocarei uma mão para ver se algo emerge para apanhar a ceva, mas ficarei tão seca como posso.

.toma os monstros a sério .comentou., toma a água em sério. Poderia ter hipotermia dentro de aproximadamente cinco minutos se entrar na água com este frio. Trate de não cair.

.Obrigado pelo conselho.

.vai molhar se .disse Aikensen. Estava de pé por cima de mim, apoiando-se contra uma árvore. Seu chapéu Smokey Bear estava encravado na cabeça, o grosso e peludo pescoço chegava quase até o queixo. Os ouvidos e a maior parte da cara estavam ainda descobertos ao frio. Esperava que se congelasse.

Colocou a lanterna sob o queixo como em uma piscada do Halloween. Sorria.

.Não se moveu nada, senhorita Blake. deixou-se tudo onde o encontramos.

Não lhe corrija o "senhorita". Só o tinha feito para me irritar. Não lhe fazer caso lhe incomodaria. Genial.

O sorriso do Halloween empalideceu, franzindo o cenho sob a luz.

.O que acontece, Aikensen? Não queria molhar-se seus delicados pés? separou-se da árvore. O movimento foi muito brusco. deslizou-se para a borda com os braços estendidos tratando de reduzir o impacto de a queda. Caiu de culo e seguiu rodando. Vinha diretamente para mim. Dava um passo a um lado e senti como os borda do chão se desfaziam sob meus pés. Dava um salto e acabei na rocha mais próxima do rio. Me acurruqué nela, quase a gatas, para impedir de cair à água. A pedra estava úmida, polida, fria e insondável como um osso.

Aikensen aterrissou com um grito no rio. sentou-se, a água glacial se formava redemoinhos até a metade do peito. Golpeou a água com as mãos enluvadas, para castigá-la. Tudo o que estava conseguindo era molhar-se mais.

A pele não se deslizou da rocha e lhe cobriu. Nada lhe agarrou. Não podia sentir nenhum tipo de magia no ar. Somente o frio e o som do água.

. Imagino que nada vai comer o disse MacAdam.

.Suponho que não .disse. Tratei de dissimular a desilusão em minha voz.

.Pelo amor de Deus, Aikensen, saia da água.

A voz do Titus retumbou na cúpula da colina. O xerife, junto com a maior parte dos outros policiais, estava no alto do ravina, ao comprido do caminho de cascalho que conduzia até o lugar. Também esperavam duas ambulâncias ali acima. Já que a lei da Gaia entrou em vigor três anos atrás, uma ambulância devia estar na cena se por acaso houvesse alguma possibilidade de salvar a um humanoide. Ali, as ambulâncias eram chamadas para levá-las cabeças de gado mortas pelos coiotes, como se fossem cambiaformas mortos. A lei tinha entrado em vigor, mas o dinheiro suplementar não tinha sido posto a disposição dos sistemas de emergências do país. A Washington realmente gosta de complicar as coisas.

Estávamos no pátio de atrás da casa do verão de alguém.

Algumas das casas tinham zonas de aterrissagem ou até pequenos abrigos para botes, se tivessem suficiente profundidade na água de seu imóvel. O único navio que poderia passar por este canal rochoso era uma canoa, assim não tínhamos nenhuma zona de aterrissagem nem nenhum abrigo para botes, só escura água fria e um ajudante muito molhado.

.Aikensen, mova o culo a uma daquelas rochas. Dê uma mão a

a Sra. Blake já que está molhado.

.Não necessito sua ajuda .respondi ao Titus.

.Bem, Sra. Blake, agora este é nosso condado. Eu não gostaria que a comesse alguma besta enquanto nos mantemos secos e seguros em terra.

Aikensen ficou de pé, quase caindo outra vez quando as botas escorregaram no fundo arenoso. deu-se a volta para mim, me olhando como se fora tudo por minha culpa, mas subiu à rocha do lado frente à pele. Tinha perdido sua lanterna. Gotejava na escuridão, exceto o chapéu Smokey Bear que tinha conseguido manter por cima da água. Parecia tão mal-humorado como uma galinha molhada.

.Vejo que não se oferece a subir a essa zona em particular .disse.

Titus chegou à borda. Parecia fazê-lo muito melhor do que eu o fazia. Tinha-me cambaleado como um bêbado de árvore em árvore.

Titus mantinha as mãos listas para agarrar-se, mas chegou abaixo andando sem as necessitar. deteve-se ao lado do Dolph.

.Delegar, Sra. Blake. O que fez grande a este país.

.O que pensa você disso, Aikensen? .disse mais brandamente.

Fulminou-me com o olhar.

.É o chefe .não sou como se sentisse feliz por isso, mas acreditava.

.Segue com isso, Anita .disse Dolph.

Tradução, o alto mando atirando da cadeia. Todos tinham frio.

Não podia culpá-los. Eu também. Pu-me de pé com muito cuidado na rocha escorregadia. A lanterna se refletiu na água como um espelho negro, opaco e sólido.

Enfoquei a lanterna na primeira pedra. Era pálida, e brilhante pelo água e provavelmente gelo. Andei sobre ela com cuidado. A seguinte pedra, ainda bem. Quem pensaria que as Nike Air eram boas para rochas geladas?

A advertência do MacAdam sobre a hipotermia cruzou minha cabeça. Justo o que necessitava, ser hospitalizada por hipotermia. Não tinha já muitos problemas sem necessidade de ter que lutar contra os elementos?

Havia um oco entre as duas pedras seguintes. Era uma distância tentadora. Distância superável mas, passava uns centímetros da distancia cômoda. A rocha em que estava era plaina sob a água, mas sólida sob os pés. A seguinte estava um pouco curvada em algum ponto.

.Teme que lhe molhem os pés? .Aikensen me dirigiu uma sorriso, era mais uma exposição de dentes brancos na escuridão.

.Invejoso porque está molhado e eu não?

.Poderia molhá-la .respondeu.

.Só em meus pesadelos .disse.

Tive que saltar e esperei que algum equilíbrio milagroso me

mantivera segura. Joguei uma olhada atrás, à borda. Pensei em lhes pedir a os mergulhadores se tinham um traje seco extra para mim, mas me pareceu covarde com o Aikensen tremendo nas rochas. Além disso, provavelmente poderia dar o salto. Provavelmente.

Coloquei-me tão ao bordo da rocha como pude e saltei. Estive um segundo no ar, então meu pé golpeou a rocha. deslizou-se para um lado. Caí na rocha, abraçando-a com ambas as mãos e uma perna. A outra perna terminou profundamente até a coxa na água fria como o gelo. A impressão me deixou amaldiçoando.

Lutei para me colocar sobre a segurança da rocha com a água correndo pela perna da calça dos jeans. Meu pé não havia meio doido fundo. O água a ambos os lados da rocha me chegaria até a cintura se o espetáculo do Aikensen ao atravessá-la era uma boa indicação. Tinha encontrado um deságüe o bastante profundo para ter empapado cada centímetro de mim. Felizmente só era a perna.

Aikensen ria de mim. Se tivesse sido alguém mais, poderíamos nos haver rido juntos do ridículo que era tudo isto, mas era ele, e riu de mim.

.Ao menos, não deixei cair minha lanterna .disse. Pareceu-me infantil, mas deixou de rir. Às vezes ser infantil consegue o que quer.

Agora me encontrava ao lado da pele. Perto era ainda mais impressionante. Sabia que isto era de um réptil já da borda. Estando de pé ao lado dela, podia ver que definitivamente era uma serpente. As escamas maiores eram do tamanho de minha palma. As conchas vazias de os olhos eram do tamanho de Pelotas de golfe. Estendi a mão para tocá-la. Algo se formou redemoinhos contra meu braço quando tratar de alcançá-la. Gritei antes de compreender que era a prolongação de pele da serpente que flutuava na água. Quando pude respirar outra vez, toquei-a. Esperava que fora ligeira, transparente, uma muda de pele. Era pesada, com muita carne. Girei-a para a luz. Não era uma pele muda de roupa. A serpente tinha sido esfolada. Se tinha estado viva quando começaram era um ponto discutível. Agora estava morta. Muito poucas criaturas podem sobreviver a ser esfoladas vivas.

Havia algo sobre as escamas e a forma da cabeça que me recordava a uma cobra, mas as escamas, até com a luz da lanterna, brilhavam translúcidas. A serpente não era de nenhuma cor. Era como um arco íris ou uma mancha de petróleo. A cor trocava segundo o ângulo de a luz.

.vai seguir jogando com isso ou deixará que os mergulhadores entrem e se o levem? .perguntou Aikensen.

Não lhe fiz caso no momento. Havia algo na frente da serpente, quase entre os olhos. Algo liso, suave e branco. Movi os dedos. Era uma pérola. Uma pérola do tamanho de uma bola de golfe. Que demônios

fazia uma pérola gigantesca encastrada na cabeça de uma serpente? E por que não a tinha levado quem quer que tivesse descascado à criatura?

Aikensen se inclinou para diante, passando uma mão sobre a pele.

.Puaf!. Que demônios é isso?

.Uma serpente gigantesca.dije.

Retrocedeu com um grito. Começou a esfregá-los braços, como se pudesse apagar a sensação deles.

.Medo às serpentes, Aikensen?

Fulminou-me com o olhar.

.Não.

Era mentira, e os dois sabíamos.

.Desfrutaram subidos a essas rochas? .perguntou Titus.. Movam-se.

.Vê algo significativo na colocação da pele, Anita? .

perguntou Dolph.

.Em realidade não. A pele poderia haver-se enganchado nas rochas.

Não acredito que fora colocada assim e aqui de forma deliberada.

.Então, podemos movê-lo?

Assenti.

.Sim, os mergulhadores podem entrar. Aikensen já provou que a água está livre de depredadores.

Aikensen me olhou.

.Que demônios significa isso?

.Significa que poderiam ter havido insetos na água, mas nada tratou de lhe comer, assim é seguro.

.Usou-me como ceva.

.caiu.

.Sra. Blake, diz que podemos mover essa coisa? .perguntou Titus.

.Sim .disse Dolph.

.Vão moços.

Os mergulhadores se olharam.

. Podemos agora acender o fogo? .perguntou MacAdam.

.Certamente .disse.

A luz se projetou sobre mim. Pus a mão para defender os olhos e quase me caio da rocha. Jesus, era brilhante. A água era ainda opaca, negra e agitada, mas as rochas reluziram, e de repente, Aikensen e eu estávamos no centro da cena. A luz brilhante limpou toda a cor de a pele da serpente.

MacAdam deslizou a máscara de cara e assegurou o regulador na boca. Só outro mergulhador lhe seguiu. Suponho que não se necessitavam quatro para tirar uma simples pele.

.por que se estão colocando as garrafas se só forem caminhar por a água? .perguntou Aikensen.

.Suponho que se por acaso lhes arrasta a corrente ou encontram um deságüe.

.A corrente não está mau.

.O suficientemente malote para que se arrastar a pele, desapareça.

Com os tanques pode te inundar até o fundo, a em qualquer lugar que isto vá.

.Sonha como se o tivesse feito.

.Estou qualificada.

.Pois que bem, é multifuncional .respondeu.

Os mergulhadores já estavam quase sobre nós. As garrafas se pareciam com os lombos das baleias quando emergiam da água. MacAdam levantou a máscara da cara, e pôs uma mão enluvada sobre a rocha. Apartou o regulador da boca, abraçou a rocha e nadando com as pernas conseguiu manter-se na corrente. O outro mergulhador se moveu pelo lado do Aikensen.

.Há algum problema se rompermos a pele? . perguntou MacAdam.

.Desengancharei-a por este lado da rocha.

.Conseguirá molhar o braço.

. Viverei, verdade?

Não podia ver sua cara a suficientemente bem sob toda a equipe, mas teria apostado que me olhava com o cenho franzido.

.Sim, viverá.

Movi a mão sob o frontal da pele até que transpassei a água. O frio me fez vacilar, mas só um batimento do coração do coração. Continuei para baixo, me empapando até o ombro para desamarrá-lo. A mão tocou algo liso e sólido que não era pele. Dava um pequeno grito e me retirei, quase caindo. Consegui manter o equilíbrio e me equilibre para a arma.

Só tubo tempo de dizer:

.Há algo aí abaixo.

E isso emergiu.

Uma cara redonda com uma boca sem lábios gritou, emergiu para cima com as mãos tratando de alcançar ao MacAdam. Tive uma visão rápida de olhos escuros antes de que isso se inundasse na água.

Os mergulhadores saíram apressadamente dali, nadando com golpes seguros e fortes para a borda.

Aikensen tinha tropeçado, caindo à água. Subiu chapinhando com a arma na mão.

.Não lhe dispare .disse.

A coisa emergiu outra vez. Deslizei a seu lado. Isso chiou, a mão em forma humana percorreu a provas para mim. Agarrou um lado da caçadora e atirou. Tinha minha arma na mão, mas não disparei.

Aikensen a apontava. Gritos na borda. Os outros policiais se aproximaram, mas não havia tempo. Estávamos só Aikensen e eu no rio.

A criatura se agarrou para mim, já não gritava, só sujeitando-se como se fora a última coisa no mundo. Sepultando os ouvidos sem orelhas em mim peito. Apontei a arma ao peito do Aikensen.

Isto pareceu chamar sua atenção. Piscou, concentrando-se em mim.

.Que demônios faz?

.Aponte a outra parte, Aikensen.

.Estou cansado de olhar o canhão de sua arma, cadela.

.O mesmo digo .respondi.

Gritos, movimentos na borda, chegada de gente, quase estavam ali.

Só segundos, até que alguém veio. Alguém nos salvou. Uns segundos muito tarde.

Um tiro explorou ao lado do Aikensen. O suficientemente perto para lhe salpicar com a água. Saltou e sua arma saiu despedida. A criatura estava incontrolável, mas já me movia me mergulhando pelas rochas. Isso se agarrou para mim como se estivesse pacote. Saímos a flutue na rocha grande na que se formava redemoinhos a pele de serpente, mas consegui apontar a Browning para o Aikensen. O som de seu mágnum vibrou no ar, chegando até meus ossos. Se Aikensen se deu a volta para nós, haveria disparado.

.Maldito seja, Aikensen, guarda em seu sítio essa maldita arma!

A salpicadura era grande, e provavelmente era Titus vadeando o água, mas não podia olhar além do Aikensen.

Aikensen apartou a olhava de mim para a salpicadura. Dolph chegou primeiro. Apareceu sobre o Aikensen como a vingança de Deus.

A arma do Aikensen começou a balançar-se para ele, como se sentisse o perigo.

.Se apontar essa arma para mim, a farei tragar .disse Dolph. Sua voz soou baixa e cintilou até sobre o rugido em meus ouvidos.

.Se te apontar .disse., pegarei-lhe um tiro.

.Ninguém nos disparará, nem a ele nem a mim.

Titus caminhou pela água. Era mais baixo que outros, salvo eu, assim que era o que lutava na água. Agarrou ao Aikensen pelo cinturão e o atirou, arrancando a arma de sua mão quando caiu à água.

Aikensen saiu à superfície sufocado e furioso.

.por que demônios fez isso?

.lhe pergunte à Sra. Blake por que o fiz. lhe pergunte, lhe pergunte!

.Era baixo e estava molhado, e ainda conseguia acovardar ao Aikensen.

.por que? .perguntou Aikensen.

Tinha baixado a Browning, mas não a tinha guardado em seu sítio.

.O problema de levar uma arma tão grande, Aikensen, é que pode atravessar um inferno de carne.

.O que?

Titus lhe empurrou, lhe fazendo tropeçar. Aikensen lutou para ficar

de pé.

.Se tivesse apertado o gatilho, moço, com a criatura aferrando-se a ela, teria-a matado também.

.Pensei que o protegia. Disse que não lhe pegasse um tiro. Olhe-o! Então todos se deram a volta. Usei as rochas a modo de alavanca para meus pés. A criatura era um peso morto, como se se houvesse desacordado com as mãos fechadas como punhos em minha caçadora. Tinha mais problemas para guardar a arma em seu sítio que para tirá-la. O frio, a adrenalina e a mão do homem pega a minha caçadora, cobrindo a pistolera.

Por isso era pelo que a sustentava. Um homem, um homem que havia sido esfolado vivo, mas que de algum jeito não estava morto. Por suposto, não era exatamente um homem.

.É um homem, Aikensen .disse Titus.. É um homem ferido. Se não estivesse tão malditamente ocupado em tirar sua maldita arma e disparando a todas as coisas, poderia ver o que está diante de ti.

.Isto é um naga .disse.

Titus não pareceu me ouvir.

.O que disse? .perguntou Dolph

.É um naga.

.Quem é o que? .perguntou Titus.

.O homem .disse.

.Que demônios é um naga?

.Todo mundo fora da água agora .gritou uma voz da borda. Era um paramédico com uma massa de mantas.. Vamos, não vá a ser que tenha que levar a todos ao hospital esta noite. .Não estava segura, mas acreditei ouvir o murmúrio desço do paramédico.. Malditos parvos.

.Que demônios é um naga? .perguntou Titus outra vez.

.Explicarei-o se pode me ajudar a levá-lo a borda. Estou-me congelando o culo aqui dentro.

.Congelará-se algo mais que o culo .disse o paramédico.. Todos a a borda, agora. Movam-se.

.lhe ajudem .disse Titus.

Dois ajudantes uniformizados estavam na água. separaram-se.

Levantaram o homem, mas seus punhos se fecharam em minha caçadora.

Era um apertão de morte. Comprovei o pulso na garganta. Estava aí, desacordado, mas estável.

O médico colocava mantas ao redor de cada um quando chegávamos à borda. Sua companheira, uma mulher magra de cabelo claro contemplava ao naga, reluzindo como uma ferida aberta sob um foco.

.Que demônios lhe passou? .perguntou um dos ajudantes.

.foi esfolado .disse.

.Jesucristo .disse o ajudante.

.Pensamento correto, religião incorreta .disse.

.O que?

.Nada. Pode abrir suas mãos fazendo alavanca?

Não poderiam, não facilmente. Terminaram por lhe levar embalado entre eles. Tropeçamos com a borda, os dedos até obstinados em minha roupa.

Nenhum caiu. Um segundo milagre. O primeiro era que Aikensen

estava ainda vivo. Contemplando a pele azulada do homem, talvez se poderia dizer que a conta de milagres era mais alta que só dois.

O médico com o cabelo claro se ajoelhou sobre o naga. Soltou o fôlego em um grande suspiro condensado. O outro médico colocou mantas sobre mim e os dois ajudantes.

.Quando conseguirem separar o de você, vá até as ambulâncias.

Tire-se essa roupa molhada quanto antes.

Abri a boca e ele me assinalou com um dedo.

.Ou se tira a roupa e se sinta em uma ambulância quente, ou uma viagem ao hospital. Escolha.

.Sim, sim, capitão .disse.

.E não faça como que o esquece .disse. partiu para estender mantas ao resto de policiais.

.E a pele? .perguntou Titus. Também levava uma manta ao redor dele.

.Traga-a para nos assegurar .disse.

.Seguro que esta é a única surpresa que há aí, nesse buraco?

.perguntou MacAdam.

.Acredito que este é nosso único naga por esta noite.

Afirmou com a cabeça e voltou sigilosamente para água com seu companheiro. Era agradável não ser discutida. Possivelmente era pelo corpo ferido e nu do naga.

Os paramédicos tiveram que tirar as mãos do naga por mim caçadora como uma alavanca, um dedo cada vez. Seus dedos não se queriam soltar. Permaneceram dobrados, como os dedos dos mortos depois de que apareça o rigor mortis.

.Sabe você que é? . perguntou o paramédico com o cabelo claro.

.Um naga.

Intercambiou um olhar com seu companheiro. Ele sacudiu a cabeça.

.Que demônios é um naga?

.Uma criatura de lenda hindu. Com frequência são descritos com forma de serpente.

.Genial .disse.. Reagirá como um réptil ou como um mamífero?

.Não sei.

Os médicos da outra ambulância estavam dispondo um sistema de polia e dirigiam a todo mundo para o calor das ambulâncias.

Necessitávamos mais médicos. Os paramédicos estenderam uma solução salina e quente sobre uma folha de suave algodão, e envolveram ao naga com ela. Seu corpo inteiro era uma ferida aberta com tudo o que isto implicava. A infecção era a maior ameaça. Podia ser imortal, os seres imortais tinham infecções? Quem sabia? Sabia sobre criaturas preternaturais, mas primeiros auxílios para imortais? Não era minha área. Envolveram-lhe em um montão de capas de mantas. Olhei ao paramédico. Sargento de Artilharia.

.Embora seja um réptil, as mantas não podem lhe fazer danifico. Tinha razão.

.Seu pulso é débil, mas estável .disse a mulher.. Devemos nos arriscar a tentar uma IV (intravenosa) O.

.Não sei .respondeu seu companheiro.. Não deveria estar vivo em absoluto. vamos mover lhe. Manteremo-lo vivo e o levaremos a hospital.

O uivo distante de mais ambulâncias ressonou. Os reforços estavam de caminho. Os médicos puseram ao naga em uma espécie de maca com forma de coluna vertebral, e similar a uma cesta atada com as cordas que os outros paramédicos tinham sujeitas no alto da colina.

.Conhece alguma outra informação que nos possa ajudar a lhe tratar?

. perguntou o paramédico. Seus olhos eram muito diretos.

.Acredito que não.

.Então vá até uma ambulância, agora.

Não discuti. Tinha frio e a roupa começava a congelar-se em meu corpo até por debaixo da manta.

Terminei em uma ambulância quente tendo posto somente uma manta quanto mais paramédicos e EMTs forçavam oxigeno quente em mim. Dolph e Zerbrowski terminaram na ambulância comigo. Melhor eles que Aikensen e Titus.

Enquanto esperamos aos médicos para que nos dissessem que todos viveríamos, Dolph retornou ao trabalho.

.me conte sobre os nagas .disse.

.Como te disse, são criaturas de lenda hindu. Usualmente são descritos como serpentes, em particular cobra. Podem tomar forma humana ou aparecer como serpentes com cabeças humanas. São os guardiães das gotas de chuva e as pérolas.

.Repete o último outra vez .disse Zerbrowski. Seu cabelo penteado com esmero se tinha secado em cachos sujos. Tinha saltado ao rio para salvar a meu pequeno eu, embora não pudesse nadar.

Repeti-o.

.Havia uma pérola incrustada na cabeça da pele. Acredito que a pele era do naga. Alguém lhe esfolou, mas não morreu. Não sei como a pele terminou no rio ou como o fez ele.

.Quer dizer que era uma serpente e a cortaram, mas isso não o matou .disse Dolph.
.Pelo visto não.
.Como é que está em forma de homem agora?
.Não sei.
.por que não está morto? .perguntou Dolph.
.Os nagas são imortais.
.Não deveria dizer-lhe aos paramédicos? .perguntou Zerbrowski.
.foi esfolado completamente e ainda assim, está vivo. Acredito que entenderão-o sozinhos .respondi.
.Bom ponto.
.Quem disparou ao Aikensen?
.Fez-o Titus .disse Dolph.
.Arreganhhou-lhe e se levou sua arma .disse Zerbrowski.
.Espero que não a devolva. Se alguém não deveria estar armado, é Aikensen.
.Conseguiu roupa de reposto para a tua, Blake? .perguntou Zerbrowski.
.Não.
.Tenho dois sudaderas no porta-malas do carro. Quero retornar ao que fica de meu aniversário.
O pensamento de usar umas sudaderas que tinham estado guardadas no carro do Zerbrowski era muito para mim.
.Não, obrigado, Zerbrowski.
Sorriu-me abertamente.
.Estão limpos. Katie e eu íamos treinar hoje, mas não tiramos um momento para isso.
.Nenhum que se faça em um ginásio, né? .disse.
.Não. .O rubor ascendeu sigilosamente pelo pescoço. Devia haver sido algo realmente bom, ou realmente embaraçoso para pôr a Zerbrowski assim tão rapidamente.
.Que tipo de exercício estavam fazendo? .perguntei.
.Um homem tem que treinar-se .disse Dolph solenemente.
Zerbrowski me olhou, elevando as sobrancelhas.
.E que melhor treinamento que o que te dá seu amorcito? .Se girou para o Dolph.. Disse-te que Blake tem noivo? Passa a noite ali como um convidado.
.O Sr. Zeeman respondeu ao telefone .disse Dolph.
.O telefone não está ao lado da cama, Blake? .perguntou Zerbrowski. Me Miro com olhos inocentes.
.me traga a sudadera e me tire daqui .disse.
Zerbrowski riu e Dolph se uniu a ele.
.Esse é o moletom do Katie, não leva nada baixo eles. Se realmente

quer te exercitar, faz-o nu.

Dirigi-lhe uma saudação digitiforme.

.OH, faz isso outra vez .disse Zerbrowski., sua manta se abriu.

Eu alegrava o inferno de todos.

CAPITULO 30

Estava em meu vestíbulo às quatro em ponto vestida com um traje esportivo muito rosa. Sujeitava cautelosamente as roupas molhadas em um vulto sob meu braço esquerdo. Ainda com a nova sudadera rosa, tinha frio. Os paramédicos me tinham deixado ir só porque prometi beber líquidos quentes e tomar um banho de vapor. Tinha subido à carreira as escadas com um par de meias três-quartos de ginásio. Podia levar posta a sudadera do Katie, mas não seus sapatos.

Estava fria, cansada e minha cara doía, entretanto, a dor de cabeça desapareceu. Talvez foi estar molhada em água geadá. Possivelmente pelo toque do naga. Não podia recordar nenhuma história que os associasse com a cura espontânea, mas tinha passado muito tempo desde que estudei os nagas. Tinha sido das últimas nas classes de bio-preternaturales. A única pista foi a pérola e a pele de cobra. ia ter que desenterrar meu livro de texto e reler essa parte. Entretanto, o doutor de guarda do hospital, não importa qual, onde lhe levaram, ia ter que ler ainda mais rápido. Estariam os nagas em seus ordenadores? Por lei, ao melhor estavam. Tinha o naga alguém para demandá-los se não estivessem? Se levantaria de seu leito de morte e se demandaria a si mesmo?

Estava frente a meu apartamento pela segunda vez em seis horas e não ténia chave. Sinceramente, apoiei a cabeça contra a porta por um segundo e senti lástima de mim mesma. Não queria ver o Richard esta noite outra vez. Tínhamos muitíssimo de que falar e não tinha nada que ver com seu mudança. Desejei não ter pensado em meninos. Não queria discutir de pequenos meninos travessos esta noite. Não queria discutir sobre nada. Queria me arrastar até a cama e estar sozinha.

Respirei profundamente e me endireitei. Não havia necessidade de lombriga tão desolada como me sentia. Chamei a meu próprio timbre e me prometi conseguir um conjunto adicional de chaves. Não, não era para Richard. Ambas eram para mim.

Richard abriu a porta. Tinha o cabelo despenteado pelo sonho, caindo em uma massa pesada e ondulada ao redor da cara, estava descamisado e descalço. O primeiro botão dos jeans estava desabotoado. Súbitamente estive contente de vê-lo. A luxúria é uma coisa maravilhosa.

Agarrei a cinturilla de seu jeans e o aproxime. Saltou quando meus roupas molhadas tocaram seu peito nu, mas não se apartou. Seu corpo humano era quase febre quente de sonho. Esquentei as mãos ao longo de sua coluna vertebral e se sobressaltou, contorsionándose devido ao frio, mas nunca apartando-se. Deixei cair as roupas molhadas ao chão. Beijamo-nos. Seus lábios eram suaves. Minhas mãos riscaram o bordo

de seu cinturão, os dedos perigosamente baixos. Sussurrou junto a minha orelha. Esperava palavras de amor ou promessas picantes.

.Temos companhia .foi o que obtive.

Congelei-me. Tive uma visão do Ronnie, ou pior, do Irving sentado em o sofá enquanto nos acariciávamos mutuamente.

.Mierda .disse brandamente e com paixão.

.Em casa por fim, MA petite. .Foi muito pior que Irving.

Fiquei com o olhar fixo sobre o Richard com a boca aberta.

.O que aconteceu?

.Entrou enquanto estava dormido. Despertei quando a porta se abriu.

Tive repentinamente frio outra vez até meus dedos empapados.

.Estão bem?

.Realmente quer discutir isto no vestíbulo, MA petite? .A

voz do Jean-Claude foi, OH!, tão razoável.

Quis ficar no vestíbulo simplesmente porque havia dito que não, mas era infantil. Além disso, era meu apartamento.

Dava um passo entrando na habitação, Richard era uma presença consoladora a meu lado. Chutei as roupas molhadas através da porta, mantendo as mãos livres. A arma estava à vista sobre a sudadera.

A pistola caiu solta sem um cinturão, mas poderia tirar a arma se a necessitava. Provavelmente não a necessitaria, mas era bom seguir lhe recordando ao amo que se tratava de negócios.

Richard fechou a porta e se apoiou contra ela, as mãos detrás da costas. Sua cara quase estava escondida pela juba. Os músculos tensos de seu estômago pareciam me convidar a lhe acariciar, o que era provavelmente o que teríamos estado fazendo, se não houvesse um vampiro em minha sala de estar.

Jean-Claude estava sentado em meu sofá. A camisa negra aberta ao redor de seu torso nu. Os braços estavam estendidos sobre o respaldo do sofá, levantando a camisa, revelando uns mamilos que eram só duas sombras mais escuras que sua pele branca. Um leve sorriso curvou seus lábios. Estava dramático e perfeito no sofá branco. Correspondia à decoração. Mierda. ia ter que comprar mobiliário novo, algo nem branco nem negro.

.O que faz aqui, Jean-Claude?

.É essa a forma de saudar seu novo pretendente?

.Não seja um grão no culo esta noite, por favor. Estou muito cansada e dolorida para isso. me diga por que está aqui e o que quer, logo vai.

ficou de pé como se fosse elevado por cordas, tão fácil como se não tivesse ossos. Pelo menos, a camisa cobriu a maior parte da perfeição pálida de seu corpo. Era algo.

.Estou aqui para verte a ti e ao Richard.

.por que?

riu, e o som me rodeou como uma quebra de onda de pelagem suave e escorregadio, lhe façam cócegas e morto. Aspirei profundamente e me tirei a pistola. Não estava aqui para nos ferir. Estava aqui para paquerar. Passei pelos dois e pendurei a pistola no respaldo de uma cadeira de cozinha. Senti que seus olhos me seguiam quando me movi. Adulador, e incômodo como o inferno.

Voltei o olhar para eles. Richard estava ainda ao lado da porta vendo-se nu e convidador. Jean-Claude estava ainda de pé atrás do sofá, como um quadro tridimensional de um sonho molhado, totalmente. O potencial sexual no quarto era astronômico. O fato de que não fosse ocorrer nada era quase triste.

Ainda havia café na jarra. Se bebia bastante café quente e tomava um banho realmente quente, talvez me degelaria. Haveria preferido uma ducha quente, mais rápida às quatro em ponto da madrugada. Mas o tinha prometido aos paramédicos. Algo primitivo para minha temperatura.

.por que queria nos ver? .Joguei café em minha taça grande do pingüim recentemente lavada. Richard era habilidoso nas tarefas domésticas.

.Disseram-me que Monsieur Zeeman descida passar a noite aqui.

.Se o fez, o que acontece isso?

.Quem lhe disse isso? .perguntou Richard.

apartou-se da porta e se abotoou o botão superior das calças. Lástima.

.Disse-me isso Stephen.

.Não teria devotado voluntariamente informação .respondeu Richard.

Estava de pé muito perto do Jean-Claude. Fisicamente surgia ameaçadoramente por cima dele, somente um pouco. Meio vestido, deveria haver-se visto incerto, indeciso. via-se completamente em casa. A primeira vez que tinha conhecido ao Richard tinha estado nu em uma cama. Tampouco estava envergonhado.

.Stephen não me disse isso voluntariamente .disse Jean-Claude.

.Está sob meu amparo .respondeu Richard.

.Não é líder da manada ainda, Richard. Pode proteger a Stephen dentro da manada, mas Marcus ainda governa. Ele me há dado ao Stephen, como entregou a ti.

Richard estava ali. Não se tinha movido, mas repentinamente, o ar ao redor dele flutuou. Se piscava, o teria perdido. Um bordo de poder se dispersou, arrastando-se, formigando ao longo de minha pele. Mierda.

.Não pertenço a ninguém.

Jean-Claude lhe olhou. Cara agradável, voz coloquial.

.Não admite a liderança do Marcus? .Era uma pergunta capciosa e todos sabíamos.

.O que acontece diz que não? .perguntei.

Jean-Claude se voltou para mim. Sua cara estava cuidadosamente vazia.

.Ele disse que não.

.E o diz ao Marcus, então, o que?

Então sorriu, uma torção lenta de lábios que fez que seus perfeitos olhos azuis brilhassem intensamente.

.Marcus o veria como uma provocação direta a sua autoridade.

Deixei o café e rodeei a ilha. Estando quase em meio deles, a energia do Richard se arrastava sobre minha pele como insetos. Do Jean-Claude não havia nada. Os não mortos não fazem nenhum ruído.

.Se conseguir que matem ao Richard, ainda indiretamente, não há trato.

.Não necessito que me proteja .disse Richard.

.Se resultar morto te opondo ao Marcus, é uma coisa, mas se termina morto porque Jean-Claude esta ciumento de ti, é minha culpa.

Richard me tocou o ombro. Seu poder foi como um raio de eletricidade descendo por meu corpo. Tremi e deixou cair a mão.

.Poderia ceder ante o Marcus, admitir sua liderança e assim estaria a salvo.

Neguei com a cabeça.

.Vi o que Marcus considera aceitável. Não está nem perto de estar seguro.

.Marcus não sabia que filmaram dois finais .respondeu Richard.

.Assim falaste com ele sobre isso?

.Refere aos encantadores filmes que Raina dirigiu? .

perguntou Jean-Claude.

Ambos lhe olhamos. Um roce de poder arremeteu, voltando-se mais firme. Foi difícil respirar ao estar de pé a seu lado, como tentar me tragar uma tormenta.

Neguei com a cabeça. Um problema cada vez.

.O que sabe sobre os filmes? .perguntei.

Jean-Claude nos olhou, primeiro a um e depois ao outro. Terminou me olhando fixamente aos olhos.

.Sua voz o faz soar mais importante do que é, o que tem feito Raina agora?

.Como sabe sobre os filmes? .perguntou Richard.

moveu-se um passo mais perto. Seu peito tocou minhas costas e fiquei sem fôlego. A pele de minhas costas formigou como se alguém lhe houvesse

conectado um arame, mas não doeu. Foi simplesmente uma sensação quase entristecedora. Aprazível, mas sabia que se não se detinha logo, começaria a doer.

Afastei-me dele, estando de pé entre ambos, sem dar as costas a nenhum. Ambos me olharam. Com expressões quase idênticas em suas caras. Estranho, como se se concentrassem em pensamentos que nunca haviam sonhado, escutado música que eu não podia ouvir. Era o único humano em este quarto.

.Jean-Claude, simplesmente me diga o que sabe dos filmes de Raina. OK? Sem jogos.

Cravou os olhos em mim durante um batimento do coração de coração, logo se encolheu elegantemente de ombros.

.Muito bem. Sua fêmea alfa me convidou a me unir a ela em um filme porno. Ofereceu-me um papel protagonista.

Soube que não tinha aceito. Era um exibicionista, mas gostava certo decoro em sua atração secundária. Os filmes porno haveriam estado além do passível para ele.

.Desfrutaria tendo relações sexuais com ela em tela? .

perguntou Richard. Sua voz era baixa e essa energia alagava o quarto.

Jean-Claude se giro para ele, a cólera dançava em seus olhos.

.Ela presume de ti, meu peludo amigo. Diz que foi magnífico.

.Golpe baixo, Jean-Claude .disse.

.Não me crie. Está tão segura dele?

.De que não teve relações sexuais com a Raina, sim.

Um olhar estranho cruzou a cara do Richard.

Cravei os olhos nele.

.Não o fez?

Jean-Claude riu.

.Tinha dezenove anos. Ela era minha fêmea alfa. Não pensei que tivesse opções.

.Bravo, genial.

.Escolhe entre os novos machos. É uma das coisas que quero deter.

.-Deita-te com ela ainda? .perguntei.

.Não, não uma vez que pude escolher .respondeu Richard.

.Raina fala tão carinhosamente de ti, Richard. Com tantos detalhes carinhosos. Não pôde acontecer muito tempo.

.Foi faz sete anos.

.De verdade? .Essa palavra continha um universo de dúvida.

.Não te minto, Anita .respondeu Richard.

Richard deu um passo adiante. Jean Claude se moveu para ele. A testosterona se elevava mais alto que os poderes sobrenaturais. Íamos a nos afogar em ambos.

Dava um passo entre eles, colocando uma mão sobre cada peito. Ao instante que minha mão tocou a pele nua do Richard, o poder a tragou, como algum frio líquido elétrico. Minha mão tocou ao Jean Claude um segundo mais tarde. Algum truque do tecido, ou do vampiro, colocou minha mão em seu pele nua. A pele estava fresca e suave, e senti que o poder do Richard cruzava meu corpo e me chocava contra essa pele perfeita.

No momento que lhe toquei, apareceu um cilindro de poder brotando do vampiro. As duas energias não brigaram uma com a outra, mesclaram-se dentro de mim, derramando-se de volta em cada um deles. O poder de Jean Claude era uma rajada de vento fresco. Richard era todo calor e eletricidade. Cada um alimentou ao outro como madeira e chama. E sob tudo isso podia sentir essa costure dentro de mim que me deixa chamar os mortos. Magia, por falta de uma palavra melhor. Os três poderes se mesclaram tão às pressas que fez que me arrepiasse a pele, acelerasse-se o coração e o estômago se oprimisse.

Os joelhos me dobraram e fiquei ofegante no chão, a quatro patas. Minha pele se sentia como se tratasse de separar do corpo. Podia saborear o coração na garganta e não podia respirar. Tudo tinha algo dourado ao redor dos borde e pontos de luz dançaram ante meus olhos. Estava correndo o perigo de me deprimir.

.Que diabos foi isso? .esse foi Richard.

Sua voz parecia provir mais longínqua do que deveria ser. Nunca tinha-lhe ouvido destrambelhar antes.

Jean-Claude se ajoelhou a meu lado. Não tratou de me tocar. Olhei diretamente a seus olhos, a centímetros de meus. O branco desapareceu, só permaneceu o azul precioso da meia-noite. Era a maneira em que olhava quando ficava todo vampírico comigo. Não pensei que o houvesse feito a propósito esta vez.

Richard se ajoelhou ao outro lado. Tratando de me tocar. Quando a mão estava a uns centímetros, um pouco do salto de poder correu entre nós, como a eletricidade estática. Sacudiu com força a mão, retirando-a.

.O que é isso? .soou um pouco assustado. Eu também.

.MA petite, pode falar?

Inclinei a cabeça. Tudo estava em híper-foco, da forma em que o mundo fica em um impulso de adrenalina. As sombras no peito de Jean-Claude, onde sua camisa se derramava ao redor dele eram sólidas e tangíveis. O tecido se via quase negra metálica, como as costas de um escaravelho.

.Dava algo, MA petite.

.Anita, está bem?

Gire com um movimento lento para o Richard. O cabelo lhe tinha cansado sobre um dos olhos. Cada fio era grossa e perfeita, como uma linha

separada. Podia ver cada pestana em seus olhos cor café em um contraste surpreendente.

.Estou bem. .Mas, estava-o?

.Que aconteceu? .perguntou Richard.

Não estava segura da quem lhe perguntava. Esperava que não fosse a mim, porque não sabia.

Jean-Claude se sentou a meu lado no chão, para trás contra a ilha.

Fechou os olhos e tomou um fôlego profundo, trêmulo. Quando o expulso, abriu os olhos. Estavam ainda dessa cor profunda, como se estivesse a ponto de alimentar-se de algo. Sua voz soou normal, ou tão normal como alguma vez tinha divulgado.. Nunca saboreei tanto poder, tão rápido, sem ter derramado primeiro sangue.

.Confiava em ti para saber dizer o adequado .respondi.

Richard revoava sobre mim como se gostasse de ajudar, mas com medo a me tocar. Olhou encolerizadamente ao Jean-Claude.

.O que nos fez?

.Eu? .A bela cara do Jean-Claude estava quase frouxa, os olhos entreabertos, os lábios separados.. Não fiz nada.

.Isso é mentira .disse Richard.

sentou-se ao estilo dos índios a uns passos de mim, o suficientemente longe para assegurar-se de que não nos tocaríamos acidentalmente, mas o suficientemente perto para que esse poder persistente se arrastasse entre nós. Afastei-me lentamente e me encontrei mais perto do Jean-Claude, o que não era muito melhor. Independentemente do que fora, não havia desaparecido. O potencial ainda estava ali, no ar, sob nossa pele.

Olhei ao Richard.

.Sonha terrivelmente seguro de que está fazendo algo. Estou disposta a acreditá-lo. Mas o que sabe que eu não?

.Eu não o fiz. Você não o fez. Sei de magia quando a cheiro. Teve que ser ele.

.Cheirá-lo? .Voltei-me para o Jean-Claude.. Bem?

riu. O som se arrasto por minha coluna vertebral roçando meu pele, suave, escorregadio, surpreendente. Era muito poder precipitado em tão pouco tempo depois do que tínhamos compartilhado. Estremeci-me e riu mais forte. Doeu-me e soube que não o deveria estar fazendo, mas também se sentiu muito bom para deter-se. Sua risada foi sempre perigosamente deliciosa, como um caramelo envenenado.

.Juro por, não importa que juramento, que confiaria em que não fiz nada a propósito.

.O que fez por acidente? .perguntei.

.pergunte-lhe isso a ti mesma, MA petite. Não sou o único professor do sobrenatural neste quarto.

Pois bem, aí me tinha.

.Está-me dizendo que um de nós o fez?

.Digo que não sei quem o fez, nem conheço o que é. Mas Monsieur Zeeman está no correto, foi mágico. Um poder brutal para elevar os cabelos arrepiados de qualquer lobo.

.O que se supõe que significa? .perguntou Richard.

.Se pudesse utilizar tal poder, meu lobo, inclusive Marcus poderia submeter-se a ele.

Richard subiu os joelhos abraçando-lhe ao peito. Seus olhos se viam distantes e pensativos. O pensamento me intrigou.

.Sou a única pessoa neste quarto que não está tratando de consolidar um reino?

Richard me olhou. viu-se quase cheio de pesar.

.Não quero matar ao Marcus. Se pudesse fazer um ato de poder o suficientemente grande, ele poderia tornar-se atrás.

Jean-Claude me sorriu. Foi um sorriso muito satisfeito.

.Admite que não é humano e agora quer o poder para assim ser líder da manada.

Seu sorriso se ampliou até uma curta risada.

.Não sabia que foi um admirador da música dos anos sessenta .disse.

.Há muitas coisas que não sabe de mim, MA petite.

Só cravei os olhos nele. A imagem do Jean-Claude indo ao

Shangri-Foi a mais estranha que tinha visto esta noite. depois de

tudo, acreditava em nugas, não acreditava que Jean-Claude tivesse passatempos.

CAPITULO 31

Um banho de vapor. Outra vez com uma camiseta de talha muito grande, malha e meias três-quartos. ia ser a pior vestida da habitação. Pensei me trocar à primeira oportunidade por meu vestido negro.

Estavam sentados no sofá, o mais afastados um do outro como podiam. Jean Claude parecia um manequim, um braço ao dorso do sofá, o outro no braço do sofá. Um pé estava colocado sobre seu joelho mostrando a perfeição de suas botas suaves. Richard estava acurrucado ao outro lado do sofá, um joelho perto do peito nu, o outro joelho dobrada sobre o sofá.

Richard estava cômodo. Jean Claude se via como se estivesse esperando a um fotógrafo para realizar umas tomadas. Os dois homens em meu vida. Apenas os podia agüentar.

.Tenho que tratar de dormir assim que todo mundo fora.

.Se te referir para mim, MA petite, não tenho intenção de sair. A menos que Richard saia comigo.

.Stephen te disse por que estou aqui .disse Richard.. Está muito machucada e não deve ficar a sós.

.Olha-a, Richard. vê-se ferida? .Sustentou em alto uma mão enche de graça.. Admito que recebeu algum dano. Mas não necessita você ajuda. Possivelmente nem sequer necessite a minha.

.Convidei ao Richard a ficar. Não te convidei.

.Exceto você me convidou, MA petite.

.Em primeiro lugar deixa de me chamar assim. Em segundo lugar, quando convidei-te?

.A última vez que estive aqui. Acredito que em agosto.

Mierda, tinha-o esquecido. Estava-me voltando descuidada. Havia posto em perigo ao Richard. As coisas resultavam, mas não tinha sabido isso quando o tinha deixado aqui sozinho, a sós em um lugar onde Jean Claude podia mover-se livremente.

.Posso me cuidar agora mesmo .disse.

.Se um gesto dramático te agradar, então sei meu convidado. Mas Richard não deve acontecer a noite.

.por que não?

.Acredito que é uma dessas mulheres que se der seu corpo humano, ali também estará seu coração. Se te deitar com nosso Monsieur Zeeman, penso que poderia ser um ponto sem retorno.

.O sexo não é um compromisso .disse.

.Para a maioria da gente, não, mas para ti, penso que o é.

O fato que me conhecesse tão bem me fez ruborizar. Que o partisse um raio.

.Não tenho planos de me deitar com ele.

.Acredito-te, MA petite, mas vejo a maneira que seus olhos lhe seguem. Se sinta ali te vendo apetitosa, afetuosa e muito viva. Se não tivesse estado aqui quando voltava para casa, poderia resisti-lo?

.Sim.

encolheu-se de ombros.

.Possivelmente. Sua força de vontade dá medo, mas não posso tomar essa possibilidade.

.Não confia em mim para não incomodá-lo?

Outra vez se encolheu de ombros, isso pôde ter querido dizer algo. Seu sorriso era convidadora e condescendente.

.por que? Está ciumento dele?

Pergunta-a o agarrou despreparado. A surpresa em sua cara valeu a aparência ultrajada na do Richard. Jean Claude olhou ao Richard. O emprestou toda a atenção. Cravou os olhos no Richard, os olhos vagaram por seu corpo humano em um baile lento e íntimo. O fixo olhar acabou não na virilha ou o peito, a não ser no pescoço.

.É verdade que o sangue de um cambiaformas pode ser mais doce que o sangue humano. É uma viagem desatinada se pode dirigi-lo sem ser esmigalhado.

.Sonha como a um violador .disse.

Seu sorriso se transformou em um flash surpreso de presas.

.Não é uma má comparação.

.Foi um insulto, sabe .disse.

.Sei que foi.

.Pensei que tínhamos um acordo .disse Richard.

.Temo-lo.

.Pode te sentar ali e pode me falar como se fora comida, e ainda teríamos um acordo.

.Seria agradável tomar por muitas razões, mas temos um acordo, não me retratarei disso.

.Que acordo? .perguntei.

.Exploramos nossos poderes mútuos .disse Jean Claude.

.O que quer dizer isso exatamente? .perguntei.

.Não estamos seguros .disse Richard., não resolvemos ainda os detalhes.

.Só acordamos em não nos matar, MA petite. nos dê um pouco de tempo para planejar algo mais.

.Perfeito. Então vós dois vão.

Richard se ergueu no sofá.

.Anita, ouviu o Lillian, precisa ser despertada cada hora se por acaso acaso.

.Colocarei um alarme. me olhe, Richard, estou bem. Vístete e vete.

via-se perplexo e um pouco ferido.

.Anita.

Jean Claude não se via ferido ou intrigado. via-se presumido.

.Richard não fica a passar a noite. Contente?

.Sim.

.E você tampouco fica.

.Não o tinha pensado.

ficou de pé girando para me confrontar

.Irei logo que me tenha dado meu beijo de boa noite.

.Seu o que?

.Meu beijo.

Caminhou ao redor do sofá até estar frente a mim.

.Confessarei que te tinha visualizado tendo posto algo um pouco mais... .atirou fortemente de minha manga. luxurioso, mas a gente toma o que pode conseguir.

Tirei de um puxão a manga de seus dedos.

.Não obtiveste nada ainda.

.É verdade, mas tenho esperanças.

.Não sei por que .disse.

.O acordo entre o Richard e eu se apóia no fato de que todos nós saíamos com alguém. Você tem uma entrevista com o Richard, e também tem outra comigo. Ambos lhe fazemos a corte. Uma pequena família acolhedora.

.Pode te apressar em ir ?Quero ir à cama.

Um pequeno cenho franzido apareceu entre seus olhos.

.Anita, não o faz fácil.

.Hurra .disse.

Outra vez franziu o cenho levemente quando suspirou.

.Pensou que perderia as esperanças se o fizer fácil.

.Sim .disse., pensei-o.

.Um bom beijo de boas noite, MA... Anita. Se de verdade tiver a intenção de sair comigo, não será o último.

Olhei-o encolerizadamente. Quis lhe dizer que se fora ao inferno, mas havia algo na maneira em que ele estava ali.

.Se não te der nenhum beijo, o que acontece?

.Vou esta noite.

Tomou esse passo mais próximo a mim quase nos tocando. O tecido de seu camisa roçou o fronte de minha camisa canção.

.Mas se dá beijos ao Richard e não me permite tais privilégios, então o lembro se rompe. Se não te posso tocar e ele sim o pode fazer não é justo.

Tinha estado de acordo em sair com ele, tinha-me parecido uma boa idéia nesse momento, mas neste momento... realmente não havia

pensado atentamente em todas as implicações. Saindo em entrevistas, nos beijando, fazendo-o. Yikes!

.Não beijo até depois da primeira entrevista.

.Mas já me beijaste, Anita.

.Não voluntariamente .disse.

.me diga que você não gostou, MA petite.

Me teria gostado de mentir, mas nenhum deles me teria acreditado.

.É um bastardo irritante.

.Não tão irritante como eu gostaria de ser .disse.

.Não tem que fazer nada que não queira fazer .disse Richard.

Estava ajoelhado no sofá, suas mãos agarrando o respaldo o sofá.

Neguei com a cabeça. Não acreditava que pudesse explicá-lo em voz alta, mas se fôssemos realmente a fazer isto, Jean Claude estava no correto.

Não podia sujeitar a mão do Richard e a sua não. Embora isso me deu um incentivo real para não ir todo o caminho com o Richard. Dente por dente e todo isso.

.depois de nossa primeira entrevista posso te agradar com um beijo, não antes .disse. Ia lhe dar o mesmo trato que na universidade.

Negou com a cabeça.

.Não, Anita me disse que você gosta de Richard, não só o ama. Que podia verte acontecendo a vida com ele, mas não comigo. Possivelmente é um tipo mais amável. Não posso competir contra a amabilidade.

.Isso é certamente uma revelação .disse.

ficou com o olhar fixo em mim com seus olhos azuis. Nenhum rastro de poder, mas havia um peso em seu olhar fixo. Não era magia, mas era perigosa de todos os modos.

.Mas em uma área posso competir.

Podia sentir seu olhar fixo em meu corpo humano como se me houvesse meio doido. O peso de seu olhar me fez tremer.

.Detenlo.

.Não.

Uma palavra, uma suave carícia. Sua voz era uma de seus melhores arma.

.Um beijo, Anita, ou o podemos acabar aqui, esta noite. Não lhe perderei sem lutar.

.Enfrentaria ao Richard esta noite, somente porque não te beije.

.Não é o beijo, MA petite. É o que vi esta noite quando o encontrou na porta. Vejo-os formando um casal ante meus olhos. Devo intervir agora, ou o perderei tudo.

.Usará sua voz para apanhá-la .disse Richard.

.Prometo, nenhum truque esta noite.

Se disse que nada dos truques, é o que quis dizer. Uma vez que dava sua palavra a mantinha. O que também queria dizer que se

enfrentaria ao Richard essa noite por um beijo. Tinha deixado minhas armas no dormitório. Tinha pensado que estávamos seguros por esta noite. Estava muita malditamente cansada para fazer isso.

.Está bem .disse.

.Não tem que fazer nada que não queira fazer, Anita .disse Richard.

.Se todos formos acabar em uma cruenta desordem, que seja sobre um pouco mais importante que um beijo

.Quer fazê-lo .disse Richard.. Quer beijá-lo.

Não pareceu contente.

O que se supunha que tinha que dizer?

.O que quero neste momento é ir dormir, a sós. Quero dormir algo.

Isso ao menos era verdade. Talvez não toda a verdade, mas o suficiente para ganhar um perplexo cenho franzido do Richard e um suspiro exasperado do Jean Claude.

.Então se for um dever tão desagradável que cumprir, terminemo-lo rapidamente .disse Jean Claude.

Estávamos de pé tão perto que não teve que dar um passo completo para pressionar a linha de seu corpo humano contra o meu. Tentei levantar minhas mãos, para conservar nossos corpos humanos separados. Minhas mãos se deslizaram sobre a pele nua de seu estômago. Sacudi para trás minhas mãos em punhos. A percepção de sua pele se pegou a minhas mãos.

.O que te acontece, MA petite?

.Deixa-a em paz .disse Richard.

Estava parado ao lado do sofá, suas mãos em punhos. A energia correu ao longo de minha pele. O poder avançava lentamente como um vento movendo-se devagar. O cabelo se moveu para um lado da cara.

Olhava-nos através de uma cortina de cabelo. A cara estava em sombras. A luz brilhava ao longo de sua pele nua, pintando-a em sombras de cinzas, dourado e negro. Estava ali vendo-se repentinamente primitivo. Um som grave, como se sua coluna vertebral trocasse sobrenaturalmente na habitação.

.isso Detén, Richard.

.Está usando seus poderes em ti.

Sua voz era irreconhecível. Um som grave, um grunhido que se deslizava irreconhecível longe da voz humana. Alegrei-me pelas sombras. Contente de não poder ver o que ocorria a seu rosto.

Tinha estado tão preocupada de que Jean Claude iniciasse uma disputa e não me tinha ocorrido que Richard poderia escolher iniciá-la ele.

.Não está usando seus poderes em mim. Toquei sua pele nua. Isso tudo.

Deu um passo adiante para a luz e sua cara estava normal. O que estava ocorrendo dentro dessa suave garganta, depois desses lábios besables, para que sua voz se escutasse feroz?

.Vístete e sal.

.O que?

Seus lábios se moveram mas só saía essa voz grunhadora. Era como observar um filme mau dobrado.

.Se ao Jean Claude não lhe está permitido te atacar, então você sem dúvida alguma não tem permissão de atacá-lo. Pensei que era o único monstro com quem tinha que tratar. Se não poder te comportar civilizadamente como uma pessoa, Richard, então vete.

.O que tem que meu beijo, MA petite?

.Empurraste a ambos quase até o bordo, quase tão longe como iremos esta noite .disse.. Todo mundo fora.

A risada do Jean Claude encheu a obscurecida habitação.

.Como gosta, Anita Blake. Repentinamente não estou tão preocupado sobre ti e Monsieur Zeeman.

.antes de que comece a te felicitar, Jean Claude, revogo meu convite.

Houve um som como ao abrir uma lata de refrigerante, um som baixo, depois um grande rugido encheu o quarto. A porta se abriu completamente dando-se contra a parede. Um ar entrou rapidamente como um rio invisível atirando de nossas roupas, jogando nosso cabelo sobre nossos olhos.

.Não tem que fazer isso .disse Jean Claude

.Sim .disse., faço-o.

Era como se uma mão invisível o separasse de um empurrão através da porta, deixando de um golpe a porta fechada atrás dele.

.Sinto-o .disse Richard.

O grunhido diminuía gradualmente. Sua voz era quase normal.

.Está muito próxima a lua enche para conseguir me zangar.

.Não quero ouvi-lo .disse.. Só vete.

.Anita, sinto muito. Normalmente não perco o controle de qualquer jeito.

Ainda estando perto a lua enche.

.O que é diferente esta noite?

.Nunca estive apaixonado antes. Parece romper meu concentração.

.O ciúmes lhe fazem isso .disse.

.me diga que não tenho motivos para estar ciumento, Anita. me faça acreditar-lo.

Suspirei.

.Vete, Richard. Ainda não consegui limpar minhas armas e meu faca antes de que possa ir à cama.

Sorria e negava com a cabeça.

.Adivinho que esta noite não te tranqüilizou ver que tão humano sou.
Caminhou ao redor do sofá e se inclinou, recuperou seu suéter do chão
onde estava pulcramente dobrado.
Colocou o suéter por sua cabeça. Tirou uma cinta do bolso dos

calças jeans e se atou o cabelo em uma cauda. Podia ver os músculos
de seus braços movendo-se através do suéter. ficou rapidamente seus
sapatos, dobrando-se para atá-los.

O casaco era largo, chegava-lhe até os tornozelos, a meia luz se via
como uma capa.

.Não acredito que consiga um beijo tampouco.

.boa noite, Richard .disse.

Aspirou profundamente e o deixou expulsar lentamente.

.boa noite, Anita.

partiu. Joguei o fechamento à porta. Limpei minhas armas e fui a
a cama. depois da atuação que Richard e Jean Claude haviam
realizado, a Browning se converteu em quão único queria comigo na
cama esta noite. Bem, a arma e um pingüim cheio.

CAPITULO 32

O telefone estava soando. Parecia estar soando desde fazia muito tempo. Fiquei na cama escutando-o, me perguntando quando diabos saltaria a secretária eletrônica. Girei tratando de alcançar o telefone. Falhei.

O som vinha do outro quarto. Carajo. Tinha esquecido trazê-lo ontem à noite.

Saí engatinhando de debaixo do quente edredom e me cambaleei para a sala de estar. O telefone devia ter divulgado quinze vezes antes de que chegasse. Sentei-me sobre o chão com o auricular colocado na orelha.

.Quem é?

.Anita?

.Ronnie?

.Sonhas horrível.

.Vejo-me pior .respondi.

.O que aconteceu?

.Mais tarde, por que chama a estas horas? .Olhei o relógio de bracelete., as sete em ponto desta insólita manhã. Melhor que seja bom, Ronnie.

.OH, é bom, bem. Pensei que deveríamos apanhar ao George Smitz antes de que vá trabalhar.

.por que? .Minha cara palpitava. Tombei-me sobre o tapete me colocando o auricular na orelha. O tapete era muito suave.

.Anita? Anita, está aí?

Pisquei e me dava conta que me tinha ficado dormida. Sentei-me me apoiando contra a parede.

.Estou aqui, mas não ouvi uma palavra do que disse depois de algo sobre ir falar com o Smitz antes de que fora ao trabalho.

.Sei que não é uma pessoa madrugadora, Anita, mas nunca te há ficado dormida enquanto falamos. Quanto dormiu ontem à noite?

.Perto de uma hora.

.OH, Meu deus, sinto muito. Mas sabia que queria sabê-lo. Encontrei prova incriminatorias.

.Ronnie, por favor. De que falas?

.Tenho fotografias do George Smitz com outra mulher.

Esperou em silêncio um segundo ou dois.

.Anita, está aí?

.Estou aqui. Acredito.

Era mais duro de fazer do que tivesse desejado. Nunca me encontro em meu melhor forma pela manhã. depois de tão solo uma hora de sonho, não estava nem perto de me sentir melhor.

.por que pensa que é uma prova incriminatoria?

.Bom, na maioria dos casos um cônjuge informa da

desaparecimento de seu casal para desviar as suspeitas da polícia.

.Crie que Smitz liquidou a sua mulher?

.Que poeticamente o põe, mas sim, acredito.

.por que? Muitos homens enganam a suas mulheres, mas a maioria não as matam.

.Aqui tem o argumento decisivo. depois de fazer as fotos visitei algumas armerías da zona. Ele tinha comprado algumas bale de prata em uma, perto do açougue.

.Não foi muito inteligente .disse.

.A maioria dos assassinos não o são.

Assenti com a cabeça, me dí conta que não o podia ver e não me importou.

.De acordo, a idéia geral é que o senhor Smitz não é o viúvo triste que nos fez acreditar. O que quer fazer com isso?

.Enfrentá-lo em sua casa.

.por que não ir à polícia?

.O dependente da loja não me assegurou que fora George.

Fechei os olhos.

.Incrível, realmente incrível.

.Crie que confessará?

. Poderia. compartilhou a cama com ela durante quinze abris. Era a mãe de seus filhos. É possível que se sinta muito culpado. .Não discorro muito bem depois de dormir sozinho uma hora.. Policiais, deveríamos ter policiais nos respaldando, ao menos.

.Anita, é meu cliente. Não entrego a meus clientes à polícia a menos que tenha algo concreto. Se confessar, trarei-os. Se não confessar, entregarei o que tenho. Mas tenho que tentá-lo primeiro a minha maneira.

.Muito bem, chama-lhe e lhe diz que vamos, ou me necessita para te acompanhar?

.Farei-o. Solo pensei que você gostaria de estar ali.

.Bravo, me diga quando.

.Ainda não chegou ao trabalho. Chamarei-lhe e irei recolher te.

Quis lhe dizer: «Não, tenho que voltar a dormir», mas e se a houvesse matado? E se tivesse matado a outros? George não me tinha parecido o suficientemente perigoso para ter seqüestrado aos cambiaformas, mas tinha acreditado que realmente estava desolado, verdadeiramente preocupado por sua esposa. Que diabos sabia eu?

.Estarei lista .disse.

Pendurei o telefone sem me despedir. Me fazia tão malote como Dolph.

Desculpava-me quando chegasse Ronnie.

O telefone soou antes de que pudesse me levantar.

.O que acontece, Ronnie?

.Anita, sou Richard.

.Sinto muito, Richard, o que acontece?

.Sonhas horrível.

.Você soa maravilhoso. Não dormiu mais que eu. por que sonhas melhor? Por favor, me diga que não é uma pessoa madrugadora. riu.

.Sinto muito, culpado.

Que fora peludo o podia perdoar, mas que fora uma pessoa madrugadora, tinha que pensar nisso.

.Richard, não leve a mal, mas o que quer?

.Jason desapareceu.

.Quem é Jason?

.O jovem loiro que te seguiu quando foi ao Café Lunático.

.Ah, recordo-o. Desapareceu?

.Sim. Jason é um dos membros novos da manada do norte.

Esta noite há lua enche. Não se arriscaria a sair fora sozinho. Seu padrinho foi a sua casa e não estava.

.Um padrinho como em Alcoólicos Anônimos?

.Um pouco parecido.

.Algum signo de luta?

.Não.

Levantei-me arrastando o telefone em uma mão. Tentei pensar, atravessando o pesado cansaço. Como se atrevia Richard a estar tão alegre?

.O marido do Peggy Smitz. Ronnie o apanhou com outra mulher. Um dependente lhe pôde ter vendido balas de prata.

Houve silencio no outro extremo do telefone. Podia ouvir a suave respiração, mas isso era tudo. A respiração aumentou.

.Fala comigo, Richard.

.Se matou ao Peggy, então nos ocuparemos.

.Te ocorreu pensar que também poderia estar comprometido em os demais desaparecimentos? .perguntei.

.Não vejo como.

.por que não? Uma bala de prata eliminará a qualquer cambiaformas. Sem implicar nenhuma grande habilidade. Só precisa ser alguém no que o cambiaformas confie.

Mais silencio.

.Está bem, o que quer fazer?

.Ronnie e eu vamos enfrentar o esta manhã. Com o Jason desaparecido não temos tempo para ser suaves. Pode-me enviar a um cambiaformas ou dois para me ajudar a ameaçar ao Smitz? Talvez com um pouco de músculo podemos obrigá-lo a dizer a verdade.

.Tenho classes na escola hoje e não posso me permitir que saibam o que sou.

.Não te perguntei para que viesse. Simplesmente se algum de vós pode vir. Mas te assegure que se vejam intimidadores. Irving pode ser um homem lobo, mas não é muito horripilante.

.Enviarei a alguém. A sua casa?

.Sim.

.Quando?

.logo que possa. E, Richard.

.Sim.

.Não diga a ninguém que suspeitamos do George Smitz. Não quero encontrá-lo destroçado por arranhões quando chegemos.

.Não faria isso.

.Você não o faria, mas Marcus poderia e sei que Raina o faria.

.Direi-lhes que tem a um suspeito e que quer um respaldo. Não direi-lhes quem é.

.Muito obrigado.

.Se encontrar ao Jason antes de que mora, deverei-te uma.

.Tomarei o pagamento em favores carnis .disse.

Ao segundo de dizê-lo desejei não havê-lo feito. Era quase verdade, mas depois de ontem à noite, não estava segura riu.

.Feito. Tenho que ir trabalhar. Quero-te.

Vacilei um segundo solo.

.Eu também te quero. Insígnia bem aos meninos hoje.

Guardou silêncio por um par de batimentos do coração. Tinha ouvido a vacilação.

.Farei-o. Adeus.

.Adeus.

depois de ter pendurado o telefone, fiquei ali de pé durante um minuto. Se alguém simplesmente se aproximava e disparava aos cambiaformas, então Jason estava morto. o melhor que podia fazer era localizar o corpo humano. Era melhor que nada, mas não muito.

CAPITULO 33

Detivemo-nos no caminho diante da casa do George Smitz um pouco depois das nove da manhã. Conduzia Ronnie. Eu ia armada com uma escopeta. Gabriel e Raina estavam no assento traseiro. Se tivessem-me perguntado, teria escolhido a outras pessoas como respaldo. Tampouco teria escolhido a anterior amante de meu noivo como respaldo. Em que raios tinha estado pensando Richard? Ou talvez Raina não lhe havia dado a oportunidade de escolher. Vinha conosco, não por sexo. Ainda não estava segura como me sentir por isso. Bom, sabia como me sentia. Estava zangada. Mas também tinha dormido com alguém mais. Casas de cristal e todo isso. Em todo caso, Richard me tinha dado exatamente o que lhe tinha pedido: Cambiaformas horripilantes e intimidadores. Não estava acostumada a receber exatamente o que pedia. A próxima vez, seria mais específica.

Gabriel estava de novo vestido de couro negro. Quase podia haver sido o mesmo traje com o que lhe tinha visto a primeira vez, até a luva metálico na mão direita. Talvez tinha todo o armário cheio de couro. Os pendentes tinham desaparecido. Os buracos até na cartilagem mais duro da orelha se curaram.

Raina estava vestida quase de forma normal. Quase. Tinha posto um casaco de pele de raposa até os tornozelos. O canibalismo é uma coisa, mas ter posto a pele de um morto? Pareceu-me muita sangue-frio até para a cadela psicopata do inferno. Bom, era uma loba não uma zorra, mas caray, não levo peles por questões morais. Ela presumia de ele. recostou-se sobre o assento.

.O que estamos fazendo diante da casa do Peggy?

Era o momento de descobrir o bolo. por que não queria fazê-lo?

Soltei o cinto de segurança e comecei a me girar. Olhava-me com uma cara bastante agradável. Sobre a estrutura óssea de licântropo tinha os maçãs do rosto altos e uma boca deliciosa. Talvez planejava fazer algo nefasto hoje.

Gabriel se tinha envolto no assento traseiro. A mão enluvada arrastava-se sobre o braço do Ronnie. Até através do casaco de couro de ante, ela tremeu.

.me toque outra vez e se comerá a mão.

Se escabulló tão longe dele como o volante lhe permitia, o que não era muito. Gabriel a havia meio doido várias vezes enquanto conduzia até aqui, incomodando-a, nada abafadiço, mas desagradável.

.As mãos são muito ossudas. Prefiro um corte mais sensível.

Melhor o peito ou a coxa .respondeu Gabriel.

Os olhos cinzas eram surpreendentes ainda à luz do sol. Talvez mais.

Tinham uma claridade de luz que o cinza era quase luminoso. Já tinha visto olhos assim, mas não podia recordar onde.

.Gabriel, sei que é uma dor no culo. Sei que desfruta fazendo brincadeiras infernais ao Ronnie, mas se não parar, simplesmente vamos a comprovar que tão bons som seus poderes curativos. deslizou-se através do assento, aproximando-se. Não era precisamente uma melhora.

.Sou teu no momento que queira.

.Realmente a idéia de morrer é sua idéia de sexo?

.Com tal de que aduela .respondeu Gabriel.

Ronnie nos olhou surpreendida.

.Dirá-me o que aconteceu essa tarde.

.Em realidade, não quer sabê-lo .disse.

.por que estamos aqui? .perguntou de novo Raina.

Não ia distrair se pelo Sr. Leather. Bem por ela. Mal por mim. Seu olhar fixo foi veemente, como se minha cara fora a coisa mais importante do mundo. Foi isso o que Marcus viu nela? A grande maioria de homens se sentem adulados pela atenção sem reservas. Embora, não somos todos assim?

.Ronnie?

Ela tirou as fotos da bolsa. Eram do tipo de fotografias que não necessitavam explicação. George tinha deixado as cortinas corridas, muito descuidado.

Gabriel se girou de volta ao assento, folheando as fotos com uma grande sorriso na cara. deteve-se em uma fotografia em particular e riu.

.Muito impressionante.

A reação da Raina foi muito diferente. Não se divertia. Estava zangada.

.Fez-nos vir até aqui para castigá-lo por enganar ao Peggy?

.Não exatamente .respondi.. Acreditam que é responsável por seu desaparecimento. E se for responsável pelo desaparecimento, poderia ser responsável por mais.

Raina me olhou. A concentração era tal que tive que lutar contra o desejo de me retorcer. Sua fúria era pura e simples. George fazia mal a um membro da manada. Pagaria por isso. Não havia incerteza em esse olhar fixo, só uma fúria foto instantânea.

.Deixa que Ronnie e eu falemos. Vós estão aqui para intimidá-lo se for necessário.

.Se houver alguma possibilidade de que tenha ao Jason, não temos tempo para ser sutis .respondeu Raina.

Estava de acordo com ela, mas não o diria em voz alta.

.Nós falamos, vós permanecem à margem e intimidam com sua presença. A menos que perguntemos. De acordo?

.Estou aqui porque Richard me perguntou .disse Raina.. É um varão alfa. Obedeço suas ordens.

.Em certa forma, não imagino obedecendo as ordens de outro .disse.

Mostrou um sorriso torcido.

.Obedeço as ordens que quero obedecer.

Acreditei-. Sacudi com força um polegar para o Gabriel.

.Quem mandou lhe chamar?

.Escolhi-lhe eu. Gabriel é muito bom intimidando.

Parecia grande, vestia de couro, uma luva de metal com pregos e dentes afiados. Bravo. Sim, diria que isso intimidava.

.me dê sua palavra de que te manterá à margem a menos que lhe necessitemos.

.Richard disse que devíamos te obedecer como se fosse ele .disse Raina.

.Bem. Como só obedece ao Richard quando isto te satisfaz, o que quer dizer?

Raina riu. Um som difícil, frágil. O tipo de risada que te faz pensar em cientistas loucos e estar encerrado muito tempo em solitário.

.Deixarei-te dirigir isto, Anita Blake, enquanto faça um bom trabalho. Jason é membro da manada. Não deixarei que seus remilgos o ponham em perigo.

Isto cada vez eu gostava menos.

.Não sou afetada.

Sorriu.

.Certo. Perdão.

.Você não é um lobo .disse., que vontades com isto?

Gabriel sorriu mostrando uns dentes bicudos. Ainda folheava as fotografias.

.Marcus e Richard me deverão um favor. A maldita manada ao completo me deverá um.

Inclinei a cabeça. Era um motivo que acreditei.

.Devolvam as fotos ao Ronnie. Nenhum comentário gracioso, simplesmente façam.

Fez panelas sobressacando o lábio inferior. Teria sortido melhor efeito sem as presas. Mas devolveu as fotos ao Ronnie. A ponta do dedo roçou sua mão atrasando-se um pouco, mas não disse nada. Deveria ter perguntado. Eram todos os cambiaformas tão malditamente literais?

Esses estranhos olhos se cravaram em mim. Repentinamente recordei onde tinha-os visto antes. detrás de uma máscara em um filme que preferi não ter visto. Gabriel era o outro homem do filme porno. Não havia

dormido o suficiente para dissimular o estremecimento. Senti que minha cara decompunha-se e não o podia evitar.

Gabriel girou a cabeça para um lado, como um cão.

.por que me olha assim, como se me tivesse saído uma segunda cabeça?

O que podia dizer?

.Seus olhos. Acabo de recordar onde os vi.

.Sim.

moveu-se mais perto, colocando o queixo no respaldo do assento, me deixando olhar bem esses olhos luminosos.

.Onde?

.O zoológico. É um leopardo.

Mentirosa, mentirosa, me sobressaltando, mas não podia pensar nada melhor, não tão rápido.

Piscou, cravando os olhos em mim.

.Miau, mas isso não é o que pensava. .Soou muito seguro de si mesmo.

.Embora pareça mentira, importa-me um cominho. É a melhor resposta que obterá.

ficou ali, o queixo pressionando a tapeçaria. Não podia ver os ombros, a cabeça se via imaterial, como em uma lança. Exato, se Edward averiguasse quem era. E Edward o averiguaria. O diria com muito prazer, se isso detivesse que se fizessem mais filmes como essa. Certamente, não estava segura que as detivera. Eram obra da Raina. Supostamente, não sabia do final alternativo. Sim, claro, e fiz multiuso com o Coelhoinho de Páscoa.

Ronnie cravava os olhos em mim. Conhecia-me muito bem. Não o tinha contado a respeito do filme que vi. Agora lhe tinha apresentado a duas das estrelas. Mierda. Saímos do carro à luz do brilhante sol moderadamente fria de inverno. Aproximamo-nos do caminho com um cambiaformas nos seguindo a nossas costas, a quem lhe tinha visto assassinar a uma mulher em tela e comer o corpo humano ainda morno. Que Deus ajudasse ao George Smitz se era culpado. Que Deus ajudasse a todos se não era ele. Jason estava desaparecido. Richard me havia dito que era um dos membros mais novos da manada. Se George Smitz não o tinha, quem então?

CAPITULO 34

Raina me sujeitou a mão antes de que pudesse tocar o timbre da porta. Seu agarre tinha sido muito rápido. Não tinha tido tempo em absoluto para reagir. As unhas eram largas e perfeitas, pintadas com esmalte de cor cabaça. As unhas alaranjadas pressionaram minha boneca o suficiente para me afundar a pele. Deixou-me sentir a força dessa delicada mão. Não me fez mal, mas o sorriso de sua cara dizia que poderia. Olhei-a. Era forte, mas não vampiro. Apostava que poderia chegar a uma de minhas armas antes de que conseguisse terminar de esmagar minha boneca. Não a esmagou. Solto-me.

.Possivelmente Gabriel e eu deveríamos procurar uma entrada posterior.

Disse que nos queria à margem.

Estava sorrindo e me olhando, tão razoável. As marcas das unhas em minha pele ainda não se apagaram.

.nos olhe, Sra. Blake. Embora não digamos nada, ele não nos poderá ignorar.

Tinha um bom ponto.

.Como entrarão pela porta traseira se estiver fechada?

Raina jogou um olhar digno do Edward, como se lhe houvesse feito uma pergunta muito estúpida. «Era a única que não sabia como abrir uma fechadura com gazua?»

.Muito bem, façam.

Raina sorriu e se afastou pela neve. O cabelo castanho avermelhado brilhava em contraste com o casaco de pele de raposa. As botas de salto alto e cor café deixavam pequenos rastros sobre a neve. Gabriel foi detrás dela. As cadeias da caçadora de couro tilintavam enquanto caminhava. As botas de vaqueiro com aplicações de metal se afundavam sobre os rastros mais delicadas da Raina com forte determinação.

.Ninguém vai confundir os por vendedores a domicílio .comentou Ronnie.

Percorri com o olhar nossas calças jeans, meus Nikes, seus expulsa para a neve, minha caçadora de couro e seu comprido casaco de couro.

.A nenhum de nós .respondi.

.Bom ponto.

Toquei o timbre.

Ficamos de pé no pequeno alpendre dianteiro escutando o destilação do beiral, tínhamos um daqueles estranhos invernos, os degelos pelos que Missouri é famoso. A neve era suave e se derretia como uma figura de neve à luz do sol. Mas não duraria. Conseguir muita neve em dezembro era incomum por aqui. Pelo general, não teríamos neve autêntica até janeiro ou fevereiro.

O Sr. Smitz demorava muito em chegar à porta. Finalmente ouvi movimento dentro. Algo o suficientemente pesado para ser uma pessoa movendo-se para a porta. George Smitz a abriu com um avental manchado de sangue sobre seu jeans e uma camiseta azul clara.

Havia uma mancha de sangue em um ombro, como se houvesse levantado meia cabeça de gado e se sangrou sobre ele. Limpou as mãos no avental, apertando as Palmas e as esfregando ao longo do tecido, como se não pudesse as limpar de tudo. Talvez, simplesmente não estava acostumado a estar talher de sangue. Ou talvez sua Palmas suavam.

Sorri e lhe ofereci a mão. Tomou. A palma estava suarenta.

Nervoso. Perfeito.

.Como está, Sr. Smitz?

Estreitou a mão ao Ronnie e nos deixou entrar. Estávamos de pé em uma entrada pequena. Havia um armário a um lado e um espelho na parede de em frente com uma mesita. Um floreiro cheio de flores de seda amarelas sobre a mesa. As paredes eram de um amarelo pálido e para jogo com as flores.

.Posso agarrar seus casacos?

Se era um assassino, era o mais cortês que tinha encontrado alguma vez.

.Não, obrigado, ficaremos com eles.

.Peggy sempre se incomodava comigo se não pedia os casacos às visitas. «George, não foi criado em um celeiro, lhes pergunte se puder pendurar seus casacos».

A imitação soou exata.

Passamos à sala de estar. Estava empapelada em amarelo pálido com diminutas flores marrons. O sofá, a chaise longue, a poltrona reclinável, todos eram de um pálido amarelo, quase branco. Havia mais flores de seda em a mesa de madeira pálida. Amarelas.

Os quadros na parede, os adornitos nas prateleiras, inclusive a atapeta debaixo dos pés eram amarelos. Era como estar dentro de uma pastilha de limão.

O que se mostrou em minha cara. Isso, ou George já estava acostumado a isso.

.O amarelo era a cor favorita do Peggy.

.Era?

.Quero dizer é. OH, Meu deus.

desabou-se no pálido sofá limão com a cara escondida entre as mãos grandes. Era o único no quarto que não para jogo com os cordões das cortinas amarelas.

.Isso soou tão horrível, estou perplexo.

Observou-nos. As lágrimas brilhavam em seus olhos. Era digno de um prêmio da academia.

.A senhora Sims me disse que tinha notícias sobre o Peggy. Há-a encontrado? Está bem?

Os olhos eram tão sinceros que doía olhá-lo diretamente. Ainda não podia assegurar que mentia. Se não lhe tivesse visto nas fotos com outra mulher, não o teria acreditado. É obvio, o adultério não era assassinato.

Poderia ser culpado de um e não do outro. Seguro.

Ronnie se sentou no sofá, tão longe dele como podia ficar, mas ainda o suficientemente perto para parecer sociável. O mais perto que queria estar do filho de puta. Se alguma vez conseguia me casar e meu marido enganava-me, não seria eu quem terminaria mau.

.Por favor sinta-se, Sra. Blake. Sinto não ser um bom anfitrião.

Apoiei-me no bordo da poltrona reclinável amarelo.

.Pensava que trabalhava na construção, Sr. Smitz. O que faz com o avental?

.O pai do Peggy não pode dirigir a loja sozinho. Ofereceu-me isso faz uns anos, devia deixar de trabalhar na construção. Mas já sabe, é minha família. Não posso lhe abandonar neste momento. Peggy fazia a maior parte do trabalho. Seu pai tem quase noventa e dois anos. Não pode fazer todo isso sozinho.

.Herdará o açougue? .perguntei.

Automaticamente nos tínhamos convertido no poli bom e poli mau. Adivinha qual era eu.

Piscou.

.Pois bem, sim. Suponho que assim é.

Esta vez não perguntou se ela estava bem. Só me olhou com esses olhos íntimos.

.Ama a sua esposa?

.Sim, claro está. Que classe de pergunta é essa? .Agora parecia menos triste e mais zangado.

.Ronnie .disse brandamente.

Ela tirou as fotos da bolsa e as deu. A primeira fotografia o mostrou abraçando a uma mulher de cabelo escuro. Peggy Smitz tinha sido loira.

A cor subiu lentamente até sua cara. Nem vermelho, nem arroxeadado. Deixou de um golpe as fotografias na mesita de café sem olhar o resto. Se deslizaram através da mesa, imagens dele e a mulher em diversos momentos despindo-se. Beijando-se, toqueteándose, quase fazendo o de pé.

Sua cara trocou do vermelho à arroxeadado. Os olhos se incharam. ficou de pie com a respiração agitada, boqueando freneticamente.

.Que diabos é isto?

.Acredito que as fotografias são óbvias .disse.

.Contratei-a para encontrar a minha esposa, não para me espiar. .Se

voltou contra Ronnie, elevando-se sobre ela. As grandes mãos fechadas em punhos os fazia parecer maiores ainda. Os músculos dos braços incharam-se, as veias se sobressaíram como se fossem vermes. Ronnie ficou de pé, usando a seu seu favor 1,72 cm. Estava tranqüila. Se estava preocupada com enfrentar-se a um homem que pesava 50 quilogramas mais que ela, não se notava.

.Onde está Peggy, George?

Percorreu-me com o olhar, depois retorno ao Ronnie. Levantou uma mão como se fora a golpeá-la.

.Onde escondeu o corpo?

Girou rapidamente para mim. Só fiquei sentada ali olhando-o.

Tinha que rodear a mesita para me alcançar. Estava segura de poder me manter fora de seu alcance. Ou se tinha uma arma. A opção era lançá-lo pela janela. Isto último soava cada vez melhor.

.Saíam de minha casa.

Ronnie tinha dado um passo atrás fora de seu alcance. Ele estava ali como uma montanha de cor púrpura, balançando-se entre nós.

.Saíam de minha casa.

.Não posso fazer isso, George. Sabemos que a matou.

Talvez foi uma frase muito forte, mas «Quase estamos seguros de que você a matou» não têm peso legal.

.A menos que em realidade pense começar a te balançar, me sentaria, Georgie.

.Sim, é obvio sintá-se, George.

Não olhei detrás de mim para ver onde estava Raina. Realmente não acreditava que George me fizesse mal, mas é melhor ser cauteloso. Apartar a vista de um tipo que pesava mais de 90 quilogramas parecia uma má idéia. Cravou os olhos na Raina. via-se confundido.

.Que diabos é isto? . disse Ronnie.

.OH, Meu deus.

ficou com o olhar fixo detrás de mim com a boca aberta.

Algo estava ocorrendo a minhas costas, mas o que? Estava de pé, os olhos centrados exclusivamente no George, mas ele já não me olhava. Me afastei dele simplesmente para estar a salvo. Quando estive a bastante distancia para estar segura, pude olhar a porta.

Raina tinha posto uma regata de seda marrom, expulsa altas de salto e nada mais. O casaco de pele estava aberto e perfilava seu corpo esplendidamente.

.Acreditava que foste ficar te à margem, a menos que te pedisse ajuda.

Deixou cair a pele em um atoleiro enrolado no chão. Caminhou com passo majestoso pelo quarto, rebolando llamativamente.

Ronnie e eu intercambiamos olhadas. Ela pronunciou as palavras:

.Que segue agora?

Encolhi-me de ombros. Não tinha a mais remota idéia.

Raina se inclinou sobre as flores de seda da mesita de café, dando a George Smitz uma vista larga e completa de seu traseiro magro.

A cor se reduzia drasticamente de sua cara. Lentamente as mãos afrouxaram-se. via-se confundido. Bem-vindo ao clube.

Raina lhe sorriu. ficou de pé muito lentamente, dando ao George uma boa vista dos peitos altos e turgentes. Os olhos foram atraídos pelo atrevido decote. Ela se levantou, dirigindo suas mãos ao desço da regata, parando a um passo da virilha. George parecia ter problemas para tragar.

Raina se aproximou dele até que esteve à distância de um dedo. O olhou e sussurrou com os lábios cheios, sensuais.

. Onde está Jason?

Franziu o cenho.

.Quem é Jason?

Ela acariciou sua bochecha com as unhas pintadas, que se deslizaram por sua pele largas e mais largas, até que foram grandes garras enganchadas.

As pontas ainda eram de cor negra alaranjada. Enganchou essas garras sob seu queixo, aplicando só a pressão adequada, sem romper a pele.

.A mais pequena pressão e estará lhe uivando à lua uma vez ao mês.

Era mentira, ainda se encontrava em forma humana. Não era contagiosa. Toda a cor se foi de sua cara. A pele tinha a cor do periódico sem branquear.

.Onde está o corpo humano de sua esposa, Sr. Smitz? .
perguntei.

Foi uma boa ameaça que valia mais que uma pergunta.

.Não sei... não sei o que quer dizer.

.Não me minta, George, eu não gosto.

Levantou a outra emano diante de sua cara e as garras se deslizaram fora como se fossem facas desencapadas.

Ele choramingou.

.Onde está Peggy, George? .sussurrou.

A voz ainda era sedutora. Podia ter sussurrado, «Amo-te», em lugar de uma ameaça.

Manteve as garras enquanto ele mugia e baixou a outra mão lentamente. Seus olhos seguiram essa mão. Tentou baixar a cabeça, mas as garras o detiveram. ficou sem fôlego.

Raina partiu o avental ensangüentado. Duas fatiadas rápidas. As roupas de debaixo estavam ilesas. A prática.

.Eu... matei-a. Matei ao Peggy. OH, Meu deus. Disparei-lhe.

.Onde está o corpo humano? .perguntei-lhe.

A Raina parecia lhe gostar do jogo mais do devido para pôr atenção a todos os detalhes.

.No abrigo de atrás. Tem o chão sujo.

.Onde está Jason?. perguntou Raina.

Tocou com as garras as calças jeans, sobre a virilha.

.OH, Meu deus, não sei quem é Jason. Por favor, não sei. Não sei. .

Sua voz soava entrecortada.

Gabriel entrou no quarto. Tinha perdido a caçadora em alguma parte e levava posta uma camisa canção negra apertada dentro dos calças de couro, e as botas.

.Não tem guelra para ter pego ao Jason, ou a outros.

.É verdade, George? Não tem guelra? .Raina pressionou os peitos contra seu peito, com as garras ainda em sua mandíbula e em sua virilha. As garras inferiores pressionavam o tecido de dril, sem rasgá-la completamente.

.Por favor, por favor, não me faça mal.

Raina aproximou sua cara. Forçou-o a estar de pé sobre as pontas dos dedos ou, arranhá-la queixo.

.É patético. .Separou-se de um empurrão as garras de seus calças jeans, despedaçando o tecido.

George se deprimiu. Raina teve que separar bruscamente as mãos para evitar cortá-lo em pedaços. Deixou um círculo perfeito nas calças jeans. As cueca curtas brancas se viam através do oco dos calças.

Gabriel se ajoelhou junto ao corpo humano, balançando-se sobre os pés.

.Este humano não agarrou ao Jason.

.Que pena .disse Raina.

Era uma lástima. Alguém tinha tomado a oito, não, a sete cambiaformas. O oitavo tinha sido Peggy Smitz. Tínhamos a seu assassino sobre o tapete com a braguilha arranco a zarpazos. Quem os havia pego e por que? por que queria alguém a sete licântropos? Algo fez clique. O naga tinha sido esfolado vivo. Se tivesse sido um licântropo em lugar de um naga, uma bruxa podia ter usado a pele para converter-se em uma serpente. Era uma forma de converter-se em um cambiaformas com todas as vantagens e nenhum inconveniente. A lua não a controlaria.

.Anita, o que acontece? .perguntou Ronnie.

.Tenho que ir ao hospital e falar com alguém.

.por que? .Um olhar foi suficiente para que Ronnie entendesse meu ponto de vista.. Bem, chamarei à polícia. Mas conduzo eu.

.Maldição.

Olhei para a rua e vi um carro que passava. Era uma Mazda verde. Conhecia esse carro.

.Posso conseguir que alguém me leve.

Abri a porta e caminhei pela calçada fazendo gestos com as mãos.

O carro desacelerou e logo estacionou em dobro fila, ao lado do carro de Ronnie.

A janela zumbiu deslizando-se para baixo ao pressionar o botão.

Edward estava dentro dele, com um par de óculos escuros lhe cobrindo seus olhos.

.estive seguindo a Raina durante dias. Como me descobriu?

.Estúpida sorte.

Sorriu abertamente.

.Não tão estúpida.

.Necessito uma viagem.

.O que acontece Raina e seu pequeno amigo de couro?

Me ocorreu lhe dizer que Gabriel era o outro cambiaformas da filme, mas se fizesse isso agora, entraria e o mataria. Ou pelo menos, não queria me levar a hospital. Ordena suas prioridades.

.Podemo-lhes levar a casa ou podem agarrar um táxi.

.Táxi .respondeu.

. Também o prefiro.

Edward conduziu ao redor da maçã para me esperar. A Raina e Gabriel lhes convenci para chamar um táxi e que os recolhesse diante de outra casa. Não queriam falar com a polícia. Habrase visto. George Smitz recuperou o conhecimento e Raina o convenceu para que confessasse à polícia quando chegasse. Desculpei-me ante o Ronnie por abandoná-la e fui andando pela rua para me encontrar com o Edward. Dirigíamo-nos ao hospital para falar com o naga. Esperava que tivesse recuperado o conhecimento.

CAPITULO 35

Havia um oficial fora da habitação do naga. Edward ficou em o carro. depois de tudo, estava sendo procurado pela polícia. Uma das desvantagens de trabalhar com o Edward e a polícia era que, necessariamente, a gente não pode trabalhar com ambos ao mesmo tempo.

O policial da porta era uma mulher pequena com uma rabo-de-cavalo loira. Havia uma cadeira ao lado da porta, mas estava de pé com uma emano no extremo da arma. Seus olhos pálidos se entrecerraron suspicazmente sobre mim.

Fez uma inclinação brusca com a cabeça.

.É você Anita Blake?

.Sim.

.Posso ver sua identificação? .perguntou de forma direta, nada de tolices. Tinha que ser uma novata. Só um novato teria essa atitude tão dura. Os veteranos me teriam pedido a identificação, mas não teriam tentado fazê-lo tão agressivo.

Mostrei-lhe meu distintivo de identificação plastificado. O mesmo que coloquei em minha camisa quando tive que cruzar a linha policial. Não era o distintivo de um policial, mas era o melhor que tinha.

Colheu-o com a mão e o olhou durante muito tempo. Opu-me ao desejo de lhe perguntar se ia ser examinada depois. Nunca ajuda incomodar muito à polícia. Especialmente sobre trivialidades.

Finalmente me devolveu o distintivo. Seus olhos eram azuis e frios como um céu invernal. Muito dura. Provavelmente, via essa imagem no espelho cada manhã.

.Ninguém pode interrogar ao homem se um policial não estiver presente. Quando pediu permissão para falar com ele, contatei com o sargento Storr. Está de caminho.

.Quanto tempo terei que esperar?

.Não sei.

.Tempo desperdiçado, qualquer atraso poderia lhe custar a vida a um homem.

Agora tinha toda sua atenção.

.O sargento Storr não mencionou a nenhuma pessoa desaparecida.

Mierda. Tinha-me esquecido de que os policiais não estavam a par de os cambiaformas desaparecidos.

.Não tenho que supor que ganhar tempo seja o primitivo. O que há sobre as vidas implicadas?

Seus olhos trocaram de aborrecidos a interessados. Estava impressionada.

.O sargento Storr foi muito específico. Quer estar presente quando

interrogue ao homem.

.Assegura-me que falou com o sargento Storr e não com o detetive Zerbrowski?

Se foi com o Zerbrowski, jogaria-o tudo a perder só por me incomodar.

.Sei com quem falei, Sra. Blake.

.Não tinha a intenção de assumir que não o fez, oficial. Só quis indicar que Zerbrowski pôde haver-se feito uma confusão sobre quanto acesso se permite-me com o.. ah, testemunha.

.Falei com o sargento e sei o que me disse. Você não entra até que ele chegue. Essas são minhas ordens.

Comecei a dizer algo desagradável e me detive. A oficial Kirlin fazia o correto. Tinha suas ordens e não ia trocar as.

Percorri com o olhar a placa com seu nome.

.Muito Bem, oficial Kirlin. Sentarei-me na sala de espera, à volta da esquina. Troquei de direção e me parti dando meia volta antes de que dissesse algo não tão agradável. Quis entrar pela força à habitação, mas não tinha nenhuma autoridade. Esta era uma daquelas vezes que me recordavam energeticamente que era uma civil. Eu não gostava recordá-lo.

Sentei-me sobre um sofá multicolorido colocado em uma zona com novelo reais. A altura das novelo criava a ilusão de paredes, dividindo a sala de espera em três pseudo habitações. Ilusão de privacidade se por acaso o necessitava. Um televisor estava montado no alto de uma parede. Ninguém se tinha incomodado ainda em acendê-lo. Havia quietude no hospital. O único ruído era o da calefação através das paredes.

Odiava esperar. Jason estava desaparecido. «Estava morto? Se estivesse vivo, durante quanto tempo o estaria? Quanto tempo me faria esperar Dolph?».

Dolph chegou dobrando a esquina. Bendito fosse, não me tinha feito esperar por muito tempo.

Pu-me de pé.

.A oficial Kirlin comenta que lhe mencionou que havia uma pessoa desaparecida. Oculta-me informação?

.Sim, mas não de propósito. Tenho a um cliente que não irá à polícia. Hei tentado persuadi-lo... .encolhi-me de ombros. Só porque eu esteja em o correto e eles equivocados, não quer dizer que possa contar seus secretos sem precisá-lo primeiro com eles.

.Não existem privilégios reanimador/cliente, Anita. Se te pedir informação está legalmente obrigada a me dar isso visto bueno. De todas formas, puedo decirte por qué son estúpidos, pero

Não tinha dormido o suficiente para tratar com isto.

.Ou o que?

Franziu o cenho.

.Ou vai ao cárcere por obstrução à Justiça.

.Muito bem, vamos .respon-di.

.Não me pressione, Anita.

.De acordo Dolph, direi-te tudo o que sei em quando me dêem o visto bom. De todas formas, posso te dizer por que são estúpidos, mas não te contarei uma mierda só porque me intimide.

Respirou fundo por seu nariz e o expulsou devagar.

.Muito bem, vamos esquecer esta conversa-ção e vamos com nossa testemunha.

Apreciei que se referisse ao naga sendo ainda nossa testemunha.

.Muito bem, vamos.

Dolph me fez gestos para que saísse da sala de espera. Fomos andando juntos pelo vestibulo, em silêncio. Mas o silêncio era amistoso. Não havia necessidade de enchê-lo com bate-papos ociosos ou acusações. Um doutor com bata, com um estetoscópio colocado sobre os ombros como uma serpente, abriu a porta. A oficial Kirlin estava ainda de pé, sempre vigilante. Mostrou-me seu melhor olhar duro como o aço. Devia de havê-la ensaiado. Mas quando é loira, pequena, mulher e polícia, tem ao menos que tentar verte dura.

.Pode falar por um breve período de tempo, é um milagre que esteja vivo e mais ainda que possa falar. Vigiarei o interrogatório. Se se molesta, deterei a entrevista.

Estou de acordo, Dr. Wilburn. É vítima e testemunha, não suspeito.

Não queremos lhe danificar de nenhuma forma.

O doutor não ficou plenamente convencido, mas retrocedeu e manteve a porta aberta para nós.

Dolph surgiu ameaçadoramente por cima de mim. Era como uma força inamovível a minhas costas. Podia ver por que o doutor pensava que conseguiríamos acovardar à testemunha. Dolph não se veria inofensivo nem que tentará-o, assim nem o tentou.

O naga estava na cama rodeado de tubos e cabos. Sua pele crescia. Podia vê-la estendendo-se de forma selvagem, como remenda dolorosos, mas crescia. Ainda dava o aspecto de ter sido cozido vivo, mas era uma melhoria.

Girou seus olhos para nos olhar. Moveu a cabeça muito lentamente para nos ver melhor.

.Sr. Javad, recorda ao sargento Storr? veio com uma pessoa para falar com você.

.A mulher... .sussurrou. Sua voz soou débil e dolorosa. Tragou cuidadosamente e fez outro intento.

.A mulher do rio.

Caminhei para diante.

.Sim, estava no rio.

.Ajudou-me.

.Tentei-o.

Dolph deu um passo adiante.

.Sr. Javad, pode nos dizer quem lhe fez isto?

.Bruxas .respondeu.

.Há dito bruxas? .perguntou Dolph.

.Sim.

Dolph me olhou. Não teve que me perguntar. Este era minha área.

.Javad, conhecia as bruxas? Seus nomes?

Tragou de novo e soou seco.

.Não.

.Onde lhe fizeram isto?

Fechou os olhos.

.Sabe onde estava quando... esfolaram-lhe?

.Drogaram-me.

.Quem lhe drogou?

.A mulher... os olhos.

.O que acontece seus olhos?

.O oceano.

Tive que me inclinar sobre ele para ouvir quão último havia dito. Seu voz se desvanecia. Abriu os olhos de repente, de forma ampla.

.Os olhos, o oceano.

Deixou sair um som gutural baixo, como se se tragasse seus gritos.

O doutor se aproximou. Comprovou seus órgãos vitais, tocando a carne arruinada o mais amavelmente que podia, embora o toque lhe fez contorsionarse de dor.

O doutor pressionou um botão ao lado da cama.

.É a hora da medicação do Sr. Javad. Traga-a agora.

.Não .disse Javad.

Agarrou meu braço, ficou sem fôlego mas me agarrou. Sua pele se sentia como carne crua quente.

.Não o primeiro.

.Não o primeiro? Não entendo.

.Outros.

.Fizeram isto com outros?

.Sim. as detenha.

.Farei-o. Prometo-o.

Caiu de volta à cama, mas não podia estar-se quieto. Doía muito. Cada movimento doía, mas não podia estar-se quieto a causa da dor.

Uma enfermeira com uma caçadora rosada entrou pressurosa. Colocou a agulha em seu IV. Momentos depois começou a tranqüilizar-se. Seus olhos agitados se fecharam. O sonho chegou e algo em meu peito se soltou.

Muito dor era difícil de agüentar, mesmo que só o observava.

.despertará e teremos que voltar a lhe sedar. Nunca vi a ninguém que pudesse curar-se como ele. Mas só porque possa curar o dano, não quer dizer que não aduela.

Dolph me levou a parte.

.O que foi todo isso a respeito dos olhos e os outros?

.Não sei. Uma verdade pela metade. Não sei o que quis dizer com o de os olhos, mas suspeito que outros são os cambiaformas desaparecidos.

Zerbrowski entrou, fez- sinais ao Dolph e saíram ao vestíbulo. A enfermeira e o doutor oscultaban ao naga. Ninguém me pediu sair ao vestíbulo, mas era o justo. Não colaborava com eles, por que foram a colaborar eles comigo?

A porta se abriu e Dolph me indicou que saísse. Saí. A oficial Kirlin não estava em seu posto. Provavelmente, permitiram-lhe ausentar-se por um momento enquanto estávamos nós.

.Não pude encontrar nenhum caso de pessoas desaparecidas associado com seu nome .me comentou Dolph.

.Fez que Zerbrowski me investigasse?

Dolph só me olhou. Olhou-me com os olhos frios e distantes de um polícia.

.Exceto pelo da Dominga Salvador .respondeu Zerbrowski.

.Anita alegou que não sabia nada do que aconteceu com a senhora Salvador .assegurou Dolph.

Ainda me mostrava sua aparência dura. Era muitíssimo melhor que a oficial Kirlin.

Opu-me ao desejo de me retorcer. Dominga Salvador estava morta. Sabia porque tinha visto como ocorria. Tinha atirado de gatilho, metaforicamente falando. Dolph suspeitava que eu tinha algo que ver com seu desaparecimento, mas não podia prová-lo, e ela tinha sido uma mulher muito má. Se tivesse sido condenada por tudo o que a havia considerado suspeita, teria recebido a pena de morte imediata. A lei não gosta das bruxas muito mais que os vampiros. Tinha utilizado a um zombi para matá-la. Era o suficiente para ganhar uma viagem à cadeira elétrica.

Soou minha busca. Fui salva pelo sino. Comprovei o número.

Não o reconheci, mas não tinha por que comunicá-lo.

.Uma emergência, tenho que encontrar um telefone.

Fui rapidamente, antes de que Dolph pudesse dizer qualquer outra coisa. Pareceu-me o mais seguro.

Deixaram-me usar o telefone do quarto de enfermeiras. Gente com classe. Richard agarrou o telefone ao primeiro timbrazo.

.Anita?

.Bingo, o que acontece?

.Estou na escola. Louie não se apresentou a suas classes matinais.

Baixou tanto sua voz que tive que me tampar uma orelha só para lhe ouvir.

.Esta noite há lua enche. Não faltaria à escola, a gente suspeitaria.

.por que me chama?

.Comentou que ia encontrar se com seu amiga, a escritora, Elvira algo.

.Elvira Drew?

Quando disse seu nome, pude imaginar sua cara. Olhos azul esverdeados, a cor de oceano. Carajo.

.Acredito que sim.

.Quando devia encontrasse com ela?

.Esta manhã.

.Acordou ele a reunião?

.Não sei. Estou trabalhando. Ainda não cheguei a meu escritório.

.Teme que algo lhe tenha ocorrido, não?

.Sim.

. Não acordei a reunião. Chamarei o trabalho e averiguarei quem o fez. Estará neste número?

.Tenho que retornar a classe, mas lhe confirmarei isso logo que possa.

.De acordo. Chamarei-te assim que saiba algo.

.Tenho que ir .anunciou.

.Espera, tenho uma idéia do que aconteceu aos cambiaformas desaparecidos.

.O que?

.É uma investigação policial em curso. Não posso falar sobre isso, mas se lhe pudesse contar à polícia sobre os cambiaformas desaparecidos, poderíamos encontrar ao Louie e ao Jason mais rápido.

.Marcus te disse que não o contasse?

.Sim.

Guardou silêncio por um minuto.

.lhes diga que me faço responsável.

.Genial. Porei-me em contato contigo depois. Pendurei. Não foi até que ouvi o tom de chamada que me dava conta de que não lhe havia dito, amo-te. OH, bem.

Chamei o trabalho. Mary respondeu. Não esperei a que me saudasse.

.me comunique com o Bert.

.Está bem?

.Só faz-o.

Não discuti, boa mulher.

.Anita, melhor que seja uma emergência. Estou com um cliente.

.Falou com alguém hoje a respeito de encontrar a um homem rato?
.De fato, fiz-o.
Doeu-me o estômago.
.Quando e onde estabeleceu a reunião?
.Esta manhã, por volta das seis. O senhor Fane queria fazê-lo antes de ir ao trabalho.
.Onde?
.Em sua casa.
.me dê a direção.
.O que acontece?
.Acredito que Elvira Drew pôde lhe haver enganado para lhe assassinar...
.Está de brincadeira, verdade?
.A direção, Bert.
Deu-me isso.
.Não posso ir trabalhar esta noite.
.Anita...
.economize-lhe isso Bert. Se é assassinado, será-o porque lhe fizemos cair em uma armadilha.
.Está bem. Faz o que tenha que fazer.
Pendurei o telefone. Era a primeira vez que Bert cedia em algo. Se não soubesse que as visões de pleitos dançavam em sua cabeça, teria estado mais impressionada.
Voltei para nosso pequeno grupo. Ninguém falava.
.Há sete cambiaformas desaparecidos nesta zona.
.De que falas? .perguntou Dolph.
Neguei com a cabeça.
.Simplesmente escuta.
Contei-lhe tudo a respeito dos desaparecimentos. Terminei com: «dois cambiaformas mais desapareceram. Penso que quem fosse o que esfolou ao naga, pensou que era um licântropo. É possível fazer um ritual para tomar a pele de um cambiaformas e usá-la na gente mesmo. Obtém todas as vantagens, toda a força extra, a velocidade, etcétera..., e não está pacote à lua».
.por que não funcionou com o naga? .perguntou Zerbrowski.
.É imortal. O cambiaformas tem que morrer ao final do feitiço.
.Sabemos por que. Agora, onde diabos estão? .perguntou Dolph.
.Tenho uma direção .respondi.
.Como?
.Explicarei-lhes isso pelo caminho. O feitiço não sorte efeito até o anoitecer, mas não podemos supor que os manterá vivos. Tem que estar preocupada de que o naga se cure o suficiente para falar.
.depois de vê-lo ontem à noite, não acreditaria .acrescentou Zerbrowski.

.Não é uma bruxa .afirmei.

Sáímos. Me teria gostado de ter ao Edward me cobrindo as costas. Se íamos fazer uma jogada a rede em busca de bruxas renegadas e uns cambiaformas durante uma noite da lua enche, ter ao Edward me cobrindo não era uma má idéia. Mas não sabia como dirigi-lo. Dolph e Zerbrowski não foram se ficar de braços cruzados, eram policiais. Não se permite-lhes disparar às pessoas sem lhes dar a oportunidade de render-se. Elvira Drew tinha descascado a um naga. Não estava segura de que quisesse lhe dar uma oportunidade. Não estava segura que fôssemos sobreviver.

CAPITULO 36

A casa da Elvira Drew era uma construção de dois pisos com uma linha grossa de arbustos e árvores, e um estreito caminho longe da auto-estrada. Não se podia ver o pátio a menos que se chegasse ao caminho de acesso. O bosque se estendia ao redor do pequeno pátio, como se alguém tivesse posto a casa ali e se esqueceu de dizê-lo.

Um carro patrulha nos seguia pelo caminho de cascalho. Dolph estacionou detrás de um Grand Am verde vivo. O carro para logo com o cor de seus olhos.

Havia um letreiro de aluguel no pátio. Outro jazia ao lado, no chão, como esperando ser parecido. Provavelmente seria colocado no caminho.

Havia duas bolsas de roupa dentro do carro. O assento traseiro estava abarrotado com caixas. Havia perspectivas de uma rápida fuga.

.Se ela for a assassina, por que te daria sua direção real? .perguntou Zerbrowski.

.Revisamos aos clientes. Têm que ter um lugar de residência ou alguma forma para comprovar quem som. Exigimos mais identificações que a maioria de bancos.

.por que?

.Porque às vezes conseguimos a algum louco. Ou um repórter de algum periódico sensacionalista. Temos que saber com quem negociamos. Arrumado que tentou pagar à vista sem identificação, e quando lhe pediu três diferentes não esteve preparada.

Dolph nos guiou pelo caminho para a porta. Seguimo-lo como bons soldados. A oficial Kirlin era uma dos polis de uniforme. Seu companheiro era um tipo maior, com o cabelo cinza, com um pequeno e redondo ventre. Arrumado que não tremia como um tigela de gelatina. Tinha uma expressão azeda em sua cara que me fez saber que tinha visto tudo isto e não gostava de nada disso.

Dolph bateu na porta. Silêncio. Tocou mais forte. A porta vibrou.

Elvira abriu. Levava posta uma túnica verde e brilhante maça na cintura. Sua maquiagem era ainda perfeito. O brilho de suas unhas para logo com a túnica. Seu comprido cabelo loiro penteado para trás estava sustentado por um lenço que era só um tom de verde mais azulado que a túnica. Seus olhos brilhavam com essa cor.

.Olhos como o oceano . resmungou Dolph .

.me perdoe, do que vai tudo isto?

.Podemos entrar Sra. Drew?

.Para que?

Não tínhamos tido tempo para conseguir uma ordem. Dolph não

estava seguro de poder obtê-la com o que tínhamos. A cor dos olhos de alguém não era exatamente uma prova.

Olhei além do Dolph.

.Olá, Sra. Drew, precisamos lhe fazer algumas pergunta sobre Louis Fane .disse.

.Sra. Blake, não sabia que trabalhava com a polícia.

Ela sorriu, sorri, estava Louie aqui? Estava nos distraindo enquanto alguém o matava. Maldição. Se a polícia não tivesse estado aqui, teria tirado minha arma e teria entrado. Há desvantagens ao estar ao lado da lei.

.Investigamos o desaparecimento do Sr. Fane. Você foi a última em vê-lo.

.Ah, querida. .Não retrocedeu da porta.

.Podemos entrar e lhe fazer algumas pergunta? .perguntou Dolph.

.Pois bem, não sei que lhe posso dizer, o Sr. Fane nunca chegou a nossa reunião. Não o vi absolutamente.

Estava ali como uma parede sorridente.

.Precisamos entrar e jogar um olhar, Sra. Drew, no caso de.

.Tem uma ordem?

Dolph a olhou.

.Não, Sra. Drew, não a temos.

Seu sorriso era deslumbrante.

.Então o sinto, mas não os posso deixar entrar.

Agarrei-a pela túnica, atraindo-a bruscamente, tão forte como para me dar conta de que não levava sustento.

.Nós entramos depois de você ou através de você.

A mão do Dolph se posou sobre meu ombro.

.Sinto muito, Sra. Drew. A Sra. Blake tende a ser um pouco entusiasta.

.As palavras foram mastigadas entre seus dentes, mas as disse.

.Dolph...

.Solta-a, Anita, já.

Elevei o olhar para seus estranhos olhos. Ainda sorria mas agora havia algo mais. Medo.

.Se ele morrer, você morre.

.Eles não a têm para matar suspeitos .disse.

.Não falo de uma execução legal.

Seus olhos se aumentaram. Dolph se estremeceu, tocando meu ombro.

Empurrou-me para que baixasse as escadas. Zerbrowski já se desculpava por minha colocada de pata.

.Que diabos pensa que está fazendo? .perguntou Dolph.

.Ele está ali, sei.

.Não sabe. chamei para pedir uma ordem. Até que a

obtenhamos, a menos que nos deixe entrar, ou ele alcance uma janela e peça

auxílio a gritos, não podemos entrar. Essa é a lei.

.Pois bem, empresta.

.Talvez, mas somos policiais. Se não obedecermos a lei, então quem mais o fará?

Abracei-me, meus dedos aferrando meus cotovelos. Era isso, ou corria e o partia a perfeita cara a Elvira Drew. Louie estava ali dentro, e era meu culpa.

.Dá um passeio, Anita, te acalme.

Contemplei-o. Podia-me haver dito que me sentasse no carro, mas não o tinha feito. Tentei ler sua cara, mas havia se tornado vazia.

.Um passeio, é uma boa idéia.

Dirigi-me para as árvores. Ninguém me deteve. Dolph não me voltou para chamar. Tinha que imaginar o que pensava fazer. Caminhei entre as árvores nus pelo inverno. Gotitas de neve derretida caíam sobre minha cabeça e cara. Segui andando até que já não os podia ver claramente. Em inverno se pode distinguir coisas a grande distancia, mas estava o suficientemente longe para tentar nosso pequeno jogo de simular. Caminhei para a parte traseira da casa. O aguanieve molhava meus Nikes. As folhas eram uma catapora empapada debaixo de meus pés. Tinha as duas armas e as duas facas. Tinha substituído o único que Gretchen não me devolveu. Era um jogo de quatro que tinha mandado fazer para mim. Era difícil encontrar uma faca com um alto conteúdo de prata para matar aos monstros e apesar disso, conservar um fio duro. Mas não poderia matar a ninguém. Meu trabalho era entrar, encontrar a Louie, e pedir auxílio a gritos. Se alguém na casa pedia auxílio a gritos, a polícia poderia entrar. Essas eram as regras. Se Dolph não tivesse medo de que matassem ao Louie, não me teria deixado fazer isto. Mas com lei ou sem lei, sentar-se fora enquanto o suspeito mata a sua seguinte vítima era difícil de assimilar.

Escondi-me agachada pela linha das árvores olhando para a parte traseira da casa. Uma porta traseira conduzia a um pórtico. Havia uma porta de cristal que dava entrada à casa, e uma segunda porta diante dela para um lado. A maioria das casas no St. Louis têm porões. Algumas das casas mais velhas, originalmente tinham o acesso só pelo exterior. Acrescenta um alpendre pequeno e uma porta pequena se esconde a alguém, um porão soava um bom lugar. Se fosse o armário de a vassoura, simplesmente não entraria.

Comprovei as janelas do piso superior. As cortinas estavam fechadas. Se havia pessoas lá encima observando, não as podia ver. Esperava que não me pudessem ver.

Cruzei o terreno aberto sem tirar uma arma. Eram bruxas. Por regra general as bruxas não lhe disparam. De fato, as bruxas, as verdadeiras bruxas, não praticam a violência. Um Wiccan não teria tido nada que

fazer ante sacrifícios humanos. Mas as palavras de uma bruxa às vezes querem dizer muitas coisas diferentes. Algumas delas podem ser bastante aterradoras, mas estranha vez lhe disparam.

Ajoelhei-me ao lado da porta que conduzia ao pórtico. Mantive minha mão tão perto do pomo como pude sem tocá-lo. Nenhum calor, não... Infernos não há nenhuma palavra para isto. Mas não havia nenhum feitiço no trinco. Ainda as bruxas boas realizam feitiços em suas portas principais, assim são alertadas da presença de um ladrão ou algo que ocorra. Ouça, a gente entra na força e não consegue nada. O feitiço se lhe pega e, fará que a bruxa e seus amigos lhe encontrem. As bruxas más podem pôr piores costure sobre as portas. Já tínhamos estabelecido que classe de bruxa havia dentro, assim que a precaução me parecia uma boa idéia.

Deslizei a ponta de minha faca através do bordo da porta. Um pouco de sacudo e a porta estava aberta. Sem ruptura ainda, mas definitivamente, tinha entrado. «Prenderia-me Dolph por isso?». Provavelmente não. Se Elvira me obrigava a lhe disparar fora da vista de testemunhas, poderia-o fazer.

Fui à segunda porta. A que esperava que me conduzisse ao porão. Aproximei minha mão a ela, e ali estava. Um feitiço. Não sou bruxa. Não sei como desentranhar feitiços. Perceber é meu limite. OH, outra coisa. Posso-os romper. Mas é um desdobramento violento e duro de poder dirigido ao feitiço. Solo evocar o que for isso que me deixa ressuscitar aos mortos e agarrar o cabo da porta. Se quebra nesse ponto, mas é como lhe colocar uma patada a uma porta sem saber o que há ao outro lado. Acidentalmente, pode conseguir um tiro de escopeta na cara. O verdadeiro problema era que se o transpassava sem perigo, quem quer que colocasse o feitiço, saberia. Demônios, uma boa bruxa sentiria a acumulação de poder antes de que a tocasse. Se Louie estava detrás desta porta, perfeito. Entraria e o protegeria até que meus gritos trouxessem para a cavalaria. Se não estava detrás dessa porta, poderiam entrar em pânico e matá-lo.

A maioria de bruxas, boas ou más, são crentes da natureza até certo ponto. Se tivesse sido Wiccans, a área cerimoniosa haveria estado fora, em alguma parte. Mas para esta, a escuridão e um terreno fechado podia ser suficiente.

Se fosse realizar um sacrifício humano, queria-o guardado tão perto da zona cerimoniosa como me fora possível. Isto era uma hipótese. Se me equivocava e matavam ao Louie... Não. Não devo pensar no pior cenário.

Era ainda de dia. Era tarde. A luz do sol de inverno era de um suave cinza, mas não estava escuro. Minhas habilidades não surgem até depois do anoitecer. Posso detectar aos mortos e outras coisas a certa

luz do dia, mas estou limitada. A última vez que fiz isso, tinha estado escuro. Abordei a magia da mesma forma em que faço todo o resto. Diretamente, com força bruta. No que realmente apostava era em que meus poderes fossem maiores que os de quem colocou o feitiço. A teoria era que poderia agüentar melhor uma surra do que ela ou ele poderiam repartir.

Era possível à luz do dia? Inteiraríamos-nos. Pergunta-a era, «estava o feitiço só no cabo da porta?». Talvez lhe haveria jogado a chave à porta, com feitiço ou sem feitiço. por que não só abri-la como uma pessoa normal?

Tirei a Browning e retrocedi. Pu-me no centro, concentrei-me em um ponto perto do ferrolho mas não nele. Esperei até que esse pedaço de madeira foi tudo o que havia. Um profundo silêncio em meus ouvidos. A chutei com tudo o que tinha. A porta se estremeceu mas não se abriu. Dois patadas mais e a madeira se estilhaçou. A fechadura cedeu.

Não foi um desdobramento violento de luz. Se alguém tinha estado observando, não tinham visto uma maldita coisa, solo a mim caindo para atrás. Meu corpo inteiro zumbiu como se tivesse metido meu dedo em um tomada elétrica.

Ouvi o som de passos que corriam dentro da casa. Engatinhei para a porta aberta. Detive-me me ajudando com o passamanes. Uma brisa de ar fresco varreu minha cara. Comecei a baixar as escadas antes de estar segura de que podia caminhar. Tinha que encontrar ao Louie antes de que Elvira me apanhasse. Se não encontrava a prova, poderiam-me prender por invasão de moradia e estaríamos pior do que estávamos antes.

Tropecei baixando as escadas, com uma mão tomei o passamanes em um agarre por morte, na outra minha arma. A escuridão era negra como o veludo. Não poderia ver uma maldita coisa além de um dedo. Inclusive minha vista noturna necessita um pouco de luz. Ouvi ruído de passos detrás de mim.

.Louie, estas aqui embaixo?

Algo se moveu entre a escuridão debaixo de mim. Soou grande.

.Louie?

Elvira estava de pé ao começo da escada. Iluminada pela luz, como em um halo dimensionado em um corpo humano.

.Sra. Blake, devo insistir em que saia de minha propriedade neste momento.

Minha pele ainda florescia a saltos com o que fora que tinha estado na fechadura. Só minha mão no passamanes me mantinha de pé.

.Fez o feitiço da porta?

.Sim.

.Você é boa.

.Não o bastante boa aparentemente. Agora, de verdade, devo insistir em que subida as escadas e saia de minha propriedade.

Um grunhido baixo surgiu da escuridão. Não soou como um rato, e certamente, não soou humano.

.Saia fora, saia de em qualquer lugar que esteja .disse.

Os grunhidos se fizeram mais fortes, mais próximos. Algo grande e peludo se lançou através da franja pálida de luz. A olhada foi suficiente. Sempre poderia dizer que pensei que era Louie. Apoiei-me contra o passamanes e gritei. Pedi a ajuda gritos com cada som que pude fazer. Elvira retorno sobre seus passos rapidamente. Ouvi os gritos distantes de a polícia chegando pela porta principal.

.Amaldição-a.

.As palavras são trocas .disse.

.Serão mais que palavras quando tiver tempo.

.Deixa-me pasmada.

Retornou correndo para a casa, não a fora. «Estava equivocada? E se Louie estava dentro da casa todo este tempo, e eu estava aqui embaixo com um tipo diferente de peludo? Era isso Jason?».

.Jason?

Algo chegou às escadas e olhou com atenção para a tênue luz de vamos. Era um cão. Um cão grande, peludo como um cão mestiço, do tamanho de um pony, mas não era um cambiaformas.

.Mierda.

Grunhiu-me outra vez. Levantei-me e comecei a retroceder pelas escadas. Não queria machucá-lo se não tinha que fazê-lo. «Onde estava Dolph?». Para este momento já deveria ter estado aqui.

O cão me deixou subir as escadas. Aparentemente só o correspondia proteger o porão. Bem para mim.

.Bom perrito.

Tranquilei-me quando pude tocar a porta quebrada. Fechei-a de golpe, sujeitando o cabo da porta. O cão a golpeou com um choque puxador. Seu próprio peso manteve a porta fechada.

Abri devagar a porta traseira. A cozinha era larga e estreita, e em sua maior parte branca. As vozes chegavam desde mais longe, do interior da casa. Um grunhido sob retumbo. O som me arrepiou o pêlo do pescoço.

.Ninguém tem que sair ferido .disse Dolph.

.Assim é .disse Elvira.

.Saíam agora, e ninguém será machucado.

.Não podemos fazer isso.

Um corredor formado por uma parede e as escadas me conduziu fora da cozinha para o salão, e às vozes. Comprovei as escadas; vazias. Continuei aliviada para as vozes. O grunhido se escutou outra vez, mais perto.

Dolph gritou.

.Anita, traz seu traseiro até aqui!

Fez-me saltar. Não podia me haver visto ainda. A entrada à sala de estar era um portal aberto.

Inclinei-me sobre um joelho e olhei com atenção pela parede. Elvira estava de pé confrontando-os. Um lobo do tamanho de um pony estava a seu lado. Se se o olhe rapidamente, poderia-se confundir com o cão grande. Era uma boa coberta. Os vizinhos vêem isso e pensam que o lobo é um cão.

O outro era um leopardo. Um leopardo negro que envergonhava a cada gato do catalogo do Halloween. Tinha ao Zerbrowski apoiado em uma esquina. Sua Lisa e peludas costas lhe chegava à cintura. Grande como um gato do inferno. Jesus.

por que não tinham disparado? A polícia tinha permissão de disparar em autodefesa.

.São vocês Louie Fane ou Jason? .perguntou Dolph.

Precavi-me que perguntava aos cambiaformas. Não lhe havia dito que classe de cambiaformas era Louie, e Jason era um lobo. O lobo podia ser Jason. Entretanto, não sabia por que ajudava a Elvira. Talvez não tinha que saber.

Pu-me de pé e me aproximei. Possivelmente o movimento foi muito repentino. Talvez o gato só se impacientou. O leopardo saltou para o Zerbrowski. Sua arma se disparou.

O lobo se voltou para mim. Tudo se fez mais lento. Tive muito tempo para olhar o canhão e amarelar o gatilho. Cada arma do quarto disparou. O lobo caiu com minha bala em seu cérebro. Não estava segura quem tinha conseguido um pedaço dele.

Os gritos do Zerbrowski encheram o silêncio ressonante. O leopardo estava sobre ele, esfaqueando-o.

Dolph disparou uma vez mais, logo atirou a arma ao chão e foi para ali. Agarrou ao gato e este se voltou contra ele, esfaqueando-o com suas garras parecidas com adagas. Gritou mas não desistiu.

.Dolph, abaixo e lhe dispararei. Tentou afastar-se mas o gato se equilibrou sobre ele, lhes levando a ambos ao chão. Adiantei-me, com a arma estendida. Eram uma massa lhe rodem. Se disparasse ao Dolph, ficaria tão morto como o estaria o leopardo.

Ajoelhei-me perto deles e coloquei de um empurrão a arma nesse corpo humano quente talher de pele. As garras esfaquearam meu braço, mas atirei do gatilho duas vezes. O animal caiu bruscamente, retirou-se dando saltos e morreu.

Dolph piscou quando me olhou. Tinha um corte ensangüentado em sua bochecha. Mas estava vivo. Pu-me de pé. Meu braço esquerdo estava insensibilizado, o que queria dizer que estava realmente ferido. Quando o intumescimento se fora, queria estar em algum lugar com médicos.

Zerbrowski ficou de barriga para cima. Havia muito sangue. Caí de joelhos a seu lado. Coloquei a Browning sobre o chão e procurei o pulso em seu pescoço. Estava ali, pendia de um fio, mas estava ali. Quis chorar de alívio, mas não tinha tempo. Havia uma mancha negra de sangue na parte inferior de seu corpo, perto do ventre. Retirei-lhe o casaco e quase vomitei sobre ele. Não riria disso. O gato tinha estado malditamente perto de estripá-lo. Seus intestinos saíam pela fenda. Tentei me tirar a caçadora para colocá-la sobre a ferida, mas meu braço esquerdo não quis funcionar.

.Que alguém me ajude .ninguém o fez.

A oficial Kirlin algemou à Sra. Drew. Sua túnica verde estava aberta e estava claro que estava nua baixo ela. Estava chorando, chorando por seus camaradas cansados.

.Está vivo? .perguntou Dolph.

.Sim.

.pedi por telefone uma ambulância .disse o oficial de uniforme.

.Venha para cá e me ajude a deter a hemorragia.

Só me olhou, um pouco envergonhado, mas nem ele nem Kirlin se moveram para me ajudar.

.Que diabos acontece com vós dois? me ajudem.

.Não queremos nos contagiar.

.O que?

.A enfermidade .disse.

Engatinhei de retorno ao leopardo. Parecia grande, inclusive estando morto. Quase três vezes o tamanho de um gato normal. Pincei em seu ventre e encontrei a união. Não um botão, não um cinturão, solo a união onde a pelagem se separava. Dentro havia um corpo humano nu.

Movi para trás a pele, assim poderiam ver.

.São cambiaformas, mas não são licântropos. É um feitiço. Não é contagioso, não me venha com essa mierda, filho de puta.

.Anita, não te coloque com ele .disse Dolph.

Sua voz soou tão estranha, tão distante, que lhe emprestei atenção.

O homem se tirou sua própria caçadora e a colocou em cima de Zerbrowski. Fez pressão cautelosamente, como se ainda não confiasse em o sangue.

.Com exceção de se dele.

Apoiei-me no casaco, usando todo meu peso para manter dentro seus intestinos. moveram-se sob minha mão como algo vivo, brando e depois se enfraqueceram, mantendo seu calor.

.Quando diabos vais conseguir balas de prata para sua brigada? .perguntei.

Dolph quase riu.

.Logo, espero.

Talvez lhes poderia comprar algumas caixas para natal. Por favor, estimado Deus, deixa que seja natal para todos. Contemplei a cara pálida do Zerbrowski. Seus óculos se cansado durante a luta. Olhei ao redor e não podia as ver. Pareceu importante encontrar seus óculos. Ajoelhei-me sobre seu sangue e chorei porque não podia encontrar seus malditos óculos.

CAPITULO 37

Ao Zerbrowski o estavam costurando. Nenhum dos médicos nos dizia nada. Cautelosos. Seu diagnóstico era reservado. Dolph também estava em o hospital. Não muito mal, mas o suficiente para ter que ficar durante um dia, mais ou menos.

Zerbrowski não tinha recuperado o conhecimento antes de que se o levassem. Esperei. Katie, sua esposa, chegou em algum momento do dia, em meio de toda aquela espera. Só era a segunda vez que nos havíamos visto. Era uma mulher pequena, com uma juba de cabelo escuro pacote em uma rabo-de-cavalo solta. Sem uma gota de maquiagem, era encantadora. Nunca tinha entendido como Zerbrowski tinha conseguido lhe jogar o luva.

Ela caminhou para mim, seus escuros olhos amplos. Agarrava seu moedeiro como um escudo, com os dedos cravados no couro.

.Onde está? .Sua voz era alta e entrecortada, como a de uma menina. Sempre soava assim.

antes de que pudesse dizer algo, o médico saiu pelas portas de vaivém do final do corredor. Katie o contemplou. Tudo o sangue havia desaparecido de sua cara.

Levantei-me e me aproximei para estar de pé a seu lado. Contemplou ao médico como se fora o monstro de seus piores pesadelos.

Provavelmente era mais exato que o que desejava que o fora.

.É você a Sra. Zerbrowski? .perguntou o médico.

Afirmou com a cabeça. Suas mãos, onde agarravam o moedeiro, estavam salpicadas, tremendo com a tensão.

.Seu marido está estável. Lhe vê bem. vai superar o.

O Natal chegava depois de tudo.

Katie soltou um pequeno suspiro e seus joelhos não a sustentaram. A agarrei e suportei todo seu peso morto. Não podia pesar mais de 40 kg.

.Temos uma salita aqui se puder... .Olhou-me, logo se encolheu de ombros.

Levantei o Katie Zerbrowski em meus braços, consegui manter o equilíbrio.

.Vá diante .disse.

Deixei ao Katie sentada ao lado da cama do Zerbrowski. Sua mão se aferrou ao redor da sua, como se soubesse que ela estava ali. Talvez o sabia. Lucille, a esposa do Dolph, também estava ali para sustentar seu mão, no caso de. Ficando com a vista fixa na pálida cara de Zerbrowski, rezei, «no caso de».

Quis esperar até que Zerbrowski despertasse, mas o médico me disse que provavelmente não seria até manhã. Não poderia passar sem

dormir todo esse tempo. Meus novos pontos fizeram que a cicatriz da queimadura cruciforme de meu braço esquerdo se arqueasse. Marcas de garras torcidas para um lado, perdendo parte da elevação da malha de cicatricial na curva de meu braço.

Levar ao Katie tinha aberto alguns de meus pontos e sangravam na atadura. O médico que tinha trabalhado no Zerbrowski e o tinha costurado de novo pessoalmente, olhou-me muito as cicatrizes.

Doía-me o braço e estava enfaixado da boneca ao cotovelo. Mas estávamos todos vivos. Sim.

O táxi me deixou em meu edifício no que teria sido uma hora decente. Louie tinha sido drogado e pacote no porão. Elvira se tinha confessado culpado de tomar a pele de um homem lobo, um homem leopardo e tentar levar-se-a do naga. Jason não tinha estado na casa. Ela negou lhe haver visto alguma vez. Para que necessitaria outra pele de homem lobo? A pele de homem rato teria sido para ela, ou isso disse. Quando o perguntamos para quem teria sido a pele de serpente não o disse, mas havia ao menos outra pessoa implicada que não estava disposta a entregar. Era uma bruxa e tinha usado a magia para matar. Era uma sentença de morte automática. Uma vez condenada, a ação seria realizada dentro de quarenta e oito horas. Sem possibilidade de recurso. Sem perdão. Morta. Os advogados tentavam conseguir que se confessasse culpado de os outros desaparecimentos. Se se confessava culpado, eles poderiam comutar a ação. Poderiam. Uma bruxa assassina. Não acreditei que aliviassem a sentença, mas possivelmente o fariam.

Richard estava sentado junto a minha porta. Não tinha esperado lhe ver, era noite de lua enche e todo isso. Tinha-lhe deixado uma mensagem no secretária eletrônica sobre o descobrimento do Louie e que estava bem.

A polícia tratava de guardar tudo isto em silêncio, sobre tudo a identidade secreta do Louie. Esperava que o pudessem dirigir. Mas ao menos estava vivo. Controle de animais tinha ao cão.

.Recebi sua mensagem .disse ele.. Obrigado por salvar ao Louie.

Pus a chave na fechadura.

.É bem-vindo.

.Não encontramos ao Jason. Realmente crie que as bruxas se levaram-no?

Abri a porta. Seguiu-me dentro e a fechou.

.Não sei. Isso também esteve me inquietando. Se tivesse pego ao Jason, deveria ter estado ali. .A pele de lobo tinha sido de uma mulher que não conhecia.

Andei para o dormitório como se estivesse sozinha. Richard me seguiu. Sentia-me débil e distante, e ligeiramente irreal. Tinham talhado a manga da caçadora e do suéter. Tinha tratado de salvar a caçadora

mas suponho que teria sido arruinada de todos os modos. Também haviam talhado a capa do braço esquerdo. Tinha-a junto com a faca colocada no bolso da caçadora. por que sempre o cortam tudo na sala de emergências?

Seguiu detrás de mim, comovedor, suas mãos se abateram sobre meu braço.

.Não me disse que lhe tinham ferido.

O telefone soou. Respondi sem pensar.

.Anita Blake? .disse a voz de um homem.

.Sim.

.Sou Williams, o naturalista do Centro do Audubon. Voltei para escutar algumas das cintas do mocho que registrei de noite. Uma de elas tem o que eu juraria que eram hienas. O disse à polícia, mas não pareceram compreender o significado. Compreende você o que significa que haja sons de hiena aqui?

.Um homem hiena.dije.

.Sim, isso pensei também.

Ninguém lhe havia dito que o assassino era provavelmente um homem lobo. Mas um dos cambiaformas desaparecidos era uma hiena. Talvez Elvira realmente não sabia o que tinha passado com todos os licântropos desaparecidos.

.Há dito você que o disse à polícia?

.Sim, fiz-o.

.A quem o disse?

.Chamei o escritório do Xerife Titus.

.Com quem falou?

.Aikensen.

.Sabe você se o disse ao Titus?

.Não, mas por que não o faria?

por que, em efeito.

.Há alguém na porta. Pode esperar um minuto?

.Não acredito...

.Voltarei em seguida.

.Williams, Williams, não abra a porta! .Mas lhe falava com vazio.

Ouvi como atravessava a habitação. A porta se abriu. Emitiu um som de surpresa. O som de passos mais pesados se escutava sobre o chão.

Alguém recolheu o telefone. Podia ouvir a respiração. Não disseram nada.

.me fale, filho de cadela.

A respiração se fez mais pesada.

.Se lhe fizer mal, Aikensen, alimentarei-lhe com seu pênis a ponta de faca.

riu e pendurou. E nunca seria capaz de declarar em um tribunal quem estava ao outro lado do telefone.

.Mierda, maldição, infernos.

.O que ocorre?

Chamei informação para conseguir o número do Departamento de Polícia do Willoton. Pressionei o botão de marcado automático.

.Anita, o que acontece?

Levantei a mão para lhe indicar que esperasse. Uma mulher respondeu.

.É a ajudante Holmes?

Não o era. Mas consegui ao Chefe Garroway, depois de impressionar a a telefonista com que isto era um assunto de vida ou morte. Não lhe gritei.

Merecia muitos pontos por isso.

Dava-lhe a versão resumida do The Reader's ao Garroway.

.Não posso acreditar que Aikensen esteja comprometido em algo como isto, mas enviarei um carro.

.Obrigado.

.por que não chamou o 911? .perguntou Richard.

.Eles chamariam à polícia do condado. Poderiam lhe atribuir a chamada Aikensen. Lutava com minha caçadora destroçada. Richard me ajudou a tirar a de meu ombro esquerdo, se não nunca poderia me haver liberado. Quando o consegui, compreendi que não ficavam casacos. Tinha destroçado dois em tão pouco tempo. Agarrei o único que me ficava. Era vermelho, comprido e grande. Me tinha posto isso duas vezes. A última vez foi em Natal. O casaco vermelho me faria visível até de noite. Se tivesse que me mover sigilosamente sobre alguém, teria que me tirar isso puedo manejarlo. .Tenía una mirada perdida en los ojos, como si oyera Richard teve que me ajudar a introduzir o braço esquerdo na manga. Ainda doía.

.Vamos a pelo Jason .disse ele.

Olhei-lhe.

.Você não vai a nenhuma parte, salvo a em qualquer lugar que vão os licántropos quando há lua enche.

.Não pode te pôr nem seu próprio casaco. Como vais conduzir?

Tinha razão.

.Isto pode te pôr em perigo.

.Sou um homem lobo adulto e esta noite há lua enche. Acredito que posso dirigi-lo. .Tinha um olhar perdido nos olhos, como se ouvisse vozes que eu nunca conheceria.

.Bem. Vamos, mas vamos salvar ao Williams. Acredito que os weres estão perto desse lugar, mas não sei exatamente onde.

Estava ali, de pé, com seu casaco comprido de pano. Levava posta uma camiseta branca, uns jeans com um joelho rota e um par de sapatos menos que respeitáveis.

.por que a roupa desgastada?

.Se mudança com a roupa, sempre são rasgadas. Precaução. Está lista?

.Sim.

.Vamos .disse. Havia algo nele que era diferente. Uma tensão em espera, como a água justa antes de transbordar-se. Quando examinei seus olhos marrons, algo se deslizou detrás deles. Alguma forma coberta de pele, esperando para sair.

Compreendi o que sentia. Impaciência. A besta do Richard olhava para fora com seus verdadeiros olhos marrons e estava impaciente por fazer seu trabalho.

O que podia dizer? Fomos.

CAPITULO 38

Edward se apoiava contra meu Jipe, os braços cruzados, o fôlego confundindo-se com o ar. A temperatura tinha cansado 2 graus baixo zero ao chegar a noite. A geada havia tornado. Toda a água derretida-se havia tornado a congelar. A neve rangia sob meus pés.

.O que faz aqui, Edward?

.Estava a ponto de subir a seu piso, quando te vi baixar.

.O que quer?

.Quero jogar .respondeu.

Contemplei-lhe.

.Assim, sem mais. Não sabe no que estou implicada, mas quer um pedaço.

.Se mantiver a seu redor posso matar a muita gente.

Triste, mas certo.

.Não tenho tempo para discutir. Entra.

deslizou-se ao assento traseiro.

.Exatamente, a quem vamos matar esta noite?

Richard arrancou o motor. Retorci-me.

.você vete ou seja. Há um policial renegado, e quem quer que seja, seqüestrou a sete cambiaformas.

.As bruxas não o fizeram?

.Não tudo.

.Crie que conseguirei matar algum licântropo esta noite?

Estava vacilando ao Richard, acredito.

Richard não estava ofendido.

.estive pensando em quem poderia haver os levado sem lutar.

Teve que ser alguém em quem eles confiassem.

.Em quem confiariam? .perguntei.

.Em um de nós .respondeu.

.Ah, moço .acrescentou Edward ., licântropo para o menu de esta noite.

Richard não lhe corrigiu. Se estava bem para ele, estava-o para mim.

CAPITULO 39

Williams estava encolhido em uma esquina. Tinham-lhe pego um tiro no coração a queima roupa. Dois tiros. Tanto por seu doutorado.

Uma de suas mãos rodeava uma Mágnum 357. Apostaria a que havia até pólvora em sua pele, como se realmente tivesse disparado a arma.

A ajudante Holmes e seu companheiro, cujo nome não podia recordar, estavam na neve, mortos. A Mágnum se levou a maior parte de seu peito. Seus rasgos, parecidos com os de um duendecillo, estavam frouxos e já não era tão bonita. Com seus olhos olhando fixamente para vamos, não parecia dormida. Só parecia morta.

Seu companheiro tinha perdido a maior parte da cara. Estava derrubado na neve, sangue e miolos pulverizados sobre a neve congelada. A arma ainda sujeita em sua mão.

Holmes também tinha tirado a arma. Para o que lhe serve. Duvidei de que algum deles tivesse disparado ao Williams, mas teria apostado a pagamento de um mês a que uma das armas o tinha feito.

Ajoelhei-me na neve e resmunguei: «Mierda».

Richard se aproximou do Williams. Contemplava-lhe como se quisesse memorizá-lo.

.Samuel não tinha nenhuma arma. Não acreditava nem na caça.

.Conhecia-lhe?

.Estou no Audubon, recorda.

Afirmei com a cabeça. Nada parecia real. Parecia organizado. Se liberaria disto? Não.

.Está morto .comentei brandamente.

Edward se aproximou de mim.

.Quem está morto?

.Aikensen. Ainda anda e fala, mas está morto. Só que não o sabe ainda.

.Onde o encontraremos? .perguntou Edward.

Boa pergunta. Eu não tinha nenhuma boa resposta. Minha busca soou, e gritei. Um desses pequenos ganidos que são sempre tão embaraçosos. Comprovei o número com o coração me trovejando no peito.

Não reconheci o número. Quem podia ser? E, podia ser o bastante importante para devolver a chamada esta noite? Tinha deixado o número de minha busca no hospital. Tampouco conhecia esse número. Tinha que responder. Demônios, tinha que chamar o Chefe Garroway e lhe dizer que sua gente tinha cansado em uma emboscada. Podia fazer ambas as chamadas da casa do Williams.

Caminhei com dificuldade para a casa. Edward me seguiu. Chegamos até o alpendre antes de compreender que Richard não estava conosco. Retrocedi. ajoelhou-se ao lado do Williams. Ao princípio pensei que rezava, então compreendi que tocava a neve ensangüentada.

Realmente queria sabê-lo? Sim.

Voltei para trás. Edward ficou no alpendre sem perguntar. Ponto para ele.

.Richard, está bem?

Era uma pergunta estúpida, com um homem ao que conhecia morto a seus pés. Mas, o que se supunha que ia perguntar? Sua mão se fechou sobre a neve ensangüentada, esmagando-a. Sacudiu a cabeça. Pensei que só era ira, ou pena lhe golpeando, até que vi o suor em sua cara.

Girou-a para cima com os olhos fechados. A lua brilhava com um branco cheio e brilhante, pesado e de prata. A luz era quase como a de um dia brilhante longe da cidade. Fibras de nuvens sulcavam o céu, brilhando com a claridade da lua.

.Richard?

.Conhecia-lhe, Anita. fomos juntos a avistar aves. Falamos sobre sua tese doutoral. Conhecia-lhe, e agora tudo no que posso pensar é no aroma de sangue e em que ainda está quente.

Abriu os olhos e me olhou. Havia pena neles, mas acima de tudo havia escuridão. Sua besta olhava para fora através de seus olhos.

Afastei-me. Não podia sustentar seu olhar.

.Tenho que fazer essa chamada Telefónica. Não te coma nenhuma prova.

Afastei-me através da neve. Tinha sido uma noite muito larga.

Chamei do telefone da cozinha do Williams. Primeiro a Garroway, disse-lhe o que tínhamos encontrado. Uma vez que pôde respirar, blasfemou um pouco e afirmou que teria vindo ele mesmo. Provavelmente estava perguntando-se se as coisas tivessem sido diferentes se houvesse vindo ele em primeiro lugar. As decisões de mando são sempre difíceis. Pendurei e marquei o número de minha busca.

.Olá.

.Sou Anita Blake. Este número apareceu em minha busca.

.Anita, sou Kaspar Gunderson.

O homem cisne.

.Sim Kaspar, o que quer?

.Sonhas horrível. passou algo?

.Que parte quer? por que me chamou?

.encontrei ao Jason.

Endireitei-me.

.Está de brincadeira.

.Não, encontrei-lhe. Agora lhe tenho em minha casa. estive tratando de

me pôr em contato com o Richard. Sabe onde está?

.Comigo.

.Perfeito .acrescentou.. Pode vir para levar-se ao Jason antes de que troque?

.Bem, sim, suponho, por que?

.Sou um pássaro, Anita. Não sou nenhum depredador. Não posso controlar a um homem lobo inexperiente.

.Bem, o direi. Onde está sua casa?

.Richard sabe onde é. Tenho que retornar com o Jason, lhe acalmar. Se troca antes de que chegue Richard, ponho a coberto. Se não responder ao timbre, já sabe o que aconteceu.

.Está em perigo?

.Só te apresse .pendurou.

Richard tinha entrado. Estava de pé na entrada, pasmado, como se escutasse uma música que só ele podia ouvir.

.Richard?

Sua cabeça se moveu devagar, para o som de minha voz, como um vídeo a câmara lenta. Seus olhos eram de um dourado pálido, de cor âmbar.

.Jesus .exclamei.

Não apartou o olhar. Piscou e seus olhos me enfocaram.

.O que acontece?

.Kaspar chamou. Encontrou ao Jason. esteve tratando de despertá-lo. Diz que não pode lhe controlar uma vez que troque.

.Jason, bem .afirmou. Pronunciou-o com esse deixo inquisitivo.

.Sim. Está bem?

.Não, tenho que trocar logo ou a lua escolherá o momento por mim.

Não entendi exatamente o que queria dizer, mas me poderia explicar isso Le contemplé. Todavía era Richard. Aún era mi amorcito, pero... sus no carro.

.Edward pode conduzir, se por acaso a lua decide sair no melhor momento, caminho da estrada quarenta e quatro.

.Boa idéia, mas a casa do Kaspar está em cima da montanha.

.O que quer dizer?

.Kaspar vive por cima da estrada.

.Genial, vamos.

.Terá que deixar ao Jason e a mim lá encima .assegurou.

.por que?

.Posso me assegurar de que não machuque a ninguém, mas tem que caçar. Levarei-lhe fora. Há cervos no bosque.

Contemplei-lhe. Ainda era Richard. Ainda era meu amorcito, mas... seus olhos eram da cor do âmbar pálido, assustavam sobre sua cara escura.

.Não vais trocar no carro, verdade? .perguntei.

.Não. Nunca te poria em perigo. Tenho controle completo sobre meu

besta. Essa é a maneira de um lobo alfa.

.Não me preocupa ser comida .presumi.. É só que não quero
que suje por completo meus assentos novos.

Dirigiu-me um sorriso. Teria resultado mais consolador, se seus
dentes não tivessem sido mais bicudos do habitual.

Jesus!

CAPITULO 40

A casa do Kaspar Gunderson era feita de pedra, ou ao menos parte dela. Partes de granito formavam as paredes. Era em branco, as telhas do teto de madeira em pálido cinza. A porta era igualmente branca. Estava poda, ordenada e ainda conseguia ver-se rústica. Estava igualmente limpa toda a área da montanha. O caminho terminava a um lado da casa. Havia uma volta em O mas a estrada não passava por ali. Richard tocou o timbre. Kaspar a abriu. via-se surpreso de nos ver.

.Richard, graças a Deus. É muito difícil para ele seguir em forma humana, mas não acredito que consiga agüentar muito tempo mais.

Manteve a porta aberta para nós.

Entramos e encontramos a dois estranhos homens sentados na sala de estar. O homem à esquerda era pequeno, escuro e levava óculos com arreios metálica. O outro homem era mais alto, loiro e com barba avermelhada. Eram as únicas coisas que não faziam jogo com a decoração. A sala de estar era inteiramente branca; o tapete, o sofá, as cadeiras, as paredes. Era como estar em metade de um cone de sorvete de baunilha. Tinha o mesmo sofá que eu. Necessitava mobiliário novo.

.Quais são? .perguntou Richard.

.Não são dos nossos.

.Poderia dizer isso .disse Titus.

Estava na porta que conduzia à cozinha, com uma arma em seu mão.

.Que ninguém se mova .disse.

Seu acento sulino era grosso como o pão de milho.

Aikensen apareceu na porta que comunicava com o resto da casa. Tinha outra Magnum na mão.

.Apanhou a estes pelo que falamos? .perguntei.

.Eu gostei da ameaça por telefone. Pô-me quente.

Dava um passo para diante, não tinha pensado em agradecer.

.Por favor .disse Aikensen.

Apontava para meu peito com a arma. Titus apontava ao Richard. Os dois homens das cadeiras também tiraram suas armas. Uma grande festa feliz.

Edward se encontrava ainda a minhas costas. Quase lhe podia sentir sopesando as probabilidades. O disparo de um rifle soou detrás de nós. Todos saltamos, inclusive Edward. Outro homem nos atalhou pela porta. Tinha cãs cinzas em uma cabeça quase calva. O homem cinza tinha um rifle nas mãos, assinalou a cabeça do Edward. Não havia tempo suficiente para surpreendê-lo.

.Mãos acima, já!

Levantamos nossas mãos. Que mais podíamos fazer?

.Coloquem as mãos em cima da cabeça .disse Titus.

Edward e eu o fizemos como o tínhamos feito antes. Richard foi mais lento.

.Agora lobito, ou lhe dispararei onde você está, e sua pequena noiva poderia receber alguns tiros durante a confusão.

Richard levantou suas mãos.

.Kaspar, o que acontece?

Kaspar estava sentado no sofá, não, deitado era a palavra. via-se cômodo, feliz como um gato bem alimentado... errr, cisne.

.Esses cavalheiros pagaram uma pequena fortuna para caçar licântropos. Eles fornecimento as presas e um lugar onde caçar.

.Titus e Aikensen se asseguram que ninguém os encontre, é correto?

.Disse-lhe que faziam um pouco de caça, Sra. Blake .disse Titus.

.O homem morto era um dos caçadores?

Os olhos pestanejaram, não exatamente apartando o olhar, mas sobressaltando-se.

.Sim, Sra. Blake, era-o.

Olhei aos dois homens com as armas. Não me gire para ver o das câs na porta.

.Acreditam que vale a pena morrer por machucar a um cambiaformas?

O moreno me olhou através dos óculos redondos. Os discernimentos estavam distantes, acalmados. Se lhe incomodava apontar o arma em seres humanos do mesmo tipo, não o demonstrava.

Os olhos do barbudo estalaram ao redor do quarto, sem decidir-se por algo. Não passava um bom momento.

.Porquê Aikensen e você não limparam a desordem antes de que Holmes e seu companheiro vissem o corpo humano?

.Caçávamos ao homem lobo .disse Aikensen.

.Kaspar, somos sua gente .disse Richard.

.Não .disse Kaspar.

ficou de pé.

.Você não o é. Não sou um licântropo. Não tenho uma condição herdada. Fui amaldiçoado por uma bruxa faz tanto tempo que não consigo recordá-lo.

.supõe-se que isso é para nos fazer sentir lástima por você? . perguntei.

.Não. De fato, não acredito que tenha que me fazer elucidações mesmo. Ambos foram decentes comigo. Suponho que me sinto culpado sobre isso.

encolheu-se de ombros.

.Esta será nossa última caçada. Um acontecimento por todo o

alto.

.Se você tivesse assassinado a Raina e Gabriel, quase poderia compreendê-lo .disse.

.Mas o que lhe fizeram alguma vez os licântropos assassinados a você?

.Quando a bruxa me disse o que tinha feito, lembrança haver pensado que ser uma grande besta voraz seria algo incrível. Ainda poderia caçar. Ainda poderia matar violentamente a meus inimigos. Em lugar disso converteu-me... .pulverizou suas mãos largas.

.Mata-os porque são o que você quer ser .disse.

Deu-me um pequeno sorriso.

.O ciúmes, Anita, inveja. São emoções muito amargas.

Pensei a respeito de chamá-lo bastardo, mas não ajudaria. Sete pessoas tinham morrido porque a esse filho de puta não gostava de ser um pássaro.

.A bruxa lhe deveria ter matado, lentamente.

.Quis que aprendesse minha lição e me arrependesse.

.Não estou a favor do arrependimento .disse.. Eu gosto mais da vingança.

.Se estivesse crédulo em que morrerá esta noite, poderia-me preocupar.

.Preocupe-se .disse.

.Onde está Jason? .perguntou Richard.

.Levaremos-lo com ele, meninos .disse Titus.

Edward não havia dito uma só palavra. Não estava segura do que pensava, mas esperava que não fosse uma arma. Se o fizesse, a maioria de as pessoas neste quarto estariam mortas. Três deles seríamos nós.

.Revise-os Aikensen.

Aikensen sorriu abertamente. Embainhou a arma. À esquerda tínhamos um revólver, dois automáticas e um rifle de alta potencializa. Era muito. Sendo uma equipe de sonho, Edward e eu ainda tínhamos limites.

Aplaudiu ao Richard, em uma busca rápida. Passou um bom momento até que viu os olhos do Richard. voltou-se pálido simplesmente olhando aos olhos do lobo. Nervoso estava bem.

Chutou minhas pernas as separando. Fulminei-o com o olhar. As mãos revoaram sobre meus peitos, não era onde eu iniciaria uma busca.

.Se fizer qualquer movimento exceto procurar algo à parte de minhas armas, vou tirar a e correrei o risco.

.Aikensen, trata à Sra. Blake como uma senhora. Nenhum engano.

Aikensen se ajoelhou ante mim. Deslizou claramente a palma de seu emano sobre meu peito, roçando meus mamilos. Investi meu cotovelo direito

contra seu nariz. O sangue brotou para fora. Rodou no chão, as mãos sobre o nariz machucado.

O homem de cabelo escuro estava de pé. Apontava a arma muita firmemente para mim. Os óculos refletiam a luz escondendo os olhos.

.Todo mundo se calma, agora .disse Titus.. Aikensen suponho que o mereceu.

Aikensen ficou de joelhos, o sangue cobria a metade inferior da cara. Procurou apalpando a arma.

.Se essa arma sair da pistolera, dispararei-lhe .disse Titus.

Aikensen respirava rápido e pesadamente pela boca. Umas quantas borbulhas de sangue apareceram pelo nariz quando tentou respirar através dela. Estava definitivamente rota. Não era tão bom como eviscerarlo, mas era um começo. Conservou a mão sobre a arma, mas não a tirou. Se ficou de joelhos durante muito tempo. Pude ver a luta em seus olhos. Desejava me disparar o suficiente para tentá-lo. Bem. O sentimento era mútuo.

.Aikensen .disse Titus brandamente.

A voz era muito séria, como se justamente se desse conta de que Aikensen podia decidir-se por isso.

.Farei o que disse, menino. Não jogue comigo.

ficou de pé, cuspiendo sangue, tentando tirar a da boca.

.vai morrer esta noite.

.Talvez, mas não por ti.

.Sra. Blake, se pudesse deixar de fazer sarcasmos ao Aikensen o tempo suficientemente para que eu o além de você, apreciaria-o.

.Sempre é agradável cooperar com a polícia .disse.

Titus riu. O muito bastardo.

.De acordo, agora os criminosos lhe pagam melhor, Sra. Blake.

.Jódase.

.Não há necessidade de ficar ofensiva.

Guardou a arma na pistolera lateral.

.Agora, só vou registrar a para procurar armas. Um mais desses disparates e vamos ter que lhe disparar a um de vocês para provar que falamos a sério. Não quer perder a seu amor. Ou a seu amigo. .

Sorriu. Simplesmente o veterano bom delegado Titus. Amistoso. Jesus! Encontrou ambas as armas, logo me aplaudiu pela segunda vez. Devi me sobressaltar porque disse:

.Como machucou o braço, Sra. Blake?

.Ajudava em outro caso à polícia.

.Deixam a um civil machucar-se?

.O sargento Storr e o detetive Zerbrowski estão no hospital.

Foram feridos no cumprimento do dever.

Algo passou por cima da cara gordinha. Podia ter sido pena.

.Os heróis só se fazem ao morrer Sra. Blake. Melhor recorde isso.

.Os tipos maus também morrem, Titus.

Levantou a manga de meu casaco vermelho e tomou a faca. Subiu-o, provando seu balanço.

.Fez-o à medida?

Assenti com a cabeça.

.Admiro a boa equipe.

.Conserve-o. Conseguirei-o mais tarde.

riu ahogadamente.

.Tem guelra, garota, isso respeito.

.E você é um covarde filho de puta.

O sorriso desapareceu.

.Sempre tendo que dizer a última palavra, é um mau rasgo, Sra.

Blake. A gente se enche o saco completamente.

.Essa é a idéia.

moveu-se para o Edward. Diria uma coisa do Titus; era cuidadoso.

Tomou as duas automáticas, uma derringer e uma faca o suficiente grande para confundi-lo com uma pequena espada. Não tinha nem idéia de onde tinha estado escondendo a faca.

.Onde pensam que estão vocês dois? Na cavalaria maníaca?

Edward não disse nada. Se ele podia guardar silêncio, então eu também o faria. Havia muitas armas como para que algum se zangasse e tentasse saltar sobre o resto. Estávamos excedidos em número e desarmados. Não era uma boa maneira de começar a semana.

.Agora todos vamos descer pela escada .disse Titus.

.Queremos que se unam a nossa caçada. Serão liberados no bosque. Se podem afastar-se de nós, então serão livres. Se chegarem ao polícia mais próximo nos podem delatar. Fazem algo graciosa antes de que lhes deixemos ir, e lhes mataremos. Todos o compreendem? Só o olhamos.

.Não lhe posso ouvir.

.Ouvi o que disse .disse.

.O que me diz loiro?

.Ouvi-lhe também .disse Edward.

.Lobito, você me ouça?

.Não me chame assim .disse Richard. Não soou assustado em particular. Bem.

Se ia vai morrer, que fora ao menos valente. Desgostava muito a os inimigos.

.Podemos baixar nossas mãos agora? .perguntei.

.Não .disse Titus.

Meu braço esquerdo começava a pulsar. Se isso era o mais doloroso que

passaria-me esta noite, suportaria-o.

Aikensen saiu primeiro. Richard depois com o homem de cabelo escuro e olhos tranqüilos atrás dele. O barbudo. Depois eu. Titus. Edward. Canitas e o rifle depois. Kaspar cobriu a retaguarda. Era um desfile. As escadas levavam a entrada de uma caverna natural debaixo de a casa. Era, aproximadamente, de 18 x 10 M. com um céu raso que não era mais alto de quatro metros. Um túnel conduzia a uma parede longínqua. As luzes elétricas lhe davam um resplendor amarelo rude a tudo. Duas jaulas estavam colocadas nas paredes de granito. Na mais afastada estava Jason em posição fetal. Não se moveu quando entramos.

.O que lhe tem feito? .disse Richard.

.Tentamos conseguir que trocasse para nós .disse Titus.

.O passarinho aqui disse que seria uma presa fácil.

Kaspar se via incômodo. Se era pelo comentário do passarinho ou por a obstinação do Jason, era difícil saber.

.Trocará para vocês.

.Isso é o que diz .disse Canitas.

Kaspar lhe olhou ceñudamente.

Aikensen abriu a jaula vazia. O nariz seguia lhe sangrando. Sujeitava um montão de klinex, mas não ajudava muito. Os klinex eram carmesins.

.Entre já, Lobito .disse Titus.

Richard vacilou.

.Sr. Carmichael, o moço, por favor.

o de cabelo escuro tirou seu 9mm. e a 22mm. do cinto. Apontou à forma acurrucada do Jason.

.estivemos discutindo em lhe colocar uma bala de qualquer maneira. A ver se isso ajudaria a persuadi-lo a trocar para nós.

Agora entre na jaula.

Richard estava ali.

Carmichael apontou a arma através das barras, apontando por debaixo do braço.

.Não o faça .disse Richard.. Farei-o.

Entrou na jaula.

.Agora você, Loiro.

Edward não discutiu. Só entrou. Tomava isso melhor que o que pensava.

Aikensen fechou a porta. Jogou-lhe o cadeado, depois atravessou a sala andando por volta da segunda jaula. Não a abriu. Esperou com o klinex empapado pressionado o nariz. Uma gota de sangue caiu ao chão.

.Consegue compartilhar alojamento com nosso jovem amigo.

Richard agarrou as barras de sua jaula.

.Não a pode pôr ali dentro. Quando trocar, necessitará alimentar-se.

.Duas coisas ajudam a que ocorra o cambio.dijo Kaspar., o sexo e o sangue. Vi quanto gosta ao Jason seu amiga.

.Não faça isto, Kaspar.

.Muito tarde .disse.

Se entrava na jaula, ia terminar comida viva. Isso era, de fato, uma de minhas cinco formas de não morrer em minha lista. Não me ia meter na jaula. Faria-os me disparar primeiro.

.Aikensen abra a jaula, depois entra, Sra. Blake.

.Não .disse.

Titus me olhou.

.Sra. Blake, o Sr. Fienstien lhe disparará, fará-o você Sr. Fienstien?

O barbudo, de olhos incertos e demais, apontou-me com uma Beretta 9 mm. Uma arma bonita, se não insistisse em comprar o americano. O barril se via muito grande e firme do lado equivocado.

.Estupendo, me dispare.

.Sra. Blake, não estamos brincando.

.Nem eu. Minhas opções são receber um disparo ou ser comida viva. Assim que me dispare.

.Sr. Carmichael, aponte seu 22mm. fazia aqui. .Carmichael o fez.

.Podemo-la ferir, Sra. Blake. lhe colocar uma bala na perna e depois colocar a de um empurrão nessa jaula.

Olhei diretamente aos pequenos olhos em forma de miçangas, e soube que o faria. Não queria entrar na jaula, mas em realidade, não queria entrar ferida.

.vou contar até cinco, Sra. Blake, depois Carmichael o disparará e a colocaremos sem oposição nessa jaula. Um... dois... três... quatro...

.Está bem, está bem, maldito seja. Abra a maldita porta.

Aikensen o fez. Entrei. A porta soou como um sino que se fechava detrás de mim. Estava perto à porta. Jason tremia como se tivesse febre, mas não se movia.

Os homens de fora pareceram decepcionados.

.Pagamos bastante dinheiro para caçar um homem lobo .disse Canitas.

.Não tiramos proveito do pago.

.Temos toda a noite, cavalheiros. Não resistirá esta deliciosa delicadeza sempre .disse Kaspar.

Eu não gostei que me chamasse uma delicadeza, deliciosa ou de outra maneira.

.Chamei o Garroway antes de que chegássemos de carro aqui. Conte-lhe sobre os agentes sendo emboscados. Disse-lhe que era Aikensen.

.Mentirosa.

Olhei diretamente ao Titus.

.Acredita que minto.

.Talvez, somente dispararemos a todos e escapemos, Sra.

Blake.

.Devolverá a esses cavalheiros o dinheiro?

.Queremos uma caçada, Titus.

Os três homens armados não estavam dispostos a ir-se antes de que a diversão acabasse.

.A polícia não sabe nada da participação do homem pássaro .

disse Carmichael, o da 22mm.

.Pode ficar acima. Se vêm fazendo perguntas, pode-as responder.

Titus se limpou as Palmas contra suas calças. lhe suando as

Palmas, nervoso? Esperava que sim.

.Não chamou por telefone. Simplesmente está fanfarroneando .disse Aikensen.

.Faça-o transformar-se .disse Carmichael.

.Não lhe está emprestando atenção .disse Canitas.

.lhe dêem tempo, cavalheiros.

.Disse que não temos tempo.

.Você é o perito, Kaspar. Pense em algo.

Kaspar sorriu, cravou os olhos em algo detrás de mim.

.Não acredito que tenhamos que esperar muito.

Girei-me lentamente, olhando detrás. Jason estava ainda acurrucado no chão, mas a cara estava volta para mim. Rodou por cima das extremidades com um movimento fácil.

Os olhos me olharam rapidamente, logo cravou os olhos nos homens no exterior da jaula.

.Não o farei. Não trocarei para você.

A voz estava tensa, mas normal. Soou humano.

.manteve-se firme muito tempo, Jason .disse Kaspar., mas

a lua se levanta. Cheire o medo dela, Jason. Cheire seu corpo humano.

Sabe que a quer.

.Não!

Dobrou sua cabeça para trás, as mãos e os braços até o chão, as joelhos encolhidos. Negou com a cabeça, a cara apertada contra a rocha.

.Não.

Levantou a cara.

.Não o farei como um monstro de atração secundária.

.Acredita que ajudaria lhe dar ao Jason e à Sra. Blake um pouco de intimidade? .perguntou Titus.

.Pode ser .disse Kaspar.

.A ele não parece lhe gostar da audiência.

.Só lhe daremos uma pequena pausa, Sra. Blake. Se não estar viva

quando retornarmos, pois bem, foi agradável conhecê-la.
.Não posso dizer o mesmo, Titus .disse.
.Bem, isso é uma verdade honesta de Deus. Adeus, Sra. Blake.
.Apodreça-se no inferno, cadela. .Era o tiro de despedida de Aikensen.
.Recordará-me cada vez que se olhe em um espelho, Aikensen.
Sua mão se dirigiu ao nariz. Embora o toque doeu, olhou-me ceñudamente, mas era difícil de ver-se feroz com um klinex tapando-a nariz.
.Espero que mora devagar.
.Da mesma forma que você .disse.
.Kaspar, por favor .disse Richard.. Não o faça. Trocarei para você. Deixarei-lhe me caçar. Só tire a Anita dali.
Os homens se detiveram e lhe olharam.
.Não me ajude, Richard.
.Darei-lhes a melhor caçada que alguma vez tenham tido.
pressionava-se contra as barras, as mãos as aferrando.
.Você sabe que posso fazê-lo, Kaspar. Diga-lhe .Confío en usted, Richard, pero la bestia...
Pienso que la bestia no es
Kaspar o olhou por um comprido momento. Negou com a cabeça.
.Acredito que você os mataria.
.Prometo-lhe que não.
.Richard, o que está dizendo?
Ignorou-me.
.Por favor, Kaspar.
.Deve-a amar muito.
Richard cravava os olhos sobre ele.
.Não importa o que faça, Richard, não vão deixar ir.
Não me escutava.
.Richard!
.Sinto-o .disse Kaspar.
.Confio em você, Richard, mas a besta... Penso que a besta não é tão de confiança.
.Vamos, perdemos tempo. Garroway não sabe onde olhar mas podia passar por aqui. lhe demos um pouco de privacidade .disse Titus.
Todos saíram em grupo seguindo ao delegado gordinho. Kaspar foi o último em subir as escadas.
.Tomara que tivessem sido Gabriel e Raina os das jaulas. Sinto muito.
O homem cisne desapareceu no túnel de rocha.
.Kaspar, não nos abandone aqui. Kaspar!
Os gritos do Richard ressonaram na caverna. Mas nada respondeu a os ecos. Estávamos sozinhos. Sons de luta me fez girar, Jason estava de joelhos outra vez. Algo se moveu atrás de seus olhos azul claro, algo monstruoso e nada acolhedor. Não estava a metade de só de como queria estar.

CAPITULO 41

Jason deu um passo reptante para mim e se deteve.

.Não, não, não.

Cada palavra era um gemido baixo. A cabeça caiu para frente. O cabelo loiro caiu para o fronte o tempo suficiente para roçar o chão. Levava posta uma camisa azul de talha muito grande e calças jeans. A roupa que a um não importaria arruinar se sofresse um troco com elas postas.

.Anita .disse Richard.

Movi-me, assim podia ver a outra jaula sem perder de vista ao Jason.

Richard tentava me alcançar através das barras. Uma mão estendida para mim como se pudesse cruzar o espaço e em certa forma me pudesse arrastar para ele.

Edward engatinhou para a porta e começou a trabalhar no ferrolho.

Realmente não podia ver o ferrolho do interior da jaula. Pressionou a bochecha contra as barras e fechou os olhos. Quando não podia usá-los, não se convertiam em uma distração.

reclinou-se e tirou uma magra tira de couro do bolso. Abriu-o e revelou um jogo de ferramentas diminutas. Desde essa distância não os podia ver claramente, mas soube o que eram. Edward ia abrir o ferrolho. Poderíamos sair e estar no bosque antes de que soubessem que faltávamos. A noite ia melhorando.

Edward se acomodou contra as barras, um braço ao lado do ferrolho, uma mão a cada lado. Os olhos estavam fechados, a cara em branco, totalmente concentrado nas mãos.

Jason fez um pequeno som com o peito. Engatinhou para mim, dois passos lentos, arrastando-se. A cabeça jogada para cima. Os olhos eram ainda azuis como o céu na primavera, mas não havia ninguém em casa. Olhou-me como se pudesse ver dentro de meu corpo humano, observando meu coração pulsar pesadamente em meu peito, cheirando o sangue em minhas veias. Não tinha aparência humana.

.Jason .disse Richard., agüenta. Seremos livres em poucos minutos.

Simplesmente agüenta.

Jason não reagiu. Não acreditava que lhe tivesse escutado.

Pensei que esses poucos minutos eram excessivamente otimistas, mas ouça, estava disposta a acreditá-lo se Jason o fazia.

Jason engatinhou para mim. Apertei minhas costas contra as barras da jaula.

.Edward, como vai com esse ferrolho?

.Estas não são as ferramentas que teria escolhido para este ferrolho em particular, mas o conseguirei.

Havia algo na forma em que Jason engatinhava para mim, como se

tivesse músculos em sítios que não devia ter.

.Faz-o logo, Edward.

Não me respondeu. Não tive que olhar, sabia que trabalhava no ferrolho. Tinha fé em que abriria a porta. Joguei-me para atrás contra as barras, era difícil manter distância entre o homem lobo e eu. Edward podia abrir a porta, mas seria a tempo? Essa era a pergunta do milhão.

Um som na entrada causou que jogasse uma olhada detrás de mim. Carmichael entrou na caverna. Tinha a 9mm na mão. Sorriu. Era o mais feliz que lhe tinha visto.

Edward lhe ignorou, trabalhando no ferrolho como se um homem armado não tivesse entrado no quarto.

Carmichael levantou a arma e apontou ao Edward.

.Com exceção de se do ferrolho, agora. .Martelou a arma, não era necessário, a não ser simplesmente teatral.

.Não lhe necessitamos vivo. Deixe... de manipular... o... ferrolho. .Deu um passo à frente com cada palavra.

Edward lhe olhou. A cara estava ainda em branco, como se a concentração estivesse ainda nas mãos, sem enfocar-se completamente na arma que estava sendo apontada para ele.

.Atire fora as ferramentas, longe. Agora.

Edward cravou os olhos nele. A expressão não trocou, mas atirou descuidadamente as duas pequenas ferramentas.

.Saque o jogo completo do bolso e atire-o fora da jaula. Não tente me dizer que não tem um. Se tiver essas duas peças, tem o resto. Perguntei-me o que tinha feito Carmichael na vida real. Algo não agradável. Algo aonde sabia quantas ferramentas eram necessárias para romper um ferrolho.

.Não lhe advertirei outra vez .disse Carmichael.. Atire-o ao chão ou apuro do gatilho. Estou cansado deste desastre.

Edward atirou ao chão a magra tira de couro. Fez um pequeno som ao ricochetear nas rochas. Carmichael não fez o intento de recolhê-la. Estava fora de nosso alcance. Era tudo o que importava. Caminhou atrás, nos mantendo à vista a todos. Dirigiu uma parte de sua atenção a Jason e a mim. OH, alegria.

.Nosso pequeno homem lobo está acordado. Esperava que o estivesse.

Um grunhido fco, quebrado, saiu da garganta do Jason.

Carmichael riu a gargalhadas, muito contente.

.Quería vê-lo trocar. Que bem que vim a comprová-lo.

.Estou emocionada que você esteja aqui .disse.

aproximou-se fora de alcance de nossa jaula. Cravava os olhos no Jason.

.Nunca os vi trocar.

.me deixe sair e o observaremos juntos.

.por que faria isso? Paguei pelo espetáculo completo.

Seus olhos brilhavam com antecipação. Brilhantes e luminosos como um menino na manhã de Natal. Mierda.

Um grunhido levou minha atenção completamente de retorno ao Jason.

Estava agachado no chão de rocha, as mãos e as pernas recolhidas debaixo dele. Observar esse grunhido sair de entre os lábios humanos arrepiou o cabelo de minha nuca.

Não me tinha à vista.

.Penso que grunhe a você, Carmichael.

.Mas não estou na jaula .disse.

Tinha muita razão.

.Jason, não te zangue com ele .disse Richard.. A cólera alimentará a a besta. Não pode te permitir o luxo de te zangar. .A voz do Richard era assombrosamente acalmada, inclusive sossegada. Estava tratando de sossegar a Jason, ou independentemente do que falasse, evitar que o homem lobo emergisse.

.Não .disse Carmichael., zangue-se, lobo. vou cortar lhe a cabeça completamente e a colocarei em minha parede.

.Retornará à forma humana depois de que tenha morrido .disse.

.Sei .disse Carmichael.

Deus.

.que lhe descubram com uma cabeça humana em sua posse, pode resultar um tanto suspeito.

.Tenho uma boa quantidade de troféus que não quereria que a polícia descobrisse .disse.

.O que faz na vida real?

.Isto é real.

Neguei com a cabeça. Era difícil discutir com ele, mas queria fazê-lo.

Jason engatinhou para as barras, em cucullas. Não era elegante, mas tinha uma energia como se fora a lançar-se pelos ares. Como se pudesse voar.

.te acalme, Jason, te acalme .disse Richard.

.Vêem, menino, tenta-o. te aproxime das barras e apertarei o gatilho.

Observei-lhe agrupar cada músculo e lançar-se para as barras. Golpeou forte contra elas, as mãos lhe dando arranhões. Os braços estirados quanto podia. Cunjara um ombro entre as barras como se se escapula-se.

Por um momento Carmichael se viu inseguro, logo riu.

.me dispare .disse Jason.

Sua voz era mais grunhido que palavras.

.me dispare.

.Acredito que não .disse Carmichael

Jason agarrou as barras com as mãos e se deslizou até ficar de

joelhos, a frente pressionada contra as barras. A respiração estava

acelerada, ofegante, como se tivesse deslocado uma milha em uma maratona. Se

houvesse sido humano haveria híper ventilado e se teria desacordado. A cabeça se voltou lentamente para mim, dolorosamente lenta, como se não queria fazê-lo. Tinha tentado obrigar ao Carmichael a lhe disparar. Se arriscou a ser assassinado para não equilibrar-se sobre mim. Não me conhecia o suficiente para arriscar sua vida. Conseguiu uma boa quantidade de pontos em meu livro.

Olhou-me e a cara estava nua, dura com necessidade. Não pelo sexo, não pela fome, ou ambos, ou nenhum, não compreendia a aparência de seus olhos, e não queria fazê-lo.

Engatinhou para mim. Retrocedi, quase correndo para trás.

.Não corra .disse Richard.. Excita-o.

Olhei perdidamente a expressão vazia do Jason, agarrei tudo o que tinha para me manter em pé. Minhas mãos aferravam as barras detrás de mim, o suficientemente forte para me machucar, mas deixei de correr.

Correr era mau.

Jason se deteve quando o fiz. agachou-se fora de alcance. Pôs uma emano sobre a terra e engatinhou para mim. Era lento, como se não quisesse, mas seguiu aproximando-se.

.Mais ideia brilhantes? .perguntei.

.Não corra. Não lute. É excitante. Tenta estar tranqüila. Tenta não estar assustada. O medo é muito excitante.

.Falando por experiência pessoal? .perguntei.

.Sim .disse.

Queria trocar de direção, ver minha cara, mas não o podia fazer.

Tinha olhos só para o homem lobo que engatinhava para mim. O homem lobo na outra jaula podia cuidar-se.

Jason se ajoelhou a quatro patas a meus pés, como um cão esperando uma ordem. Elevou o pescoço e me olhou. Os olhos eram de uma cor verde pálido. O azul da íris se afogou em um redemoinho de cor nova.

Quando terminaram de trocar, os olhos eram da cor da erva primaveril nova, verde pálido, e nada humano absolutamente.

Fiquei sem fôlego. Não o podia ajudar. moveu-se mais perto, inalando pelo nariz o ar ao redor de mim. As gemas de seus dedos roçaram minha perna. Avancei a saltos. Deixou sair um comprido suspiro e esfregou sua bochecha contra minha perna. Fazia mais que isso no Café Lunático, mas os discernimentos ainda tinham sido em sua major parte humanos.

Tinha estado armada. Teria dado quase algo por ter uma arma.

Jason agarrou a prega de meu casaco, convertendo-o em uma bola com as mãos formando punhos, atirando do tecido. ia atirar me ao chão.

De maneira nenhuma. Tirei-me isso dos ombros. Jason o separou de mim. Saí-me do círculo de tecido. Aproximou o vulto do casaco para a cara com ambas as mãos. Girou sobre a terra com isso pressionado ao corpo humano como um cão com um pedaço de carniça. Derrubando-se no perfume.

ajoelhou-se. Asechó para mim, movendo-se com uma graça fluída que era inquietante como o demônio. Os seres humanos não engatinhavam graciosamente.

Retrocedi lentamente, sem correr. Mas não queria que me tocasse outra vez. Acelerou o passo, cada movimento era preciso. Os olhos verdes centrados em mim como se fora tudo o que existia no mundo.

Comecei a retroceder mais rápido. moveu-se comigo.

.Não corra, Anita, por favor .disse Richard.

Minhas costas se chocou com a esquina da jaula. Dava um pequeno grito.

Jason cobriu a distância entre nós em dois movimentos simples.

As mãos tocaram minhas pernas. Traguei-me um grito. Meu pulso ameaçava me afogando.

.Anita, controla seu medo. te acalme, pensa com tranqüilidade.

.Joder, quer que me acalme. .Minha voz soava estridente, entrei em pânico.

Jason enganchou as pontas dos dedos em meu cinturão. Pressionou seu corpo humano contra minhas pernas, me imobilizando contra as barras.

Tomei um fôlego pequeno e o odiei. Demônios, não ia choramingar.

Escutava os batimentos do coração de meu coração em meus ouvidos, e tomei fôlegos lentos, acalmados. Olhei perdidamente para esses olhos verdes primaveris e recordei como se respirava.

Jason pressionou a bochecha contra meu quadril, deslizando-se ao redor de minha cintura. Meu coração deu um pequeno salto e me engasguei. Concentrei-me em meu coração até que meu pulso desacelerou. Era o tipo de concentração utilizada para conseguir esse novo golpe em judô. A concentração que alimentava a um novo zombi.

Quando Jason levantou a cabeça e me olhou outra vez, meus olhos estavam acalmados. Senti minha cara vazia, neutra, acalmada. Não estava segura de quanto tempo duraria, mas era o melhor que podia fazer.

Os dedos se deslizaram sob meu suéter, para meu torso. Traguei e meu pulsado se acelerou. Tentei retardá-lo, tentei me concentrar, mas as mãos deslizavam-se por minha cintura, sobre minha pele. Os dedos rastrearam ascendendo minhas costelas. Agarrei suas bonecas, lhe detendo as mãos em seco sobre meus peitos.

Como se levantou, minhas mãos ficaram nos braços. Com as mãos ainda sob meu suéter, levantou o tecido, deixando ao descoberto meu estômago. Ao Jason pareceu lhe gostar da vista da pele nua. ajoelhou-se outra vez, me deixando lhe amarrar os braços. Sentia o fôlego quente em meu estômago nu. A língua deu um golpecito fora, um toque rápido por um lado de meu umbigo. Os lábios roçavam minha pele, suaves, acariciantes. Senti-lhe tomar um fôlego profundo, tremente. Pressionou a cara em a carne suave de meu ventre. A língua bebeu a lengüetazos por mim estômago, sua boca pressionando duro. Os dentes raspavam minha cintura. Me

fez me retorcer, e não de dor. Suas mãos em punhos sob meu suéter, meus mãos estremecendo-se. De verdade que não queria lhe soltar as bonecas, mas lhe queria fora de mim.

.vai comer me O...

.Follarte .acrescentou Carmichael.

Quase lhe tinha esquecido. Tinha descuidado ao homem com a arma. Talvez isso me indicava que não era um perigo para mim. O perigo estava ajoelhado a meus pés.

.Jason só foi um dos nossos durante uns meses. Se pode canalizar a energia no sexo em lugar de na violência, tomará. Eu tentaria mantê-lo longe do desejo de matar.

.O que se supõe que quer dizer com isso?

.Manten longe de sua garganta e de seu estômago.

Fiquei com o olhar fixo no Jason. Contemplava-me, pondo os olhos em branco. Havia uma escuridão nesses olhos pálidos, uma escuridão intensa para me afogar dentro.

Tirei as mãos do Jason de debaixo de meu suéter. Deslizou as mãos nas minhas, meus dedos tentaram bloqueá-lo. Acariciou com meu nariz estômago, tentava enterrar a cara onde o suéter se deslizou de minha pele. Levantei-o com nossas mãos ainda juntas.

Levantou nossas mãos para cima, pressionando meus braços para atrás contra as barras. Opu-me ao desejo de lutar, de apartá-lo. Lutar era excitante, e isso era algo mau.

Tínhamos quase a mesma altura. Os olhos estavam alarmantemente a uns centímetros de distância. Os lábios se abriram e vi, momentaneamente, presas. Jesus.

Esfregou a bochecha ao longo da minha. Os lábios se moveram por meu mandíbula. Girei minha cabeça tentando mantê-lo a distância do pulso forte em meu pescoço. levantou-se e roçou sua boca contra a minha. Pressionou seu corpo humano contra o meu o suficientemente duro, e soube que o gostava de estar aí. Ou ao menos ao corpo humano gostava. Enterrou a cara em meu cabelo e se pressionou contra mim, nossas mãos contra as barras da jaula.

Podia sentir o pulso em seu pescoço pulsando pesadamente contra o osso de minha mandíbula. A respiração era muito acelerada, o peito levantando-se e caindo como se estivesse fazendo muito mais que me acariciar.

Estava a ponto de passar de me acariciar a me converter em um aperitivo?

O poder formigou ao longo de minha pele mas não era Jason. Havia provado esse particular poder antes. Era o espetáculo. Estava excitando a Richard? Gostaria de observar morrer? Seria tão excitante como o ver à mulher no filme?

.Ela é minha, Jason.

Era a voz do Richard mas com um matiz baixo. A mudança se originava.

Jason choramingou. Era a única palavra para isso.

O poder do Richard montou o ar como um trovão distante, aproximando-se.

.te afaste dela, Jason. Agora!

Essa última palavra se converteu quase em um grito. Mas era o tipo de grito que os pumas faziam. Sem medo, só uma advertência.

Senti que Jason sacudia a cabeça contra meu cabelo. As mãos se agitaram contra as minhas. A força disso me fez gritar ahogadamente.

Era o movimento equivocado a fazer.

Soltou minhas mãos tão repentinamente que teria tropeçado, mas a linha do corpo humano me manteve direita. Avançou a saltos longe de mim e tropecei. Agarrou-me ao redor das coxas e me levantou no ar, muito rápido para conseguir detê-lo. Golpeou-me contra as barras.

Recebi o golpe em minhas costas. Arroxeadas, mas viva.

Sujeitou-me com um braço e se separou de um empurrão meu suéter para acima com o outro. Separei-lhe de um empurrão, retornando o suéter a seu sítio, me cobrindo. Fez um som fico com a garganta e me deixou cair ruidosamente ao chão. Lhe pegar à rocha tinha tirado da briga por só um minuto. Rasgou o suéter como se fora papel, pulverizando-o fora de meu estômago. Elevou a cabeça para o céu e gritou, mas a boca que abriu não era humano.

Se eu tivesse tido suficiente ar teria gritado.

.Jason, não! .A voz não era humano. Com isso o poder do Richard alagou a jaula, tão espesso para nos engasgar. Jason lutou como se o poder fora mais denso que ar. Deu-lhe um golpe a um nada e pude ver que as mãos tinham garras em lugar de dedos.

.Detrás, longe .as palavras eram um grunhido, apenas reconhecível.

Jason grunhiu de volta, dente rompendo o ar, mas não a mim.

Rodou longe de mim, engatinhando ao longo da rocha, grunhindo.

Só jazi ali, sobre minhas costas, assustada de me mover. Assustada que qualquer movimento lhe fizesse perder o balanço e lhe fizesse terminar o que tinha começado.

.Mierda .disse Carmichael.. Vou e já retorno, meninos, e o homem pássaro melhor que pense sobre algo que para fazer que troque. foi, nos deixando em um silêncio que foi substituído por um som baixo, estável. Dava-me conta de que não era Jason.

Levantei-me lentamente sobre meus cotovelos. Jason não tentou me comer.

Richard estava ainda de pé junto às barras da jaula, mas a cara se tinha alargado. Tinha um focinho. O cabelo café grosso era mais largo. Parecia ter crescido para as costas, como se se atasse à coluna. sujeitava-se de sua humanidade com uma corda. Uma corda débil, brilhante.

Edward estava de pé muito perto da porta. Não tinha tentado correr quando Richard se voltou aterrorado. Edward sempre tinha nervos de aço.

CAPITULO 42

Titus foi o primeiro em atravessar a porta.

.Estou muito decepcionado com todos vocês. Carmichael me disse que quase o conseguiu e aquele interferiu.

Kaspar cravou os olhos no Richard como se nunca lhe tivesse visto antes. Talvez nunca o tinha visto como médio humano, meio lobo, mas algo na forma em que ficou com o olhar fixo me indicou que era algo mais.

.Marcus não apodrecia ter feito o que você fez.

.Jason não quer machucá-la .disse Richard.. Quer fazer o correto.

.Pois bem, homem pássaro .disse Carmichael., e agora o que?

Fiquei ali sentada sobre o chão de rocha. Jason estava acurrucado contra a parede mais longínqua, sobre as mãos e os joelhos, balançando-se de aqui para lá, daqui para lá. Um som baixo, um gemido, saía de seu garganta.

.Está ao bordo .disse Kaspar.. O sangue o fará reagir. Nem sequer um alfa o pode sujeitar em presença de sangue fresca.

Eu não gostava do som disso.

.Sra. Blake, se se aproximar das barras, por favor.

Movi-me, assim poderia vigiar ao homem lobo que gemia e ao homem armado de fora.

.por que?

.Faça isso ou Carmichael lhe disparará. Não me faça começar a contar outra vez, Sra. Blake.

.Não acredito que queira me aproximar das barras.

Titus tirou a 45mm. e caminhou para a outra jaula. Edward estava sentado. Olhou-me através do quarto, e sabia que se alguma vez saíamos, eles morreriam. Richard ainda estava de pé obstinado às barras, com as mãos as envolvendo.

Titus ficou com o olhar fixo na cara animal do Richard e fez um assobio baixo.

.Bom Deus.

Apontou a arma para o peito do Richard.

.Estas são balas de prata, Sra. Blake. Se chamou o Garroway, não temos tempo para duas caçadas, de todas formas. Garroway não sabe que está aqui, assim temos um pouco de tempo, mas não temos toda a noite. Além disso, acredito que o homem lobo poderia ser muito perigoso. Assim se segue me contrariando muito lhe matarei.

Cruzei meu olhar com o Richard.

.vão matar nos de qualquer maneira. Não o faça .disse.

A voz era ainda de um baixo profundo que avançou lentamente por minha coluna vertebral.

foram matar nos. Mas não podia estar ali e ficar tranqüila, não se pudesse encontrar a forma de prolongar o inevitável. Caminhei para as barras mais próximas a eles.

.Agora o que?

Titus mantinha a arma apontada sobre o Richard.

.Passe seus braços através das barras, por favor.

Queria lhe dizer que não, mas já tínhamos estabelecido que não estava disposta a ver morrer ao Richard. Deslizei meus braços através das barras, o qual me punha perto do homem lobo. Não estava bem.

.Agarrem suas bonecas, cavalheiros.

Formei punhos com minhas mãos, mas não joguei marcha atrás. ia fazer isso, de acordo.

Carmichael agarrou minha boneca esquerda. O Fienstien barbudo tomou minha direita. Fienstien não me agarrava muito duro. Podia me haver afastado, mas a mão do Carmichael era como aço ardente. Olhei perdidamente para os olhos, e não encontrei piedade ali. Fienstien era afetado. Canitas, com seu rifle, estava no meio do quarto, distanciando-se deles.

Carmichael estava aqui para a função completa.

Titus se aproximou e começou a desembulhar a vendagem de meu braço. Me opus ao desejo de lhe perguntar pelo que estava fazendo. Tinha uma idéia. Esperava estar equivocada.

.Quantos pontos lhe colocaram, Sra. Blake?

Não estava equivocada.

.Não sei. Deixei de contar na vinte.

Deixou cair as vendagens ao chão. Tirou minha faca e o sustentou em alto onde se refletia a luz. Nada como um pouco de talento para o espetáculo.

Pressionei minha frente contra as barras da jaula e aspirei profundamente.

.vou reabrir esta ferida. Cortarei seus pontos.

.Já sabia .disse.

.Não lutará?

.Siga com isso.

Aikensen se aproximou.

.me deixe fazê-lo. Deve-me um pouco de sangue.

Titus me olhou, quase como se me estivesse pedindo permissão. O concedi meu melhor olhar inexpressivo. Deu- a faca ao Aikensen.

Aikensen sujeitou a faca sobre o primeiro ponto perto por mim boneca. Senti meus olhos aumentar-se. Não sabia o que fazer. Parecia-me uma má idéia. Não olhar me parecia pior. lhes rogar que não o fizessem-me pareceu inútil e humilhante. Algumas noites não existiam boas opções.

Cortou o primeiro ponto. Senti-o estalar, mas surpreendentemente não me machucou tanto. Apartei o olhar. Os pontos foram cortados, cortadas e cortadas. Poderia suportar isso.

.Necessitamos sangue .disse Carmichael.

Olhei para trás a tempo para ver o Aikensen colocar a faca contra a ferida. ia reabrir a ferida, lentamente. Isso me ia doer. Vi momentaneamente ao Edward em sua jaula. Estava de pé agora. me olhando. Estava tratando de me dizer algo. Os olhos me falavam. Canitas se tinha afastado da cena. Estava de pé perto da outra jaula. Evidentemente, podia-lhe disparar, mas não gostava da tortura. Edward me olhava. Pensava que sabia o que queria. Esperava que assim fora.

A faca lhe deu uma dentada a minha pele. Fiquei sem fôlego. O dor era intensa e imediata, como todas as feridas pouco profundas, mas essa ia para comprido. O sangue fluíu em uma linha grossa por minha pele. Aikensen cortava um ponto quase do tamanho de uns dois centímetros. Atirei repentinamente de meus braços. Fienstien perdeu seu agarre. Tentou me agarrar do braço. Carmichael apertou seu agarre. Não podia me liberar mas podia-me deixar cair para o chão e fazer um movimento com meu braço para usar a faca.

Comecei a gritar e a brigar a sério. Se Edward necessitava uma distração, a podia dar.

.Uma mulher em uma jaula e vocês três não a podem controlar.

Titus caminhou como um pato. Agarrou meu braço esquerdo enquanto Carmichael agarrava minha boneca. Minha mão direita estava de volta na jaula, comigo.

Fienstien revoava perto da jaula, sem estar seguro do que fazer.

Se ia pagar dinheiro por caçar monstros, deveria ser mais violento. A pistolera estava próxima às barras.

Gritei repetidas vezes, sacudindo meu braço esquerdo. Titus o sujeitou, notando-o ao lado do corpo. O agarre pelo Carmichael em minha boneca me machucava. Tinham-me a fim de contas. Aikensen colocou a faca sobre a ferida e começou a fazer um corte.

Fienstien se inclinou para lhe ajudar. Gritei e me apoiei nas barras. Não tirei a arma. Agarrei o gatilho e o empurrei com força sobre o corpo. O disparo lhe deu no estômago. Caiu de costas.

Um segundo disparo ecoou na cova. A cabeça do Carmichael estalou sobre o Titus. O chapéu Smokey Bear estava talher de sangue e matéria cinza.

Edward estava de pé com o rifle no ombro. Canitas estava cansado contra as barras da jaula. O pescoço estava em um ângulo estranho. Richard estava ajoelhado sobre o corpo humano. Tinha-o matado?

Houve um som detrás de mim. Um grito gutural fico. Titus havia

tirado a arma. Ainda me deixava sujeita. Fienstien rodava na terra. O arma estava fora de seu alcance.

escutou-se um grunhido baixo vindo desde detrás de mim. Ouvi movimento. Jason retornava para jogar. Demônios.

Titus sacudiu com força meu braço para frente, quase extraindo-o de meu ombro. Colocou de seu empurrão 45mm. contra minha bochecha. O canhão estava frio.

.Solte o rifle ou disparo.

Minha cara se apertou contra as barras e a arma. Não podia olhar atrás, mas podia ouvir algo avançando lentamente, cada vez mais perto.

.Trocou?

.Ainda não .disse Richard.

Edward ainda tinha o rifle elevado, apontando ao Titus. Aikensen parecia congelado, ali de pé com a faca ensangüentada.

.Ponha-o no chão, loiro, agora mesmo, ou ela morre.

.Edward.

.Anita .disse.

A voz soou como sempre o fazia. Ambos sabíamos que podia acertar ao Titus, mas se o dedo do homem se movia nervosamente enquanto morria, também morreria eu. As eleições.

.Faz-o .disse.

Atirou do gatilho. Titus caiu contra as barras. O sangue salpicou meu cara. Um globo de um pouco mais grosso que o sangue se deslizou por minha bochecha. Respirei em baforadas vazias. Titus caiu em recessão ao longo das barras, ainda tinha a arma arranca-rabo nas mãos.

.Abra a jaula .disse Edward.

Algo tocou minha perna. Sacudi-me e girei rapidamente. Jason agarrou meu braço lhe sangrem. A força era incrível. Podia ter esmagado meu boneca. Aproximou a cara para a ferida e bebeu a lambeduras o sangue, como um gato com um bol de leite.

.Abra a porta agora ou também morrerá.

Aikensen só estava ali, congelado.

Jason lambeu meu braço. A língua acariciou a ferida. Doeu, mas me traguei o ofego. Sem ruído. sem luta. Tinha-o feito malditamente bem ao opor-se para não saltar sobre mim enquanto opunha aos homens de fora. Mas a paciência de um homem lobo não era infinita.

.Agora! .disse Edward.

Aikensen saltou, logo foi para a porta. Deixou cair minha faca pela porta e pinçou na fechadura.

Jason lhe deu uma dentada a meu braço, simplesmente um pequeno. Me fiquei sem fôlego. Não o podia ajudar. Richard gritou, rouco e ruidoso. Jason retrocedeu a saltos longe de mim.

.Corre .disse.

Enterrou a cara em um atoleiro de sangue no chão, chapinhou nela.
A voz era forçada, mais grunhido que palavra.

.Corre.

Aikensen abriu a porta. Caminhei de costas como um caranguejo.
Jason levantou sua cabeça para o céu e gritou.

.Corre!

Pu-me de pé e corri. Aikensen fechou de repente a porta detrás de mim. Jason se contorsionava no chão. Caiu nele com convulsões. A espuma escapava de sua boca. A mão lhe tremia, alcançado nada que pudesse ver. Tinha visto as pessoas transformar-se antes mas nunca tão violentamente. Pareceu a uma viagem má ou alguém morrendo de estricnina.

O lobo saiu precipitadamente da pele como um produto quase acabado, como uma cigarra tirando-a velha pele. O homem lobo correu rapidamente para as barras. As garras para nós. Ambos demos marcha atrás. A espuma caía da mandíbula do homem lobo. Os dentes estalavam no ar. E sabia que me mataria e comeria depois. Era o que ele fazia, o que ele era.

Aikensen cravava os olhos no homem lobo. Ajoelhei-me e recolhi o faca que tinha deixado cair.

.Aikensen?

Olhou-me, ainda alarmado e pálido.

.Gostou de lhe disparar no peito a ajudante Holmes?

Olhou-me ceñudamente.

.Deixei-a ir. Fiz o que ele me pediu.

Dava um passo me aproximando dele.

.Lembra-se do que lhe disse que ocorreria se machucava ao Williams?

Olhou-me.

.Recordo-o.

.Bem.

Deslizei a faca para cima por sua virilha. Empurrei-o até a punho profundamente. O sangue emanou sobre minha mão. Cravou os olhos em mim, uns olhos que se voltaram frágeis.

.Uma promessa é uma promessa .disse.

Caiu e deixei que o peso da faca rachasse o abdômen. Os olhos se fecharam e o tirei.

Passei a faca sobre a caçadora e lhe tirei as chaves da mão inerte. Edward se pendurou o rifle sobre o ombro pela correia. Richard me observava como se nunca me tivesse visto antes. Ainda com a cara de forma estranha, os olhos âmbar podiam me dizer que o desaprovava.

Abri a porta. Edward saiu andando. Richard entendia, mas cravava os olhos em mim.

.Não tinha que matá-lo .disse.

As palavras eram do Richard, ainda assim não era sua voz.

Edward e eu olhamos ao homem lobo alfa.

.Sim, tinha.

.Matamos porque temos que fazê-lo, não por prazer e não por orgulho .disse Richard.

.Talvez você o faz .disse.. Mas o resto da manada, o resto de cambiaformas não são tão seletivos.

.A polícia pode estar em caminho .disse Edward.. Não devemos estar aqui.

Richard percorreu com o olhar à besta voraz na outra jaula.

.me dê as chaves. Tirarei o Jason através do túnel. Posso cheirar o exterior.

Dava-lhe as chaves. As gemas de seus dedos roçaram minha mão. A mão convulsionou sobre as chaves.

.Não posso agüentar muito tempo mais. Ir.

Olhei diretamente esses estranhos olhos âmbar. Edward tocou meu braço.

.Devemos ir. Escuto sereias. deveram ouvir os disparos.

.Sei precavido .disse.

.Serei-o.

Deixei ao Edward atirar de mim enquanto subíamos as escadas. Richard caiu ao chão, a cara escondida entre as mãos. A cara surgiu e os ossos se alargaram. Brotaram da cara como se fora argila.

Tropecei com as escadas. Só a mão do Edward evitou que me caísse. Dava a volta e subimos correndo as escadas. Quando olhei para atrás, Richard não estava à vista.

Edward deixou cair o rifle nas escadas. A porta se abriu de repente e a polícia entrou através dela. Só então me precavi de que Kaspar foi-se.

CAPITULO 43

Nem Edward nem eu fomos ao cárcere, embora os policiais encontraram a as pessoas que matamos. Todo mundo pensou que era um milagre que tivéssemos escapado com vida. A gente tinha ficado impressionada.

Edward me tinha assombrado me mostrando a identificação de um tal Ted Forrester, caça recompensas. A morte de um montão de caçadores ilegais de licântropos tinha realçado a reputação de todos os caça recompensas, e do Ted Forrester em particular. Obtive uma boa quantidade de publicidade. Bert estava encantado.

Perguntei ao Edward se Forrester era seu sobrenome real. Só sorriu.

Dolph foi dado de alta a tempo para os Natais. Zerbrowski teve que ficar ou pouco mais. Comprei a ambos uma caixa de balas de prata. Só era dinheiro. Além disso, não queria ver algum dos dois enquanto a vida lhes gotejava de uns tubos.

Fiz uma última visita ao Café Lunático. Marcus me disse que Alfred tinha matado à garota e que tudo era idéia dela. Gabriel não sabia o que ia a ocorrer, mas uma vez que esteve morta, não quis desperdiçar. Os licântropos eram práticos. Raina tinha distribuído o filme pela mesma razão. Realmente não lhes acreditava. Era horrivelmente conveniente culpar a um homem morto. Mas não o disse ao Edward. Disse ao Gabriel e Raina que se alguma outro filme desse tipo se filmava, podiam-lhe dar o beijo de despedida a seus culos peludos. Incitavam-me a atacá-los com Edward. Embora não os isso disse.

Dei de presente ao Richard uma cadeia com uma cruz de ouro e lhe fiz prometer que a levaria posta. Deu de presente um pingüim de peluche que dizia Paraíso invernal, uma bolsa de pingüins blanquinegros, e uma caixa pequena do veludo, como o que se usam para os anéis. Pensei que me tralaria o coração. Não havia um anel ali, simplesmente uma nota que dizia: Promessas que conservar.

Jean Claude deu de presente uma escultura de pingüins de cristal em um tampo de gelo. Era bela e cara. Me teria gostado mais se tivesse sido do Richard.

O que lhe dava de presente ao Amo da Cidade por Natal? Uma pinta de sangue? Conformei-me com um camafeu antigo. via-se grande no pescoço de uma das camisas de encaixe.

Em algum momento de fevereiro me chegou uma caixa do Edward. Era uma pele do cisne. A nota dizia: Encontrei a uma bruxa para romper a maldição. Levantei a pele com plumas da caixa, e uma segunda nota revolveu ao chão. Esta dizia: Marcus me pagou. Devi ter sabido que encontraria a maneira de ganhar dinheiro de uma matança que tinha feito grátis.

Richard não entendia por que matei ao Aikensen. Tentei explicar-lhe exceto o de lhe dizer que tinha matado a um homem porque havia dito que o faria já que soava como a orgulho. Mas não era orgulho. Era por Williams, quem nunca terminaria seu doutorado ou veria seus mochos outra vez. Pelo Holmes, quem nunca chegaria a ser a primeira mulher chefe da polícia. Por toda a gente que tinha matado, que nunca teriam uma segunda oportunidade. Se não a podiam ter, então ele tampouco. Não perdi o sonho por matar ao Aikensen. Talvez isso me deveria ter incomodado mais que o assassinato, o fato é que não me incomodou absolutamente. Nah. Coloquei a pele do cisne em um quadro de bom gosto, detrás de um cristal. Pendurei-o na sala de estar. Fazia jogo com o sofá. Ao Richard não gostaria. eu gostava simplesmente por isso.

